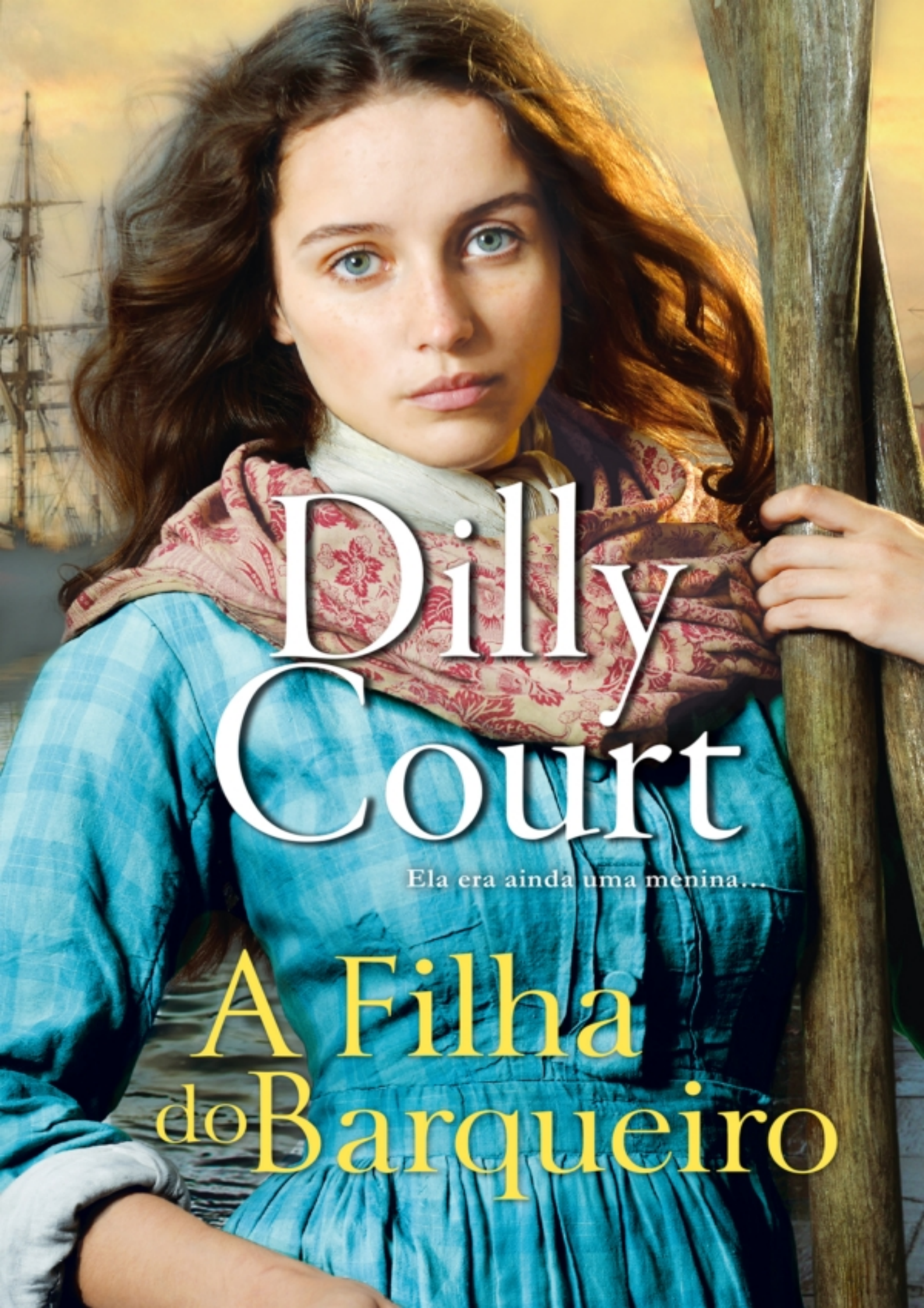

Dilly Court
Ela era ainda uma menina...
A Filha do Barqueiro

Dilly Court

# A FILHA DO BARQUEIRO

Tradução
Sofia Ribeiro

# Capítulo Um

*Limehouse Hole, Londres, 1854*

Essie Chapman manobrava os remos com força, remando o barco do pai em direção à doca Duke Shore. Estava escuro e a lanterna no convés da pequena embarcação feita de clínquer oscilava, para cima e para baixo, fazendo incidir a sua luz sobre as águas turbulentas do rio Tamisa. Essie lutava com a corrente e as subcorrentes traiçoeiras, mas estava fria, molhada e à beira da exaustão. O seu misterioso passageiro não dissera uma única palavra desde que ela o apanhara no barco estrangeiro atracado mais abaixo no rio. Tal tarefa teria geralmente cabido ao pai, Jacob, mas ele estava acamado, por ter escorregado nos degraus da doca na noite anterior. Caíra mal e fora transportado para casa, em White's Rents, numa velha porta, a única maca disponível aos homens do cais na altura. Ficara deitado no sofá como morto durante vinte e quatro horas e, quando acordou, mal conseguia mexer um músculo.

– Vais ter de fazer o meu próximo serviço por mim, Essie, minha querida. É uma questão de vida ou morte.

Estas palavras fizeram eco na mente dela, enquanto se debatia com os elementos da natureza. Durante o dia, a pequena embarcação de Jacob apressava-se de um lado para o outro do rio a fazer recados considerados demasiado pequenos para os barqueiros e os balseiros, mas à noite as coisas mudavam de figura. Por vezes, era um ou dois barris de brande que tinham de ser levados clandestinamente para a costa antes que os cobradores de impostos lhes deitassem as mãos, ou pacotes envoltos em oleado, cujo conteúdo permaneceria para sempre um mistério. Havia sempre um mensageiro à espera na margem, que agarrava na carga e a levava secretamente para o escuro. O dinheiro trocava de mãos e Jacob gastava a maior parte no Bunch of Grapes, chegando depois a casa a tresandar a rum e a fumo de tabaco. Por vezes, quando se sentia generoso, dava uma moeda de dois pences a Essie, para a gastar no que quisesse, mas o dinheiro era geralmente usado

para comprar bens de primeira necessidade, como pão, carvão ou velas.

A maré estava para mudar em breve e Essie sentia-se ansiosa por chegar à costa antes que a corrente a levasse rio abaixo. Lançou um olhar furtivo ao seu passageiro, envolto numa capa que o fazia fundir-se na sombra. Tinha o rosto ocultado pelo capuz e ela não saberia dizer se era novo ou velho, se bem que os movimentos ágeis com que descera a escada do navio e embarcara na barcaça dela sugeriam que estivesse no auge da vida. A ideia de o levar para terra firme ocupava a mente de Essie e dedicava todas as suas forças a um derradeiro esforço para atracar. O som da quilha a raspar as pedrinhas era música para os seus ouvidos, embora fosse o máximo que podia fazer para se erguer da posição contraída. Depois, para sua surpresa, o passageiro levantou-se e saiu de lado, caminhando com a água pelos tornozelos enquanto arrastava sem esforço o barco para a lama e os seixos.

O cimo do atracadouro avultava-se sobre eles, ameaçador até ao luar. O grandioso esqueleto de ferro dos guindastes recortava-se no céu de veludo negro e um estranho silêncio pairava no ar parado, pontuado apenas pelo bater e sugar da água nos pilares de madeira. Passava seguramente bastante da meia-noite, mas o rio continuava bem vivo com barcaças, batéis e outras embarcações maiores, que se dirigiam ao atracadouro e às docas mais acima. A água estava parada e em breve a maré mudaria e o rio haveria de se agitar e fervilhar enquanto fluía para a costa. Jacob dizia sempre que as águas fluviais lhe corriam nas veias em lugar do sangue e, em pequena, Essie acreditara em cada palavra do pai, mas agora era uma mulher feita de vinte anos, já não tão crédula.

Levantou-se, mas antes de ter sequer oportunidade de saltar para a margem, o desconhecido inclinou-se para si e içou-a do barco como se fosse uma pena. Teve perfeita noção do calor corporal do homem, assim como da sua água-de-colónia aromática, misturada com o cheiro salgado do mar. A maior parte dos homens que conhecia fediam a suor, alcatrão e tabaco, mas aquele era completamente diferente e estranhamente excitante.

Ela mal tivera tempo de recobrar o fôlego quando ele a sentou no chão, lhe colocou uma bolsinha de couro na mão e, sem uma palavra de agradecimento, partiu em direção aos degraus de pedra.

Movida pela curiosidade, Essie apressou-se atrás dele, embora o seu progresso tenha sido travado pelas saias molhadas e pela anágua de flanela. Chegou ao cimo dos degraus a tempo de o ver subir para uma carruagem que o esperava e que começou a rolar em direção à noite, deixando-a sozinha no desembarcadouro, por entre toda a maquinaria ociosa. O breve momento de silêncio foi destruído quando a porta de um *pub* de Fore Street se abriu, deixando sair um grupo de bêbedos, que folgavam e cantavam numa ebriedade amigável até alguém dar um soco, precipitando assim uma rixa.

Tomou o peso da bolsa que tinha nas mãos e constatou que era pesada – não tinha sido um trabalho vulgar. O desconhecido alto, de braços fortes e modos galantes, não era um homem do mar comum e, se levava consigo contrabando, seria algo pequeno que conseguia facilmente esconder debaixo da capa. Não podia fazer mais nada, e estava cansada. Talvez nunca viesse a conhecer a identidade do homem que cheirava a mar e especiarias. A natureza da missão dele permaneceria um mistério – mas ela sentia o frio entranhado nos ossos e o seu principal pensamento era a cama quentinha.

Essie começou a andar. Morava numa pequena casa geminada em fileira, em White's Rents, num beco estreito que ia dar a Ropemaker's Fields. Era uma zona pobre, com muitas famílias apinhadas nas habitações de dois quartos no piso de cima e duas divisões no de baixo. Limpa-chaminés, cervejeiros, estivadores e marujos viviam colados a famílias que criavam os seus dez ou mais filhos em casas minúsculas, com uma casa de banho partilhada ao fundo da rua. Lembrete constante daquilo que o destino podia ter reservado aos habitantes menos afortunados era Limehouse Workhouse, que ficava a pouca distância a pé.

Essie apressou o passo, mas sempre consciente das sombras onde o perigo espreitava, a qualquer hora do dia ou da noite.

Gatos ferozes pestanejavam para ela com os seus olhos amarelos, enquanto seguiam furtivamente ao longo das sarjetas na sua busca constante por comida, e rafeiros escanzelados preparavam-se para lutar pela sobrevivência. Bêbedos, drogados e ladrões à caça podiam esconder-se nas sombras para atacar os desprevenidos e era um alívio chegar a casa incólume.

– És tu, pequena? – A voz do pai ressoou do sofá como uma sirene quando ela abriu a porta de casa, que dava para a sala.

– Sou, pai.

– O trabalho está feito?

– Está, pai.

Essie dava passos cuidadosos numa escuridão quase total. As cortinas continuavam apartadas, mas não havia lampiões em White's Rents, e as nuvens tinham obscurecido a lua.

– Quer alguma coisa, pai?

Ele estendeu a mão para tocar na dela.

– Um copo de água calhava-me bem, Esther. Bebi a cerveja toda, mas não foi grande ajuda para a minha dor de costas.

– Devia ser visto por um médico.

– Sabes bem que não nos podemos dar a esse luxo. Eu fico bem, dentro de um ou dois dias. – Jacob mudou de posição e gemeu. – Ele pagou?

Essie apertou a bolsa com mais força.

– Quem era ele, pai?

– Não é da nossa conta. Onde está o dinheiro?

– Tenho-o bem guardado.

– Linda menina, dá-mo cá.

– Falamos disso amanhã de manhã. Agora estou cansada e vou para a cama.

Essie abriu a porta que escondia umas escadas estreitas e fechou-a atrás de si, acabando com os protestos do pai. Dar-lhe-ia o dinheiro, mas só depois de tirar o suficiente para pagar

ao senhorio e para comprar comida. Não comia nada desde o pequeno-almoço, uma fatia de pão com uma raspa de banha, mas já passara do ponto de sentir fome. O pai podia dar-se por satisfeito com umas cervejas, mas Essie não se lembrava da última vez que se tinham sentado a comer uma refeição como deve ser. Subiu as escadas até ao seu quarto, onde se despiu e pousou a saia molhada nas costas de uma cadeira de madeira, a única peça de mobiliário no quartinho minúsculo, para além da cama desdobrável. Enfiou a camisa de dormir de algodão pela cabeça e deitou-se, puxando a colcha até ao queixo, mas as paredes finas deixavam-na ouvir o bebé da casa ao lado a chorar por comida. O tocador de realejo que vivia no número três estava outra vez embriagado e, a julgar pela gritaria, estava a bater na pobre da mulher. Um bêbedo qualquer cantava ao andar pelo passeio lá em baixo, indo de encontro às portas e rindo enquanto regressava à pensão de Thomas's Rents, um beco situado ao fundo da cervejaria.

Essie saiu da cama com um salto e foi fechar a janela, obstruindo o ruído. No céu, acima da cervejaria, avolumavam-se nuvens de vapor que impregnavam o ar com o cheiro a lúpulo e malte, infinitamente melhor do que o fedor do rio e dos químicos. Voltou para a cama e deitou-se de novo; fechou os olhos, mas apesar de tão cansada, não conseguia dormir. Não se sabia de onde viria o próximo trabalho e o dinheiro da bolsa não duraria muito tempo. O pai era conhecido no rio e o trabalho aparecia-lhe à frente, mas era um mundo de homens e ela mal passava de uma rapariga. Era tolerada por ser filha de Jacob Chapman, mas sozinha era invisível. Para bem dos dois, só podia desejar que o ferimento do pai não fosse grave.

*

Na manhã seguinte, depois de ter assegurado que o pai estava pronto para mais um longo dia deitado no sofá, Essie saiu com dinheiro no bolso. A primeira paragem foi na farmácia para comprar um *penny* de láudano. Feito isso, entrou em várias lojas de Fore Street para comprar comida suficiente para apenas um ou dois dias, pois era verão e o leite azedava de um dia para o outro, o queijo ficava mole e oleoso e as moscas banqueteavam-se na carne, deixando ovos para se transformavam em larvas que se contorciam.

Essie comprou pão, banha, duas empadas de carne e uma pequena quantidade de chá. Acrescentou um mimo: uns cubinhos de açúcar. Era uma extravagância, mas sentia que a merecia.

– Espera, Essie. Que pressa é essa?

Olhou por cima do ombro e viu o amigo dirigir-se a ela.

– Hoje não tens trabalho, Ben Potter?

– Vou começar agora. – Alongou o passo, abrandando ao chegar ao mesmo ritmo do dela.

– Como está o Jacob? Ouvi falar do acidente.

– Não está muito bem. Tenho um pouco de láudano para acalmar as dores, mas acho que devia ir ao hospital, ou pelo menos consultar um médico.

– E o endireita?

– Não tinha pensado nisso – disse Essie, de sobrolho franzido.

– Mas vou ver como ele está esta noite. Não nos podemos dar ao luxo de desperdiçar dinheiro, a menos que lhe vá mesmo fazer bem.

Ben anuiu, empurrando o boné para a nuca.

– Tenho de ir, senão atraso-me e o patrão corta-me o salário. O velho Diggory costumava dar-me umas sovas quando comecei como aprendiz, mas agora sou maior do que ele e mostra um bocado mais de respeito.

Essie olhou-o de lado. Conhecia Ben desde sempre e, quando eram pequenos, tinham passeado juntos pela praia lamacenta, à procura de moedas ou bens valiosos escondidos debaixo da superfície. Aos catorze anos, Ben tornara-se aprendiz de Diggory Tyce, um barqueiro que recebera o prémio Doggett's Coat and Badge na juventude, e cujo conhecimento do rio Tamisa não ficava atrás de ninguém. Ben era ambicioso, e Essie admirava isso num homem.

Sorriu.

– Dizem que as barcaças não tardarão a ser substituídas por barcos a vapor.

– Pois dizem, e a meu ver o futuro é esse, mas o patrão vai ser difícil de convencer. – Ben deteve-se ao cimo das escadas do Cais do Duque. – Apareço hoje à noite quando acabar o trabalho, se te parecer bem, Essie.

– Sim, mas não prometo estar lá. Depende se conseguir arranjar trabalho.

– Não devias trabalhar no rio sozinha. Já é duro quanto baste para um homem, mas para uma rapariguinha como tu é perigoso, especialmente depois de escurecer.

– Ganho-te sempre nos remos.

Essie soprou-lhe um beijo e ele acenou-lhe alegremente enquanto descia os degraus de pedra até à praia, onde a barcaça de Tyce ia ser lançada à água. Os passageiros já se encontravam sentados e, a julgar pelas aparências, eram marinheiros que regressavam ao seu barco na sequência de uma noite em terra firme, alguns deles em muito mau estado. Um apresentava o olho negro e outro tinha a cabeça ligada, e o sangue ensopava-lhe as ligaduras encardidas.

Essie suspirou, na esperança de que alguém lhe oferecesse trabalho, embora lhe parecesse improvável. Prosseguiu, dirigindo-se a casa. Ainda era cedo, mas White's Rents era um cenário animado, repleto de atividade. Crianças pequenas e descalças tinham sido mandadas para a rua com o intuito de se divertirem e os rapazes rebolavam no pó, a lutar e a medir forças como raposinhas brincalhonas. As meninas mais crescidas estavam sentadas a fazer tranças umas às outras e a conversar, sempre de olho nos pequenos.

Na beira da rua, a menina Flower estava dobrada, a usar a pazinha para apanhar os excrementos deixados pelos cães vadios. O cheiro contribuía para o fedor geral, mas ela parecia nem reparar e percorreu o seu caminho, em direção ao curtume, onde o conteúdo da sua vasilha de madeira seria usado para curtir a pele. Disse que, num dia bom, conseguia um *shilling* pelos seus esforços, mas Essie não trocaria com ela, nem pelo dinheiro do resgate de um rei. A ocupação da

menina Flower era quase tão indesejável como a de Josser, o tolo, que ganhava a vida nos esgotos à procura de bens de valor engolidos pelos canos. Josser e a menina Flower viviam no número dez, partilhando a casa com o coletor noturno de excrementos, vários trabalhadores dos caminhos de ferro e um grupo de marinheiros irlandeses. Essie perguntava-se como podia alguém existir naquelas condições, mas os pobres tinham de se desenrascar para poderem sobreviver. Passou apressadamente por um grupo de mulheres desmazeladas, que pararam de conversar para a olhar de cima a baixo, continuando depois com sussurros e risadinhas, como crianças de escola.

Essie estava habituada àquele comportamento e seguiu em frente, ignorando as provocações.

Quando entrou na sala, ficou espantada ao ver o pai sentado.

– Trouxeste cerveja, Essie?

– Não, pai. Gastei o dinheiro em comida. Vou acender o lume para pôr água a ferver na chaleira.

Ele deixou-se cair nas almofadas.

– Preciso de alguma coisa para as dores.

– Trouxe láudano, mas é evidente que está muito melhor. Pelo menos já se pode sentar, coisa que não era capaz de fazer ontem à noite.

– Dá-me o frasco que eu próprio faço a minha dose, minha querida.

O tom de Jacob mudou e fez um sorriso persuasor.

– Ajuda o teu próprio pai. Linda menina.

Essie agarrou no cesto e dirigiu-se à cozinha.

– Vou misturar um pouco de láudano com água e depois acendo o lume. Estou morta por beber uma chávena de chá.

– Estou morto por beber um gole de cerveja. Podias ter comprado uma ou duas garrafas. E se eu te der dinheiro e levares um jarro ao *pub* para to encherem?

Essie hesitou à porta da cozinha.

– E se me der mais dinheiro para eu poder pagar a renda a horas todas as semanas, pai?

– És uma criança mal-agradecida, Esther Chapman. Se a tua mãe visse como me tratas, punha-se a dar voltas na campa.

– Isso não é justo – disse Essie, zangada. – Faço o melhor que posso.

Fechou a porta e dedicou-se a tirar o conteúdo do cesto. As memórias que tinha da mãe eram vagas e provavelmente sublimadas pelo tempo, mas toda a gente dizia que Nell Chapman tinha sido uma mulher de extraordinária beleza. Vinha de uma boa família e casara com Jacob para despeito do pai, que tentara meter-se entre ela e o barqueiro sem tostão que lhe roubara o coração. A única coisa de que Essie se lembrava claramente era do som de vozes que se elevavam com raiva, assim como das lágrimas da mãe quando Jacob chegava do *pub* arrasado pela bebida. A doença que levara a mãe para junto dos anjos quase lhe ceifara também a sua vida, mas Essie sobreviveu, em grande parte graças aos cuidados de George, o seu irmão. Passou a mão pelos olhos. George saíra de casa depois de uma terrível discussão com o pai. Ela tinha apenas seis anos, mas aquele dia ficou marcado para sempre no seu coração.

Mas era escusado ficar presa no passado. Essie suspirou e voltou à sala, onde usou o resto do carvão e do graveto para acender o lume.

– Onde está o meu chá, Essie? – exigiu Jacob, irritado. – Estou ressequido.

– Tudo a seu tempo, pai. Só tenho duas mãos.

Essie suspirou e pôs-se de pé. A vasilha, que geralmente estava cheia de água, encontrava-se vazia, o que implicava uma curta viagem ao poço comunitário, ao fundo da rua. Geralmente, era Jacob quem ficava encarregado da tarefa, se bem que o fizesse protestando. Ela saiu pela porta dos fundos e atravessou o minúsculo pátio até à estreita passagem que separava White's Rents da cordoaria, da casa onde se alcatroava as cordas e dos outros edifícios associados à produção de corda.

O cheiro do alcatrão quente impregnava o ar, enchendo-lhe os pulmões e fazendo-a tossir, mas seguiu para o poço com passo ligeiro e juntou-se à fila de mulheres andrajosas e crianças descalças.

– Parece que vem diretamente do rio – queixou-se a mulher à frente de Essie. – Não sei porque é que não vamos a Limehouse Hole mergulhar as vasilhas com a esperança de também apanharmos uns peixes.

– Esta água tem patas. – A sua companheira cheirou o ar e limpou o nariz com as costas da mão, enquanto fitava a água turva da sua vasilha. – Os peixes não conseguem viver nesta coisa.

Essie sabia que era melhor não se juntar à conversa e não tinha qualquer intenção de beber a água no seu estado atual. Uma velhota que sobreviveu à epidemia de cólera de 1848 disse-lhe para ferver a água antes de a beber e desde então que ela o fazia. O pai dissera o mesmo, só que usava isso como desculpa para beber mais cerveja. Essie encheu a vasilha e regressou a casa, mas, ao entrar pela porta dos fundos, ouviu vozes de homens vindas da sala.

Parou para encher a chaleira antes de ir investigar, mas a porta da frente fechou-se quando entrou na sala.

– Quem era, pai?

Jacob fez um sorriso que mostrava os espaços entre os dentes.

– A resposta aos nossos problemas, rapariga. Vamos ter um hóspede que se dispõe a pagar bem por um quarto, sem perguntas.

– Para começar, não temos um quarto livre, e depois, quem é essa pessoa misteriosa?

– É só uma coisa temporária, e como não posso subir as escadas enquanto estiver assim, disse-lhe que podia ficar com o meu quarto. É melhor ires arranjá-lo. Faz a cama com lençóis lavados, ou seja lá o que for que precises para o tornar confortável.

– Está bem – disse Essie devagar. – Mas gostava de saber quem vai dormir no quarto ao lado do meu. Posso ser assassinada na minha cama, ou pior.

– Escusas de saber o nome dele e nem sequer lhe vais pôr os olhos em cima. Vai dormir o dia todo e sair à noite. É só por um período de tempo curto, por isso não faças perguntas. Seja como for, paga um bom dinheiro por esse privilégio, por isso deixa as coisas como estão. – Jacob mexeu-se no assento e fez uma careta, emitindo um forte gemido. – Onde está o tal láudano? Estou numa agonia.

Essie voltou à cozinha e deitou o resto da água fervida da véspera numa caneca de latão, adicionando umas gotas de láudano. Levou-a ao pai, segurando-a perto dele, mas fora do seu alcance.

– Não me provoques, Essie. Estou a agonizar.

– Dou-lha quando me contar quem é esse «hóspede» e porque se esconde aqui.

Jacob fulminou-a com o olhar, passou a língua pelos lábios secos e fez uma careta de dor.

– O nome é da conta dele, e não precisas de saber mais nada. Não te conto mais nada, rapariga, portanto dá-me cá o remédio.

Essie percebeu que aquilo não ia a lado nenhum e entregou-lhe a caneca.

– Para quando devemos esperar a chegada dele, pai?

– Deixa a porta dos fundos destrancada e pronto. Ele vai e vem como lhe apetecer. A única coisa que tens de fazer é ficar fora do caminho dele.

– Já não gosto dele – disse Essie amargamente. – Deve ser um criminoso, para ter de andar à socapa no escuro. Não gosto disto, pai. Não gosto mesmo.

– Olha, toma lá. – Jacob tirou uma bolsa de couro do bolso e colocou-a na mão estendida dela. – Talvez isto te faça mudar de ideias. Paga àquele sanguessuga do cobrador de rendas e

compra comida como deve ser, e cerveja. O que o nosso amigo faz não é da nossa conta.

– Amigo! – Essie atirou a cabeça para trás. – Alinho porque não posso fazer outra coisa, mas espero que o pai saiba o que está a fazer.

Nessa noite, Essie deixou-se ficar deitada na cama à escuta de todos os gemidos e rangidos das velhas tábuas, que se contraíam depois do calor desse dia. O ruído de fundo das casas sobrelotadas, das rixas de rua e do choro dos bebés era sempre o mesmo, quer fosse meio-dia ou madrugada, mas essa noite era diferente. Tentara arrancar ao pai mais informações acerca do misterioso hóspede, mas ele recusara-se e agora a cabeça dela zumbia de perguntas e sentia-se apreensiva. A vida já era difícil o bastante sem se envolver diretamente em atividades criminosas. Os recados noturnos que fizera com o pai tinham sido uma provação, mas era difícil arranjar trabalho e eles tinham de comer. Passou pelas brasas e acabou por mergulhar num sono inquieto, mas de repente foi acordada.

Sentou-se, afinando os ouvidos. As dobradiças da porta dos fundos estavam enferrujadas e ela tinha a certeza de ter ouvido o raspar de botas nas lajes da cozinha. Fez deslizar as pernas para a parte lateral da cama e agarrou no seu agasalho, envolvendo-se nele enquanto se levantava e ia abrir a porta do quarto. O seu coração batia com força e ela hesitou ao ouvir a porta na base das escadas abrir e depois fechar de novo, com a suavidade de um sussurro. Depois, os contornos sombrios de um homem encheram o espaço estreito e ele começou a subir, dois degraus de cada vez.

– Pare. – Essie barrou-lhe o caminho. – Quem é o senhor?

Ele deteve-se e levantou a cabeça, mas, no escuro, o seu rosto era um borrão pálido.

– Disseram-lhe para ignorar a minha presença.

A sua voz pouco mais era do que um sussurro rouco e ela não sabia dizer se ele era novo ou velho, mas era evidente pela maneira como falava que não se tratava de um vulgar criminoso.

– Está na minha casa – disse Essie com ousadia, embora tivesse os joelhos a tremer e o corpo numa posição preparada para regressar ao quarto e lhe bater com a porta na cara. – Tenho o direito de ao menos saber o seu nome e que assuntos são esses que só podem ser tratados à noite.

– Faz muitas perguntas. – Havia na sua voz um tom de bom humor.

– O seu nome, senhor. Recuso-me a partilhar a casa com alguém que receia dar-se a conhecer à minha pessoa.

– E o que propõe que se faça quanto a isso, menina Chapman? O seu pai concordou com isto.

– Mas eu não. – Essie cruzou os braços e fitou-o. – Até pode ser um assassino, como hei de saber?

Ele subiu os degraus que faltavam, ficando os dois muito próximos no pequeno patamar.

– Então talvez devesse ter medo. O seu pai está a dormir profundamente, imagino que drogado com láudano e cerveja, tendo em conta o cheiro lá em baixo. Estamos sozinhos e está à minha mercê. O que pretende fazer?

O sangue palpitava-lhe nos ouvidos como uma tatuagem ensurdecedora, mas não o deixaria aperceber-se do seu medo.

– O senhor não me assusta. O meu pai fez um acordo consigo, que por ora terei de honrar, mas se descobrir que está envolvido em atividades criminosas, não hesitarei em denunciá-lo à polícia.

– Qual dos quartos é o meu? – perguntou ele, engolindo um bocejo. – Estou cansado e preciso de dormir.

– Não respondeu a nenhuma das minhas perguntas.

– Nem tenciono fazê-lo. Há coisas que a menina não tem de saber. – Passou por ela e abriu a porta do quarto de Jacob. – Ainda ninguém dormiu nesta cama, por isso deduzo que deva ser a minha.

Quando ele passou por ela, Essie sentiu o calor e um aroma inesquecível.

– Agora reconheço-o. Trouxe-o para a costa ontem à noite, vindo do navio estrangeiro.

Ele olhou por cima do ombro quando ia a entrar no quarto de Jacob.

– É muito inteligente da sua parte, mas aconselho-a a tirar isso da cabeça.

– Quem é? Podia fazer a gentileza de me dizer o seu nome.

– Pode chamar-me Raven – murmurou ele, e fechou a porta.

– Raven? – repetiu ela atordoada. – Que nome é esse, Raven?

*

– Não devias ter feito isso – disse Jacob irritado. – O melhor é não saberes nada sobre o nosso amigo.

– Ele não é meu amigo – ripostou Essie. – Não gosto disto, pai.

– Vai lá tratar dos teus afazeres. Quero que vás ao escritório do responsável do cais ver se ele tem trabalhos que possas fazer. Não sei quanto tempo o nosso hóspede ficará connosco, nem quanto tempo ficarei acamado. Não julgues que me estou a divertir, porque não estou.

Essie cedeu. O pai tinha o rosto enrugado de preocupação, com um aspeto pálido e doente.

– Está bem, pai. Vou à loja de Nightingale Lane buscar pão fresco para o pequeno-almoço e um pouco de café.

– Não tenho dinheiro para deitar fora – disse Jacob entre dentes. – Tens de atear o lume e pôr lá a chaleira.

Essie respirou fundo, rezando para ter paciência.

– Eu fazia-o, pai. Mas acabou-se o carvão e os gravetos.

– Ora, bem, faz o que tens a fazer, rapariga. – Jacob recostou-se e fechou os olhos. – Não consigo dormir como deve ser nesta coisa. Sinto a falta da minha cama.

Essie agarrou no xaile e envolveu com ele os ombros, engolindo as palavras amargas que ameaçavam sair-lhe da

boca num turbilhão.

– Já volto, pai.

Saiu de casa e desceu a rua à pressa, fazendo um aceno de cabeça a Gaffer Wiggins, o limpa-chaminés, que preparava o seu gangue de pequenos aprendizes para um dia de trabalho. Essie sorriu aos rapazes, todos eles pequenos, malnutridos e muito novos, mas eles não reagiram. Via-os quase todos os dias e, se estivesse nas suas mãos, tê-los-ia levado para casa, para lhes dar um banho na banheira em frente do lume e os alimentar com comida nutritiva. Mas eles pertenciam ao seu amo e os muitos esforços dos que tinham o poder para lhes melhorar a sorte tinham sido amplamente ignorados.

Essie suspirou e prosseguiu, dirigindo-se ao gabinete do responsável pelo cais. Talvez um dia viesse a estar em posição de ajudar os pobres e oprimidos mas, por enquanto, a ideia de arranjar trabalho dominava a sua mente. E não confiava no homem que dizia chamar-se Raven.

# Capítulo Dois

Essie arrastou o barco para a margem empedrada e amarrou-o ao anel de ferro por cima da marca da altura da água. Acabava de voltar do pontão de Limehouse Hole, aonde levara um funcionário das docas, um trabalho demasiado pequeno para que os barqueiros considerassem que valia a pena, mas havia em Saul Hoskins um sentido de urgência, pois temia que o despedissem se chegasse novamente tarde ao trabalho. Saul vivia em Thomas's Rents e Essie conhecia a sua jovem esposa, Marie, mãe de gémeas e que recentemente dera à luz um menino. Se Saul perdesse o emprego, a família enfrentaria um futuro incerto, e Essie ficara feliz por poder ajudar, ainda que Saul só lhe pudesse dar uma moeda de *penny* pelos seus esforços. Remar furiosamente contra a maré era uma tarefa esgotante, mas ela fizera-o chegar a horas ao trabalho.

Havia uma semana que Raven, o misterioso hóspede, dormia no quarto de Jacob. Pouco mudara no número sete de White's Rents, mas Essie tinha de admitir que o contributo de Raven para o governo da casa lhes facilitara a vida. Tinham pagado as rendas em atraso e comido bem todos os dias, embora Essie tivesse posto de parte algum dinheiro, escondido debaixo de uma tábua solta do soalho no seu quarto. O hóspede haveria de se ir embora em breve, ou assim esperava ela, mas Jacob ainda não estava totalmente recuperado para voltar ao rio e ela teria de ganhar dinheiro bastante para os manter aos dois até o pai ter forças suficientes para trabalhar. Ela continuava curiosa, e consideravelmente preocupada, com as atividades de Raven, mas ele isolava-se e nem ela nem o pai o viam desde aquela primeira noite, não podendo portanto conversar com ele.

Essie levantou as saias molhadas, desejando poder usar calções como os homens, mas já era difícil o bastante para uma rapariga conseguir trabalho, mesmo sem chocar ou se incompatibilizar com a população masculina. Tinha muitos conhecidos no cais entre os barqueiros e remadores, mas sabia que a toleravam por causa do seu pai, se bem que ele era alvo de algumas críticas por deixar que a filha tomasse o seu lugar. Ela não queria ser objeto de pena, mas era realista o suficiente

para conhecer as suas limitações em termos de força física. Sempre pensara no turbulento rio Tamisa como uma entidade, com um coração pulsante que nunca pararia: o rio tinha de ser respeitado, temido e nunca tido como certo. Subiu a escadaria de Duke Shore e tinha acabado de chegar ao cais quando avistou Ben, que conversava com um dos operadores da grua. Interrompeu a conversa e apressou-se a ir ao seu encontro, esquivando-se por entre pilhas de caixotes e rolos de cabos.

– Estás muito séria. Passa-se alguma coisa, Essie?

Ela abanou a cabeça.

– Não, estou bem, obrigada.

– Desculpa não ter ido visitar o teu pai, mas temos trabalhado dia e noite durante a última semana.

– Não faz mal. O pai não está com vontade de ter visitas.

– Como está ele? Diz-se que pode nunca mais voltar a andar.

– Seja quem for que anda a espalhar esses boatos devia preocupar-se com a sua vida – disse Essie num tom cortante. – O meu pai melhora a cada dia que passa. Desloca-se pela casa, embora ainda não consiga subir as escadas, mas não tardará a voltar ao trabalho.

– Está bem, não me cortes a cabeça. Estava só a perguntar.

– Desculpa, Ben. A minha vida não está fácil. É difícil ganhar a vida com um barco tão pequeno. Levei outra vez o Saul ao trabalho esta manhã, e ele só me conseguiu dar um *penny*.

– Se estás com falta de dinheiro, talvez eu possa ajudar. – As feições de Ben, batidas pelo clima, enrugaram-se de preocupação. – Só tens de pedir.

– Obrigada, mas cá nos arranjamos. – Essie olhou em redor, na esperança de encontrar um potencial cliente. – Mas porque estás aqui? Não devias estar a trabalhar?

– Um problema no motor. Estes novos motores a vapor estão sempre a avariar. Às vezes acho que era melhor quando remávamos as barcaças, embora fosse um trabalho duro.

– Vai demorar a arranjar?

– Não sei, mas o patrão disse-me para tirar a manhã de folga, ou o que resta dela. – Ben estudou-a com o olhar. – Comeste hoje?

– Ainda não. Estava com esperança de arranjar outro trabalho, mas parece muito sossegado por aqui.

– Há um vendedor de empadas no Shoulder of Mutton Alley. Vamos lá, Essie. Ofereço-te uma empada de carne de porco e uma chávena de café.

Era uma oferta boa demais para ser recusada.

Alguém comera o último naco de pão e rapara o resto da banha. Essie tinha dois suspeitos em mente, mas o pai dormia profundamente no sofá e não se ouvia movimentos no quarto do Raven. Ouvira-o chegar de madrugada, mas desistira de tentar descobrir alguma coisa sobre ele e, até ao momento, não tinha nada a dizer daquela estada em casa deles. Não era culpa dele que o leite tivesse acabado, embora fosse culpado de ter bebido o resto do chá. Essie teria de ir às compras mais tarde, mas isso podia esperar.

– Parece-me uma maravilha. – Essie enfiou o braço no de Ben. – Estou a morrer de fome, depois de remar tanto. O rio hoje está com um humor esquisito, cheio de remoinhos e correntes cruzadas. Comporta-se como um velho rezingão.

Ben atirou a cabeça para trás e riu-se.

– As coisas que tu dizes, Essie Chapman. É um rio, não pensa. Faz o que tem a fazer e corre até ao mar.

– Isso é o que tu dizes, Ben, mas eu cresci em Limehouse como tu e conheço o rio. É a alma e o coração de Londres e, apesar dos seus humores e birras, adoro-o.

Ben deu-lhe uma palmadinha na mão.

– Precisas de comida dentro do corpo, minha querida. Estás a ficar tonta.

*

As empadas tinham mais cartilagem do que carne, mas a massa era grossa e enchia, e o café era quente e reconfortante. De estômago cheio, Essie sentia-se mais otimista quando se afastou de Ben e se dirigiu ao escritório do responsável pelo cais. Riley, um homem corpolento de nariz partido e cabelo grisalho, fora em tempos lutador de mãos nuas. Aquilo que lhe faltava em altura, compensava com o pé ligeiro e uma agressividade constante.

Mandara ao chão muitos aspirantes a campeões e os homens das docas, os operadores das gruas e os barqueiros, todos o tratavam com respeito.

Riley levantou os olhos do livro de contabilidade que estudava e o seu rosto enrugado amarfanhou-se num sorriso.

– Essie, minha querida, como estás?

– Estou bem, obrigada, senhor Riley. Tem trabalho para mim?

– O teu pai ainda não está em condições de trabalhar?

– Melhora a cada dia que passa – disse Essie com firmeza. – Ele não gosta de preguiçar.

– É verdade que não o tenho visto no Grapes, por isso deve estar mal.

– Mas eu posso substituí-lo, senhor Riley. Sou tão boa a remar como qualquer homem e conheço o rio melhor do que a maior parte.

– Também é verdade, minha querida, mas tens de admitir que a tua força não se equipara à dos homens. – Riley remexeu num monte de documentos. – Hoje não há nada, infelizmente. Vai para casa, Essie, e porta-te como uma linda menina. – Baixou a cabeça sobre o livro que tinha na secretária, mandando-a eficazmente embora.

Essie sabia que o que ele dissera era verdade, mas ficou irritada na mesma.

– Obrigada, senhor Riley. Apareço esta tarde, para o caso de aparecer alguma coisa.

Ele não levantou os olhos e ela saiu do escritório, acusando os alegres acenos de um ou outro homem no cais e ignorando os comentários impudicos dos que a achavam presa fácil, sendo Diggory Tyce um deles. Se não fosse o olhar observador de Ben e o seu braço forte, Diggory poderia ter-se tornado maçador, mas Essie conhecia a reputação do barqueiro com as mulheres e mantinha a distância o mais possível. Não que fosse fácil no mundo relativamente pequeno das gentes do rio em Limehouse, onde o músculo imperava e os mais fortes ficavam por cima. Essie sabia por experiência quando se devia defender e quando era melhor afastar-se.

O trabalho das mulheres, segundo quase todos os homens que conhecia, era ficar em casa, casar, manter a casa, criar os filhos, cozinhar e limpar.

Quer se tratasse do pai ou do marido, os homens mandavam nelas e o dever da mulher era fazer o que lhe diziam. Essie recusava-se a acreditar nisto. Tinha a certeza de que a vida era mais do que tarefas domésticas e dar à luz todos os anos. Percorreu o caminho até à mercearia e comprou alguns bens essenciais antes de ir para casa.

Acabara de chegar à porta do número sete quando esta se abriu e ela quase foi abalroada por um homem alto de casaco. Tinha o chapéu enterrado até aos sobrolhos, mas ela deu-se conta de um par de espantosos olhos azuis, denotando inteligência, debaixo das sobrancelhas negras e retas. Tinha a parte inferior do rosto coberta por um pequeno bigode e uma barba bem aparada, mas embora só o tivesse visto no escuro, sabia tratar-se do homem que se dizia chamar Raven. Por um breve instante, os seus olhos cruzaram-se, depois ele tocou no chapéu e foi-se embora.

– Espere um minuto. – Essie seguiu-o, embora tivesse de correr para poder acompanhar as grandes passadas do homem. – Vai-se embora? Julguei que não podia ser visto durante o dia.

Ele deteve-se de súbito, rodeando-a.

– Disseram-lhe para se meter na sua vida. Por favor, vá para casa tratar do seu pai.

Afastou-se, cortando a fileira de vizinhos curiosos reunidos à porta de sua casa e de crianças a brincar no empedrado da rua.

– Para onde estão a olhar? – exigiu saber Essie, e virou as costas às mulheres que conversavam, riam e apontavam para ela.

Chegou a casa e entrou, indo encontrar o pai encostado a um par de almofadas. A julgar pelo sorriso tocado, tinha emborcado cerveja a mais, e a prova disso estava espalhada por todo o chão. O cheiro a álcool enchia a sala.

– Imagino que ele lhe tenha comprado isto – disse Essie zangada ao pousar o cesto e dobrando-se para apanhar as garrafas vazias. – Se se embebedar, vai cair outra vez, pai. Sabe bem que já não aguenta a bebida como dantes.

– Para com isso, rapariga, foi só um tropeção.

Foi nesse instante que Essie reparou num grande galo na testa do pai, que começava a ficar roxo.

– Vou acabar com isto em breve.

Essie abandonou as arrumações e saiu de casa a correr, decidida a apanhar o Raven. Contornando os transeuntes e saltando por cima de bebés que gatinhavam na sujidade, Essie foi atrás do hóspede errante. Ele dirigira-se a Fore Street e, quando ela fez a curva, avistou-o a caminhar, mas ele deteve-se de repente quando uma carruagem parou junto ao passeio. A porta abriu-se e ele subiu. Essie hesitou, à espera de que o veículo continuasse o seu caminho, mas a carruagem permaneceu imóvel, o que a deixou ainda mais curiosa. Ela aproximou-se com cautela, fingindo observar os artigos das montras, mas quando ela passou pela porta da carruagem, esta abriu-se e o Raven saltou para fora.

– O que julga que está a fazer? – Agarrou-a pelo braço. – Porque me segue?

– Largue-me, está a aleijar-me.

Ele apertou mais a mão.

– Quem a mandou fazer isto?

– Ninguém. Não sei do que está a falar.

– O que se passa, Raven? – Uma jovem vestida com elegância saiu da carruagem e fitou Essie com curiosidade. – Quem é?

– Entre. Estamos a chamar a atenção.

Sem mais, o Raven levantou Essie do chão e atirou-a para dentro do veículo. Depois entrou e fechou a porta.

– Muito bem. Quero uma explicação.

– Meu querido, está a assustar a pobrezita. – A jovem virou-se para Essie com um sorriso encantador. – Quem é? E porque seguia este homem?

– É a filha do barqueiro – disse o Raven, zangado. – Infelizmente, os nossos caminhos cruzaram-se quando eu estava a sair de White's Rents em resposta ao seu bilhete, Alice. Não sabia que esta tolinha me iria seguir.

– Não sou tola – protestou Essie. – E sei falar por mim, senhor.

– Ah, uma jovem espirituosa. – Alice recostou-se no assento de veludo almofadado, pondo a cabeça de lado enquanto olhava Essie com renovado interesse.

– Fale-me de si. Diga-me como se chama.

– Podia pedir-lhe o mesmo, minha senhora – disse Essie rigidamente. – Não pedi para ser enfiada na sua carruagem. Estava apenas a seguir este homem porque quero saber o que anda a tramar.

– Comecemos por quem é, pode ser?

– Chamo-me Esther Chapman e trouxe este indivíduo de um barco estrangeiro para a costa, com poucos agradecimentos pelo meu esforço e bastantes inconvenientes, devo acrescentar.

– A sério? Estou impressionada e peço desculpa pela maneira como o Raven a tratou, mas anseia tanto manter a sua presença em Londres secreta, como já deve ter adivinhado. E tem muita razão, primeiro devemos tratar das apresentações. O meu nome é Alice Crozier.

– Lady Alice Crozier – acrescentou o Raven com um sorriso sardónico. – Filha do conde de Dawlish.

– Tenho a certeza de que isso pouca importância tem para a Esther – disse Alice com doçura. – Fico-lhe grata por se meter nos seus assuntos, Raven.

– A minha preocupação é a Alice. – O sorriso do Raven esmoreceu e ele virou-se para Essie. – Não fale disto com ninguém.

Ela anuiu.

– Só quero saber o que anda a tramar e que negócios são esses que o obrigam a passar a noite toda fora de casa. Os dias que correm já são difíceis quanto baste, sem arrastar o meu pai para alguma coisa sombria.

Alice ergueu as sobrancelhas, fitando o Raven com um olhar inquiridor.

– Bom, o que tem a dizer sobre isto?

Ele olhou para Essie, pensativo.

– Posso confiar em si, Esther?

– Depende do que entende por confiar. A minha principal preocupação é o meu pai e eu própria. A nossa vida já é bastante difícil e não queremos problemas.

– Mas aceitou o meu dinheiro – disse o Raven suavemente. – Isso pode implicá-la no meu crime, ou seja lá o que for que imagina que sejam as minhas ofensas.

Alice pousou a mão, calçada com mitenes, no braço dele.

– Pare de provocar a pobre rapariga, Raven. Creio que a Esther é de confiança e, seja como for, ela sabe demais para ser escorraçada com ameaças ou frivolidades.

Ele recostou-se no assento, fixando o olhar intenso em Essie.

– Sou um condenado – disse ele devagar. – Fui levado para a Austrália há cinco anos.

Por uma vez na vida, Essie ficou sem palavras – a única coisa que conseguia fazer era fitá-lo com espanto. Era evidente que se tratava de um homem com educação, e não do tipo que ela associava a crimes punidos com o transporte para as colónias.

– Ficou surpreendida – continuou o Raven. – Imagino que me devesse sentir elogiado com isso, mas fui acusado de obstrução a agentes da Coroa e condenado sete anos de cumprimento penal.

– Era culpado? – exigiu saber Essie quando por fim encontrou a sua voz. – O que fez?

– Isso não importa.

Raven virou a cabeça, olhando para a rua. Começara a chover e os transeuntes corriam de um lado para o outro à procura de abrigo.

– Estava a proteger o irmão. – Alice inclinou-se para Essie. – O Raven não merecia uma pena tão pesada. Foi punido por vir de um meio privilegiado e por dever dar o exemplo aos seus inferiores, pelo menos, foi o que disse o juiz.

– Sete anos parece-me um bocado duro – disse Essie, pensativa. – Não sei o que fez o seu irmão, mas por certo deveria ter sido ele a ser castigado, não o senhor.

– O meu irmão era jovem e irresponsável. Escapou.

– Salvou-o dele próprio – disse Alice com severidade. – O Frederick era o menino mimado da sua mãe e achava que podia fazer aquilo que queria. Mas, por si, teria sido mandado para a colónia penal, em vez de ficar a viver uma vida luxuosa no estrangeiro.

– Um mosteiro em Itália não será o lugar mais emocionante para alguém como o Freddie passar o resto dos seus dias. – Raven abanou a cabeça. – Tenciono limpar o nome dos dois, mas não sou nenhum herói. Se for descoberto, metem-me na prisão e, provavelmente, terei de enfrentar a pena de morte.

– Então, porque arriscou tudo para voltar a Londres? – exigiu saber Essie.

– É uma questão de confiança e honra, mas não quero que se envolva nisso.

– Mas ela já está envolvida – disse Alice delicadamente. – E você arrisca tudo ao ser visto de dia. Todos teremos problemas se for reconhecido.

– Eu sei disso, Alice. Mas hoje tenho de me encontrar com o Gilfoyle. Está a demorar muito, com estas saídas sorrateiras de noite. Tenho de ir ao escritório dele para resolver as coisas.

Os olhos verdes de Alice abriram-se muito, e os cantos da sua boca descaíram.

– Isso é uma loucura.

– Mesmo assim, preciso de o ver pessoalmente. Tenho de resolver os meus assuntos antes que o *Santa Gabriella* se faça ao mar. Tenho de ir nesse navio.

Essie mexeu-se, pouco à vontade, no assento de veludo almofadado.

– Eu não devia estar aqui. Talvez seja melhor ir para casa. De qualquer modo, tenho de arranjar trabalho.

Alice estendeu a mão e agarrou no pulso de Essie.

– Não vá ainda. Tenho uma ideia que nos pode salvar a todos de muitos sarilhos e tristezas.

– Sempre foi a mais inteligente da família – disse o Raven com um sorriso de ironia. – O que sugere?

Alice ignorou-o, concentrando a sua atenção em Essie.

– Como ganha a vida, Esther?

– Essie, minha senhora. Ninguém me chama Esther, a menos que esteja metida em problemas.

– Muito bem, Essie… que trabalho procura?

– O meu pai caiu e magoou as costas. Ele faz o rio e eu fiquei com o seu trabalho enquanto não recupera.

– Perdoe-me, mas não sei o que isso envolve.

– Temos um barco e fazemos travessias pequenas demais para os barqueiros e remadores. Tal como lhe disse, trouxe o

senhor Raven para a costa na outra noite, e foi muitíssimo difícil remar contra o vento e a corrente.

– Precisamos de um intermediário, Essie – disse Alice com franqueza. – O Raven está a arriscar tudo pelo simples facto de regressar a Londres, mas tem assuntos importantes a resolver.

O olhar de Essie passava de um para o outro. O Raven franzia o sobrolho, pensativo, mas não fez comentários.

– É um condenado em fuga – disse ela devagar. – Se for apanhado, também fico metida em problemas.

Ele anuiu.

– Pois fica. Não quero que entre nisto às cegas.

– Mas pagávamos bem – insistiu Alice. – De qualquer modo, agora já está implicada nisto.

– Não diga isso à rapariga – disse o Raven, zangado. – Ela ainda se pode afastar. Não serei responsável por arruinar uma vida. – Fixou Essie com um olhar intenso. – Não tem nenhuma obrigação para comigo nem para com a minha prima. Se isto não lhe agrada, pode ir embora, e nada mais será dito.

Essie susteve o olhar dele e viu um homem em quem podia confiar.

– Eu ajudo-o – disse ela devagar. – Diga-me apenas o que quer que eu faça.

Raven ia responder, mas Alice pousou a mão no braço dele.

– Deixe isto comigo. – Fez um sorriso radioso a Essie e foi como se o sol brilhasse no interior daquela carruagem luxuosa, embora a chuva batesse por cima. – Vamos levá-la a casa e pode dizer ao seu pai que lhe ofereceram trabalho em casa de uma senhora respeitada, o que lhe dará uma desculpa para me visitar em Hill Street.

– Levar-me a casa? – Essie abanou a cabeça. – Perdeu o juízo? Peço-lhe desculpa, minha senhora, mas se esta carruagem aparecesse em White's Rents, causaria sensação.

– Ela tem razão, Alice. – A expressão tensa de Raven fundiu-se num sorriso. Abriu a porta. – Vá para casa, Essie.

Vemo-nos mais tarde.

*

Essie foi visitar Riley no caminho, mas ele não tinha trabalho para lhe dar e ela passou o dia a limpar a casa, tentando ignorar os lamentos constantes do pai. Ao final do dia, acabou por ir ao *pub* encher um jarro com cerveja, o que o deixou feliz. Não tardou a que dormisse profundamente e ressonasse bem alto, e Essie estava sentada à beira de um lume brando na cozinha, à espera de que a chaleira fervesse, quando o Raven entrou.

Pôs-se em pé de um salto.

– Julguei que o tivessem apanhado – disse ela, irritada. – Estive o dia inteiro à espera do seu regresso.

Tirou o chapéu e despiu o casaco, sacudindo gotas de chuva no chão ladrilhado.

– Parece uma esposa chata.

– Não sei quem haveria de querer casar com um homem como o senhor – ripostou Essie. – Pediu-me que o ajudasse e preciso de saber exatamente o que devo fazer.

Raven puxou uma cadeira e sentou-se, estendendo as pernas compridas para o fogo.

– Não tem mais carvão? Isto é uma fraca amostra de lume.

– Não, não tenho. Comprei ontem um saco e deixei-o lá fora no pátio, mas alguém o furtou.

– Desculpe, eu sei que lhe causei muitos problemas, mas será bem recompensada.

– Se antes não me mandarem para a cadeia.

Um sorriso curvou os lábios de Raven, que anuiu.

– *Touché*. Mas tomarei todas as providências para que isso não aconteça. – Inclinou-se para a frente e tirou-lhe o atiçador da mão. – Isto é mesmo uma fraca amostra de lume.

Essie recostou-se na cadeira, olhando-o pensativa.

– Porque não fica com a Lady Alice? Estaria muito mais confortável em casa dela. Ela terá um ou dois criados para cuidarem de si e tenho a certeza de que tem lareiras a carvão em todas as divisões.

– A minha prima tem uma grande casa em Hill Street, como virá a saber, e possui um pequeno exército de criados. A maior parte é de confiança, mas há sempre alguém com a língua solta. – Pousou o atiçador com um suspiro. – Não me posso dar ao luxo de ser apanhado, Essie. Isto não é um jogo, e é por isso que quero que visite Hill Street diariamente e volte com todas as informações que a Alice tenha para mim.

– O que espera ganhar com tudo isto? – perguntou ousadamente Essie. – E não me diga que não é da minha conta, porque me envolveu e ao meu pai, quer queira quer não. Porque haveria de arriscar tudo para voltar agora a Londres, quando podia esperar apenas mais dois anos e ser um homem livre?

– Livre, mas, ainda assim, um criminoso condenado. – Fitou as chamas pálidas que lambiam os pedaços húmidos de carvão. – Já ouviu falar de um lugar chamado Ballarat?

– Não, não posso dizer que tenha ouvido falar.

– Sabe que se fazem fortunas nas minas de ouro?

– Creio ter visto qualquer coisa sobre o assunto em jornais velhos que as pessoas deixam por aí, mas a Austrália fica do outro lado do mundo. O que tem isso que ver connosco aqui?

Raven enfiou a mão no bolso e tirou de lá uma pepita de ouro, que brilhava discretamente à luz do fogo.

– É disto que se trata, Essie.

– Encontrou ouro?

– Digamos apenas que encontrei o bastante para comprar o meu bom nome e o do meu irmão.

– É difícil acreditar que uma coisa tão pequena possa ser tão valiosa.

– Esta não é toda a minha descoberta. Há mais.

Tornou a guardar aquele pedaço de ouro no bolso.

– Não pode dizer uma palavra acerca disto. As pessoas tornam-se selváticas quando há tanto dinheiro em jogo.

Ela riu-se, apesar da gravidade da situação.

– Por estas bandas, mata-se por uma moeda de seis pences, quanto mais por uma pepita de ouro.

– Razão pela qual ninguém pode saber.

– Eu ajudo-o, mas o que fez o Frederick que vos causou tantos problemas?

– Creio que não haverá mal em contar-lhe. – Raven recostou-se na cadeira com uma expressão distante no olhar, como se visse um mundo muito diferente do daquela cozinha fracamente mobilada, com manchas de humidade nas paredes e persianas rachadas. – A casa da nossa família fica em Devon. O Freddie acabara de chegar de Cambridge e, por uma qualquer razão, envolveu-se com pessoas indesejáveis. Apesar dos esforços dos agentes de prevenção, continua a haver contrabando na costa e, provavelmente, sempre haverá. O Freddie foi apanhado a ajudar a descarregar uma carga ilegal na praia.

– E depois? – perguntou Essie, ansiosa. Quase sentia o cheiro do ar salgado e ouvia as ondas a bater nos seixos quando o barco carregado de contrabando foi puxado para terra.

– O Freddie escapou e chegou a casa, mas os guardas seguiram-no. Eu fiz o que qualquer pessoa teria feito ao ver o irmão mais novo metido em problemas: disse que ele seguia instruções minhas. Julguei, muito erroneamente, que a minha posição de privilégio me deixaria a salvo.

– Mas disse que ele está em Itália. Não compreendo porque está a ser sentenciado em seu lugar.

– Saíamos os dois sob fiança, mas eu sabia que o Freddie iria admitir a sua culpa e providenciei para que saísse do país. Fui levado a julgamento e fui punido pela minha estupidez e arrogância. Era tarde demais para contar a verdade e é por isso

que agora aqui estou, a trilhar o caminho da liberdade para mim e para o Freddie.

– Mas o seu irmão é culpado e escapou a uma sentença. Não me parece justo.

– O Freddie era muito jovem e estúpido, mas não é um criminoso. A Essie faria o mesmo por um irmão se tivesse um, tenho a certeza.

Os olhos de Essie encheram-se de lágrimas. Memórias muito antigas chegaram numa maré de emoção: um rosto sorridente, um puxar brincalhão do seu cabelo, uma bolsinha de papel cheia de lascas de caramelo, cavalitas quando as perninhas dela ficavam demasiado cansadas para mais um passo – o irmão mais velho expulso de casa quando ela era pequena. Engoliu em seco, virando-se para que o Raven não lhe visse as lágrimas.

– O que se passa? – quis ele saber. – O que disse eu que a incomodou?

# Capítulo Três

A necessidade de lhe contar era forte. Tratava-se de um tema proibido junto do pai, mas o amor não esvanecia a uma ordem e ela amara George. Venerara como a um herói o irmão mais velho, que à vez a provocava e mimava, mas o sentimento era profundo.

– Também eu tenho um irmão – murmurou, meio com medo de dizer o seu nome, não fosse o pai ouvir.

– Tem um irmão? Onde está esse homem? Devia estar agora a tomar conta de si.

– Devia ter dito que *tive* um irmão, mas o George saiu de casa quando eu era muito nova. O pai não permite que se fale dele e culpa o George pela morte da minha mãe. Diz que lhe partiu o coração e que por isso ela morreu. – Essie limpou os olhos com o avental. – Mas eu sei que não é verdade. Ela morreu de uma febre que apanhou de mim. Sou eu a culpada da sua morte, não o George.

– Isso é ridículo, Essie. Não tem culpa de ter ficado doente e seguramente não foi responsável pela morte da sua mãe.

– Eu tento acreditar nisso, mas, de qualquer modo, o George foi-se embora.

– Perder a mãe e o irmão em tão tenra idade deve ter sido muito difícil para si.

– Foi, e continua a ser, razão pela qual o ajudarei. Diga-me o que fazer e tentarei ajudá-lo ao máximo e ao seu irmão.

*

Na manhã seguinte, o Raven deu a Essie dinheiro para uma carruagem e ela dirigiu-se a Commercial Road, onde esperou até estar em segurança, longe de olhares intrometidos, para chamar uma carruagem que ia a passar. O condutor olhou-a de esguelha quando Essie lhe deu o endereço e exigiu ver o dinheiro, mas avistar um *shilling* de prata bastou para o convencer de que ela podia pagar a viagem.

– Entre, mas espero que saiba o que está a fazer, menina. Os grandes não lidam bem com ter pessoas como você a bater-

lhes à porta a pedir trabalho.

– Siga, por favor. – Essie pegou nas saias e subiu com o máximo de dignidade possível.

A carruagem afastou-se da beira do passeio e ela instalou-se para desfrutar do luxo de ser conduzida pela cidade, mas as palavras do condutor ressoavam na sua mente e começava a ficar apreensiva, especialmente quando chegou ao mundo elitista de West End.

A elegante casa geminada numa fileira de outras, em Hill Street, estava o mais longe que era possível da residência de Essie, em White's Rents: ambas eram feitas de tijolo e argamassa, com telhados de ardósia, mas as semelhanças acabavam aí.

Não havia pedintes a rondar as portas, nem vadios esfarrapados a roubar carteiras. Os varredores de rua trabalhavam arduamente para manter a via de circulação sem a bosta de cavalo, a palha e os detritos gerais que enterravam as estradas de East End em camadas e camadas de imundície. As criadas, de vestido negro, avental e toca de um branco imaculado, atarefavam-se a polir as ferragens de metal das portas e a sacudir panos do pó nas janelas de cima. Até o ar que Essie respirava parecia diferente naquela zona de Londres, se bem que o odor da tinta fresca e do polidor não conseguia bem camuflar o fedor que vinha do rio nos dias quentes de verão. Era como entrar num outro mundo, e a mão de Essie tremeu ao levantar a aldraba reluzente para depois a deixar cair. Passados uns momentos, a porta foi aberta por um criado de libré.

Olhou-a de cima a baixo.

– A entrada dos caixeiros é sob a área dos degraus.

Essie colocou o pé no limiar quando ele se preparava para fechar a porta.

– Não está a perceber. Sou esperada. Diga por favor a Lady Alice que Essie Chapman está aqui.

Ele hesitou por um momento, mas depois cedeu e pôs-se de lado.

– É melhor entrar. Espere aqui e não se mexa.

E foi-se embora, deixando-a especada no vestíbulo com ladrilhos de mármore. Uns degraus rasos iam dar a um átrio amplo, com uma grandiosa escadaria erguendo-se até um primeiro andar em galeria. Vista do exterior, a casa não parecia muito grande, mas lá dentro tinha uma aparência vasta e esplêndida. O átrio era agraciado por estátuas de mármore seminuas em poses artísticas e Essie era olhada de cima por dignitários de olhos gélidos em pinturas a óleo, com molduras douradas e ornamentadas. Compridos espelhos refletiam os prismas de luz dançante dos candelabros de cristal e havia floreiras esbeltas que suportavam vasos repletos de flores exóticas. Essie sentiu-se encolhida e deslocada por entre uma tal opulência e grandiosidade. Começava a achar que tinha sido um grande erro oferecer a sua ajuda a Raven e preparava-se para sair quando o criado voltou a aparecer.

– Lady Alice irá recebê-la na sala matinal.

Essie seguiu-o e atravessou o chão de ladrilhos brancos e pretos reprimindo o súbito impulso infantil de deslizar no mármore polido como se patinasse no gelo. Conseguiu conter-se e foi levada até à sala matinal. Se não se sentira segura sobre como seria recebida, as suas dúvidas dissiparam-se imediatamente quando Lady Alice se levantou do seu assento à janela.

– Que amabilidade a sua por ter vindo, Essie. Estou ciente de que isto deve ser difícil para si. Deve estar a precisar de tomar alguma coisa depois de uma viagem entediante desde a outra ponta da cidade. – Virou-se para o criado, que continuava rigidamente de plantão à porta. – Traga bolo e café para a menina Chapman, Fielding.

– Sim, minha senhora. – Fielding manteve a expressão pétrea enquanto baixava a cabeça e saía da sala de costas, fechando a porta atrás de si.

– Agora podemos falar à vontade. – O sorriso de Lady Alice foi substituído por uma expressão séria, e a senhora fez um gesto para que Essie se sentasse. – Hoje tenho dois compromissos, ambos relacionados com o Raven. O primeiro

é com o advogado dele, e o segundo com o banco. Tudo isto fica estritamente entre nós as duas e os meus criados nada sabem do que se passa, e assim deve continuar a ser.

– E como encaixo nisto, minha senhora? – perguntou Essie, ansiosa. – Estou certa de que a minha presença aqui deve suscitar perguntas.

– Já pensei nisso. Eu dantes dava emprego a uma costureira, mas ela reformou-se recentemente. A vista já lhe falhava há algum tempo e o seu trabalho era inaceitável. A sala de costura fica lá em cima, no terceiro andar. – Lady Alice fez uma pausa, observando atentamente Essie. – Sabe coser, imagino eu?

– Sei passajar uma meia, minha senhora, sei remendar um rasgão, mas não sei fazer nada chique.

– Isso basta. São só as fardas dos criados, que às vezes precisam de um ponto, e realmente não faço ideia do que a Moffatt fazia o dia todo, mas parecia manter-se ocupada.

– Estou a ver – disse Essie devagar, embora não estivesse convencida. – Os criados não vão achar esquisito que dê trabalho a alguém como eu para lhe fazer uns arranjos?

– O que eles acham não importa, desde que não descubram a verdadeira razão para estar aqui. Confio que não seja bisbilhoteira, Essie.

– Nem em sonhos, minha senhora. Mas é só isso que tenho de fazer?

– A sua principal tarefa será levar ao Raven as informações que eu conseguir obter. Podem ser na forma de documentos para ele assinar, ou bilhetes escritos por mim, mas o mais importante é o sigilo.

Interrompeu o discurso ao ouvir o som de passos que se aproximavam, acompanhados do tilintar de chávenas e pires. Esquecendo-se de que era convidada em casa de Lady Alice, Essie levantou-se de um salto para abrir a porta. Uma jovem criada entrou a cambalear na sala com uma bandeja repleta de peças de porcelana e um serviço de café em prata. Fielding estava logo atrás dela com um prato de pé com o bolo, e era

evidente pela sua expressão de superioridade que ele não ajudaria a rapariga, que pouco mais era do que uma criança escanzelada.

– Isso é muito pesado para uma menina como você. – Essie tirou-lhe a bandeja das mãos e colocou-a numa mesinha de chá em pau-rosa, ao lado do prato de pé com o bolo. Fulminou Fielding com o olhar, mas ele manteve-se altivo e impassível.

Os olhos pálidos da criada encheram-se de lágrimas, e os seus lábios tremeram.

– Por favor, menina. Isso é o meu trabalho.

– Também sou empregada aqui – disse Essie ousadamente. – Lady Alice acabou de me aceitar para trabalhar na sala de costura, por isso não faz mal que lhe dê uma mãozinha. – Virou-se para Fielding. – Podia tê-la ajudado.

– Sente-se, Essie – disse Lady Alice num tom de voz entediado. – E, Fielding, essa criança devia estar a trabalhar no rés do chão. Esperava mais de si.

Fielding baixou a cabeça e recuou até à porta.

– Tenha cuidado, menina Chapman – disse ele entre dentes. – Está marcada e a menina também, Dixon.

– O que se passa? – exigiu Lady Alice zangada.

Fielding ficou em sentido.

– As minhas desculpas pela Dixon, minha senhoria. Vou relatar o seu comportamento à senhora Dent. Ela tratará da rapariga.

– A culpa não foi dela – protestou Essie. – Este homem é intimidante.

– Basta – disse Lady Alice friamente. – Se alguém vai falar com a minha governanta, sou eu. Diga à senhora Dent que lhe vou dar uma palavra, Fielding. – Despediu-o com um aceno de mão e ele enxotou Dixon para fora da sala, fechando a porta atrás deles.

Essie tinha a sensação de que Fielding faria sofrer a pobre criança, mas nada podia fazer para proteger Dixon da ira dele.

– Aquele jovem precisa de uma lição de boas maneiras. Isto nunca teria acontecido se eu não tivesse mandado o meu mordomo para a casa de campo. – Lady Alice pegou no bule do café. – Não permitirei intimidações de nenhum tipo ou forma entre os meus criados, mas seria sensato da sua parte ter tento na língua, Essie. Tem de ser invisível no que toca ao resto dos meus empregados.

– Sim, minha senhoria. Peço desculpa.

Lady Alice estendeu o braço para puxar o fio de um sinete, com borlas de seda.

– Vou chamar alguém para lhe mostrar onde deve trabalhar e para lhe dar instruções, Essie. Pode dizer que é parente afastada da Moffatt e que foi ela quem a recomendou. Não é preciso elaborar muito, tente apenas não ofender a senhora Dent quando a conhecer. Não me posso dar ao luxo de ter uma rebelião na ala dos criados.

Essie olhou com desejo para os bolinhos dispostos com tanta elegância no prato de pé, mas não queria tirar um e Lady Alice parecia ter esquecido a comida. Essie mal se tinha voltado a sentar quando uma criada respondeu à chamada.

– Leve a menina Chapman para a sala de costura, Morrison. Vai substituir a menina Moffatt.

– Sim, minha senhora. – Morrison olhou Essie com curiosidade. – Siga-me, menina.

*

A sala de costura ficava no terceiro piso da casa e tinha vista para o jardim da casa e para o parque. As moscas voavam cansadas, para cima e para baixo na vidraça, como se desistindo de toda a esperança de fugir da sua prisão. O pó assentara na mesa de trabalho e no assento da cadeira de madeira de espaldar direito, onde Essie se devia sentar. A pequena divisão era quente e abafada e ela abriu a janela, libertando os insetos cativos. Uma lufada de ar fresco encheu o espaço com o odor dos estábulos misturado com o aroma das flores que vinha dos canteiros bem cuidados, mais abaixo. Um jardineiro aparava a relva formando um relvado aveludado e,

no pequeno pátio das traseiras, uma criada batia num tapete como se o castigasse por desobediência. A casa parecia funcionar sobre rodas bem oleadas e Essie sentia-se uma intrusa.

Morrison não tinha sido propriamente simpático e Fielding mostrara-se desconfiado desde o início e agora guardava-lhe rancor. A vida em Hill Street não seria fácil.

Virou-se sobressaltada quando a porta se abriu e uma mulher de meia-idade, vestida de veludo negro, entrou na sala. Até o mínimo movimento era acompanhado pelo tilintar de um grande molho de chaves preso a uma corrente que trazia à cintura. Olhou Essie de cima a baixo.

– Sou a senhora Dent, a governanta de Lady Alice.

Recordando as boas maneiras, Essie baixou a cabeça numa pequena vénia.

– Bom dia, minha senhora.

A sombra de um sorriso perpassou as feições harmoniosas da governanta. A sua pele suave não encontrava alívio nas linhas de riso nem no vinco entre as sobrancelhas, mas era evidente pela sua expressão astuta que nada lhe escapava, e o queixo firme sugeria uma constância de propósito e uma natureza obstinada. Colocou um molho de tecido na mesa.

– Esta roupa precisa de ser arranjada. Espero que seja mais competente do que a pobre menina Moffatt. Já se devia ter reformado há anos.

– Darei o meu melhor, minha senhora.

– Assim espero. – A senhora Dent cruzou os braços, com a cabeça de lado. – Segundo entendo, não vai viver aqui.

– Não, minha senhora. Volto a casa quando terminar aqui os meus deveres.

– E onde é essa casa?

Essie deu-se conta de que estava a ser delicadamente examinada e não quis falar demais.

– Vivo em Limehouse, senhora Dent.

– É um longo caminho a percorrer todos os dias. Porque quer fazer isso?

– O meu pai aleijou-se numa queda – disse Essie, falando verdade. – Tenho de voltar a casa para tratar dele, e precisamos do dinheiro.

– Estou a ver. – A senhora Dent virou-se como se fosse sair da sala, mas deteve-se à porta. – Não vai ganhar muito aqui. Eu não acharia que lhe valesse a pena. O transporte seria muito dispendioso, mais do que pode esperar fazer numas poucas horas de trabalho.

– Faço uma parte do caminho a pé e depois apanho a carreira – disse Essie, improvisando completamente. Não fazia ideia de quanto custaria a passagem, mas parecia razoável e deu a sensação de convencer a senhora Dent, que fez um vago sorriso e saiu, fechando a porta devagar.

Uma vez sozinha, Essie encontrou agulhas e linha numa cómoda e um par de tesouras, e instalou-se para trabalhar. Coser não era a sua ocupação preferida, mas era mais fácil do que trabalhar no rio à noite. O silêncio foi o mais difícil de suportar, estando ela tão habituada a ter barulho constante em casa e no trabalho. A casa de Hill Street bem podia estar deserta, tendo em conta todos os sons que se ouviam no terceiro andar. Sem dúvida que a cozinha fervilhava de atividade e conversa, mas até o canto dos pássaros emudecia naquele nível e os vizinhos bem podiam estar a um milhão de quilómetros de distância, sem berrar e gritar uns com os outros a plenos pulmões, como sucedia em casa. Se havia bebés nos quartos, as amas mantinham-nos sem chorar e as crianças mais crescidas deviam estar completamente ocupadas nos seus quartos de estudo, ou talvez tivessem sido levadas para grandes passeios em Hyde Park pelas tutoras e governantas. Essie dava por si num mundo diferente – onde não se sentia nada à vontade.

Não fazia ideia das horas, mas, a julgar pela posição do sol, passava bastante do meio-dia e estava com fome. A memória do prato de bolos, repleto de gulodices, voltou para a perseguir e ela desejou ter-se adiantado e guardado um no bolso antes de Morrison a ter desanimado. Essie decidiu que, se era assim

que as coisas eram em Up West, preferia a vida dura e irregular, as privações e a pobreza de East End. Pelo menos, sabia-se em que pé se estava com a senhora Flower – sentia-se o cheiro do balde a um quilómetro de distância, mas tinha sempre uma palavra amável e um sorriso. Josser, o tolo, também não era propriamente bem cheiroso, mas oferecia a sua última moeda, caso tivesse uma, e Ben perguntava-se onde estaria ela. Essie tentou esquecer a barriga que roncava e pôs-se a coser, arrecadando todas as suas experiências para as contar a Ben quando o tornasse a ver.

Uma tímida pancada na porta trouxe-a de volta à terra e ela deu um salto, picando o dedo e gemendo quando uma gotinha de sangue subiu à superfície.

– Entre – murmurou.

Dixon enfiou a cabeça na abertura da porta.

– Trouxe-lhe uma bucha, menina. Acho que se devem ter esquecido de si ao fundo das escadas.

Olhou por cima do ombro, como que a verificar que a costa estava livre antes de deslizar para dentro da sala. Tinha feito uma trouxa com o avental, de onde tirou um naco de pão e umas fatias de fiambre.

– Conseguir sacar isto da mesa da cozinha. – Levou a mão ao bolso e tirou de lá uma maçã e um pedaço de queijo. – Desculpe não ser grande coisa, mas foi boa para mim. Nunca ninguém me defendeu, por isso quis fazer alguma coisa por si.

– É muito amável, Dixon. – Essie fitou a rapariga, de sobrolho carregado. – Não posso continuar a chamar-lhe isso. Eu chamo-me Essie. Como se chama?

– Sadie, menina Essie.

– Só Essie, chega. – Essie olhou para a comida e cresceu-lhe água na boca. – Espero que isto não lhe traga problemas lá em baixo.

– Já estou habituada, menina. Arco com as culpas de tudo, desde o leite que azedou até ao senhor Fielding perder dinheiro nos cavalos. Gosta de apostar, o senhor Fielding, mas

não conta à senhora Dent como passa as tardes de folga, nem onde vai ao domingo quando está toda a gente na igreja.

– Onde vai ele? – Essie esforçou-se por manter uma cara séria, mas a conversa infantil de Sadie deu-lhe vontade de rir, nem que fosse apenas pelo puro alívio de ter uma conversa simpática com alguém.

– Está de amores com a Iris Morrison – sussurrou Sadie. – Mas não diga a ninguém que lhe contei. A Iris perde o emprego se a senhora Dent descobrir que saem juntos, mas o senhor Fielding negará tudo e a Morrison é despedida. Não é justo, mas é como as coisas são.

Aquilo era demais para Essie, que soltou uma risadinha.

– Desculpe. Eu sei que não tem graça, mas começava a achar que toda a gente por aqui era empertigada e inacessível. Você é uma lufada de ar fresco.

Os olhos azul-pálidos de Sadie abriram-se muito.

– Nunca me chamaram isso. – De repente, ficou alerta, como um pequeno animal que pressentia a raposa à caça. – Tenho de ir, senão ainda me meto em mais sarilhos. Devia estar a esfregar as panelas na copa.

– Bom, fico muito grata pela comida – disse Essie com sinceridade. – Mas não deve pôr o seu trabalho em risco por minha causa, querida Sadie. Irei mais tarde à ala dos criados apresentar-me a todos. Tenho a certeza de que alguém me dirá o que devo fazer relativamente às refeições.

– A cozinheira é simpática, menina. Mas fica um bocado incomodada quando estorrica as coisas e depois uma pessoa tem de evitar as panelas a voarem e ela não poupa os palavrões quando fica nesse estado. O senhor Barton não está aqui agora, mas é uma melga em questões de comportamento e unhas limpas. As criadas da cozinha são esquisitas. Às vezes são simpáticas e outras vezes querem arrancar os olhos umas às outras, como gatos vadios do beco.

– Parece ser um lugar horrível para trabalhar – disse Essie, pensativa. – Não pode ir para casa, para junto da sua família?

– Não tenho nenhuma, menina. Foi criada no orfanato. Há muitos miúdos como eu por aí. Até acho que tenho sorte por ter um teto por cima da cabeça e três refeições por dia. Podia ser pior. – Recuou até ao patamar e os seus passos foram esmorecendo enquanto corria para as escadas das traseiras.

Depois de ter comido todas as migalhas, Essie começou a trabalhar com renovada energia e, ao final da tarde, quase terminara a pilha de roupa para remendar. Doíam-lhe as costas e tinha os dedos doridos, pois perdera a conta às vezes que os picara na agulha, mas sentia uma certa satisfação ao olhar para as peças bem remendadas e cosidas, prontas a usar. Quase se esquecera da verdadeira razão para estar em Hill Street quando Lady Alice entrou airosamente na sala.

– Não a mandei chamar, Essie, porque os criados iam ficar curiosos. Quero que seja o mais discreta possível.

– Eu compreendo, minha senhora. Tem alguma coisa para mim?

Lady Alice anuiu e entregou-lhe um documento selado.

– Entregue isto a Raven e diga-lhe que o dinheiro está depositado no banco. Ele sabe em qual e já combinei outro encontro com o advogado dele amanhã às onze, mas desta vez ele terá de ir sem mim.

– Eu digo-lhe isso, sua sen horia.

– Ótimo. Confiamos em si, Essie. Isto é extremamente importante pode dizer-se que é uma questão de vida ou de morte de modo que nada pode correr mal. Compreende?

– Compreendo, sua senhoria.

– Então, não digo mais nada. – Lady Alice tirou uma bolsinha de couro da sua mala e pousou-a na mesa. – Tem aí dinheiro que chegue para pagar o aluguer da carruagem. Espero-a aqui depois da reunião do Raven com o advogado. Não é seguro para mim ser vista com ele, por isso a Essie irá em meu lugar. Agora vá. Vemo-nos amanhã.

*

Essie foi uma parte do caminho a pé, mas estava calor e começou a ter medo de ser empurrada nos passeios apinhados. Acabou por chamar uma carruagem, entrando nela em Fore Street, e seguiu o seu caminho pelo cais, na esperança de se cruzar com Ben. Devia-lhe uma explicação, mas podia ser difícil sem denunciar o seu novo posto em Hill Street. Estava perdida nos seus pensamentos quando foi abordada por Diggory Tyce que saiu da sombra de um grande guindaste.

– Com que então, voltou para nós, Essie Chapman. Onde esteve o dia todo? Creio que o Riley tem andado à sua procura.

– Não é da sua conta, senhor Tyce. – Essie tentou passar por ele, mas Diggory Tyce era um homem grande e ágil para o seu tamanho.

– Não me venha com disparates, menina. Eu sei que se passa alguma coisa. Vi o homem que trouxe para terra na outra noite. Em que é que o seu pai a meteu agora?

– Não sei de que está a falar. – Essie debateu-se, mas ele agarrou-lhe o braço com mais força.

– Largue-me, senão grito.

Procurou um rosto familiar, mas estava tudo invulgarmente silencioso para aquela hora do dia. Ele inclinou-se, aproximando o rosto do dela.

– Dê-me um beijo, menina. Gosto de si e agora que o seu pai está fora de jogo, não há ninguém para a defender.

– Aí é que se engana. – Ben apareceu dirigindo-se a eles, as mãos em punhos. – Deixe-a, patrão.

– Senão o quê? – exigiu Diggory, a sorrir. – Depende de mim para ganhar a vida, rapaz. Está-me obrigado durante mais um ano e eu posso dar cabo de si, por isso vá-se embora e deixe-me divertir, para variar.

Essie conseguiu soltar o braço.

– Você é miserável, Diggory Tyce. Deixe o Ben de fora disto, mas o meu pai vai saber deste assunto, isso lhe garanto. Não vai ficar acamado para sempre e depois será melhor precaver-se.

Diggory recuou, o rosto contorcido de raiva.

– Rameirazinha. Abana a cabeça e é toda sorridente quando quer alguma coisa. Há um nome para raparigas dessas.

Ben avançou um passo para ele, mas Essie segurou-o.

– Não, Ben. Não te metas em trabalhos por minha causa. Eu sei tomar conta de mim.

Ben deixou cair as mãos ao lado do corpo, contrariado.

– Eu levo-te a casa, Essie.

– Não leva, não. Trabalha para mim e ainda há muito para fazer. – Diggory virou-se e seguiu na direção do escritório do responsável pelo cais. – Vai-se arrepender disto, Essie Chapman.

Ela abanou a cabeça.

– É um bruto. É de admirar que eu não tenha visto isso antes, mas nunca se tinha comportado assim.

– Lamento, Essie. Devia tê-lo mandado ao chão quando tive oportunidade. – Ben enfiou as mãos nos bolsos, de ombros descaídos como se carregasse o peso do mundo às costas. – Mas ele tem razão. Estou vinculado a ele até acabar a minha aprendizagem. Às vezes gostava de ter ido para o mar ou para o exército.

– Vamos continuar a andar. Não lhe quero dar a oportunidade de te desancar por te baldares ao trabalho. – Essie enfiou a mão no braço dele. – Se tivesses feito uma coisa dessas, seria a minha perdição, Ben. Aprecio muito o que acabaste de fazer.

– Só piorei as coisas.

– Não é verdade. Ele podia ter ido mais longe se não tivesses intervindo, e estou grata por isso.

Ele parou ao cimo das escadas que iam dar à margem do rio, onde havia pessoas a apanhar os detritos deixados pela maré baixa.

– Onde andaste o dia inteiro? O Riley perguntou-me onde estavas e eu não sabia o que dizer. O teu barco continua onde o

deixaste, por isso eu sabia que não estavas a trabalhar no rio.

– Não te posso dizer, Ben. Fui fazer um recado a uma pessoa, é a única coisa que te posso dizer, mas agora vou para casa. – Essie recuou. – Mas primeiro será melhor ir fazer as pazes com o Riley. – Apressou-se a ir embora, antes de ele ter oportunidade de lhe fazer mais perguntas. Não ia ser fácil guardar segredo dos amigos e ela esperava que Raven acabasse depressa o que tinha a fazer e os deixasse em paz.

Riley ergueu os olhos quando ela entrou no escritório, mas a sua expressão sombria não era encorajadora.

– Que simpático da sua parte aparecer, menina Chapman. Deve saber que passei o dia todo à sua procura?

– Sim, e lamento imenso, senhor Riley. Tive trabalho numa outra parte da cidade.

– Julguei que era boa rapariga, Essie. Só me vem à cabeça um tipo de ocupação.

– Não tenho de lhe dar explicações.

– Então não se vai importar que eu tenha arranjado outra pessoa para fazer o trabalho que geralmente lhe daria a si. Desilude-me, Essie Chapman, e o seu pai vai ter de saber. Atrevo-me a dizer que tem estado na companhia de algum jovem que gosta de si, mas aviso-a de que isso só lhe vai trazer problemas. Pode achar-se bonita, com os seus grandes olhos esverdeados e os caracóis negros compridos, mas vocês, as raparigas, são todas iguais, no fundo são umas rameiras que seduzem os homens.

– Tem uma opinião muito má das mulheres, senhor Riley. Talvez tenha sido enganado no amor, ou algo assim, mas sou uma rapariga respeitável e não vou ficar aqui a ouvir os seus insultos.

– Saia do meu escritório e não me venha bater à porta quando estiver desesperada por trabalho, porque para mim está acabada. Agora, vá-se embora antes que eu a ponha daqui para fora.

# Capítulo Quatro

Essie não se atreveu a contar ao pai o que aconteceu no escritório do responsável do cais e nem referiu a questão com Diggory Tyce. O pai podia ter muitos defeitos, mas ficaria furioso se soubesse que ela tinha sido abordada na rua e, mesmo no seu estado de fraqueza, podia muito bem pôr-se a rosnar, pronto para a luta. Havia certas coisas que era melhor manter secretas, e esta era uma delas.

Só viu o Raven na manhã seguinte. Desceu com ar cansado, mas determinado.

– Vou sair pela porta dos fundos – disse com firmeza quando ela lhe transmitiu a mensagem de Lady Alice. – Dê-me uns minutos e depois saia como se fosse tratar da sua vida normal. Terei uma carruagem à espera no início da Fore Street.

– De que estão os dois a falar? – Jacob entrou na cozinha a coxear. – O que se passa convosco?

– Nada, pai – apressou-se Essie a dizer. – O senhor Raven arranjou-me trabalho numa mansão em Up West. O dinheiro irá permitir-nos viver até o pai estar outra vez bom para poder voltar ao trabalho.

Jacob fulminou Raven com o olhar, baixando a fronte numa expressão carrancuda.

– Não lhe permito que se aproveite da minha filha, senhor.

– Asseguro-lhe que nada existe de menos próprio no meu trato com a menina Chapman. – Raven pousou uma bolsa de couro na mesa da cozinha com um tilintar de moedas. – Será bem recompensado, Chapman. Saldo sempre as minhas dívidas.

Jacob agarrou no dinheiro antes que Essie tivesse oportunidade de fazer um gesto.

– Vou precisar de algum desse dinheiro, pai – protestou ela.

– Abandonaste-me por uns novos amigos. Eu cá me arranjo muito bem sozinho. – Jacob enfiou a bolsa no bolso e voltou à sala da frente, batendo com a porta atrás de si.

Essie suspirou.

– Vai gastar tudo no Grapes, oferecendo ponche de rum aos amigos.

– Não tem de viver uma vida assim – disse Raven sinceramente. – Tenho a certeza de que a minha prima a aceitaria em regime interno, se quisesse deixar Limehouse.

– Esta é a minha casa. O rio e a gente daqui são parte de mim e este é o meu lugar.

– É uma pena ter uma visão tão limitadora com a sua idade. Há um mundo lá fora, caso queira abraçá-lo.

Essie pousou a chávena de chá na pia de pedra.

– Talvez eu tenha de cometer um crime para ser levada para a Austrália como o senhor. Será que isso me alargaria os horizontes, senhor Raven?

– Eu não iria tão longe – disse ele a rir. – Mas é uma jovem bonita e é inteligente. Merece mais do que isto.

Essie teve uma súbita visão de si casada com Ben, a viverem em quartos arrendados ao fundo da rua com um novo bebé a chegar a cada ano, como um relógio.

Era esse o destino da maior parte das mulheres de Limehouse – isso ou trabalhar até caírem para o lado de exaustão, fome, ou de uma das muitas doenças que proliferavam entre os pobres.

– Não é hora de sairmos? – disse ela rispidamente. – Quanto mais depressa resolver os seus assuntos, mais depressa pode regressar à sua mina de ouro e deixar-nos a todos em paz.

*

Essie estava sentada no gabinete do funcionário judicial à espera que Raven aparecesse. O relógio da parede em frente fazia um tiquetaque ruidoso, acompanhado pelo raspar da caneta do homem, que escrevia laboriosamente, com a ponta da língua presa entre duas fileiras de dentes amarelados. Essie mudou de posição no assento duro da cadeira de madeira, que não tinha sido concebida para dar conforto. De vez em quando, o funcionário fungava e olhava-a de relance, para

depois regressar ao livro aberto à sua frente. O som de uma porta a abrir-se e a fechar-se, seguido de passos, fê-los endireitarem-se nas cadeiras.

Raven passou por Essie.

– Venha. Está na hora de irmos.

Ela levantou-se de um salto e seguiu-o, saindo do edifício para Lincoln's Inn.

– O que aconteceu? – quis ela saber. – Para onde vamos agora?

Ele prosseguiu até estarem no relativo isolamento dos jardins soalheiros, e então parou.

Retirou um documento do bolso interno do casaco e pôs-lho na mão.

– Leve isto para Hill Street e entregue-o pessoalmente a Lady Alice.

Essie enfiou-o na bolsa.

– Assim farei, claro, mas pode dizer-me de que se trata tudo isto?

Ele abanou a cabeça.

– Não se esqueça de que sou um condenado fugitivo e que ajudar-me é crime, de modo que, quanto menos souber, melhor, para seu bem.

– Mas estava apenas a defender o seu irmão. O senhor é a parte lesada, pois ficou com a sentença dele. Continuo sem perceber porque o fez.

– Se fosse o George, o seu irmão, a meter-se num sarilho, não faria tudo para o ajudar?

– Sim, claro, mas por certo que já sofreu o bastante, não?

O Raven fez um sorriso oblíquo e encantador que o fez parecer infinitamente mais acessível e lhe conferia um ar quase de rapaz.

– Sou rijo e capaz de aceitar provações e sair por cima. Fiz uma fortuna na Austrália e tenciono partilhá-la com os que me

são mais próximos e mais queridos. Se investir sensatamente, terei alguma coisa a que voltar quando for um homem livre, mas aquilo que eu realmente quero é apelar contra a sentença, na esperança de ser absolvido.

– Está a arriscar-se terrivelmente.

– O navio que aqui me trouxe parte amanhã e eu partirei nele. A minha missão está realizada, quase.

– Quase?

Ele levantou a mão para chamar uma carruagem que ia a passar.

– Faz muitas perguntas. Leve isto à Alice e em breve ficará livre de mim.

Fê-la subir na carruagem, mas esperando que esta parasse.

– Hill Street, por favor.

*

Lady Alice tomou o documento selado das mãos de Essie.

– Portou-se muito bem, obrigada.

– Já acabei, sua senhoria?

– Acho que é melhor esperarmos até o meu primo estar a bordo do navio em segurança, a caminho da Austrália, antes de tomarmos alguma decisão precipitada. Quanto mais depressa ele se for embora, melhor para todos.

Essie hesitou, à espera de mais instruções.

– Devo continuar a trabalhar na sala de costura, sua senhoria?

Lady Alice quebrou o lacre e estudou o conteúdo, de sobrolho franzido.

– Sim, continue como ontem. Não quero que os criados desconfiem de nada. O melhor é ficar na sua sala e eu peço à Dixon que lhe leve as refeições. Não quero que comece um jogo de bisbilhotice na ala dos criados.

– Sim, sua senhoria.

Dando-se conta de que tinha sido dispensada, Essie deixou Lady Alice dedicada ao documento. Fechou a porta e dirigia-se às escadas do fundo quando deu de caras com Sadie.

– Oh, está de volta – gritou Sadie com alegria. – Estavam a fazer apostas lá em baixo em como não ia aguentar mais um dia.

– Não vejo porquê – disse Essie cautelosamente. – É um tipo de trabalho bastante fácil e agradável.

– A senhora Dent disse à cozinheira que não lhe pareceu que a Essie fosse do tipo que assenta em tarefas tão mundanas. Disse que provavelmente seria uma cabeça no ar e que as raparigas bonitas dão sempre problemas.

– Não sei se me devo sentir irritada ou lisonjeada.

Essie riu-se, mas a memória de Diggory Tyce a tentar beijá-la perseguia-a em sonhos e nessa manhã acordou sentindo-se enojada e zangada.

– Não vai dizer nada, pois não? – perguntou Sadie, ansiosa. Dão-me cabo das orelhas se fizer queixa de mim.

– Não se preocupe, não direi uma palavra. Seja como for, a Lady Alice disse que me ia trazer as refeições, por isso não me vou misturar com os criados lá em baixo.

Os olhos de Sadie ficaram redondos de surpresa e deixou cair o queixo.

– Ora bolas, quem diria? Ela geralmente não interfere com a gestão das coisas; quem faz isso é a senhora Dent. Sua majestade lá em baixo não vai ficar contente.

Essie deixou Sadie ao fundo das escadas estreitas a falar baixinho com os seus botões. Já havia intriga suficiente sem implicar os criados de Hill Street, e ela duvidava que Sadie resistisse à tentação de transmitir um boato sumarento instigado por uma palavra descuidada.

Havia uma nova pilha de roupa para arranjar na sala de costura e Essie pôs-se a trabalhar com vontade. Podia por fim apreciar a paz e o silêncio ali, acima das copas das árvores, embora tivesse a sensação de que havia uma tempestade a

formar-se. Não havia particular razão para alarme, mas Essie tinha visto a expressão no rosto de Lady Alice quando lia o documento, e era de perplexidade, seguida de um apertar de lábios e de um sobrolho franzido.

Quando o sol ia bem alto no céu, por volta do meio-dia, Sadie chegou com uma tigela de sopa e um naco de pão. Desapareceu de novo depois de uma breve saudação, para regressar minutos mais tarde com uma bandeja de chá.

– Sua senhoria disse que a Essie era para ser bem tratada. – Pousou a bandeja na mesa com um suspiro expressivo. – Devia ser uma mosca na parede da cozinha, menina. Não sabem quem é nem de onde vem, e estão a enlouquecer. O senhor Fielding é o pior. Diz que de si não vem coisa boa e sua senhoria devia ser avisada, e depois a senhora Dent disse-lhe que tivesse tento na língua, e ele não gostou nada. Depois a cozinheira defendeu-o e levou uma descompostura da senhora Dent, porque ela não admite atrevimentos a ninguém. Lá em baixo é melhor do que uma ida ao circo.

Essie provou a sopa.

– Diga à cozinheira que a sopa está deliciosa, mas não diga mais nada. Vou continuar com o meu trabalho e a Sadie tem de tentar manter-se longe de problemas.

A rapariga bateu de lado no nariz, piscou um olho e sorriu.

– Não me divertia tanto desde que a matrona do hospital do orfanato foi mordida no rabo pelo seu cão. Ficou lá agarrado e não largava, e foi bem feito por ela lhe bater com a vara, como nos batia a nós sempre que lhe apetecia. Bastava olhar para ela da maneira errada e logo ia buscar aquele ferrão à parede e vinha para nós com aquela cara toda enrugada de raiva e com as pontas das orelhas a escaldar.

Sadie saiu da sala e Essie ouviu-a rir o caminho todo até às escadas.

O resto do dia passou sem nada digno de nota, mas Essie estava inquieta e a tarde arrastou-se. A curiosidade que sentia pela informação passada a Lady Alice incomodava-a como uma dor de dentes, mas ela sabia que teria de esperar para ter

oportunidade de falar com o Raven, embora não houvesse garantias de que ele lhe fosse contar alguma coisa. Ansiava por saber mais sobre Freddie e o seu exílio em Itália, e o próprio Raven era um mistério que ela achava intrigante e exasperante.

Sadie levou-lhe uma chávena de chá ao fim da tarde. Desta vez, estava mais calada, porque tinha tido problemas com a cozinheira por partir um prato, cujo custo seria deduzido do seu salário dessa semana, o que significava que trabalhara quase por nada.

– Preferia que me batesse. – O lábio inferior de Sadie tremia e tinha os olhos marejados de lágrimas. – Ia comprar um par de botas com o meu salário. Vi umas bonitas na casa de penhores de Shepherd Market. Eram de pele vermelha com uns saltinhos que me fariam parecer mais alta, e portanto mais crescida. Se as pessoas acharem que sou mais velha, hão de me tratar melhor.

– Pele vermelha – disse Essie, pensativa. – Não são muito práticas para o trabalho, Sadie. Duvido que a senhora Dent aprovasse.

– Mas ia parecer uma princesa; só as usaria quando me vestisse bem e depois guardava-as numa caixa debaixo da cama para as poder calçar à noite. Aposto que conseguiria andar com a ligeireza de uma fada com essas botas e ninguém se riria de mim.

– Não duvido – disse Essie, a sorrir. – Tenho a certeza de que um dia terá as suas botas vermelhas. – Bebeu o chá, que arrefecia depressa, e entregou a chávena a Sadie, que olhava pela janela com uma expressão arrebatada nas pequenas feições, como se sonhasse acordada.

– Ah! – Essie aclarou a garganta tentando trazer Sadie de volta ao presente. – Preciso de falar com sua senhoria antes de ir para casa. Sabe onde posso encontrá-la?

Sadie pestanejou e olhou-a como se tivesse acabado de acordar de uma sesta. – Levei uma bandeja de chá para a sala de estar antes de vir aqui. Mas não pode ir interrompê-la. Isso não se faz. Tem de pedir à senhora Dent.

Essie estendeu o braço para pegar no chapéu e no xaile.

– Não se preocupe, eu sei o que estou a fazer.

*

Essie bateu à porta da sala de estar e aguardou com impaciência. Tinha acabado o seu trabalho e estava ansiosa por se afastar da atmosfera entorpecedora da casa de Hill Street, onde os criados pareciam ter o poder supremo, deixando Lady Alice sozinha e vulnerável. Como não obteve resposta, Essie abriu a porta e entrou, mas a visão que deparou fê-la deter-se. Por um instante, não era claro se sua senhoria desfrutava dos avanços de um homem que a segurava nos braços ou se se debatia para se libertar.

– Oh perdão, peço desculpa. – Essie estava prestes a retirar-se, mas um grito de Lady Alice obrigou-a a manter-se firme. – Está bem, minha senhora?

– Dê-me esse documento, Henry. – Lady Alice estendeu a mão. – Dê-mo imediatamente. Não é da sua conta.

Ele atirou-lho.

– Tome, Alice – disse virando-se para Essie.

– Mas quem raio é você? – O homem, que estava vestido como um cavalheiro, embora não se comportasse como tal, avançou para Essie com uma expressão sombria nas suas belas feições. – Como se atreve a irromper assim na sala de estar de sua senhoria? Saia daqui.

– Não, espere. – Lady Alice encerrou o pedaço de pergaminho na mão. – Sir Henry estava já a sair. Tenho de falar consigo, Chapman. – As suas faces pálidas coraram quando o fitou com um olhar constante. – Presumiu mal, Henry. Não estou nada interessada naquilo que tem para me oferecer, nem na sua ameaça de denunciar o meu primo.

– É o que veremos, Alice.

– Tem a minha resposta, agora quero que se vá embora.

Ele anuiu, mas foi um gesto falso.

– Minha senhora.

Passou por Essie, lançando-lhe um olhar tempestivo, e bateu com a porta ao sair.

Essie acorreu a acudir a Lady Alice, que de repente estava pálida e oscilava como que prestes a desmaiar.

– Sente-se bem, minha senhora?

– Preciso de um minuto. – Alice afundou-se no sofá, abanando-se com a mão. – Sir Henry Bearwood não é homem que se deva irritar.

– Se quer saber a minha opinião, os homens são todos iguais – disse Essie com ousadia. – O Diggory Tyce é outro que tal. Julgam que se podem dar a liberdades e que se safam sempre.

– Efetivamente – disse Lady Alice vagamente. – Mas este caso é muito diferente. – Levou a mão à testa e fechou os olhos, como que em sofrimento.

Essie olhou em redor e viu uma mesa replete de decantadores e copos de cristal. Parecia ser o momento ideal para um golo de algo mais forte do que chá e pegou numa ao acaso, retirou-lhe o travão e cheirou. O pai só bebia brande em ocasiões especiais, mas isto era meramente medicinal e ela deitou uma pequena dose num cálice e empurrou-o para a mão fria de Lady Alice.

– Beba isto, minha senhora. Vai sentir-se melhor.

– Obrigada, Essie. Já fico bem, é só um momento. Apanhou-me desprevenida e, infelizmente, viu os documentos do gabinete do advogado. – Lady Alice bebericou o brande e a cor subiu-lhe às faces delgadas. – Não sei quanto leu, mas foi o bastante para o alertar para o facto de o Raven estar no país. Se eu ao menos tivesse tido o bom senso de lhe deitar fogo para que se desfizesse em cinzas.

– Ele não tinha o direito de ler a sua correspondência pessoal, minha senhora. Não é um cavalheiro.

Um débil sorriso ergueu os cantos dos lábios de Lady Alice.

– Sir Henry é um dos homens mais ricos de Inglaterra, portanto comporta-se como lhe apetece e sai-se sempre bem, ou pelo menos assim pensa.

– Mas a senhora não gosta dele.

– Eu costumava achá-lo divertido e por vezes consegue ser encantador, mas gosto da minha vida. Não preciso de um homem para me sentir completa, mas o Henry não é do tipo que aceite um não.

– O meu pai pode ter muitos defeitos, mas mataria qualquer homem que se aproveitasse de mim.

– O meu pai morreu há vários anos e os meus únicos parentes são o Raven e o Freddie. Eu sei tomar conta de mim, ou pelo menos julgo que sim, mas o Henry Bearwood é outra coisa.

– Quer que eu conte a Raven, minha senhora? Virá em seu socorro, tenho a certeza disso.

Um sorriso perpassou o rosto de Lady Alice, que bebeu outro gole de brande.

– Eu geralmente sou capaz de lidar com Sir Henry, mas este assunto é completamente diferente. Agora deve ir avisar o Raven para que seja extremamente cuidadoso. Não deve voltar aqui, a menos que seja absolutamente vital. Creio que o Sir Henry não desceria ao ponto de observar os meus movimentos, mas é um homem muito determinado.

– Deve amá-la muito – disse Essie, pensativa.

– Ama mais o meu *pedigree* do que a mim. A família dele fez fortuna com o negócio do açúcar, o que significa que se alicerça na miséria alheia. Eu abomino a escravatura, como deveria fazer qualquer pessoa sã.

– Seguramente não terá escravos agora.

– Claro que não, mas o Henry tem uma reputação com as mulheres, e não tenho qualquer intenção de ser uma das suas conquistas. A verdade é que ele chegou aos trinta e cinco anos, decidiu assentar e quer um filho e herdeiro que carregue o seu nome. É aí que entro eu, pelo menos é o que ele deseja.

– Mas a senhora não?

Lady Alice abanou a cabeça, segurando o copo vazio.

– Não. Seja como for, não lhe devia estar a contar isto tudo. Sirva-me mais uma bebida e vá para casa. Avise o Raven de que Sir Henry sabe dos seus planos para apelar da sentença, embora duvide que o Henry vá fazer alguma coisa em relação a isso. Diga a Raven que lhe desejo uma boa viagem. Só o voltarei a ver quando regressar homem livre, e espero continuar eu a ser uma mulher livre.

Essie acrescentou mais uma pequena dose de brande ao copo e pousou-o numa mesinha junto do sofá.

– Fica bem?

– Mas é claro. Estou habituada a tomar conta de mim, Essie. Vá para casa, e obrigada por tudo.

*

Essie chegou a casa e encontrou o Raven e o pai sentados na sala da frente a partilharem um jarro de cerveja.

Raven ergueu os olhos e sorriu.

– Como recebeu a minha prima as novidades?

Confusa, Essie fitou-o.

– Que novidades?

– Parece então que não as partilhou consigo. Entregou-lhe alguma mensagem para mim?

– Pediu-me que lhe dissesse que fizesse uma boa viagem. Não virá aqui e eu não devo regressar a Hill Street.

– Tanta coisa – disse Jacob irritado. – Devias saber qual é o teu lugar, Esther. É aqui em White's Rents, connosco. Preciso que me ajudes no rio, portanto não te ponhas com ideias relativamente à tua posição.

– Espere um minuto, Jacob. – Raven fitou Essie com um olhar penetrante. – A que se deve essa súbita mudança, Essie? Não que eu ache que tenha de continuar a trabalhar para a Alice, mas vejo que está incomodada. O que se passa?

– Disparate! – Jacob estendeu o braço para o jarro e tornou a encher o copo. – As raparigas gostam de fazer dramas com

tudo. É o que sabem fazer, deixando para os homens o encargo de tratarem da confusão que armaram.

– Vou pôr a chaleira ao lume.

Essie travou a língua com dificuldade. Às vezes era impossível lidar com o pai, e esta era uma delas. Foi para a cozinha e despiu o xaile, colocando-o nas costas de uma cadeira antes de tirar o chapéu. Estava com sede e calor, depois de ter percorrido a pé a distância desde Fore Street e o suplício de Lady Alice continuava bem fresco na sua cabeça. Pegou num balde e abriu a porta das traseiras, com a intenção de ir ao poço comunitário, quando o Raven chegou da sala. Percebeu tudo com um simples olhar.

– Dê-me isso que eu vou buscar-lhe a água.

– Não, mas é claro que não! Não pode ser visto lá fora. Sabe bem disso.

Raven puxou uma cadeira e sentou-se à mesa.

– Está bem. Agora conte-me o que aconteceu que tanto a perturbou. Os criados foram difíceis? Não imagino a Alice a dizer nada menos próprio.

Essie ficou calada por um instante, a pensar o que lhe deveria contar.

– Conhece Sir Henry Bearwood?

– Não é o tipo de homem com que eu me daria em circunstâncias normais, mas como o conhece a Essie?

– Não conheço. Só que ele estava a tentar aproveitar-se de Lady Alice e ela não foi nisso.

– Esse demónio! Mas, por outro lado, bem gostava de conhecer o homem que conseguisse levar a melhor sobre a minha prima. – O sorriso de Raven esmoreceu. – O que está a tentar dizer-me?

– Eu não devo dizer nada – disse Essie devagar.

– Mas está morta por me contar, por isso força.

– Lady Alice quer que abandone o país o mais depressa possível e que não tente vê-la.

– Não era isso que ia dizer. Está a esconder alguma coisa. De que se trata?

Essie reparou na expressão rígida e no maxilar tenso e soube que ele não iria desistir enquanto não soubesse a verdade.

– Sir Henry estava a ser incomodativo, se é que me entende. Quer casar com Lady Alice e ela não está interessada, mas viu os documentos que lhe enviou.

Raven levantou-se abruptamente, empurrando a cadeira de tal forma que ela quase caiu.

– Eu já trato dele.

– Não, não pode fazer isso – gritou Essie, ansiosa. – Eu não lhe devia ter contado. Lady Alice vai ficar furiosa comigo e o senhor vai acabar por se meter em problemas. Ela acredita que ele não contará que o senhor se encontra aqui. – Agarrou o braço de Raven e sentiu os músculos tensos sob a manga do casaco de bom corte.

– Por favor, sente-se. Vou buscar água e fazer um bule de chá.

A gargalhada sombria de Raven fez eco por toda a cozinha.

– Chá é a panaceia para todos os males.

– Creio que Lady Alice sabe tomar conta de si – disse Essie com firmeza. – Foi clara quanto a uma coisa: que ficasse longe de Hill Street. Só tem mais um dia, depois partirá de volta à Austrália.

– Vim a casa para tornar as coisas mais fáceis para a minha família e não me vou embora deixando a Alice metida num problema. Arriscou muito ao ajudar-me e eu vou tratar desse Bearwood de uma vez por todas. – Levantou-se e dirigiu-se à porta das traseiras, passando por Essie quando saiu para o pátio.

Essie foi a correr atrás dele.

– Por favor, pare. Assim vai arranjar ainda mais problemas.

Ele sacudiu a mão que o prendia.

– Não interfira, Essie. Fez a sua parte, agora entre e vá cuidar do seu pai.

Essie sabia que não podia dizer nem fazer nada que o impedisse de ir à procura de Sir Henry Bearwood e desejou, do fundo do coração, não ter dito nada. Lady Alice devia saber que Raven reagiria assim e que agora o esperavam problemas. Essie cerrou os punhos ao lado do corpo e deitava fumo no seu íntimo, por ter sido tão estúpida. Aquilo não traria nada de bom. Ainda contemplou a ideia de acorrer a Hill Street para avisar Lady Alice, mas essa não era a solução. Dobrou-se para apanhar o balde e atravessou o pátio em direção ao poço. Uma chávena de chá não lhe resolveria os problemas, mas prepará-la dava-lhe alguma coisa para fazer. Era como se o tempo tivesse parado enquanto Essie esperava pelo regresso de Raven. Ocupou-se o melhor que pôde com tarefas domésticas. Preparou um jantar simples de pão e queijo para o pai, mas a quantidade de cerveja que ele tinha bebido, misturada com um dose de láudano, pô-lo a dormir logo de seguida e Essie foi deixada à espera, a preocupar-se sozinha. Lá fora, a vida do bairro decorria como sempre, com o barulho constante de vozes que se erguiam, de passos rápidos e o permanente ruído de fundo do tráfego fluvial.

Apitos, sirenes, sinos e a engrenagem das gruas a descarregarem os navios atracados no cais durava o dia todo e a maior parte da noite. A luz esmoreceu e Essie andava de um lado para o outro, acompanhada pelos roncos rítmicos que saíam dos lábios do pai. Ele tinha bebido uma grande quantidade de cerveja e tomara uma boa dose de láudano antes de mergulhar naquele estupor. Essie acendeu uma vela e colocou-a à janela, mas continuava sem haver notícias de Raven. Para tentar acalmar os nervos, abriu a porta da frente e deixou-se ficar no degrau, mas retirou-se depressa para dentro. Não era boa ideia andar pelas ruas à noite e ela entrou para a cozinha e sentou-se. A vela tinha sido consumida e Essie preparava-se para ir para o seu quarto quando ouviu um raspar na porta da frente.

– Quem está aí? – exigiu, nervosamente.

# Capítulo Cinco

Essie abriu a porta e pôs-se de lado quando Raven praticamente caiu na sala apoiado por Lady Alice e Sadie, uma de cada lado.

– O que aconteceu? – quis saber Essie, fechando a porta e trancando-a. Parecia não haver ninguém a segui-los, mas ela não queria arriscar. – O que aconteceu? – Pegou numa vela e à luz tremeluzente viu uma mancha escura com uma aparência suspeita de sangue no casaco de Raven. – Levem-no para a cozinha – disse ela, olhando ansiosamente para o pai, que até então estivera a dormir; a última coisa que ela queria era perturbá-lo.

– Eu estou bem – murmurou Raven. – Eu consigo sozinho.

– Não fale e poupe o fôlego. – Lady Alice guiou-o até à cozinha, mas Sadie parecia estar a fraquejar e Essie tomou o seu lugar. Juntas, conseguiram pô-lo numa cadeira à mesa e, com o esforço conjunto, libertaram-no do casaco.

– Está a esvair-se em sangue – gritou Sadie, deixando-se cair noutra cadeira. – Não suporto ver sangue. Quase desmaiei.

– Faça-se útil – disse Essie rispidamente. – Há uma taça no armário: encha-a de água da chaleira e passe-me a toalha.

Sadie levantou-se de um salto, parecendo esquecer que estava prestes a desmaiar e obedeceu às instruções de Essie sem mais uma palavra.

– É só um arranhão. Deixem-se de coisas. – Raven tentou levantar-se, mas afundou-se de novo na cadeira, com o rosto pálido sob o bronzeado.

– Pare de falar – disse Lady Alice com firmeza. Vou despir-lhe a camisa, Raven. Tenho de ver o ferimento.

– Então agora é enfermeira? – Os lábios de Raven curvaram-se num sorriso sarcástico, mas estremeceu quando ela descolou a peça de algodão ensopada em sangue do buraco palpitante do ombro esquerdo.

Essie percebeu pela expressão de Lady Alice que ela sentia repulsa por ver o sangue e avançou.

– Já lidei com uma boa dose de ferimentos. Talvez possa ajudar. – Essie aproximou a vela para poder ver melhor o ferimento. – Levou um tiro? – Virou-se para Lady Alice, de sobrancelhas arqueadas.

– Está tudo bem, Essie. Eu trato disto. Não teria acontecido se Raven não tivesse irrompido pela minha casa dentro – disse Lady Alice amargamente. – Eu estava a lidar com o Henry. Ele tinha estado a beber e mostrava-se apaixonado, mas Raven tinha de agir como um herói.

– Ele estava bêbedo – murmurou Raven.

– Eu tinha tirado a pistola de duelos do meu pai do estojo, embora não tivesse intenção de disparar contra o Bearwood. Só lhe queria mostrar que estava a falar a sério. O Henry tirou-ma e foi-se embora. O meu pai sempre disse que tinha um gatilho leve e aqui está a prova.

Lady Alice pegou no tecido e limpou a ferida, ignorando os protestos de Raven.

– O Bearwood preparava-se para partir quando Raven entrou por ali como um cavalheiro dos velhos tempos e levou com uma bala, que de outra forma só teria feito um buraco na porta. É bem feito por se intrometer. – Franziu o sobrolho, ansiosa. – Está a sangrar muito. O que faço?

Essie dobrou a toalha e pressionou o ombro ferido.

– Temos de estancar o fluxo de sangue pressionando a ferida.

– Acho que vou desmaiar – disse Sadie debilmente e caiu no chão.

– Devíamos ir chamar um médico. – Lady Alice ficou atrás, unindo as mãos sujas de sangue. – Ele vai morrer?

– Só se eu não o conseguir evitar. – Essie abanou a cabeça na direção do armário. – Há ali um lençol velho que podemos rasgar em faixas. Temos de ligar a ferida o mais apertado que conseguirmos.

Lady Alice passou por cima da figura prostrada de Sadie e voltou segundos depois com o lençol bem dobrado.

– É bom a complicar as coisas, Raven. O Henry ter-se-ia ido embora pacificamente. Agora vai contar a toda a gente que está em Londres, se é que ainda não o fez.

– Tenho de embarcar naquele navio pelo bem de todos. – A cabeça de Raven caiu para o lado e ele fechou os olhos.

– Desmaiou. É bom, porque assim podemos enfaixar-lhe o ombro sem que ele se debata. – Essie tirou as faixas de tecido das mãos de Lady Alice e começou a envolver o tronco de Raven com elas. – Não sou muito boa nisto, mas vai ter de servir até conseguirmos arranjar um médico.

– Ele tem de estar no *Santa Gabriella* hoje à noite.

Lady Alice afundou-se na cadeira que estava mais perto.

– Sir Henry pode notificar as autoridades e a polícia irá pôr-se à procura do meu primo.

Sadie pôs-se de pé.

– O que aconteceu?

– Desmaiou – disse Essie sucintamente. – Sente-se e respire fundo. Vai ficar bem e precisamos da sua ajuda.

– O que sugere? – quis saber Lady Alice, cautelosa. – Não queremos envolver mais ninguém nisto.

– A maré vai estar baixa. Se conseguirmos fazer com que Raven desça os degraus até ao cais, eu consigo pô-lo no barco. Já o fiz antes e a água agora deve estar parada, portanto a corrente vai levar-me para baixo. Só temos de o pôr no meu barco.

– Como fazemos isso sem sermos vistos? – perguntou Lady Alice.

– Há muitos bêbedos aos tropeções pelas ruas de Limehouse todas as noites – disse Essie secamente. – E não temos grande escolha. Ajudem-me a vestir-lhe o casaco e o melhor será partirmos logo que ele recupere os sentidos.

Raven estava fraco devido à perda de sangue, mas conseguia andar, ainda que devagar, e Sadie seguiu a dançar à frente, abrindo caminho e fazendo pouco de Raven, dizendo

aos outros bêbedos que era o seu pai que tinha passado o dia inteiro no *pub* a beber, e que o levavam para casa. Essie tivera medo de atrair as atenções, mas estranhamente parecia funcionar e Sadie estava no seu elemento. Enfrentar os degraus íngremes e escorregadios foi mais difícil e seria uma queda considerável até ao cais de pedra. Enquanto hesitavam na doca, Essie começou a pensar que os seus esforços tinham sido em vão quando viu Ben caminhar na direção deles. A princípio, sentiu-se tentada a esconder-se atrás de Raven, mas viu os contornos do navio ancorado em Limehouse Reach e soube que era apenas uma questão de tempo até à partida. Deixou Lady Alice e Sadie a apoiar Raven, que perdia e recuperava consciência, e apressou-se a ir ao encontro de Ben.

– Ainda bem que és tu – disse ela sem fôlego. – Estamos desesperadamente a precisar de ajuda.

Ben apreendeu a cena com um simples olhar.

– Quem são estas pessoas?

Essie percebeu que ele não se ia deixar enganar com histórias da carochinha e deu-lhe um lamiré dos acontecimentos desde que trouxera Raven para terra.

– Macacos me mordam. Em que é que te meteste, Essie? Podias acabar na prisão por causa disto.

– Eu sei isso, Ben. Não foi uma opção minha envolver-me e isso não teria acontecido se o meu pai não tivesse tido o acidente. Seja como for, agora é tarde demais e eu tenho de levar o Raven para bordo do *Santa Gabriella*.

– Então e a mulher e a miúda? Também vão?

– Não, mas temos de agir depressa. Podes carregá-lo pelos degraus abaixo? É a nossa única possibilidade.

Ele hesitou, como se avaliasse as consequências de uma tal ação, depois anuiu.

– Está bem. Oferecia-me para remar o barco até ao navio, mas estou a trabalhar.

– Só preciso que o leves para o meu barco. Depois disso, já me arranjo.

– Vou dar uma palavra ao teu pai, Essie. Vi-o ir ao Grapes hoje e nem sequer coxeava. Parece-me que já está bom para regressar ao trabalho, mas convém-lhe ficar por casa, a beber cerveja. – Afastou-se e Essie apressou-se atrás dele.

– Tenho-o seguro, homem.

Ben ergueu Raven e colocou-o aos ombros, como uma saca de carvão e desceu os degraus íngremes, desaparecendo no escuro.

– Eu certifico-me de que ele embarca em segurança – disse apressadamente Essie.

– É melhor ires para casa.

– Vou consigo. – Lady Alice levantou as saias e desceu os degraus de pedra até só se ver a ponta das penas de avestruz que se agitavam do cimo do chapéu. Essie seguiu-o descurando a segurança, e Sadie ia logo atrás. Estava muito escuro naquela zona que não era iluminada e o rio parecia estranhamente calmo e ameaçador. Ben ajudou Raven a subir para o barco e firmou-o quando Lady Alice entrou para se ir sentar ao lado dele, seguida com menos elegância por Sadie, que aterrou com um salto.

– Tem de ir para casa, minha senhora – disse Essie com um tom de voz urgente. – Eu asseguro-me de que ele chega ao barco em segurança.

O rosto de Lady Alice era um oval pálido, os olhos, sombras escuras na luz débil.

– Não, não descanso até saber que ele está a ser bem cuidado. Quero ver o capitão e pagar-lhe bem.

– E eu tenho de ficar com sua senhoria. Não vou ficar aqui sozinha, isso é certo – acrescentou Sadie, embora houvesse um tremor na sua voz e parecesse à beira das lágrimas.

– É melhor ir andando – disse Ben com um tom de urgência na voz. – A maré está a mudar e, se se atrasar, o navio pode partir sem ele.

Essie ergueu-se para lhe beijar a face.

– Obrigada, Ben. Estou-te muito grata.

– Apareço quando terminar, só para ter a certeza de que estás bem.

– Vou estar. Não te preocupes comigo.

– Vamos pôr este barco na água. – Ben desamarrou o proiz e Essie ajudou-o a arrastar o barco até à margem. – Entrem e eu empurro.

Essie amontoou as saias e deu um salto para bordo, instalando-se depressa e pegando nos remos como fizera já inúmeras vezes, quando estava com o pai. Começou a remar, dirigindo-se a Limehouse Reach e usou as últimas forças para tentar alcançar o *Santa Gabriella*, mas a embarcação pequena e apinhada estava muito baixa na água e o rasto de um barco a vapor que ia a passar inundou a amurada, deixando-os com água até aos tornozelos e em perigo iminente de afundar. Essie fez sinal ao *Santa Gabriella* e uma escada de corda foi lançada lateralmente, mas conseguir pôr Raven a bordo não foi um pequeno feito. Conseguiu içar-se dolorosamente, passo a passo, até que umas mãos se prontificaram a arrastá-lo para dentro. Lady Alice seguiu-o, mas Sadie ficou tolhida no barco que afundava rapidamente, recusando-se a mover-se.

– Não sei nadar. Vou cair e afogar-me – queixou-se ela, tapando a cara com as mãos.

– Afogamo-nos as duas se ficarmos aqui – disse Essie com um tom de urgência na voz. – Não consigo tirar baldes de água do barco suficientemente depressa, por isso o melhor é agarrar a escada de corda e saltar.

Sadie deixou cair as mãos, olhando Essie horrorizada.

– Não sou capaz.

– É sim e, se não for agora, será tarde demais. – Essie estendeu o braço para agarrar a escada. – Segure-se a mim. Vamos juntas.

Sadie agarrou-se à cintura de Essie, que inspirou fundo.

– Agora! – gritou, agarrando-se à corda com as duas mãos enquanto o barco afundava mais abaixo.

Gritos vindos de cima incentivaram-na a agarrar-se bem e foram içadas na lateral do navio, centímetro a centímetro, até serem arrastadas para dentro. Essie aterrou no convés e Sadie caiu em cima dela.

– O meu pai vai matar-me – murmurou Essie.

*

Quando abriu os olhos, estava deitada num estreito beliche de madeira, numa cabina muito pequena. Havia uma lanterna pendurada do teto, que oscilava para a frente e para trás com o movimento do navio.

– Sente-se bem, menina? – Sadie pôs-se de pé com um salto e inclinou-se para Essie, espreitando a cara dela. – Caiu redonda desmaiada.

Essie soergueu-se sobre um cotovelo.

– O que se passa? Vão levar-nos para a costa? – Olhou para o braço despido e deu-se conta de que debaixo do cobertor grosseiro estava completamente nua.

Sadie estava envolta no que parecia ser um lençol.

– Onde está a minha roupa?

Sadie afundou-se na cadeira, que parecia ser a única peça de mobiliário na cabina.

– Eu despi-a, menina. Os nossos trapos estavam ensopados e levaram-nos para secar.

– Mas temos de sair deste navio à primeira oportunidade – disse Essie com um tom de urgência na voz. Sentou-se, envolvendo-se com o cobertor grosseiro. – Tenho de ir para casa cuidar do meu pai. Onde está Lady Alice? O que diz ela de tudo isto?

Sadie abanou a cabeça.

– Não sei, menina. Fui aqui posta consigo e estou sentada ao seu lado há que séculos, à espera que acorde, e estou gelada.

– Dê-me o seu lençol. – Essie fez rodar as pernas para a lateral da cama. – Pode ficar com o cobertor.

Sadie desenrolou-se com relutância do lençol de algodão e entregou-o a Essie, pegando no lençol para tapar a pele nua.

– O que vai fazer?

– Vou à procura de alguém que me possa dar respostas. É melhor esperar aqui.

Essie abriu a porta e saiu para um corredor estreito. Sentiu o motor a pulsar debaixo do convés quando atravessou descalça a passagem até à cabina seguinte.

– Quem está aí?

Essie fez um suspiro de alívio ao reconhecer a entoação culta de Lady Alice. Sou eu, minha senhora. Essie Chapman.

A porta abriu-se e Lady Alice afastou-se para a deixar entrar. Usava um robe masculino de veludo e trazia o cabelo louro comprido e solto pelos ombros.

– Está bem, Essie? Tive medo que se tivesse magoado.

– Dói-me a cabeça, mas só isso. Quero a minha roupa, tenho de ir para casa antes de o meu pai acordar.

– Vou à procura do capitão para lhe ordenar que nos leve para terra, mas primeiro tenho de me certificar de que Raven está a ser tratado. Pode vir comigo? Não quero andar às voltas pelo navio sozinha e neste estado sem roupa. É extremamente impróprio.

O súbito desejo de rir tomou Essie de surpresa. Estavam numa situação difícil, por terem ajudado um indivíduo a fugir da lei, quase se afogando ao fazê-lo, e agora estavam num navio, com destino sabe Deus onde. Era completamente ridículo, mas ela conseguia ver o lado engraçado, embora estivessem metidas em sérios problemas.

– Desculpe, minha senhora. Eu sei que não devia achar graça.

Lady Alice fitou-a, de sobrolho franzido.

– Não, efetivamente não tem nada de cómico. Raven pode morrer por perda de sangue e eu infringi a lei para o ajudar a fugir. Não sei o que estava a pensar.

– Disse que queria pagar ao capitão para que cuidasse dele, minha senhora. Perdeu o dinheiro quando o meu barco se afundou?

Um sorriso lento curvou os lábios de Lady Alice.

– Tinha-o escondido à volta da cintura. – Dirigiu-se ao beliche e afastou a colcha revelando duas grandes bolsas de couro. – Estão cheias de ouro. Se eu tivesse ido borda fora, teria afundado e batido no fundo do rio.

– Ia dá-lo todo ao capitão?

– Não seja tão ingénua, Esther. Claro que não. Vou ser generosa com ele, mas isto é para o Freddie. Mandou dizer há algum tempo que está doente e desesperadamente necessitado e isto vai ajudá-lo de várias formas. Poderá contratar um bom advogado para defender o seu caso e poderá viver bem até estar livre para regressar a casa.

– Mas o dinheiro é do Raven, não é?

– Sim, é uma pequena parte da sua fortuna. O advogado, Watkin Gilfoyle, investiu o resto e, sem dúvida, terá ficado com uma grande maquia por representar Raven e Freddie, mas a verdade é que é o melhor advogado de Londres.

– E continuará a defender o caso, mesmo estando eles ausentes?

– Claro que sim. É para isso que lhe pagam. Seja como for, vou à procura do capitão. Quero dar uma palavrinha a esse cavalheiro. – Lady Alice abriu a porta e, apertando mais o robe à volta da sua figura esguia, saiu a marchar pela passagem, bateu à porta de uma cabina ao fundo e entrou sem esperar pela resposta.

Essie seguiu-a apressadamente. Sentia-se vulnerável e extremamente desconfortável usando apenas o lençol fino, mas esqueceu os seus problemas quando viu Raven prostrado num beliche com um desconhecido junto a si.

– Como está ele, capitão Falco? – perguntou Lady Alice, ansiosa.

– Não sou médico, sua senhoria. A única coisa que posso dizer é que é um homem forte e já vi ferimentos piores. Deve poder sair do navio quando chegarmos a Brindisi.

Falava um inglês perfeito, com uma pronúncia forte que Essie achou muito atraente e, com a sua bela aparência morena, tinha o apelo romântico de um corsário.

– Mas o senhor vai levar-nos para terra o mais depressa possível, capitão. – Lady Alice olhou-o diretamente. – E precisamos da nossa roupa, quer esteja seca quer não.

– Infelizmente, não posso aportar no rio, sua senhoria. Se o que me disse é verdade, as autoridades terão sido alertadas e a polícia andará à procura dele. Vamos a toda a velocidade até ao Canal, onde estaremos a salvo.

– Mas tem de me autorizar a ir a terra – protestou Lady Alice. – Vão dar pela minha falta e o senhor será acusado de me raptar e à minha criada, já para não falar nesta pobre rapariga. – Acenou a mão na direção de Essie. – O seu pai ficará angustiado.

Falco encolheu os ombros.

– Talvez devesse ter pensado nisso antes de entrar no meu barco, sua senhoria. Não sou responsável pela senhora, nem pelas suas acompanhantes. Agora, por favor, volte para a sua cabina. As suas roupas ser-lhe-ão devolvidas quando estiverem secas.

Por um instante, Essie pensou que Lady Alice ia contra-argumentar, mas ela limitou-se a anuir e saiu da cabina de cabeça bem erguida.

– Venha comigo, Esther. Eu sei quando não sou bem-vinda.

Saiu a marchar e dirigiu-se à sua própria cabina, oscilando com o movimento do navio que encontrava a oposição da maré.

– O que devemos fazer? – perguntou Essie, ansiosa.

– Entre e feche a porta. – Lady Alice deixou-se cair no beliche. – Deve haver um lugar onde o capitão Falco nos possa deixar em terra. Recuso-me a aceitar a sua decisão, mas talvez

com um pouco de tato e alguns sorrisos encantadores se consiga alguma coisa.

– O meu pai só dará pela minha falta de manhã, mas receio que chame a polícia e reporte o meu desaparecimento, sequestro ou perda como um cão. – Um risinho irreprimível subiu à superfície e Essie tapou a boca com a mão. – Desculpe eu sei que não tem graça, mas a nossa situação é tão incrível que julgo poder acordar a qualquer instante e perceber que não passou de um sonho.

– É mais um pesadelo. – Lady Alice passou a mão pelo cabelo. – Eu realmente não a compreendo, Esther. Isto não tem graça. Eu nem sequer tenho uma escova para o cabelo nem um espelho, já para não falar numa muda de roupa. Quando me vestir, vou falar novamente com o capitão e, desta vez, as minhas exigências terão um apoio monetário por trás. Funciona sempre; toda a gente tem um preço.

*

Na manhã seguinte, sentada no pequeno salão onde o capitão e os oficiais comiam e aproveitavam os seus breves momentos de lazer, Lady Alice estava ainda mais desanimada. Sadie parecia ser a única a gostar daquela experiência, e tagarelou incessantemente até Lady Alice a silenciar com um olhar cáustico. Sadie acalmou, olhando nervosamente para a sua senhora, e Essie teve pena dela. Nenhuma delas dormira bem e, como não havia uma cabina livre para Sadie, ela tinha dormido no chão da cabina de Essie. Os gemidos e o barulho da rapariga a virar-se e a bater no chão não deixaram Essie dormir, que ficou acordada até de madrugada e, mesmo depois disso, tinha dormido mal. Os movimentos do navio e o pulsar rítmico do motor criaram um ambiente estranho e ela não pôde deixar de se preocupar com Raven, cuja vida podia estar por um fio. O capitão Falco insistira para que ele fosse tratado pelo imediato, que tinha umas luzes de medicina, mas Essie tinha conhecido esse homem ao jantar e não ficara impressionada. Conhecera muitos marinheiros ao longo da vida no rio e os oficiais e a tripulação do *Santa Gabriella* correspondiam mais à ideia que ela tinha dos piratas bárbaros do que a um grupo de marinheiros profissionais.

Lady Alice brincou com uma fatia de pão bolorento com manteiga rançosa.

– Se é isto que comem diariamente, não é de espantar que a tripulação se assemelhe a cães com raiva. O que deu a Raven para contratar os serviços do capitão é coisa que me ultrapassa.

Afastou o prato e bebericou o café, fazendo uma careta.

– Isto é tão forte que mais parece alcatrão. Talvez seja o que usaram para impermeabilizar o navio, mas é nojento. Espero só até eu ter oportunidade de falar com o Falco. Vou dizer-lhe o que acho dele e do seu navio.

– E o que acha sua senhoria? – O capitão Falco entrou no salão e puxou uma cadeira. – Queria falar comigo?

Essie mexeu-se pouco à vontade no assento, a pensar exatamente o que teria ele ouvido daquela franca opinião da Lady Alice e Sadie encolheu-se a um canto, a olhar para o mestre do navio como se esperasse que ele se zangasse e explodisse, embora ele parecesse relativamente divertido. As faces de Lady Alice coraram, mas ela encarou a sua expressão inquisitiva com um olhar de desafio.

– Sim, capitão. Queixava-me da comida e desta bebida nojenta a que chama café, mas como só vamos estar a bordo pouco tempo, não o farei. No entanto, exijo ser levada para terra à primeira oportunidade. Manter-nos aqui é considerado sequestro, que é contra a lei, como seguramente será também em Itália.

– Embarcou no meu navio de sua livre vontade, sua senhoria – disse o capitão Falco suavemente. – Quanto à comida, só posso dizer que a tripulação nunca se queixou.

– Não se atreveriam – argumentou Lady Alice. – E quanto aos aposentos, estou sem palavras.

O capitão Falco pôs-se de pé.

– Então, termina aqui a nossa conversa. Agora, se me dá licença, tenho de ir trabalhar.

– Só um momento – disse Essie ousadamente. – Ignorou o pedido de sua senhoria, o que é perfeitamente razoável. As

circunstâncias obrigaram-nos a embarcar e o mínimo que poderia fazer é levar-nos para terra firme o mais depressa possível.

O seu sorriso lupino revelou caninos que mais pareciam presas.

– E o seu pedido será concedido dentro de uma semana, ou assim, quando chegarmos a Brindisi.

– Mas isso é absurdo – protestou Lady Alice. – Eu não quero ir para a Itália. Por um lado, não tenho nada que vestir e, por outro, darão pela minha falta. A polícia já deve andar à minha procura.

– Só a encontrarão se contratarem um navio mais veloz do que o *Santa Gabriella*. – Falco baixou a cabeça e recuou até ao pequeno salão, ainda a sorrir.

– Ele acha que isto é uma piada – disse Lady Alice zangada.

– Talvez o Raven possa ajudar – sugeriu Essie. – Por certo que ajudá-lo a recuperar é o mais importante agora. Nunca cheguei ao estuário de barco, mas sei que fica muito longe.

– Tem razão. – Lady Alice pôs-se de pé. Venha comigo, Esther. Preciso de ajuda.

– E eu? – perguntou Sadie com ansiedade.

– Podia dar uma limpeza à nossa cabina. – Essie levantou-se, oscilando com o movimento do navio enquanto procurava equilibrar-se. – Parece que ainda vamos ficar a bordo durante algum tempo.

– Se eu o puder evitar, não. – Lady Alice firmou-se agarrando a maçaneta da porta. – Venha, Esther. Não fique aí.

Raven estava encostado a umas almofadas sujas, perfeitamente consciente. Estava pálido e com olheiras, mas acordado e alerta.

Não havia ali sinal do homem designado para o tratar, e as ligaduras ensanguentadas da noite anterior tinham sido deixadas numa taça de esmalte.

– Como se sente? – Lady Alice olhou em redor da cabina, enrugando o narizinho. – Cheira mal aqui.

– Eu estou bem, Alice. Não precisa de se preocupar comigo. Eu levantava-me, mas não estou vestido.

Ela pôs a mão na testa dele.

– Está fresco quanto baste. Graças a Deus, pelo menos isso.

– Estou dorido, mas creio que não tenho febre. Levanto-me mal o Hooper volte com a minha roupa.

– Quero que examine o ferimento, Esther – disse Lady Alice num tom imperioso. – Terá de fazer o necessário. Tenho a certeza de que é uma enfermeira nata, ao passo que eu não sou.

Essie passou por ela, mas hesitou, observando Raven cautelosamente.

– Importa-se?

– Não, pode avançar – disse ele, fechando os olhos. – Imagino que faça o que lhe apetecer, independentemente do que eu disser.

Aquela atitude resmungona era injusta e desnecessária. Essie cruzou os braços e fulminou-o com o olhar.

– É um homem muito ingrato. Se não fosse eu, podia estar na prisão neste momento, em vez de aí deitado como um lorde, enquanto nós estamos literalmente prisioneiras neste balde velho e ferrugento que passa por navio.

Raven abriu os olhos e fitou-a, surpreendido.

– Ora, ora, com que então consegue defender o seu caso, Essie Chapman. Eu começava a pensar que o seu pai a intimidara a ponto de lhe matar o ânimo.

– Não se mexa, senão vai doer. – Essie desenrolou as faixas e afrouxou o penso ensopado em sangue.

– Vou para a minha cabina – disse Lady Alice, retirando-se pela porta. – Chame a rapariga, Esther, se precisar de ajuda.

– A Alice nunca aguentou ver sangue – disse Raven com um sorriso sardónico. – Faça o seu pior, Essie. Eu aguento.

Hooper, o imediato, tinha deixado uma pilha de tiras de algodão torcido, presumivelmente com a intenção de mudar o penso a determinada altura. Essie achou que o material não estava muito limpo, mas não havia alternativa. Trabalhou depressa e ficou aliviada ao descobrir que o sangue estacara e ainda não havia sinal de putrefação.

– Parece que teve sorte – disse ela enquanto segurava a ligadura no lugar certo. – Mas tem de descansar, senão pode recomeçar a sangrar.

– Tenho de falar com o Falco. Quero-a a si e à minha prima em terra logo que possível.

Essie enfrentou o olhar dele com o seu.

– Ele diz que só atraca em Brindisi. Era esse o seu plano?

– Para mim, sim, mas não sabia que a Alice e a criada viriam para bordo, já para não falar em si, Essie. Ajudou-me, e estou-lhe grato por isso, mas não era minha intenção que se envolvesse tanto. Isto é um assunto meu.

Ela empilhou os pensos sujos na taça.

– Agora também é meu e, a menos que saltemos borda fora, não vejo como chegaremos a terra.

Os olhos de Raven iluminaram-se com um sorriso.

– Não faça isso, pode afogar-se e depois vou sentir-me mesmo muito culpado.

– Estou a falar a sério, Raven. – Até esse momento, Essie nunca o tratara pelo nome, mas o tempo da etiqueta era já passado e ela enfrentou-o, zangada. – Parece achar que isto é uma piada e eu vejo o lado engraçado da maior parte das coisas, mas isto foi longe de mais. Tem de fazer com que o capitão aporte antes de abandonarmos Inglaterra.

O sorriso dele esmoreceu.

– Tem razão. Chame o Falco. Vou pôr fim a esta charada.

# Capítulo Seis

Desembarcaram em Brindisi depois do que lhes pareceu uma vida inteira a bordo do *Santa Gabriella*. Apesar de Raven ter alternado apelos e tentativas de suborno, o capitão Falco recusou-se a aportar em Inglaterra. Lady Alice tentou de tudo, desde as lágrimas até birras e uma ligeira sedução, todas ignoradas, deixando-as sem alternativa que não aceitar o seu destino.

Para dizer a verdade, Essie gostou de vários aspetos da vida no mar. Os nasceres e pores do Sol na água tinham sido mágicos e vira golfinhos a brincar nas ondas, um espetáculo que a encheu de alegria apesar das difíceis condições a bordo.

As condições sanitárias deixavam tudo a desejar e a comida era horrível, mas, na sua maioria, a tripulação era simpática e alegre e o capitão Falco era não só boa companhia como também um cantor cheio de talento, com uma bonita voz de tenor que deixava Essie lavada em lágrimas. Lady Alice andava muitas vezes às turras com ele, mas até ela recorria ao lenço enxovalhado quando o capitão chegava ao fim de uma canção de amor particularmente apaixonada.

A viagem tinha acabado e sabia bem chegar finalmente a terra firme. Essie inspirou os aromas de Itália. O cheiro tentador da comida era trazido pela brisa suave, misturado com o aroma do tomilho silvestre e da manjerona do campo ali em volta e Essie ficou com água na boca ao pensar em boa comida. O ar era surpreendentemente limpo e fresco, mesmo tendo em conta que continuavam nas docas e eram depositadas ali perto grandes redes com peixe, mas o calor era abrasador e Essie estava a precisar desesperadamente de roupa. Lady Alice estava pálida e cansada, provavelmente devido ao facto de ainda não ter parado de se queixar da falta de roupa e das condições nada sanitárias a bordo do navio, em que a água doce era demasiado preciosa para ser desperdiçada a lavar roupa.

– Arranje-nos um hotel, Raven. – Lady Alice estava no muro do cais, recusando-se a mexer-se. Olhou em redor, abanado a cabeça. – Duvido que tenham lojas decentes num

lugar destes, mas preciso de roupa nova. Estamos todos a precisar desesperadamente de um banho, incluindo você.

– Tenho um ar cem vezes pior do que as senhoras – disse Raven, galante. – O Hooper tentou limpar o sangue do meu casaco, mas não há nada que disfarça os estragos.

– Sim, tem um ar péssimo, por isso vá por favor arranjar um sítio para nós ficarmos.

– Mas devíamos ir à procura do mosteiro, Alice. Quanto mais depressa encontrarmos o Freddie, melhor.

Essie pousou a mão na manga de Raven.

– Mais um dia ou dois não vai fazer diferença nenhuma e parecemos mesmo um bando de nómadas.

Um sorriso relutante curvou os lábios dele.

– Tem razão, claro. Vou averiguar no porto. Devem saber tudo. Esperem aqui, vou ser o mais rápido possível.

– Tenho fome. – Sadie agarrou a barriga, que roncava com tanta força que todos a ouviam.

– Tenho a certeza de que vamos comer em breve – disse Essie vagamente, enquanto observava Raven a afastar-se com uma sensação de alívio.

A sua necessidade mais urgente era comida que não fosse nem puré nem bolorenta, seguida do luxo de ter uma banheira cheia de água tépida e uma barra de sabonete; parecia-lhe o paraíso na terra. A preocupação com o pai e o que estaria a acontecer em casa há muito tinham ficado em segundo plano face ao ato de sobreviver, mas o alívio estava perto e sentiu uma onda de otimismo. Como iria para casa era outra história, que ela tentava afastar da mente. A Londres nublada e húmida parecia a um milhão de quilómetros do sol resplandecente e do céu azul de Itália.

Passados uns minutos, Raven regressou com a novidade de que arranjara uma hospedaria capaz de ir ao encontro das suas necessidades imediatas e que ficava a uma pequena distância do porto.

Lady Alice abanava-se com a mão.

– Não há carruagens neste lugar? Está muito calor para caminharmos.

– Fica no máximo a meio quilómetro, Alice. Decerto que consegue.

– Pense em como vai ser agradável quando lá chegarmos – disse Essie com um sorriso encorajador. – Talvez consigamos arranjar alguém que nos lave a roupa. Vai secar depressa com este calor.

Lady Alice parecia prestes a discutir quando o capitão Falco se juntou a eles.

– Como posso ajudá-la, sua senhoria? Parece um pouco perplexa.

– O meu primo quer que eu caminhe até à hospedaria.

Os olhos escuros do capitão Falco brilhavam, divertidos, mas pôs a cabeça de lado, oferecendo-lhe um sorriso empático.

– Talvez ajudasse se me desse o braço, sua senhoria. Tenho negócios com o dono da hospedaria. Vou assegurar-me de que recebe o devido respeito de uma senhora britânica.

Essie susteve a respiração, meio à espera de que Lady Alice descartasse aquela oferta, mas ela pareceu animar-se um pouco e pousou a mão no braço dele.

– Obrigada, capitão. É um cavalheiro. – Lady Alice lançou um olhar ressentido a Raven. – O capitão Falco compreende a sensibilidade de uma senhora.

Raven encolheu os ombros e prosseguiu.

– Vamos, Essie. E a Sadie também. Ou tenho de as levar?

Essie e Sadie seguiram-no, deixando o capitão Falco a ajudar Lady Alice.

*

A hospedaria era um edifício quadrado e baixo, caiado e com ar fresco, debaixo de um telhado de telhas em terracota.

As galinhas bicavam, atarefadas, na poeira, e as cabras andavam por ali livremente, à procura de algo remotamente

comestível. O galo seguia as galinhas, fixando os olhos pequenos em cada uma delas à vez, e pareceu a Essie que mirava as penas do chapéu de Lady Alice com desconfiança, talvez vendo nelas um potencial rival.

Lady Alice mirrava visivelmente naquele calor, mas o capitão Falco era muito solícito e a sua atenção total parecia agradar-lhe. O dono da hospedaria foi ao encontro deles à porta, fez uma vénia e sorriu, dando-lhes as boas-vindas com gestos como se estivesse numa pantomina. Depois abraçou o capitão Falco, falando com ele num italiano rápido. Essie aprendera umas quantas palavras com a tripulação, mas não o bastante para compreender o que ele dizia. O capitão Falco deu uma palmada nas costas do dono da hospedaria.

– Giacomo dá-vos as boas-vindas à sua humilde hospedaria – disse ele num tom grandioso. – Infelizmente, não fala inglês, mas vão ver que é muito acolhedora.

De repente, Lady Alice tornou-se muito sorridente.

– Muito obrigada, capitão. Foi muito simpático, mas não iremos detê-lo. Tenho a certeza de que tem coisas muito mais importantes a fazer do que cuidar de nós.

– Não há nada mais importante do que cuidar de uma bela senhora – disse o capitão Falco, tomando-lhe a mão e levando-a aos lábios. – Ficaremos neste porto durante vários dias e espero vê-la de novo.

Essie olhou de relance para Sadie, que contemplava a cena de boca aberta.

– Talvez seja melhor irmos ver os nossos quartos – sugeriu ela, cautelosa.

Raven tinha um ar entediado e francamente cético e ela temeu que ele dissesse alguma coisa que ofendesse o capitão e depois perderiam a ajuda da única pessoa que falava inglês fluentemente. Bateu no ombro de Lady Alice.

– Devia entrar, sua senhoria. O sol vai queimar-lhe a pele.

– Por certo. – Lady Alice estalou os dedos para atrair a atenção do dono da hospedaria.

– Quero uma banheira cheia de água quente, meu bom homem. E preciso dos serviços de uma costureira que trabalhe depressa.

O dono da hospedaria virou-se para o capitão, encolhendo os ombros e com as palmas das mãos para cima, a cara redonda com uma expressão divertida. O capitão Falco puxou-o à parte e, depois de uma breve conversa, o dono da hospedaria entrou a gritar ordens aos empregados.

– Venha, Alice – disse Raven, impaciente. – Já provocou grande tumulto entre esta boa gente. Vamos entrar para que eu peça uma refeição.

– Primeiro o banho, depois a comida. – Lady Alice entrou na hospedaria marchando, aparentemente esquecida da fadiga, e Essie seguiu-a apressadamente, com Sadie logo atrás.

O interior era escuro mas surpreendentemente fresco e uma criada corada foi ao encontro deles nas escadas estreitas de madeira que levavam ao primeiro piso. Os quartos eram pequenos, limpos e com pouca mobília, mas, depois de ter suportado o espaço confinado de uma cabina minúscula durante mais de uma semana, Essie achou que aquilo era o paraíso, embora tivesse de o partilhar com Sadie. Havia duas camas, encostadas a paredes opostas, com uma cómoda debaixo de uma janela que dava para o porto. O tapete era o único toque de cor naquele quarto onde tudo era branco, incluindo as colchas.

– Pergunto-me se Lady Alice terá conseguido o seu banho – disse Sadie, a sorrir. – Espero que nos deixe usar a água, porque sei que cheiro a algo crónico.

– Eu também. – Essie sentou-se na cama e descalçou as botas, mexendo os dedos dos pés. – Creio que Lady Alice está habituada a conseguir o que quer. Provavelmente está uma costureira no seu quarto enquanto nós conversamos, e não ficava espantada se ela tivesse um vestido novo esta noite.

– Sinto-me uma saca de batatas. – Sadie olhou para a saia suja, com a bainha descosida e um rasgão feito por um prego. – A senhora Dent não ia gostar nada.

– Fique aqui – disse Essie com firmeza. – Vou falar com sua senhoria. Eu sei que ela disse que podíamos ter roupa nova, mas quero recordar-lho.

Essie saiu do quarto e percorreu o corredor apressadamente para ir bater à porta de Lady Alice.

– Entre.

Essie abriu a porta e entrou no quarto. Havia uma cabeceira de latão, coberta com uma manta de retalhos colorida, uma estrutura com pia em madeira pintada e uma prensa para roupa. Uma grande janela dava para o campo e montes longínquos. Tinham colocado uma banheira no centro e já estava com água até meio.

– Desabotoe-me o vestido, Essie. Não consigo lá chegar. – Lady Alice estava muito direita enquanto Essie desapertava o vestido.

– Julgo que virá uma costureira em breve. – Lady Alice olhou por cima do ombro. – Talvez a possa também ajudar e à rapariga. Não posso ser vista com criadas que mais parecem ter sido arrastadas de costas pelo mato.

– Não sou sua criada, sua senhoria.

– Trabalha para mim, não trabalha?

– Isso foi diferente. Estava a ajudá-la e a Raven e fiquei envolvida nos vossos assuntos, mas não escolhi estar aqui.

– Nem eu, já agora. – Lady Alice saiu do vestido. – Pode desapertar-me as fitas. E afinal, o que queria?

– Queria perguntar-lhe se podemos usar a água do banho depois de sua senhoria e recordar-lhe que tanto a Sadie como eu estamos desesperadas por ter roupa nova.

Lady Alice virou-se para ela e a sua expressão petulante derreteu num sorriso encantador.

– Claro que podem tomar banho depois de mim, na verdade, insisto que assim seja. Só espero que haja um sabonete decente, pois tenho uma pele muito sensível. Quanto à roupa, se esta mulher for boa com a agulha, teremos vestidos novos,

embora o de Sadie seja adequado a uma criança da sua idade e o meu seja mais grandioso do que o seu.

Essie atirou a cabeça para trás e deu uma gargalhada.

– Sua senhoria é única. Aqui estamos nós, a quilómetros de distância de casa, a fugir da lei, o que nos torna iguais, mas continua a achar-se melhor do que nós.

Aparentemente impávida, Lady Alice ergueu uma delicada sobrancelha.

– E sou, naturalmente. O meu falecido pai era o conde de Dawlish e a nossa linhagem remonta a William, *o Conquistador*. O seu pai é barqueiro.

– E não é capaz de se despir sem ajuda. Talvez haja aqui uma lição a aprender.

Lady Alice estremeceu e, por um breve instante, o sorriso desapareceu do seu rosto, depois uma gargalhada escapou-se-lhe dos lábios.

– Muito bem, Essie. Dada a nossa situação, talvez sejamos iguais, mas isso mudará quando regressarmos a Inglaterra.

– Quando voltarmos a casa, provavelmente seremos presas.

– Mas eu terei uma cela melhor e tenho meios de conseguir um advogado melhor.

Lady Alice foi salva de uma resposta por uma pancada na porta e foi abri-la. Uma criada corada entrou no quarto com um jarro cheio de água fumegante, que despejou na banheira. Fez uma vénia e saiu apressadamente.

– Aproveite o banho, sua senhoria, e por favor não deixe a água arrefecer.

Essie saiu do quarto a rir no seu íntimo. Com ou sem título, com ou sem dinheiro, eram irmãs no seu cerne.

Só mais tarde, depois do banho e de ter lavado o sal do cabelo, compreendeu a realidade da sua situação. Estava sozinha no seu quarto, sentada na cama, envolta numa toalha pequena, quando de repente viu mentalmente o pai a andar de um lado para o outro em casa. Estaria a perguntar-se o que lhe

acontecera ou, mais provavelmente, estaria no bar do Grapes, a afogar as mágoas no ponche de rum. E depois havia Ben. Nem conseguia imaginar o que ele devia estar a pensar, mas uma coisa era certa, Ben estaria angustiado com o seu súbito desaparecimento. O barco afundara e o pai estaria sem emprego – mas ela nada podia fazer nesse momento. O seu destino e o de Sadie estavam inevitavelmente entrelaçados com os de Raven e de Lady Alice, e a única coisa a fazer era seguir aquela aventura até ao seu amargo final. Essie penteou o cabelo enquanto olhava pela janela para o cenário inundado de sol. Durante a viagem marítima, o capitão Falco tinha-lhes fornecido bens a partir de um abastecimento aparentemente infindável de pentes, escovas e espelhos, o que levou Essie a desconfiar de que não seriam as primeiras passageiras do sexo feminino a serem recebidas no *Santa Gabriella*. Se ele lhes tivesse aparecido com um ou dois vestidos, não teria ficado surpreendida. Essie deu um salto ao ouvir alguém bater à porta.

– Entre.

A criada que lhes preparara a água do banho entrou no quarto com uma pilha de roupa.

Pousou-as na cama de Sadie.

– *Capitano* Falco.

Endireitou-se, de mãos nas ancas, mirando Essie com curiosidade.

– *Capitano* Falco*?* – repetiu Essie, estonteada.

– *Sì, capitano* Falco. – A criada anuiu, apontando para a roupa e depois para Essie.

– Para mim? – Essie estudou o rosto da jovem e gostou do que viu. De pele morena e olhos escuros, cabelo negro brilhante e faces cheias, a criada era atraente, mais do que bonita, e estava obviamente curiosa.

– *Grazie* – disse Essie, recordando a palavra das suas tentativas de conversar com a tripulação do *Santa Gabriella*.

Um grande sorriso quase dividiu o rosto da rapariga ao meio.

– *Prego*.

Essie aproveitou a oportunidade para se apresentar.

– Sou a Essie – disse ela, indicando-se com um gesto. – Essie.

– Filomena.

Essie sorriu e estendeu a mão.

– *Buon giorno,* Filomena.

– *Buon giorno*, Essie.

Apertaram as mãos solenemente e depois, como que com mútuo consentimento, desataram a rir. Filomena ainda se ria quando saiu do quarto e Essie deixou a toalha cair ao chão quando se levantou para examinar as roupas. Sem dúvida que o capitão as desencantara em algum lugar; ela confiava plenamente na capacidade que ele tinha de lidar com qualquer situação, depois de o ver comandar o navio e a tripulação. E a ideia de usar roupa lavada era quase insustentável sem gritar de alegria.

Havia dois vestidos de algodão estampados, ambos bastante usados e desbotados de muitas lavagens, mas impecavelmente limpos. Um era mais pequeno e seria adequado para Sadie e o outro, quando enfiado pela cabeça de Essie, assentava-lhe quase na perfeição. Essie não podia evitar perguntar-se se o capitão Falco teria escolhido os vestidos e sentiu o rubor subir-lhe às faces. Uma coisa era um homem ser galante e encantador, como o capitão quando estava de bom humor, outra era um cavalheiro tirar as medidas a uma mulher só de olhar para ela. O vestido era contudo fresco e confortável e ela estava grata por isso. O seu aspeto era outra conversa, uma vez que não havia espelho naquele quarto, mas esse era o mal menor. O que fazer a seguir era mais importante.

Essie acabara de apertar a fita à cintura quando Sadie irrompeu no quarto, de faces rosadas e a sorrir.

– Oh, meu Deus! – disse ela, detendo-se de súbito. – Está muito bonita, Essie. Esse vestido fica-lhe mesmo bem.

Os seus olhos iluminaram-se quando viu o vestido na sua cama.

– E também há um para mim! Não tenho um vestido novo desde que comecei a trabalhar em Hill Street. – Deixou a toalha cair ao chão, expondo o corpo muito magro que ainda pingava do banho, que Essie tinha a certeza de que já devia estar frio.

Esses pormenores pareciam não incomodar Sadie e enfiou o vestido simples pela cabeça.

– Não é a coisa mais bonita que já viu?

Essie anuiu sem palavras. O vestido assentava nas formas infantis de Sadie e, com o seu cabelo dourado encaracolado e solto sobre os ombros, parecia uma ninfa vinda das profundezas para dançar ao sol. Pela primeira vez, Essie viu uma insinuação de beleza que ainda viria a deixar a sua marca naquele rosto e corpo jovens e, mais importante ainda, Sadie estava feliz e empolgada. Essie deu-lhe um abraço.

– Fica-lhe muito bem

– Sinto-me bem – disse Sadie, radiante. – Quase me esqueci… Lady Alice chama-a.

Essie deixou Sadie a pentear o cabelo eriçado e foi bater à porta de Lady Alice, entrando quando ouviu uma resposta abafada.

– Queria falar comigo, sua senhoria?

– Olhe para mim. Quem julga ele que eu sou? – Lady Alice estava rígida, de braços abertos como um espantalho. – É o vestido mais feio que já vi e o material é barato. Nem a uma criada eu o daria. – Olhou Essie de cima a baixo. – O seu não é muito melhor, mas a Essie é uma… – Interrompeu-se, corando. – Quero dizer, não tem uma posição a manter.

– Tudo bem – disse Essie, encolhendo os ombros. – Não tem de explicar, mas não é assim tão mau. Pelo menos está lavado e composto.

Lady Alice segurou a saia.

– É um vestido de camponesa. O capitão Falco deve achar que tem graça mas não tem. Não vou sair deste quarto a parecer uma empregada.

– Eu atrever-me-ia a dizer que foi difícil arranjar estes vestidos. – Essie olhou para Lady Alice com uma expressão crítica. – A nossa roupa deve estar pronta em breve. Secarão depressa com este calor e mandou chamar uma costureira, por isso é apenas uma questão de tempo até se sentir bem de novo.

– Não seja sensata, Esther. – Lady Alice atirou as mãos ao ar. – Não posso ver o Falco com este aspeto e tenho fome. Preciso de comer, por isso terá de ir lá abaixo e pedir que me sirvam a refeição no quarto. Pretendo ficar aqui até a minha roupa secar.

– Claro que o farei, mas primeiro terei de saber o que será feito de mim. Estou aqui por acidente, tal como sua senhoria, imagino. Mas quero regressar a Londres. O meu pai deve estar angustiado.

– Nenhuma de nós pretendia viajar até Itália, mas agora que aqui estou, quero assegurar-me de que o Freddie está bem. Vou pelo menos certificar-me de que ele recebe o dinheiro que Raven lhe queria dar.

– E onde é que isso me deixa, sua senhoria? Não tenho um *penny* que seja meu.

Lady Alice sentou-se de repente. Pegou na escova e começou a escovar o cabelo com uma expressão distante no rosto.

– Devia estar em Devonshire, a passear os meus cães no parque, a encontrar-me com velhas amigas. Jantares, *soirées*, jogos de cartas, a dançar e a ouvir música bonita com pessoas do meu círculo. Em vez disso, aqui estou neste quarto minúsculo com uma banheira cheia de água suja e nojenta e a usar um vestido que não serve sequer para a criada mais inferior a meu serviço.

A paciência de Essie estava no limite.

– Sim, sua senhoria, mas isso não responde à minha pergunta. Se quer ficar em Itália, pode pagar a minha

passagem e a de Sadie? Partindo do princípio de que existe um navio neste porto que se dirija a Inglaterra.

– Não me pode abandonar – protestou Lady Alice. – Não posso viajar na companhia de cavalheiros sem uma companheira do sexo feminino.

– Mas Raven é seu primo. Não é respeitável quanto baste?

– Não, não é. Tem de passar por isto comigo e a Sadie é minha criada, portanto ficará naturalmente comigo. – Lady Alice estreitou os olhos, olhando especulativamente para Essie. – Vou fazer com que valha a pena para si, mas só se me prometer que não me deixa sozinha.

Essie pensou depressa. Não lhe agradava a ideia de viajar sozinha até casa e não era todos os dias que uma rapariga de Limehouse tinha oportunidade de ver um pouco do mundo.

– Muito bem – disse devagar. – Mas tenho de enviar uma mensagem ao meu pai, fazê-lo saber que estou bem.

– Tenho a certeza de que Raven pode providenciar isso. Tenho a sua palavra em como não me deixará?

– Prometo ficar consigo até voltarmos a casa.

Lady Alice suspirou de alívio.

– Obrigada. Agora, por favor, faça o que lhe pedi e traga-me alguma coisa para comer, senão desmaio de fome.

Essie foi buscar Sadie e pelo caminho encontraram Raven e Falco sentados a uma das grandes mesas de pinho, cheia de uma seleção de queijos de ar estrangeiro, fatias de salsicha, tacinhas com azeitonas pretas e reluzentes e pães estaladiços. Havia uvas verdes e pretas pendendo de uma travessa de terracota, cheia de laranjas, limões e figos roxos.

– Venham juntar-se a nós – disse Raven, erguendo um copo de vinho tinto para elas. – Onde está a minha prima?

– Lady Alice gostaria de comer no seu quarto – disse Essie com tato. Virou-se para o capitão Falco. – Talvez possa pedir à criada que lhe leve alguma coisa.

– Porque não sai do quarto? Não se mostrou tão tímida a bordo do meu navio.

Essie percebeu que ele já sabia a resposta e se divertia com o dilema de Lady Alice. Talvez ele tivesse deliberadamente escolhido o vestido feio, embora Essie não conseguisse perceber porque haveria ele de querer humilhar Lady Alice.

– Creio que sabe porquê.

Ele levantou-se.

– Não podemos permitir que a bela senhora coma sozinha. Deixe isto comigo.

– Não faça nada – exigiu Essie, fulminando com o olhar Raven, que enchia de novo o copo.

– A Alice sabe tomar conta de si. Já é hora de conhecer alguém que a bata nos argumentos. Sentem-se, as duas, e comam. A comida é muito boa.

Sadie mirava a comida, esfomeada, sentou-se no banco e agarrou um pedaço de salsicha e uma fatia de pão. Essie hesitou, perguntando-se se devia ir em auxílio de Lady Alice, mas decidiu que não e sentou-se ao lado de Sadie.

Minutos mais tarde, Falco apareceu, a esfregar a face.

– Esta senhora é um gato bravo.

– Eu avisei-o – disse Raven, presunçoso. – Tem sorte em ter escapado apenas com uma chapada na cara. A Alice tem garras e não receia usá-las.

Falco retomou o lugar à mesa.

– Mandei a Filomena lá acima com comida. Talvez sua senhoria fique de melhor humor quando comer alguma coisa.

Raven abanou a cabeça.

– Há de aprender, meu amigo.

– Estou pronto para o desafio. Não há mulher neste mundo que resista a Enrico Falco quando ele decide ser encantador.

Essie lançou-lhe um olhar murcho.

– Tem-se em muito boa conta, capitão. Talvez tenha finalmente conhecido uma mulher à sua altura.

Ele encolheu os ombros, sorriu e ergueu o copo para ela.

– Descobriremos a caminho do mosteiro. Serei o vosso guia.

– Vamos a um mosteiro? – Essie olhou para Raven para confirmação.

– O meu objetivo ao vir aqui era ver o Freddie. Quero ter a certeza de que ele está a ser bem tratado e que tem tudo de que precisa. – Raven bebeu o resto da bebida e levantou-se. – Vou dar uma palavra à Alice. Partimos de manhã cedo, mas ela pode ficar aqui se não quiser viajar mais.

– E depois? – perguntou Essie, ansiosa. – Regressamos a Inglaterra?

– É uma decisão que a minha prima terá de tomar. – Raven dirigiu-se às escadas, subindo os degraus dois a dois.

Essie virou-se para Falco.

– O que quer ele dizer com aquilo?

– Não me pergunte, eu sou apenas o capitão do navio. Raven contratou o meu navio para o levar a Londres e de regresso à Austrália, com uma paragem aqui, na minha Puglia.

Essie fitou-o.

– Mas Lady Alice vive em Inglaterra. Temos de voltar a casa.

– Isso cabe a Lady Alice decidir.

Essie inclinou-se sobre a mesa.

– Está a dizer-me que seremos levadas para a Austrália, quer queiramos quer não?

O capitão Falco encolheu os ombros, com as palmas viradas para cima.

– Quem sabe?

# Capítulo Sete

A viagem costeira até ao mosteiro foi feita de burro, e com Falco à frente da pequena procissão, seguido de Raven e de Lady Alice, que continuava amuada e sem falar com ninguém. A discussão com Raven fora ouvida em toda a hospedaria. Essie conseguira perceber uma palavra ou outra, mas era evidente que sua senhoria não estava satisfeita.

– O que se passa? – perguntou Sadie, aproximando o seu burro do de Essie quando o caminho ficou mais largo. – Porque está toda a gente tão zangada?

– Provavelmente é do calor – disse Essie vagamente.

– Mas o capitão disse que nos ia levar para a Austrália. Fica do outro lado do mundo, onde vão os condenados. Não pode ser assim.

– Pois disse, mas Lady Alice quer voltar a Londres e eu tenho a certeza de que ela tomará providências alternativas para nós, assim como para ela.

– Quero ir para casa – murmurou Sadie. – Está muito calor aqui e não gosto da comida. Tenho saudades de Londres.

– Acho que eu também. Embora aqui seja bonito e o mar tenha uma cor maravilhosa; o ar é fresco e limpo, mas Londres é a nossa casa.

– Parem de falar e avancem, senão ficam para trás. – Raven virou-se na sela, acenando-lhes. – Isto também é para si, Alice. E pode tirar essa expressão do rosto. Não somos crianças de escola e não pode esperar que seja tudo feito à sua vontade.

Lady Alice respondeu incitando o seu pequeno animal a trotar, passando Raven e ficando em segundo lugar, atrás de Falco. Olhou por cima do ombro.

– Digo o mesmo de si, Raven. Se julga que me vai dar uma ferroada, engana-se.

Essie e Sadie trocaram um olhar cheio de significado e incitaram os burros a andarem um pouco mais depressa.

Era meio-dia e o sol queimava no céu límpido, tão azul que feria o olhar de Essie quando ela olhava para aquela vastidão cerúlea. Não se via uma única nuvem e o silêncio era quebrado apenas pelo som dos cascos dos burros na terra seca e dura e pelo movimento das ondas na costa. A erva estava acastanhada em alguns locais, mas tinham sobrevivido uns punhados de flores rosadas e brancas, assim como campainhas azuis, que conferiam explosões de cor à paisagem queimada do sol. Era difícil seguir por aquele terreno duro, mesmo montados em animais acostumados àquelas condições, mas a visão do mosteiro branco empoleirado ao cimo do penhasco, brilhando ao sol, era mais do que bem-vinda. Os burros pareciam perceber que se aproximava o descanso e a sombra; ergueram a cabeça e aceleraram o passo.

Quando se aproximaram, Essie ficou baralhada ao ver que metade da estrutura do mosteiro estava em ruínas, mas uma pluma de fumo branco erguia-se no céu, confirmando que o que restava do mosteiro continuava habitável. Um olival polvilhava a encosta e os limoeiros carregados de frutos amarelos brilhantes suavizavam a rudeza da paisagem.

Quando se aproximaram dos altos muros de pedra, viram cabras espalhadas pela estrada, a mastigarem tudo o que conseguiam alcançar, e as galinhas bicavam a terra castanho-avermelhada do pátio aberto.

Falco estendeu o braço para puxar uma corda que fez soar um grande sino, como se anunciasse os anjos. Um monge veio ao seu encontro, caminhando a passo ocioso, e trocou umas palavras com Falco. Fez-lhes um gesto para que o seguissem, e entraram no silêncio fresco e ressoante dos claustros, que circundavam um quadrado cheio de ervas.

As vinhas adornavam a pedra e ao centro havia uma figueira carregada de frutos roxos, mas o mais surpreendente era o facto de uma secção dos claustros ter sido demolida, deixando a estrutura vulnerável ao clima. Atrás dos muros fraturados, Essie via o cume do penhasco e uma extensão ampla do mar Adriático.

– Piratas berberes – disse Falco, como se lhe lesse os pensamentos. – Atacaram e pilharam a costa mediterrânica e

além dela, capturando grande número de pessoas e vendendo-as como escravas. Os monges resistiram e os piratas submeteram o mosteiro à força das balas de canhão antes de se irem embora para uma área mais rentável.

Raven analisou as ruínas, abanando a cabeça.

– Podiam ter reconstruído ou, pelo menos, tentado.

– É uma ordem pobre – disse Falco sombriamente. – Vivem uma vida simples dedicada à oração.

– Parece invejá-los. – Lady Alice mirou-o com curiosidade. – Que homem estranho é, capitão.

Ele fez uma vénia dobrando o corpo pela cintura.

– Não sou um bárbaro, independentemente do que pense, Lady Alice. – Virou-se para o monge, falando num italiano rápido. – Acabei de perguntar ao irmão Ignacio se podemos ver o Frederick, mas ao que parece continua doente.

– Quero vê-lo imediatamente – disse Raven, impaciente. – Talvez tenha de ficar aqui, Alice.

Ela olhou-o desanimada.

– Se acha que fiz esta viagem toda neste calor sem poder mudar de roupa para que me digam que não posso ver o Freddie, vai ter mais uma explosão, Lorde Starcross.

Essie olhou para ele de boca aberta. Nunca pensara se Raven seria o seu nome próprio ou apelido, mas ouvir dirigirem-se a ele daquele modo fê-lo parecer uma pessoa diferente. Ele olhou-a de relance e os seus lábios curvaram-se num sorriso.

– Esqueça o título, Essie. Não tem qualquer peso nos Antípodas. O músculo e a tenacidade são as únicas coisas necessárias nas minas de ouro de Victoria.

– Completo disparate – disse bruscamente Lady Alice. – Não acredite em nada do que o meu primo diz, Esther. Gosta de esconder o facto de ter herdado um condado e uma grande propriedade rural.

– Acrescente criminoso condenado aos meus nomes e terá tudo – disse Raven bruscamente. – Pare com isso, Alice. Estamos aqui para ver o Freddie. Continue, irmão Ignacio.

O irmão Ignacio olhou para Falco, que anuiu, acrescentando algumas palavras em italiano, e o monge conduziu-os pelos claustros até uma porta que se abria para uma estreita escadaria em espiral. Disse algo a Falco quando pararam de repente.

– O irmão Ignacio e eu ficaremos aqui para irem ver o vosso familiar. Não há muito espaço para todos, segundo o santo homem.

A torre, com as seteiras, parecia ter sido construída há muitos séculos como defesa dos atacantes do mar e sobrevivera, apesar de tudo. Era escura e os degraus de pedra estavam gastos pela passagem dos tempo e constante uso.

Pequenas traças brancas esvoaçavam por cima das cabeças e os gritos angustiados de Sadie ressoavam no calcário num refrão lamentoso. Por fim, quando Essie julgou que os seus joelhos iam ceder, chegou ao topo, encontrando-se numa sala circular com janelas altas e sem vitrais em todos lados. Era brilhante e arejado, com vista do campo circundante, bem como um amplo panorama da costa e uma vasta extensão de mar.

Raven e Lady Alice dirigiram-se à cama onde um jovem estava deitado sobre almofadas. Essie ficou de pé a agarrar a mão de Sadie. Sentiu tremor, se de medo ou exaustão pouco importava, e fez-lhe um sorriso encorajador.

– Está a ver. Deve ser o irmão do Raven, Freddie. Parece estar doente.

– Como está, meu velho? – Raven ajoelhou-se à cabeceira do irmão. – Como se sente? Qual a sua moléstia?

Lady Alice empoleirou-se à beira da cama.

– Como pode ele saber? – disse zangada. – Veio algum médico, Freddie?

– Continuam a discutir? Agora sei que vou a caminho de casa. – Freddie sorriu debilmente.

– Infelizmente, não – disse Raven suavemente. – Pelo menos, ainda não, Freddie. Tenho o meu advogado a trabalhar no caso. Vai apelar das duas sentenças, embora eu não tenha muita esperança.

Freddie virou a cabeça para o outro lado.

– Então, porque vieram?

– Mandou dizer que estava doente e precisava de fundos – disse Alice com impaciência. – Deus do céu, Freddie. Faz ideia do que nos fez passar a todos? O Raven arriscou o pescoço para voltar a Londres, numa tentativa de limpar o seu nome e o dele. Eu não tinha intenção de fazer toda esta viagem, mas não tive grande escolha.

– Lamento. – Os dedos magros de Freddie começaram a beliscar a colcha desbotada. – Não queria causar problemas. Tenho estado doente, com febre.

Essie soltou a mão de Sadie e aproximou-se da cama. Tinha visto muitos casos de tifoide, disenteria e cólera em Limehouse e tratara o pai de inúmeros acessos de febre.

– É evidente que o pior já passou – disse ela ousadamente.

Ele olhou-a com curiosidade.

– Mas quem diabo é a senhora? E quem é aquela criança à porta? Parece rígida de medo.

Essie ajoelhou-se ao seu lado na cama.

– Chamo-me Essie e a minha amiga chama-se Sadie. Estávamos no barco com Lady Alice quando ele afundou e não tivemos alternativa senão embarcar no navio do capitão Falco.

– E podíamos ter-nos afogado todos – acrescentou Sadie.

– Mas acabámos aqui.

Os olhos azuis de Freddie, tão parecidos com os do irmão, iluminaram-se de diversão.

– Gostava de ouvir essa história.

– E ouvirá, mas não agora – disse Raven, com uma palmadinha na mão do irmão.

– Trouxemos fundos para que os monges possam comprar comida ou seja o que for de que precise. – Levantou-se. – Passamos aqui a noite. Falei com o irmão Ignacio e tratei disso, mas teremos de partir amanhã de manhã.

– Não, não vão já. Acabaram de chegar – protestou Freddie debilmente. – Não me pode abandonar, Raven. Morrerei se tiver de aqui ficar mais tempo.

– Não seja palerma, Freddie. – Lady Alice tomou-lhe a mão nas suas e afagou-a. Só pode regressar a Inglaterra se obtiver o perdão total e isso demorará tempo. Julguei que se sentia feliz aqui. Por certo que haverá neste convento tudo aquilo que possa querer. É livre de pegar nas tintas e ir para o campo, e viver uma vida sossegada, longe da tentação.

– É isso mesmo, Alice. Estou em Itália há cinco anos, desde os meus vinte anos. Tudo estava bem até eu ficar sem dinheiro e foi por isso que vim para o mosteiro. Aceitaram-me e deixara-me ficar por quase nada. Ajudei-os a lavrar a terra e a colher os frutos, mas senti a falta da vida na cidade.

– Mas decerto podia visitar Brindisi de vez em quando, não? – disse Raven, de sobrolho franzido. – Os monges devem ir à cidade, nem que seja para comprar bens de necessidade.

– Cometi alguns erros quando vivia no meu estúdio. Era popular entre a gente local enquanto tive dinheiro para comprar bebidas e pintei retratos das mulheres e crianças. Até cheguei a pintar um papagaio, para um capitão do mar reformado.

– Terão os seus erros alguma coisa que ver com jovens italianas? – perguntou Lady Alice bruscamente. – Conheço-o de ginjeira, Freddie. Sempre teve olho para as raparigas.

Um débil sorriso iluminou os olhos de Freddie.

– Houve umas quantas, Alice. Umas beldades de cabelos negros que nem imagina e estavam ansiosas por me agradar. Todas queriam que os seus atributos se conservassem para a posteridade, mas depois os pais começaram a fazer sentir a sua

presença. Tive de deixar a cidade à pressa e foi quando os monges me encontraram, caído no cimo de um penhasco a cerca de um quilómetro daqui.

– É um íman para atrair problemas, Freddie – disse Raven a rir. – Há quanto tempo vive no mosteiro?

– Há um ou dois anos, creio. Não acontece aqui grande coisa e perdi conta ao tempo. Tudo é governado pelo maldito sino. Levantam-se a meio da noite para rezar e continuam assim durante o dia inteiro e grande parte da noite. Às vezes acho que querem que me junte à ordem, mas a vida de monge não é para mim.

Essie escutava atentamente, mas os joelhos doridos obrigaram-na a levantar-se. Olhou para o jovem belo e pálido cujo cabelo comprido encaracolado lhe emoldurava o rosto e os ombros de uma maneira que fazia inveja a uma mulher.

– Parece-me que tem um castigo merecido – disse ela sem simpatia. – Enganou aquelas mulheres, por isso merece-o.

– Chega de moralismos, Esther. – Lady Alice inclinou-se para beijar a face de Freddie. – Eu diria que ela tem razão, mas isso não ajuda nada nestas circunstâncias. Temos de decidir o que é melhor para si, primo. Não sei bem como o levaremos para casa.

– Arranjaremos maneira, Alice – disse Raven com firmeza. – Mas não tem grande escolha, Freddie. Ainda não pode regressar a Inglaterra e parece que não fez grandes amizades no que toca à gente da cidade. Posso dar-lhe dinheiro, mas conhecendo-o, creio que se acabará em breve. Não sei o que faça consigo.

– Pense em alguma coisa, Raven – implorou Freddie. – Se ficar aqui, morro. Não há dúvida quanto a isso.

Lady Alice endireitou-se.

– Essa cama é muito desconfortável. É evidente que os monges consideram que o sofrimento faz bem à alma. Seja como for, estou esfomeada, por isso vou descer e pedir ao Falco que nos arranje comida.

– Falco? – perguntou Freddie, estonteado. – Quem é?

– É o capitão do navio que aluguei em Geelong para me levar a Inglaterra, e foi ele quem nos trouxe aqui. O Falco aceita trabalho onde o arranja e, desde que lhe consiga pagar, fará o que lhe peço, dentro do razoável.

Raven virou-se para Essie e Sadie, que continuavam junto da porta.

– É melhor vocês descerem primeiro, raparigas. Eu já vou.

– Gostava de ficar a falar com o seu irmão, se não se importa – disse Essie com ousadia. – Pode ser que consiga fazer um remédio de ervas para o ajudar, mas tenho de lhe fazer mais algumas perguntas.

– Deus do Céu! É curandeira, Esther Chapman?

– Não, senhor, mas em Limehouse as pessoas não têm dinheiro para chamar o médico de cada vez que lhes dói a barriga ou têm diarreia. Não vou fingir que consigo curar a cólera ou a febre tifoide, mas posso ajudar a aliviar os sintomas e talvez acelerar a recuperação do doente. O resto fica nas mãos do Todo-Poderoso, mas eu diria que o seu irmão está num processo de recuperação.

– Bom, bom. – Raven fitou-a como se a estivesse a ver pela primeira vez. – É uma caixinha de surpresas. Muito bem, vou mandar que lhes tragam comida. – Virou-se para o irmão, a sorrir. – Parece que tem uma enfermeira voluntária, por isso deixo-o nas mãos dela. Seja simpático, Freddie. Foi uma grande ajuda para mim em Londres.

Essie esperou até ficarem a sós e puxou a única cadeira do quarto para se sentar. Tocou na testa de Freddie, que estava fria.

– Há quanto tempo está assim doente, senhor Dorincourt?

– Por favor, trate-me por Freddie.

– Muito bem, Freddie. E se me disser quando começou a febre e o que os monges fizeram por si?

Ele fitou-a com um olhar curioso.

– Quem é, Esther Chapman? Como chegou aqui? Falou num barco afundado? Onde foi isso e como aconteceu?

– Porque quer saber? Partimos amanhã e duvido que nos tornemos a ver.

– Pica como um cato. Entretenha-me, Esther. Estou aqui na torre, sozinho, há semanas, ou assim me parece. Conte-me a sua história.

Essie estava prestes a responder quando ouviu passos pesados e o irmão Ignacio entrou a cambalear no quarto com uma bandeja pesada, que pousou numa mesinha ao pé da cama.

– *Grazie* – disse Essie, recebendo como resposta uma breve vénia enquanto o irmão Ignacio retrocedia e os deixava com a comida.

Ela espreitou para as taças e cheirou.

– Sopa – disse ela e virou-se para Freddie. – Cheira bem. Tem fome?

Ele abanou a cabeça.

– Não tenho grande apetite. Preferia ouvi-la enquanto come.

Essie mergulhou a colher no caldo de legumes, engrossado com pedaços de massa.

– Eu falo, mas só se prometer que come.

Ele abriu a boca, obediente como uma criança pequena e Essie falou-lhe do seu primeiro encontro com Raven e das complicações da sua visita a Londres. Freddie escutava com uma expressão de êxtase nas feições bonitas, sugando a sopa quase sem reparar que assim se alimentava.

Quando a tigela ficou vazia, Essie descascou um pêssego e deu-lhe gomos até ele se deitar a protestar que não conseguia comer mais.

– A sua sopa vai arrefecer – disse ele com gravidade. – Agora coma e eu fico aqui a ver, a apreciar a companhia de uma rapariga bonita. Estou farto de ver caras de homem e de ouvir vozes grossas. Você parece um anjo do céu, e soa como tal.

Essie quase se engasgou com a colherada da sopa que arrefecia rapidamente.

– Agora já sei como seduziu as raparigas da cidade – disse ela a rir. – Tenho fome, por isso não há perigo de perder o apetite, mas pode falar-me de si. Por exemplo, como foi que se envolveu com um bando de contrabandistas?

– Alguém se pôs a falar – disse Freddie com um sorriso malandro. – Imagino que a Alice lhe tenha falado dos meus modos selvagens. Desconfio de que a maior parte será verdade, mas quando vim de Cambridge achei a vida em Devon muito parada. Não era pessoa de caçar e pescar e costumava ir ao *pub* da vila, onde encontrava os rapazes com quem cresci. Quando éramos jovens, corríamos pelo campo e arranjávamos todo o tipo de arranhões.

– Mas já tinha passado esse tempo, por certo. – Essie partiu um pedaço de pão e mergulhou-o na sopa. – Continue.

– Não há grande escolha para jovens criados no campo. Ou trabalham na agricultura ou ganham a vida a pescar e essas ocupações dão pouco dinheiro. Os meus amigos de infância optaram por contornar a lei para ganharem um pouco mais de dinheiro. Acompanhei-os numa das suas saídas, mas na noite em questão estava simplesmente ali quando eles chegaram. Infelizmente, alguém informara os guardas e eles ali estavam, à espera para atacar.

– Lamento que tenha sido apanhado, mas devia saber que era um negócio arriscado.

Freddie suspirou.

– O meu grande remorso é o Raven ter sido envolvido no caso. Ficou com a pena que devia ter sido minha.

– Podia ter enfrentado a forca – disse Essie, colocando a tigela vazia na bandeja. – O mínimo que pode fazer é prometer ser paciente e esperar pelo apelo. Ele arriscou a vida quando regressou a Londres, e tudo isso por si.

– Eu sei, Esther. Não é preciso esfregar-me isso na cara.

– Pode tratar-me por Essie. Creio que a Lady Alice é a única pessoa que me chama Esther desde que saí da escola, com

exceção do meu pai quando se zanga comigo.

Freddie estendeu o braço para lhe segurar na mão.

– Não vou dificultar as coisas ao Raven. Prometo portar-me bem e esperar pacientemente que a lei siga o seu curso. – Apertou-lhe os dedos e os seus lábios formaram um sorriso malandro. – Mas não garanto como será o meu comportamento se o apelo falhar. Posso marcar passagem para a Austrália. O Raven não disse nada, mas deve ter achado ouro, para ter dinheiro para alugar um navio.

– Isso terá de discutir com o seu irmão. – Virou a cabeça e viu Raven especado à porta.

– Vocês os dois parecem dar-se bem – disse ele casualmente. – Discutir o quê comigo, Freddie?

Essie retirou a mão e pôs-se de pé.

– Deixo-vos a conversar. – Pegou na bandeja e desceu as escadas em espiral até aos claustros. O aroma fragrante a pão quente e sopa levaram-na ao refeitório, onde foi encontrar Lady Alice sentada a uma mesa comprida com Sadie e o capitão Falco. Os monges estavam sentados noutra mesa, concentrados a comer, mas Essie percebia pelos olhares furtivos que estavam fascinados por Lady Alice Crozier. Até com um vestido de camponesa, era sem dúvida uma mulher bonita e a sua vivacidade iluminava o refeitório escuro como um farol. Os monges podiam ser santos, mas antes de mais eram homens e era evidente que caíam sob o feitiço dela.

– Aqui está, Esther – disse Lady Alice, de sobrolho carregado. – Já acabou de brincar às enfermeiras com o meu primo?

Essie colocou a bandeja na ponta da mesa e sentou-se. Acostumara-se aos humores de Lady Alice durante a viagem marítima e percebera que o melhor era ignorar aqueles comentários.

– Tivemos uma conversa interessante, sua senhoria – disse ela calmamente. – Mas creio que o problema do senhor Frederick se deve mais ao tédio e à solidão do que à doença.

– Então agora é médica?

– Não, sua senhoria, claro que não.

Falco deu a Essie um sorriso radiante.

– Acho que pode ter razão. Uma jovem inteligente como a menina seria uma mais-valia para a minha tripulação. Infelizmente, Hooper só saber fazer ligaduras e purgas.

Lady Alice levantou-se, o que levou os monges a erguerem os olhos da comida, se bem que tornaram a baixar rapidamente a cabeça quando viram o olhar de censura do abade.

– Diga-lhes que preciso de um lugar para descansar a cabeça esta noite, Falco – disse Lady Alice num tom imperioso. – A Esther e a Sadie dormem no meu quarto, para segurança delas e minha.

– Não me parece que tenha alguma coisa a temer destes homens santos – disse Falco a rir.

– Homens são homens, quer usem o hábito do monge ou as vestes do padre.

Falco fez o sinal da cruz e olhou para o céu.

– Que Deus a perdoe, sua senhoria.

– Não tem graça. – Lady Alice enfrentou o olhar divertido com uma expressão empedernida. – Se me tivesse levado para terra firme em Londres, eu agora não estaria aqui.

Ele levantou-se e fez uma vénia dobrando a cintura.

– E eu não teria o prazer da sua companhia, sua senhoria.

Essie reteve a respiração. Por um instante, julgou que Lady Alice pudesse atirar alguma coisa ao capitão Falco, mas um sorriso curvou-lhe os lábios e o seu riso fez eco no teto abobadado.

– É malandreco, Falco. Desconfio que nos manteve a bordo para seu entretenimento apenas, portanto agora pode retribuir o favor arranjando-me um lugar confortável para dormir.

Falco anuiu e foi falar com o abade, regressando passado um momento.

– Só têm um quarto para oferecer.

Sadie puxou a manga de Essie.

– O que se passa? Temos de passar aqui a noite?

– Parece que sim – disse Essie em voz baixa.

Falco disse alguma coisa ao irmão Ignacio, que respondeu, anuindo e gesticulando. Falco virou-se para Lady Alice.

– Expliquei a situação e o irmão Ignacio vai mostrar-lhe a cela.

– Parece que vamos para a prisão – sussurrou Sadie.

Essie calou-a com um olhar fulminante e seguiu Lady Alice e o irmão Ignacio para fora do refeitório. As celas ficavam num bloco que escapara ao fogo dos navios dos piratas berberes, mas quando Lady Alice viu onde iam dormir, atirou as mãos ao ar.

– Isto é mesmo uma cela. É tão má como a cabina do *Santa Gabriella*.

O irmão Ignacio fez uma vénia e retirou-se. Era evidente para Essie que ele estava farto daquela imperiosa senhora estrangeira, e mal podia esperar por regressar à sua vida de oração e contemplação.

Lady Alice deixou-se cair na cama.

– Isto é tão duro como se dormisse no chão.

Essie olhou em redor da sala minúscula, que tinha como única mobília uma mesa pequena, uma única cadeira e uma cama estreita.

– Parece que é o que eu e a Sadie teremos de fazer.

– Oh, pois! É só uma noite. – Lady Alice levantou-se rapidamente. – Acho que vou subir e passar o resto do dia com o Freddie. Vocês as duas podem passar o tempo como desejarem. Mas, aconteça o que acontecer, partimos de manhã cedo e insisto para que o Raven nos marque uma passagem para casa. Estou morta por regressar a Inglaterra.

# Capítulo Oito

Nessa noite, como a cela atribuída a Lady Alice era pequena demais para as três, Essie voluntariou-se para dormir na cadeira que havia no quarto de Freddie, na torre.

Falco e Raven sentaram-se a beber vinho à noite e a perspetiva de dormir no chão do refeitório não parecia incomodá-los. Essie, por outro lado, estava contente por escapar ao constante soar dos sinos que chamava os irmãos para a oração a todas as horas do dia e da noite. Pelo menos, no cimo da torre era mais sossegado e o ar era doce com o aroma dos limoeiros e o perfume dos penhascos aquecidos pelo sol, temperado pelo cheiro salgado do mar. Justamente quando julgava que Freddie estava quase a adormecer, ele sentou-se na cama e estendeu o braço para lhe pegar na mão.

– Eu tenho de me ir embora com vocês amanhã, Essie.

Ela olhou-o, tentando distinguir as suas feições no escuro.

– Julguei que tinha de ficar aqui para sua própria segurança.

– O Raven vai para a Austrália. Quero ir com ele.

– Mas ele vai regressar à colónia penal. Se se descobre que esteve ausente ficará metido num grande problema.

– O meu irmão é demasiado inteligente para ser descoberto e fez fortuna nas minas de ouro. Eu também quero ter essa oportunidade. O dinheiro pode comprar tudo, até a liberdade.

– Foi por isso que ele arriscou tudo – disse Essie, paciente. – Foi para Londres com esse único propósito.

– E eu fico-lhe grato, mas morro se ficar aqui mais um dia sozinho. Compreende isso, não compreende, Essie?

– Creio que sim, mas tem de falar com o seu irmão. Ele é a única pessoa que o pode ajudar.

– Sim, vou falar. Quero que mo traga logo de manhã.

– Eu trago – prometeu Essie. – Agora durma.

Freddie levantou-se da cama.

– Não posso ficar aqui deitado no conforto consigo sentada nessa cadeira. Trocamos de lugar. Precisa mais de descansar do que eu.

Ela olhou-o, horrorizada.

– Não posso fazer isso. O senhor não está bem.

Ele pegou-lhe na mão e fê-la levantar-se.

– Já recuperei da febre. Preciso de ar fresco e de alguma coisa para fazer, senão enlouqueço. Agora fique com a minha cama, e eu sento-me na cadeira.

*

Na manhã seguinte, Essie acordou e viu Freddie a observá-la com um sorriso no rosto.

– É um prazer vê-la dormir – disse ele alegremente. – Parecia estar a ter sonhos doces.

Ela sentou-se, constrangida e envergonhada.

– Não me lembro. Espero que tenha conseguido dormir.

– Passei pelas brasas, mas não consigo mais do que isso. Não preciso de dormir muito. – Inclinou-se para a frente, com o sorriso apagando-se. – Agora vai fazer o que lhe pedi ontem à noite? Vá à procura do meu irmão e diga-lhe que parto convosco.

Essie sacudiu a farta cabeleira.

– Muito bem, mas não posso descer com este ar. Imagino que não tenha um pente ou uma escova?

Freddie levantou-se e dirigiu-se a uma cómoda, regressando com um espelho e uma escova.

– Os irmãos permitem estes luxos, mas é tudo. Tive de deixar as minhas poucas posses quando abandonei o estúdio na cidade. Não que tivesse trazido muito comigo, uma vez que a minha saída foi algo apressada.

Essie estremeceu quando a escova se deteve num nó em particular e, para sua surpresa, Freddie tirou-lhe a escova da mão.

– Ainda não terminei – protestou ela.

– Vire-se, que eu penteio-lhe o cabelo. Há muito tempo que não passo os dedos por uma cabeleira escura e sedosa como a sua. Sempre adorei as mulheres, e a vida monástica não é para mim.

– Segundo ouvi, foi o facto de gostar de caras bonitas que o trouxe para aqui – disse Essie a rir.

– As minhas intenções foram mal interpretadas e eu nunca tive queixas das senhoras em questão. Mas fará o seu melhor para convencer o Raven de que estou desesperado por me ir embora, não fará?

Ela fechou os olhos, desfrutando do ritmo com que ele lhe escovava o cabelo.

– Farei o meu melhor, Frederick.

– Só Freddie. As cerimónias ficam deslocadas aqui. – Afastou-se para admirar o seu trabalho. – Tem um cabelo lindo, Essie. E uma cara de anjo, especialmente quando dorme.

Essie sentiu o sangue subir-lhe às faces.

– Por favor, não diga isso à frente de ninguém. Sabe Deus o que iriam pensar. – Foi para as escadas. – Farei o que puder, Freddie.

– Acho que estou apaixonado por si, Essie – disse, soprando-lhe um beijo.

Ela desceu as escadas a sorrir.

O honorável Frederick Dorincourt não era assim tão diferente de Ben, que lhe estava sempre a declarar o seu amor – ela sabia que era só conversa.

*

Raven e Falco estavam esparramados nas cadeiras do refeitório deserto. Essie bateu no ombro de Raven.

– Acorde. Tenho de falar consigo.

Ele abriu um olho sonolento e olhou-a como que pela primeira vez.

– O que quer?

– O seu irmão quer ir para a Austrália – disse Essie bruscamente. – Acorde. Não torne a adormecer.

Ele abriu os dois olhos e endireitou-se na cadeira.

– O que disse?

– O Freddie insiste que se quer ir embora. Diz estar desesperado e eu acredito nele. Quer ir consigo.

Raven pôs-se em pé de um salto.

– Veremos.

Seguiu em passos largos para a torre, deixando Essie sozinha com Falco, que despertava devagar.

– O que se passa? – exigiu saber. – Que estardalhaço é esse?

Nesse momento, os monges começaram a formar fila para o refeitório, com cestos de pão e fruta, que pousaram na mesa junto aos jarros de água. Deram as graças e sentaram-se, ignorando Essie e Falco, que se afastara para uma distância respeitosa.

– O Freddie quer ir-se embora connosco – sussurrou Essie. – Diz que se atira da janela se partirmos sem ele.

Falco não parecia impressionado.

– Duvido que fosse tão longe.

– Quer ir para a Austrália com o irmão – insistiu Essie. – Não me parece que seja impossível.

Falco encolheu os ombros e estendeu o braço para uma garrafa de vinho; bebeu um gole e limpou a boca com as costas da mão.

– São eles que fazem esta mistela, mas é horrível.

– É melhor eu ir à procura de sua senhoria – disse Essie, afastando-se. – Sabe a que horas partimos?

– Eu sou apenas o guia e intérprete – disse Falco com um esboço de sorriso. – É o Raven quem comanda. Temos de esperar para ver o que ele decide.

Essie sabia que só havia uma pessoa que podia influenciar Raven, e foi à procura de Lady Alice.

– O quê?! – Lady Alice sentou-se na cama fitando Essie. – Não está enganada? O Freddie não haveria de querer ir para uma colónia penal, nem que Raven tivesse encontrado ouro.

– Foi o que ele disse, sua senhoria. E parecia bastante determinado.

Lady Alice saiu rigidamente da cama.

– Foi a noite mais desconfortável da minha vida. É evidente que os monges acreditam na mortificação da carne.

Sacudiu a figura adormecida de Sadie com o pé.

– Acorda, rapariga. Partimos quando eu estiver pronta, independentemente do que diga o Raven.

O que se passou entre os dois irmãos nessa manhã nunca foi abertamente discutido, mas Freddie despediu-se dos monges, agradecendo-lhes a hospitalidade e o pequeno grupo começou a viagem de regresso a Brindisi. Quando chegaram à hospedaria, pouco depois do meio-dia, arranjaram um quarto para Freddie, que estava obviamente esgotado da longa viagem. Era evidente que ainda não estava totalmente recuperado, embora se recusasse a reconhecer que estava em convalescença.

Essie ficou aliviada ao ver a roupa lavada, seca e bem dobrada em cima da cama com as peças de Sadie e, nessa tarde, a costureira apareceu para tirar as medidas a Lady Alice para pelo menos um vestido novo. Satisfeita sua senhoria com a informação de que era perfeitamente capaz, a costureira virou as atenções para Essie e finalmente para Sadie, embora deixasse bem claro que as roupas só viriam depois das de Lady Alice.

Falco e Raven tinham ido ao porto e voltaram a tempo do jantar, nessa noite. Essie sentia uma tensão na atmosfera, mas nenhum deles falou abertamente e Lady Alice parecia distraída daquela alteração de humor. Parecia feliz, agora que usava roupa nova, embora estivesse já bastante gasta e puída, e Sadie penteara o cabelo de sua senhoria com muita elegância.

– Estiveram a preparar o barco para a viagem até Inglaterra, espero. – Lady Alice tomou o seu lugar à mesa, espalhando as saias e inclinando a cabeça de maneira coquete, dirigindo-se a Falco com um sorriso encantador.

– Vai assegurar-se de que chego a salvo a casa, não vai, capitão?

Falco erguera-se, galante, tal como Raven, mas trocaram um olhar cauteloso e tornaram a sentar-se.

– Infelizmente, isso será impossível, minha senhora – disse Falco suavemente. – Mas falei com o capitão de outro navio, que parte para Portsmouth dentro de dois dias.

– Oh! – Lady Alice fez um lindo beicinho. – Por certo, faria esse esforço por mim, não?

– Creio que não entende a situação na íntegra, Alice. – Raven falava com um tom ríspido na voz. – O Falco arriscou tudo quando me levou para Londres. Regressar lá seria uma palermice extrema.

– Eu sabia – disse Essie baixinho. – É um pirata, capitão Falco.

Ele abanou a cabeça.

– Não, pela minha honra, não sou nenhum corsário. Por outro lado, tenho por vezes quebrado a lei, apenas o bastante para que me seja impossível ficar aqui mais tempo do que o necessário.

– Então, tem a cabeça a prémio, tal como o Raven – concluiu Lady Alice irritada. – E o Freddie não se atreve a mostrar a cara na cidade com medo de ser reconhecido por pais irados. Haverá algum homem honesto e de confiança?

Essie afastou-se quando Filomena colocou uma taça de massa fumegante, brilhando com molho de tomate e pontilhada de folhas de manjericão, à sua frente na mesa. O aroma delicioso fez-lhe crescer água na boca e a conversa cessou enquanto comiam. O dono da hospedaria levou vinho para a mesa e, desta vez, Falco aprovou, chegando ao ponto de encher um copo para Essie e outro mais pequeno para Sadie. O álcool subiu diretamente à cabeça de Essie e Sadie quase

dormia antes de ter acabado a comida. Ajudada por mais uma garrafa de vinho, a tensão afrouxou e Falco entreteve-os com anedotas engraçadas, se bem que não o conseguiram convencer a cantar uma canção. Essie reparou que Raven continuava incomodado, embora fizesse um esforço para se mostrar leve. Perguntava-se o que teria acontecido durante a visita ao navio, mas não estava em posição de fazer perguntas. Olhava de um rosto sorridente para o outro.

– Alguém subiu recentemente para ir ver o Freddie? – perguntou.

A conversa esmoreceu por momentos e abanaram-se cabeças. Essie levantou-se e ajudou Sadie a pôr-se de pé.

– Vou levar a Sadie para cima e ver como está o Freddie.

Lady Alice franziu o sobrolho.

– Senhor Frederick. Para si, Esther, é senhor Frederick. Não se esqueça dos bons modos.

– Que disparate – disse Raven bruscamente. – Aqui somos todos iguais, Alice. Dependemos uns dos outros e as condutas sociais vão pela borda fora. – Virou-se para Essie com um sorriso grato. – Obrigado, Essie. Ficar-lhe-ia muito grato se o fizesse. Receio ter-me esquecido do meu pobre irmão.

– De nada. – Essie virou-se depressa, com medo de que as faces rosadas pudessem ser confundidas com um corar virginal; tinha sido o vinho, claro, a dar-lhe cor às faces.

Guiou Sadie até às escadas e, depois de a ter posto na cama, foi ao quarto de Freddie.

Ele ergueu-se sobre um cotovelo e sorriu.

– Foi a única que se deu ao trabalho de me vir ver, Essie. Obrigado.

– Já devia ter vindo, mas tivemos a costureira e depois o Falco e o Raven voltaram das docas. – Aproximou-se da cama. – Tem fome?

– Tenho. Pela primeira vez em semanas, acho que podia comer uma refeição decente. Se tivesse a amabilidade de me passar a minha roupa, junto-me a eles lá em baixo.

Ela hesitou.

– Tem a certeza? Posso trazer-lhe alguma coisa da cozinha.

– Não, não quero que faça isso. Passe-me por favor as minhas coisas e, se tiver a amabilidade de esperar por mim lá fora, posso precisar de ajuda a descer as escadas.

Ela pegou na roupa e pousou-a na cama.

– Estou lá fora. Chame-me se precisar de mim.

*

Essie deixou Freddie sentado à mesa com um prato de comida à frente antes de regressar ao seu próprio quarto, onde se sentou no chão, pois não queria incomodar Sadie, que dormia profundamente. Uma brisa entrava pela janela aberta, trazendo o som dos apitos dos navios e o das velas a baterem contra os mastros. O ruído de vozes era fraco mas audível, quando os homens saíam da hospedaria, alguns deles a cantar a caminho de casa. Tudo formava um contraste total com o silêncio do mosteiro, mas pelo menos não havia sinos para chamarem os fiéis para a oração.

Essie fechou os olhos e caiu no sono. Foi acordada por alguém que a abanava.

– O que se passa?

Ela sentou-se rapidamente, estendendo os membros doridos. O chão não era o lugar mais confortável para se dormir.

– Temos de nos ir embora. Vista-se e acorde essa criança. Partimos imediatamente.

Essie puxou o fino lençol até à garganta, dando-se conta de que fora Raven a acordá-la, e não era um sonho.

– Porquê? Para onde vamos?

– Não há tempo para explicações. Faça o que lhe digo.

Raven saiu do quarto e os seus passos ecoavam estranhamente no edifício silencioso.

Essie levantou-se e enfiou o vestido pela cabeça. O tom de urgência na voz de Raven fê-la apressar-se. Desconfiara que

algo se passara nessa tarde, e agora tinha a certeza.

– Acorde, Sadie. Temos de sair da hospedaria.

Sadie mexeu-se, gemeu e enroscou-se na posição fetal.

– Vá-se embora.

Essie sacudiu-a.

– Não estou a brincar. Levante-se ou será deixada para trás. Não sei o que se passou, mas temos de ir embora.

Sadie seguiu Essie com relutância. Reuniram as poucas posses que tinham nos xailes e juntaram-se aos demais no bar. Falco e Raven estavam lá, apoiando Freddie, mas tiveram de esperar uns minutos por Lady Alice. Mesmo num vestido amarrotado, com o cabelo solto pelos ombros, conseguia estar bonita e elegante. Essie podia ter sentido inveja, não estivesse ela tão ansiosa.

– O que se passa, Raven? – exigiu saber Essie num sussurro. – Porque estamos a fugir?

– Já estamos todos? Temos de partir já.

Falco abriu a porta e saiu.

– A costa está livre. Depressa.

– Os pais da cidade descobriram que estou aqui? – perguntou Freddie com um sorriso sardónico.

– Não seja convencido, irmão – disse Raven, tenso. – Apoie-se em mim, Freddie. Temos de alcançar o barco.

– Leva-me para Inglaterra? – Lady Alice apressou-se atrás deles.

– Vamos mesmo para casa? – perguntou Sadie sem fôlego, correndo atrás de Essie.

– Quem sabe? – Essie agarrou-a pela mão e começou a correr, seguindo os outros que se apressavam colina abaixo para o negrume.

Como tinham conseguido atravessar a cidade e chegar ao *Santa Gabriella* era uma espécie de milagre, tendo em conta que tinham sido desafiados ao pé das docas por homens de

uniforme. Falco falou com eles por breves momentos, e tiveram de esperar uns momentos enquanto um agente revistava uma pilha de documentos, mas depois, para surpresa de Essie, foram autorizados a embarcar. Já havia uma boa nuvem de vapor e a tripulação esperava para partir.

– Só um momento, Falco. – Lady Alice agarrou-o pela manga. – Não sei o que aqui se passa, mas quero que me jure que vamos a caminho de Inglaterra.

Ele olhou para a pequena mão branca alva da mulher, com os dedos a agarrarem o material grosso do casaco.

– Sabe que isso é impossível, sua senhoria.

Essie avançou para Lady Alice, que balouçava como que prestes a cair.

– Talvez devêssemos descer, sua senhoria. O Freddie precisa de si.

– Não interfira, Esther. – Lady Alice ergueu o rosto para Falco. Vai ou não levar-me para casa, Falco? Quero uma resposta direta.

Raven chegou por trás dele e cingiu a cintura da prima.

– Aguente, Alice. Sabe que não podemos voltar a Inglaterra, especialmente agora. O Freddie seria preso mal pusesse um pé em terra e a Alice estaria metida num grande sarilho por ter ajudado. Estamos todos juntos nisto, até as duas raparigas.

– Sacana! – As palavras saíram da boca de Lady Alice, mais chocantes ainda por Essie nunca a ter ouvido usar aquela linguagem.

Raven limitou-se a sorrir e deu um beijo no cimo da cabeça dourada da prima.

– Desculpe, minha querida, mas vamos todos com destino aos Antípodas, a menos que queira parar em Malta ou na Cidade do Cabo. Pode ganhar a vida lá nos próximos dois anos.

Lady Alice olhou-o desanimada.

– Não acredito que me esteja a dizer estas coisas, Raven. Não pode estar à espera de levar três mulheres para a colónia penal de Victoria. Podemos não sobreviver à viagem.

– É muito mais forte do que parece. Lembro-me de si a subir às árvores e a nadar em Lyme Bay quando éramos jovens. É tão forte e ágil como qualquer um de nós.

Freddie pousou a mão no ombro dela.

– Tenho muita pena, Alice. Isto é tudo culpa minha. Se não tivesse insistido em vir convosco, as coisas podiam ter sido diferentes.

Falco pegou na mão dela e levou-a aos lábios.

– Eu também peço desculpa, sua senhoria. Como pode ver, sou um homem procurado no meu país natal, e isto é em parte culpa minha.

– O que disse àqueles homens armados, capitão? – perguntou Essie com curiosidade. – Julguei que nos iam prender a todos.

– Disse-lhes que sua senhoria é uma importante aristocrata inglesa, parente de Sua Majestade a Rainha Vitória, e que devia ter imunidade.

– É um bom mentiroso – disse Lady Alice com um sorriso relutante. – Admiro a sua coragem e cabeça fria, mas isso não o desculpa de me ter trazido para este velho barco ferrugento.

Falco levou a mão ao peito.

– Minha senhora, fala da mulher que eu amo.

– Isto não é um jogo, Falco. Não ouviu as minhas últimas palavras, seu réprobo. Vai pôr-me em terra firme em Malta e arranjar um navio que me leve a casa, senão quero saber porquê. – Lady Alice dirigiu-se furiosa à sua cabina.

– O que é um réprobo, Essie? – murmurou Sadie.

– Bem pode perguntar. – Essie reprimiu uma risadinha.

Prometia ser uma viagem terrível, sobre a qual ela não tinha nenhum controlo. Queria ir para casa, mas uma pequena parte de si estava empolgada com a perspetiva de ir para o outro

lado do mundo. Tinha lido acerca das minas de ouro da Austrália e vira uma das pepitas que o Raven levara para casa. Seria fácil apanhar a febre do ouro – já a sentia a pulsar nas veias – a aventura estava prestes a tornar-se ainda mais empolgante.

*

O plano para atracar em Malta foi abandonado devido a uma súbita tempestade, que impossibilitou aportar na ilha e Falco, tendo avistado uma flotilha de navios britânicos ancorados, recusou-se a enfrentar o mau tempo. Disse que não tinha pressa nenhuma em ir ao encontro da Marinha Real e Raven estava ansioso por se afastar o mais possível das autoridades. Lady Alice podia ter protestado, mas estava de cama, enjoada, algo que ela negava ferozmente, culpando a pobre comida a bordo do *Santa Gabriella*. Sadie também sofria, mas Essie não foi afetada e cabia-lhe o papel de enfermeira delas.

Aportaram em Gibraltar, para se reabastecerem. Lady Alice estava fraca demais até para pensar em ir a terra e mandou Essie comprar sabonete, agulhas e linha, bem como rolos de tecido e um par de tesouras.

– Contratei-a como costureira – disse ela sucintamente. – Pode mostrar-me como é esperta fazendo-me um vestido semelhante ao que encomendei à mulher em Brindisi. Não posso continuar com uma mera muda de roupa quando atracarmos na Cidade do Cabo e estou decidida a chegar a casa, de uma maneira ou de outra.

O tempo era limitado e Falco estava desejoso de se fazer ao mar logo que as lojas tivessem sido varridas e o navio estivesse abastecido de carvão e água doce. Mesmo assim, Essie conseguiu comprar todas as coisas da lista de Lady Alice, incluindo umas toalhas e três rolos de algodão estampado, assim como material de costura. E depois havia os três xailes de renda e três chapéus de palha que Raven insistira em comprar.

O chapéu mais bonito, com três rosas de seda e uma fita cor-de-rosa, era para Lady Alice, os outros dois, de palha

entrançada, para Essie e Sadie. Raven mostrou-os a Essie com um piscar de olho e um sorriso.

– A Alice está a aprender a ser mais democrática, mas temos de a ajudar. Vai ter um choque quando desembarcarmos em Geelong, e ainda mais quando chegarmos a Ballarat. – Carregou os rolos de tecido ao ombro. – Venha, Essie. Vamos para o barco antes que o Falco parta sem nós. Parece que tem o diabo nos calcanhares.

Essie foi atrás dele, agarrando o cesto de verga com as compras.

– Mas disse que aportaríamos na Cidade do Cabo, onde poderíamos comprar uma passagem para Inglaterra.

Ele fez um olhar perplexo.

– Se acha que o tempo estava mau no Mediterrâneo, espere só até dobrarmos o Cabo. A minha prima é uma mulher corajosa, mas até ela pode esmorecer perante a ideia de repetir a viagem brevemente, em especial nesta época do ano, em que as tempestades são piores. Vamos contudo esperar para ver. Creio que o Falco pode persuadi-la a vir connosco até à Austrália. Podem todas regressar a casa a partir de lá, ou podem ficar até eu ser um homem livre, dentro de dois anos.

– Gostava que ficássemos?

– E porque não? Há muitas mulheres que ficaram, sobretudo por não terem alternativa, mas também há as esposas dos militares e algumas colonas genuínas.

– Pode ser que eu encontre ouro – disse Essie, pensativa. – E assim podia regressar com dinheiro suficiente para comprar uma habitação numa zona melhor e talvez o George voltasse para casa.

Raven passou o pesado rolo de tecido para o outro ombro.

– Fale-me dele. Como era o George?

– Porque quer saber?

– Porque sim, só isso. Tenho curiosidade em conhecer o passado da sua família. Por exemplo, que espécie de homem manda a filha sair à noite, para remar uma pequena

embarcação ao encontro de um desconhecido que vem num navio estrangeiro? Aquela parte do rio é manifestamente perigosa.

Picada pela injustiça daquele comentário, quando Raven sabia que a razão para ter saído era a doença do pai, Essie fulminou-o com o olhar.

– Sabe porque tive de fazer o trabalho do meu pai. Ele não me teria deixado sair sozinha à noite em circunstâncias normais.

Raven encolheu os ombros e apressou o passo.

– Se assim o diz, Essie.

Ela teria ido a correr atrás dele, mas continuava irritada com a crítica ao seu pai, que não era um modelo, mas que a amava à sua maneira. A vida era difícil desde que a mãe morrera e o George saíra de casa. Naquela continuada ausência, era Essie quem tinha de ser a dona da casa e de ajudar. Não lhe fizera nenhum mal, até a tornara mais independente.

De novo a bordo, Essie inclinou-se no gradeamento, contemplando o mar quando começaram a deslocar-se, e sentiu novamente uma reverência perante o oceano magnífico e todo o seu poder. A tripulação preparara as velas e andava atarefada, e os golfinhos brincavam nas ondas. Era uma visão que nunca deixava de a emocionar e empolgar, observando os animais brincalhões a folgar e a vagar as ondas como se a vida fosse boa e cheia de diversão. Sem dúvida que era uma lição a aprender com aquelas belas criaturas. Essie virou-se, sobressaltada, quando alguém lhe bateu no ombro, e a sua sensação de euforia dissipou-se.

– Lady Alice chama-a – disse Sadie entre dentes, olhando para as ondas de crista branca com um tom esverdeado na pele pálida. – Quero ir para casa, Essie.

– E irá, tudo a seu tempo. – Essie virou costas ao mar e abraçou o corpo magro de Sadie.

– Talvez fiquemos em terra na Cidade do Cabo. Sei que é isso que Lady Alice quer, apesar do que diz o Raven.

– Acha mesmo? – Sadie olhou-a com lágrimas nos olhos. – Vão deixar-nos regressar a Londres?

– Espero que sim, mas vamos voltar à cabina e depois iremos ter com sua senhoria. – Essie guiou-a. – Vou falar com o Raven e com o Falco. Não deixarei que nos tratem como crianças. Têm de nos deixar em terra e tratar da nossa passagem para casa.

# Capítulo Nove

Apesar das suas palavras ousadas, não era fácil para Essie fazer com que Raven se comprometesse e o mesmo acontecia com Falco, que era charmoso e sofisticado, mas recusava ser incluído nos planos imediatos deles. Numa época de mar calmo e ventos suaves, Lady Alice começara a recuperar da sua crise de náuseas e Freddie estava a ficar cada vez mais forte. Essie começou a ter algum tempo livre e dedicou-se a tentar fazer os vestidos. Sadie era a sua modelo e a primeira tentativa de Essie deixava muito a desejar. Mas a rapariga estava deleitada com o resultado e envergava a vestimenta com orgulho. Essie usou aquela experiência para criar um vestido para Lady Alice e desta feita ficou muito mais satisfeita com o resultado final. Lady Alice foi severa nos seus elogios, mas iluminou-se visivelmente quando Raven e Falco a elogiaram pela sua aparência. A derradeira tentativa de Essie antes de chegarem à Cidade do Cabo foi costurar uma saia e uma blusa para si própria, mas o tempo tinha piorado e o *Santa Gabriella* saltava e era atirado pelas ondas selvagens, tornando quase impossível enfiar linha numa agulha, quanto mais fazer uma costura direita. Lady Alice recolheu mais uma vez ao seu camarote e sucumbiu a mais um episódio de náuseas.

Atracaram na Cidade do Cabo, batidos e magoados depois de terem contornado o cabo, mas Lady Alice não pediu para ser levada para terra. Estava pálida e fraca na sequência da crise de náuseas e estava invulgarmente colaborante. Quando Falco anunciou que iam parar apenas se abastecerem de comida e água fresca e que não havia hipótese de ficarem no porto o tempo suficiente para tratarem da passagem de regresso a casa, Essie ficou à espera que ela fizesse uma birra. Raven deu apoio a Falco, bem como Freddie. Diante de uma oposição tão forte, Lady Alice desistiu sem dar luta. Essie ficou surpreendida, mas no seu íntimo sentiu-se aliviada. À medida que os dias iam passando, ela sonhava em encontrar ouro e agora que se encontravam a caminho da Austrália, não conseguia pensar em muito mais.

À semelhança do que acontecera antes, a comida era péssima e Lady Alice queixou-se a todas as refeições. No

final, foi Freddie quem veio socorrê-la. Ele invadiu a pequena copa do navio e expulsou o cozinheiro, que estava completamente disponível para aceitar outras tarefas.

– Mas, Freddie, você não sabe cozinhar – exclamou Lady Alice, que fitou o prato com uma expressão de descrença quando se sentaram no salão à hora do jantar.

Essie inalou o aroma da comida com uma expressão de agrado. A massa tinha sido passada por azeite com ervas secas, tomate fresco e queijo ralado.

– Isto cheira maravilhosamente, Freddie.

– Onde é que aprendeu a cozinhar isto? – perguntou Raven, que olhava para o seu prato cheio com descrença.

– Eu vivi sozinho quatro anos – respondeu Freddie, encolhendo os ombros. – Não podia comer sempre em bares e cafés, por isso tive de aprender a alimentar-me. Depois descobri que gostava de cozinhar e o pai de uma amiga minha ensinou-me a fazer massa.

– Desculpe, Freddie, mas você sempre foi um inútil e agora parece que encontrou a sua verdadeira vocação – comentou Lady Alice, que cedeu a um surto de risadas tão contagiantes que fez toda a gente rir, incluindo Freddie.

– Pode gozar, Alice, mas eu fiz essa massa a partir do zero. Se não gostar, posso sempre chamar o cozinheiro de volta.

– Não! – responderam todos em uníssono.

– E antes que me pergunte – disse Freddie, num tom defensivo –, a tripulação adorou. Apesar de o Hooper, nascido e criado em Londres, dizer que preferia carne cozida com cenouras. Eu informei-o de que tínhamos acabado com a nossa reserva de carne salgada e por isso ele teria de esperar até nos reabastecermos.

Em resposta ao olhar triunfante de Freddie, Essie dirigiu-lhe um sorriso encorajador. Tinha a sensação de que os cozinhados dele iriam tornar a última fase da viagem uma experiência mais agradável e as velas tinham sido dispostas de forma a tirarem partido dos Quarentas Rugidores, os vendavais na latitude quarenta que os fariam atravessar o oceano Índico a

grande velocidade, conduzindo-os ao seu destino final. Evitar o tédio era um problema importante, mas Essie ocupava-se com a sua costura e ensinou Sadie a fazer uma bainha. Lady Alice, que tinha recuperado completamente, começou a nutrir interesse pelos vestidos novos que Essie lhe tinha feito. Acrescentou-lhes alguns folhos, usando tiras de tecido e fita e elas sentavam-se no convés a dar às agulhas e a beber chá, para grande divertimento de Raven, que troçava de Lady Alice sem dó nem piedade. Contudo, ele mudou de cantilena quando a sua camisa se prendeu num prego ferrugento, abrindo um grande rasgão e teve de convencer alguém a remendá-la o melhor possível.

Lady Alice recusou, mas Essie teve pena dele e passou um serão inteiro a trabalhar à luz de uma lamparina de parafina, remendando o rasgão com pequenos pontos.

Ela levou a peça de roupa passajada para o convés, onde Raven estava debruçado no corrimão a fitar a escuridão.

– Aqui tem – disse-lhe, entregando-lhe a camisa. – Está como nova, bom, quase.

– Obrigado, Essie. Foi muito amável em ter-se dado a este trabalho. A Alice teria desfeito a camisa em farrapos se é que ia pensar nisso. Nós fomos demasiado mimados em crianças, agora vejo isso.

– O que deve ter feito com que as coisas fossem mais difíceis para vocês quando tudo começou a correr mal – disse Essie, calmamente. – Pelo menos quando se cresce sem ter nada, aprende-se a apreciar a sorte.

Ele voltou-se e olhou-a com atenção. O rosto dele estava pálido sob a luz do luar.

– Você não teve assim tanta.

– Talvez não, mas era feliz o bastante, tirando quando a minha mãe morreu e o George saiu de casa. Isso foi mau.

– Faz ideia para onde possa ter ido o seu irmão?

– Não, mas acho que ele é capaz de ter fugido escondido num navio. Não tenho mais nada em que me basear para além do facto de ele sempre ter querido ingressar na marinha.

– E porque não fez?

– O meu pai não permitiu. Ele dizia que era uma vida dura e que só os ricaços chegavam a oficiais. Lamento dizê-lo, mas era o que ele achava.

Raven anuiu, com uma expressão grave.

– O seu pai está certo. Desconfio que o seu irmão seguiu o seu próprio caminho. Talvez esteja a viajar pelos sete mares enquanto falamos.

– Gosto de pensar que ele está feliz, aonde quer que esteja. O George era um bom irmão, apesar de me provocar amiúde.

– Os irmãos fazem isso mesmo. Eu também era terrível quando era jovem. O Freddie pode confirmar.

– Tenho a certeza de que está a exagerar. Não podia ter feito mais por ele.

– Talvez não, mas envolvemo-la nos nossos problemas familiares – disse ele, pousando a mão em cima da dela, que tinha repousada na borda do navio. – Desculpe, Essie. Não merecia ter-se envolvido com fora-da-leis como nós. E agora estamos a arrastá-la para o outro lado do mundo sem o seu consentimento. É imperdoável.

A pressão dos dedos dele e o calor da sua mão fizeram com que qualquer animosidade que ela estivesse a sentir para com os irmãos Dorincourt e Lady Alice Crozier se esvanecesse na infinidade do espaço. O céu parecia uma taça azul-escura, pontilhada com estrelas brilhantes como diamantes e uma lua prateada que desenhava um caminho na superfície do mar preto oleoso. Tinha um aspeto tão sólido que Essie imaginou-se capaz de caminhar sobre o oceano Índico e chegar a terra sem molhar os pés. Voltou à terra num salto, quando Raven retirou a sua mão.

– Lamento, Essie – disse ele, com honestidade. – Vou fazer o meu melhor por me expiar, de alguma maneira.

Ela uniu as suas mãos, numa tentativa de reter o calor do toque dele, mas falhando lamentavelmente.

– Não tem de fazer nada disso. Ensine-me a encontrar ouro e eu posso voltar para casa de cabeça erguida.

– Está mesmo a falar a sério, não está?

– Estou. Aventuro-me a arriscar a sorte se isso significar que posso arranjar uma vida melhor para mim e para o meu pai.

– Nunca para de me surpreender, Essie Chapman. É cá das minhas.

Ela riu-se e virou costas. Ele estava tão perto da verdade que doía. Ela teria dado a alma por uma hipótese de conquistar o amor do conde de Starcross, mas isso era tão impossível como chegar à Austrália por um caminho traçado pela luz do luar.

– É melhor eu descer – disse ela, constrangida. Por um instante, pensou que ele fosse tentar detê-la, mas limitou-se a acenar com a cabeça e pousou os braços no corrimão, fitando a escuridão da noite. Essie conteve um suspiro sentido e foi juntar-se a Lady Alice e a Sadie.

O som de Falco a cantar «A última rosa do verão» viajou pelo ar através da porta aberta. Aquela canção deixava sempre Essie de lágrimas nos olhos e habitualmente era seguida de «Há muito, muito tempo». Ela esperou que ele terminasse e só depois entrou no salão.

– Demorou – disse Lady Alice, de sobrolho franzido. – A Sadie estava convencida de que tinha caído borda fora.

– Estava a apreciar o ar da noite – declarou Essie, procurando parecer casual, mas sabendo que estava a corar. Não lhe restava senão a esperança de que elas pensassem que a sua cor acentuada se devia à brisa salgada.

Freddie estava a relaxar sentado numa cadeira, com os pés elevados em cima de um banco.

– Venha sentar-se. Eu tentei fazer um bolo, o que por si só já é um feito para o fogão da copa, e não me parece que o cozinheiro me vá dar nota máxima.

Sadie pegou numa faca e cortou uma fatia.

– Está bom, Essie. Não me lembro da última vez que comi bolo.

Falco inclinou-se e serviu-se do bolo.

– Não está mal, Freddie. Um pouco mais de açúcar, talvez?

Freddie atirou-lhe uma colher, que Falco apanhou e pousou na mesa.

– Ainda bem que não tem o hábito de atirar facas, meu amigo – disse. Olhou para Essie com um sorriso nos lábios. – Está muito bem rosadinha, *signorina* Esther.

– Corre uma brisa no convés – respondeu Essie apressadamente. – Vou fazer um bule de chá. Alguém quer? – Ela saiu do salão e dirigiu-se à exígua copa que havia a bombordo do navio, onde a chaleira estava a fumegar nas brasas do lume no fogão de tijolo. Olhou à volta e viu Freddie junto à porta. – Quer uma caneca de chá?

– Quero, apesar de não estar certo se ainda há leite no jarro. A cabra é uma selvagem terrível. Tentou dar-me um coice quando eu estava a falar com o Hooper. Ele faz o que quer do animal, mas ela não gosta de mim.

– É impressão sua – disse Essie, a sorrir. Era verdade que a cabra *Graciela* tinha vontade própria e um temperamento terrível. Ela não gostava de ninguém a não ser do Hooper, a quem tolerava. Ele tinha-a comprado em Brindisi, para terem leite na segunda metade da viagem, mas Essie desconfiava que a pessoa que havia vendido *Graciela* ficara satisfeita por se ver livre dela. Tratava-se de uma amizade bizarra, mas que produzia leite diário. Apesar de ser um péssimo cozinheiro, Hooper sabia transformar o leite excedentário num queijo cremoso, que conferia uma adição bem-vinda à dieta deles.

– Passa-se alguma coisa, Essie? – perguntou Freddie, que estava encostado à ombreira da porta. – Pareceu-me desconfortável ainda há pouco e por isso decidi vir até aqui certificar-me de que estava bem.

Ela conseguiu esboçar um sorriso contido.

– Obrigada, Freddie, mas eu estou bem. Só que a Austrália é muito longe de casa e estou preocupada com o meu pai. Ele

não vai saber o que me aconteceu. Na verdade, ele provavelmente pensa que eu me afoguei quando o barco afundou e não há nada que eu possa fazer a esse respeito.

– É uma pena que assim seja e eu lamento. Espero que o Raven aprecie aquilo que fez por nós.

– Estou certa de que assim é, ele não tinha a intenção de nos trazer consigo. Pode chamar-lhe um golpe de sorte. Ela concentrou-se em fazer o chá, evitando o olhar penetrante dele. Freddie podia parecer ter uma atitude descontraída perante a vida, mas era mais sensível e perspicaz do que a maioria das pessoas a bordo. Ela sabia que Raven estava bem ciente do sacrifício que fizera, mas estava determinado a regressar à Austrália antes de as autoridades se aperceberem da sua ausência.

– Dê-me isso – disse Freddie, tirando-lhe o bule da mão. Eu faço o chá. Parece estar a precisar de se sentar. É muito natural que esteja preocupada com o seu pai, Essie. Eu e o meu irmão não temos parentes próximos para além da Alice, por isso não temos esse problema, mas eu percebo que é difícil para si.

Essie aceitou uma caneca de metal cheia de chá até ao rebordo.

– Obrigada, Freddie. Suponho que vá acabar por correr tudo bem, especialmente se eu ficar rica.

– Você também? Não! – disse ele, revirando os olhos na direção do céu. – A febre do ouro está a espalhar-se.

*

Nas semanas que se seguiram parecia que o desejo pelo ouro era o vento que soprava as velas e fazia trabalhar as caldeiras, conferindo-lhes toda a potência para prosseguirem viagem, enquanto o *Santa Gabriella* abria caminho por entre o oceano Índico. Aquela febre afetou a tripulação, o capitão e os passageiros. Lady Alice começava a interessar-se pelo tema, apesar de fingir ficar entediada sempre que era abordado e Sadie começava já a fazer planos acerca da forma como gastaria o dinheiro quando encontrasse ouro. O seu armário ficaria cheio de botas e sapatos de pele vermelha e ela iria

comer todos os bolos que conseguisse. Essie mantinha os seus sonhos privados, mas a primeira coisa que faria quando voltasse para Londres rica seria comprar casa numa rua mais respeitável, com uma retrete no quintal das traseiras e uma bomba privada, para não terem de ir buscar água ao fundo da rua. Tais luxos eram fruto de uma imaginação fértil, mas no alto-mar havia muito tempo para permitir que a sua mente viajasse até aos reinos da fantasia.

A única pessoa que ela banira dos seus devaneios fora Raven e evitava a companhia dele tanto quanto lhe era possível no espaço restrito de uma embarcação relativamente pequena. Freddie era o seu amigo e confidente. Ele tinha recuperado da doença e era uma pessoa diferente do jovem que haviam encontrado no mosteiro. Raven passava a maior parte do tempo sozinho no convés ou então ficava no camarote do capitão a estudar mapas, enquanto este entretinha Lady Alice. Deixava Hooper a navegar, com um marinheiro no leme e Falco cantava e encantava enquanto atravessavam o oceano Índico. Lady Alice parecia gostar da companhia dele, mas Essie desconfiava que o interesse de sua senhoria em Falco resultava mais de tédio do que de sentimentos românticos. Era impossível saber o que Falco pensava ou sentia, mas ele parecia estar a divertir-se. Talvez os dois estivessem meramente a usar-se mutuamente para aliviar o tédio causado por uma longa viagem no mar. Essie interrogava-se acerca do que aconteceria quando chegassem a terras australianas.

*

Quando chegaram a Corio Bay estava escuro. O *Santa Gabriella* ancorou e eles foram até terra à vez. Quando foi deixada à espera no molhe de Geelong, Essie tremia e segurava a mão de Sadie. A escuridão sufocante era aliviada por alguns pontos minúsculos de luz.

– Que género de lugar é este? – perguntou Lady Alice zangada. – Parece que nos trouxeram para o fim do mundo.

Essie encolheu os ombros e estremeceu. Estava frio e ela tinha apenas um xaile leve enrolado à volta dos ombros.

– É impossível sabermos antes do romper do dia.

– Bom, quem me dera que eles tivessem feito o que lhes pedi e que nos tivessem deixado em terra antes de sairmos de Inglaterra. Agora estamos presas do outro lado do mundo e provavelmente vamos ser presas porque estamos aqui sob falso pretexto.

– Não percebo – disse Essie, intrigada.

– Nós não cometemos nenhum crime – disse Lady Alice, estremecendo dramaticamente. – Fomos parar ao meio de condenados, alguns dos quais são assassinos, e não podemos fazer nada.

Raven partira em busca de algum veículo que os levasse até Ballarat, mas regressou com um grande sorriso.

– Não pode fazer nada? Alice, meu amor, eu apostava na sua capacidade para atingir um homem com um simples olhar. Não precisa de pistolas nem de punhos.

– Só diz isso para aliviar a sua consciência, seu vilão. Seja como for, arranjou-nos uma carruagem ou há alguma estação de comboios aqui perto?

– Eles ainda agora começaram, Alice – respondeu Raven, pacientemente. – É tudo muito básico, como terá oportunidade de ver de manhã, mas não é seguro viajar de noite. Reservei quartos para nós no único hotel da cidade. Partimos logo de manhã, assim que eu tenha a oportunidade de alugar cavalos.

– Mas eu não trouxe o meu fato de montar – protestou Lady Alice.

Raven atirou a cabeça para trás e riu-se. O som ecoou de forma sinistra através da água escura de Corio Bay.

Alice voltou-se para Falco, que chegara a terra no último barco.

– Eu não posso ficar aqui. O senhor leva-me para Inglaterra, não leva, capitão? Disse que me levava.

Ele pegou-lhe na mão e levou-a aos lábios. Eu faria qualquer coisa por si, bela senhora, mas parece não entender que eu tenho de ganhar a vida.

Lady Alice fitou-o desanimada.

– Eu pensava que podia confiar em si.

– E pode, minha senhora. Eu daria a minha vida por si, mas é aqui que eu tenho de estar até poder voltar para casa, para a Itália.

– Mas levou o Raven para Londres – insistiu ela, zangada. – Podia voltar a fazê-lo.

– Deixe-o em paz, Alice – disse Raven, enfaticamente. – O trabalho do Falco agora é aqui. A transportar pessoas de Geelong para Melbourne ou em torno da costa para Sidney.

Falco acenou a cabeça, com um ar sério.

– Quem me dera poder fazer-lhe a vontade, mas tem de perceber que não posso. Passamos uma noite em terra e amanhã eu recolho os passageiros que viajam para Melbourne. Gostava de ficar ao seu lado, mas tenho de pensar na minha tripulação. Todos nós temos de viver, minha senhora.

– Você é perverso e é um mulherengo – gritou Lady Alice, furiosa. – Levou-me a acreditar que faria tudo o que eu lhe pedisse.

Falco fez uma vénia e recuou.

– Não faz ideia de como me dói deixá-la aqui, senhora.

– Mas não o suficiente para me salvar da morte certa nesta terra ignorante – declarou Lady Alice, que se preparava para segui-lo, mas Essie agarrou-a pela manga.

– Deixe-o ir, minha senhora – disse Essie, rapidamente. – Bem vê que isto é difícil para ele.

Lady Alice afastou-a.

– Não me diga o que devo fazer, Esther. Lembre-se de qual é o seu lugar.

– Já chega dessa conversa, Alice. Aqui somos todos iguais – exclamou Raven, oferecendo o braço a Essie. – Venha daí, eu levo-a ao hotel – declarou. Voltou-se para Sadie com um sorriso. – E você, minha filha. Parece que morreu em pé.

– Então e eu? – perguntou Lady Alice mal-humorada. – Esqueceu-se da lealdade familiar, Raven?

Freddie deu um passo em frente e enfiou a mão dela na curva do seu braço.

– Deixe de ser mimada, Alice. Tal como o Raven disse, nós estamos nisto juntos e somos todos iguais. Vamos, o que a prima precisa é de uma boa noite de sono para ver as coisas de uma maneira diferente amanhã de manhã.

*

O hotel pouco mais era do que uma barraca com uma varanda de madeira e uma sala grande no andar de baixo, cheia de mesas e bancos e com um avançado de cozinha pregado às traseiras. Uma escada bamboleante conduzia ao primeiro andar, o qual se encontrava dividido em pequenos quartos, cada um deles com uma cama de campismo e um colchão de palha cheio de qualquer coisa crocante que picava e que tanto podia ser ervas secas como palha, não havia maneira de distinguir. O odor a corpos mal lavados e a urina pairava no ar bafiento como se fosse uma má memória, mas Essie estava tão cansada que caiu no pretenso colchão, completamente vestida e adormeceu em poucos minutos, com Sadie enroscada ao seu lado como um cachorrinho quente. Como Lady Alice fazia face a tais privações não era a principal preocupação de Essie, apesar de saber que iria ouvir falar do assunto ao longo de muitos dias.

Na manhã seguinte, ao acordar, Essie deu por si coberta de picadas de pulgas e levantou-se de repente, despertando Sadie com a brusquidão do movimento. Também ela tinha sido mordida e as duas despiram as roupas, independentemente de quem pudesse vê-las. Sacudiram as suas indumentárias, para se libertarem dos seus hóspedes indesejados. Um grito de Lady Alice, seguido por um balbucio histérico, fez com que Essie corresse para o lado dela, apesar de saber qual era o problema antes mesmo de ver as marcas vermelhas na pele branca de Lady Alice.

– São só pulgas – disse Essie, numa tentativa de a acalmar, mas os gritos histéricos dela aumentaram de volume, trazendo Raven e Falco a correr até à porta.

– Pare com isso, Alice – exclamou Essie, zangada. – Ainda vão achar que alguém está a matá-la.

Os olhos de Lady Alice esbugalharam-se com o choque.

– Como se atreve a falar assim comigo? Ouviu-a, Raven?

– Por amor de Deus, pare de se comportar como uma mimada, Alice – disse ele, recuando. – São só picadas de pulgas. Não a vão matar.

– Não, mas eu sou capaz de o matar a si – disse Lady Alice, contendo um soluço. – Foi você quem me arrastou para aqui, Raven. Você e aquele vilão do Falco obrigaram-me a permanecer a bordo quando eu pedi… não, eu exigi… ser deixada em terra.

– Vista-se, Alice. Eu comprei cavalos, que me custaram uma fortuna e nós vamos partir rumo a Ballarat.

– Não – disse Lady Alice, batendo o pé. – Eu quero uma passagem para casa. Você prometeu-me isso, Raven. Eu insisto que cumpra a sua palavra. Estas jovens têm de ir comigo.

– Não há navios a partir para Inglaterra – disse ele, num tom cansado. – Isto é uma colónia penal, não é um ponto de paragem de uma excursão.

Essie susteve a respiração enquanto observava a reação de Lady Alice. Ficou alguns segundos em silêncio, o seu rosto tornou-se lívido e os seus lábios comprimiram-se, formando uma linha reta. Sadie enrolou os dedos em torno da mão de Essie e esta apertou a mão da rapariga para a confortar, ao mesmo tempo que esperava que a tempestade rebentasse.

– Você vai pagar por isto – sibilou Lady Alice. – Odeio-o, Raven Dorincourt.

– Cinco minutos – disse ele, com frieza. – Se não estiver pronta entretanto, fica por sua conta.

Essie seguiu-o até ao cimo das escadas.

– Estamos longe de Ballarat?

– São cerca de oitenta quilómetros.

– Eu nunca montei a cavalo – admitiu Essie, com relutância. – Imagino que a Sadie também não.

A expressão dele suavizou.

– Nós vamos com calma, não se preocupe e devemos estar lá dentro de dois dias.

Ele subiu as escadas e desapareceu nas profundezas do edifício.

Essie hesitou antes de dar a notícia da viagem que se avizinhava. Ouvia Lady Alice a resmungar e a voz mais infantil de Sadie a tentar acalmá-la. Apesar de a travessia marítima já ter sido desafiante, Essie desconfiava que os problemas ainda estavam só a começar.

*

Ainda estava escuro quando se fizeram ao caminho, que Raven assegurava que os levaria a Ballarat, e a aurora ainda demoraria a romper. Eles não comiam desde a noite anterior e, ao cabo de algumas horas a cavalgar por um percurso todo esburacado, o estômago de Essie estava às voltas e ela tinha sede. Pouco depois do romper do dia, o céu começou a ficar carregado com nuvens e uma chuva miudinha persistente ensopou-lhes as roupas e o cabelo. Cavalgaram em silêncio até Raven gritar para que parassem. A chuva tinha parado e ele começou a fazer uma fogueira. Pela forma como trabalhava, era evidente que tinha aperfeiçoado a arte da sobrevivência durante os cinco anos que passara no exílio. Em breve, o lume estava suficientemente forte para aquecer uma panela de água vertida de um cantil de pele. Fez uma papa, misturando farinha com água e cozinhando a massa nas cinzas da fogueira. Até Essie, que habitualmente estava disposta a experimentar tudo, começou por vacilar perante aquela mistura. Mas a fome acabou por levar a melhor e ela rapou os pedaços queimados e achou-os bastante apetitosos. Sadie imitou-a, tal como fazia em relação a tudo, mas Lady Alice recusou tocar na comida, incluindo a carne de vaca salgada que tinham comido à refeição do meio-dia e de novo ao jantar, com o inevitável pedaço de papa.

Naquela noite, acamparam e dormiram sob as estrelas. Felizmente, a chuva parou. Essie estava tão exausta que teria dormido numa cama de pregos e nem as nuvens de irritantes mosquitos, com as suas picadas dolorosas, conseguiram impedi-la de dormir. Na manhã seguinte, ela estava hirta e doía-lhe o corpo todo, mas estava decidida a encarar a situação de forma positiva. O mesmo não se podia dizer de Lady Alice, que acordou de mau humor e recusou uma vez mais comer as papas. Enroscou-se junto da fogueira, a beberricar chá, mas quando voltou a levantar-se caiu ao chão, sem sentidos.

Essie correu até junto dela e Sadie começou a chorar. Essie e Freddie ajudaram-na a erguer-se.

– Está doente, minha senhora? – perguntou Essie, ansiosa.

– Vai ficar, se não comer – disse Raven, que olhou para a prima com um sobrolho carregado ameaçador. – Se continuar a comportar-se de maneira tão infantil, eu deixo-a para trás, Alice.

– Que crueldade – declarou Essie, ferozmente. – Você endureceu e acostumou-se a este estilo de vida, mas a Lady Alice não.

– É isso mesmo – disse Freddie, ajudando a prima a chegar a um sítio onde pudesse sentar-se, encostada ao tronco de um eucalipto. – Tenha um bocado de compaixão, Raven.

Este encolheu os ombros e afastou-se para ir tratar dos cavalos.

– Partimos daqui a meia hora. Faça a sua escolha, Alice.

– Eu sei de uma coisa que é capaz de ajudar – disse Essie. Ela tinha visto um saco de papas de aveia na mochila de Raven e foi buscar uma caneca daqueles cereais, que adicionou à água a ferver que restava e mexeu vigorosamente. Entregou as papas a Lady Alice. – Experimente isto. Não é como o *porridge* a que está acostumada, senhora, mas vai dar-lhe forças para continuar.

Lady Alice parecia estar prestes a recusar, mas um olhar de soslaio de Raven fez com que ela levasse a mistura pegajosa à

boca. Engoliu com esforço, mas à medida que ia comendo ia recuperando a cor no rosto.

– Odeio-o, Raven – murmurou ela, atirando a tigela vazia para as mãos de Essie.

– A sua cantiga vai ser outra quando vislumbrar pela primeira vez o pó do ouro – disse ele, no meio de uma risada, enquanto conduzia o cavalo dela até um local de fácil alcance. – Vá lá, Alice. Está quase lá, por isso, mais vale encarar as coisas pela positiva. Com o tempo, até é capaz de vir a gostar daquele sítio.

– Nunca – exclamou ela, levantando-se de uma maneira meio bamboleante. – Ajude-me a montar aquele bicho, Freddie. Juro que é a besta mais difícil de levar que alguma vez montei. Dava tudo por um cavalo dos meus próprios estábulos.

Freddie ajudou-a a içar-se para cima da sela.

– Tudo a seu tempo, Alice, meu amor – disse. Voltou-se para Sadie, pegou nela ao colo e sentou-a no dorso do seu pónei pequeno, mas robusto. – Está a sair-se muito bem, tendo em conta que montou pela primeira vez ontem.

O rosto de Sadie iluminou-se com rubor e ela deu uma risada envergonhada.

– Ora, senhor. É muita gentileza sua.

– Deixe lá as cerimónias, Sadie. Pode chamar-me Freddie. Na verdade, acho que devíamos todos tratar-nos pelos nossos nomes de batismo e isso inclui-a a si, Alice. Os títulos parecem deslocados e até um bocado ridículos nesta terra selvagem.

– Concordo – disse Raven, acenando a cabeça enfaticamente. – Será muito melhor assim, especialmente quando chegarmos.

– Odeio este lugar – disse Alice, fazendo beicinho. – Mas suponho que faz sentido. Essie e Sadie, podem chamar-me Alice, mas quando voltarmos para Londres tornam a dirigir-se a mim da maneira apropriada.

– Bom, eu nunca – murmurou Sadie, lutando pela sua vida, quando o seu pónei decidiu começar a trotar.

– Vamos tentar lembrar-nos disso, Alice – declarou Essie, que montou sem ajuda e incitou o seu cavalo a apanhar o pónei de Sadie. – Está bem?

– Sim – replicou Sadie, a sorrir. – Ouviu aquilo, Essie? Ele disse para eu lhe chamar Freddie e para chamar Alice a sua senhoria. Quem havia de dizer que Sadie Dixon, de Shoreditch, iria tratar alguém da burguesia pelo primeiro nome?

– Quem, de facto? – Essie suspirou. Onde iria aquilo parar? Essa é que era a questão.

# Capítulo Dez

Chegaram a Ballarat ao cair da noite. O crepúsculo estava pontilhado por dezenas de fogueiras e o aroma a eucalipto e a madeira queimada misturava-se com o odor dos cozinhados.

– Guisado da fortuna – anunciou Raven, puxando as rédeas do seu cavalo para o deter junto da montada cansada de Essie. – Chamam-lhe o guisado dos pobres, em tempos particularmente difíceis.

Essie olhou a escuridão daquele acampamento. A cidade de tendas espalhava-se pelos campos, com uma aparência fantasmagórica à meia-luz e ela apenas conseguia ver uma linha de árvores e colinas que se erguiam a pique à distância.

– É aqui que tem vivido? – perguntou ela, voltando-se para ele para olhá-lo nos olhos. – Deve ser uma vida muito dura.

Ele assentiu.

– Não é fácil para os homens, mas é muito mais duro para as mulheres.

– Nesse caso, porque insistiu em trazer a sua prima para aqui? Sabe que ela está acostumada a melhores condições.

– Tem razão. Eu devia ter insistido em deixar-vos em terra em Gibraltar. O vento e o tempo tornavam difícil deixar-vos em terra na Cidade do Cabo, mas lamento que assim tenha sido.

– É suposto ficarmos aqui ao longo dos próximos dois anos? – perguntou Essie, ansiosa. – Eu gostava de saber e estou certa de que a Lady Alice vai insistir em saber qual será o seu destino.

Um sorriso amargo desenhou-se nos lábios dele.

– Faz com que isso pareça uma catástrofe, mas eu tenho o que fazer aqui, Essie. Eu sou aquilo a que se chama um curioso. Não tenho licença de mineiro e aquilo que faço não é considerado importante no grande esquema das coisas. Acontece que tive sorte. Eu estava presente quase no início e encontrei um filão rico em minério, assim como uma grande quantidade de pequenas pepitas. Vou continuar a explorar

porque tenho de permanecer aqui, mas estão a surgir problemas entre os mineiros.

– Porquê?

– É uma questão política, Essie. Eles desprezam o facto de terem de pagar ao Governo britânico para terem licenças para trabalhar nas minas e eu não posso dizer que os culpe por isso.

Essie gostaria de ter sabido mais, mas a chegada dos outros impediu-a de fazer mais perguntas.

– É aqui? – perguntou Alice, quando parou o cavalo ao lado do animal cansado do Raven. – Arrastou-nos para o outro lado do mundo para vivermos numa tenda?

– Não é bem assim. Eu construí uma cabana simpática para mim, de argamassa e de madeira de acácias. É um grande luxo, bem, em comparação.

– Estou cansada, Raven – disse Alice, contendo um bocejo. – Não me importo onde dormimos hoje, desde que seja debaixo de um teto e sem vermes.

Ele aproximou-se dela afagou-lhe o ombro.

– Eu sei que está e as raparigas também estão. Vocês ficam muito mais confortáveis na minha cabana. Eu e o Freddie dormimos no promontório.

*

A cabana ficava no topo de um pequeno outeiro com vista para o riacho. Tinha sido, tal como Raven anunciara com orgulho, construída exclusivamente com madeira cortada das acácias que abundavam na região, coberta com uma pasta feita de lama misturada com estrume e caiada para lhe conferir maior resistência e torná-la à prova de água. O telhado inclinado estendia-se sobre um alpendre que acompanhava toda a largura da construção e no interior havia uma divisão razoavelmente ampla. Havia uma cama de corda num dos cantos da divisão, uma mesa feita a partir de uma mala de viagem e dois bancos.

Não se colocava em questão quem iriam ocupar a cama. Lady Alice pousou o embrulho com as suas roupas de cama em cima da estrutura de corda, fazendo com que Essie e Sadie

tivessem de se acomodar no chão. Não era a maneira mais confortável de dormir, mas pelo menos estavam quentes e secas e tinha começado a chover. Essie ouviu Raven e Freddie a tentarem acomodar-se o mais confortavelmente que conseguiam no alpendre estreito, com a ajuda de uma garrafa de rum que Raven retirara de um cubículo debaixo das traves do soalho. Todos tinham bebido um trago antes de se deitarem e o álcool, a que não estava acostumada, deixara Sadie a dormir sem um murmúrio. Até Alice parecia mais dócil sob a influência da bebida e Essie fechou os olhos e sentiu-se confortável pela primeira vez desde que tinham chegado a terra em Geelong.

*

Na manhã seguinte, Essie acordou cedo. A bebida forte deixara-lhe a cabeça a doer e a garganta irritada e ela sentou-se. Tudo parecia estranho sob a luz da alvorada, mas a respiração constante de Sadie e o gemido das cordas da cama quando Alice se virava no seu sono fez com que se lembrasse de que eram elas as afortunadas. Levantou-se da sua cama improvisada e vestiu-se rapidamente. A primeira coisa que lhe ocorreu foi lavar a sujidade e o pó que se tinham agarrado ao seu rosto e cabelo depois de dois dias na estrada. Pegou num balde de madeira e saiu com cuidado para não pisar nenhum dos dois rolos que se encontravam lado a lado ao longo do alpendre. Apenas conseguia vislumbrar um tufo de cabelo escuro onde Raven dormia e teve cuidado para não o acordar.

A luz ainda era fraca, mas já havia um zunido de atividade no acampamento. Espirais de fumo erguiam-se no ar e dissipavam-se na alvorada azul-acinzentada. Os passos de botas pesadas e o estampido de baldes a serem enchidos no riacho eram acompanhados por grunhidos rezingões e pela fala sussurrada dos mineiros que se dirigiam às escavações. Essie dirigiu-se ao riacho, onde uma outra mulher também estava a encher um balde de água. A mulher olhou para cima e fitou Essie com atenção.

– És nova aqui, não és?

Essie anuiu.

– Chegámos ontem à noite.

– De onde és?

– Faz muitas perguntas.

– Eu sou mesmo assim. Não aparecem aqui muitas mulheres, pelo menos, não da tua laia.

– Da minha laia?

Um sorriso funesto desenhou-se no rosto enrugado da mulher, exibindo a falta de um dente da frente.

– Tu sabes o que eu quero dizer, querida. Ou são mulheres perdidas ou condenadas e muitas vezes são as duas coisas. Eu bem vejo que não és nenhuma delas.

– Não, isso é verdade – respondeu Essie, pousando o balde e estendendo a mão. – Sou Esther Chapman, de Limehouse, mas toda a gente me chama Essie.

A mulher limpou a mão ao avental sujo.

– Leah Halfpenny, de Bow, mas já lá vai algum tempo. Viemos para a Austrália à procura de uma vida melhor e acabámos aqui – declarou, apertando a mão de Essie com vigor. – Sê bem-vinda a Ballarat, moça.

A mulher baixou-se para pegar nos seus pesados baldes e começou a subir a colina.

Essie encheu o seu balde e seguiu a mulher mais velha, apressando o passo até a alcançar.

– Talvez me possa dar umas dicas – disse ela, sem fôlego. – Eu nunca vivi assim.

– Bem vejo. Vai-te custar. Custa sempre aos novos.

– Ensina-me a fazer uma fogueira? – perguntou Essie, timidamente. – Preciso de me lavar.

Leah deteve-se e os seus olhos azul-claros perscrutaram Essie, com descrença.

– Tens ali o riacho.

– Gostava de ter água quente.

– Tens sabão?

– Sim, trouxemos algum. Porquê?

Os olhos de Leah iluminaram-se e ela ficou com uma expressão encantada.

– Quanto queres por um pedaço de sabão a sério?

– De certeza que tem com que se lavar a si e à roupa.

– É o velho Tandy que gere a loja e ele é um ladrão. Cobra um braço e uma perna por um pedaço de sabão de soda cáustica. Eu faço o meu sabão, mas dava tudo por uma barra de sabão do bom.

Essie pensou rapidamente. Os sabões que tinha comprado em Gibraltar estavam a desaparecer depressa, mas um deles podia vir a valer mais do que ouro.

– Se eu lhe der um sabão perfumado, ensina-me a fazer uma fogueira como deve ser e a preparar papas?

– Ensino – declarou Leah, solenemente. – Ajudo-te a instalares-te e ensino-te tudo o que quiseres saber. Vem à minha cabana, é a que tem a cadeira de baloiço no alpendre. Deixa-me pôr água ao lume para fazer café e a seguir eu vou à tua e partilho contigo os meus conhecimentos.

A mulher pegou nos seus baldes e seguiu o seu caminho.

Essie lavou as mãos e a cara com água gelada enquanto esperava que Leah voltasse e começava a pensar que a promessa de uma barra de sabão não tinha sido suficiente para tentar a idosa, quando avistou uma pequena figura envergando um vestido de algodão estampado desbotado e um chapéu de sol caseiro a percorrer o chão áspero.

Leah deteve-se, ficando ali com os braços abertos.

– O que é que estás a fazer, rapariga? – perguntou ela, apontando para aquilo que parecia ser uma pilha de tijolos. – Aquilo é um forno, tonta. Não é usado desde que o homem que aqui vive se foi embora, mas estou a ver que ele voltou para casa – disse Leah, esticando a cabeça na direção das figuras que dormiam no alpendre. – Não é de muitas falas, esse aí, mas é sempre educado quando passa por nós. Dizem

que enriqueceu, mas não se pode acreditar em tudo o que se ouve. Os rumores abundam e está-se sempre a falar e a reclamar disto e daquilo. Eu tenho trabalho que chegue para dar de comer ao meu velho e a três filhos corpulentos para me preocupar com essas coisas – declarou, enquanto enrolava as mangas. – Tens de ir apanhar mato bastante para atear a fogueira. Eu mostro-te onde está, mas tenho uma panela de papas de aveia ao lume, por isso não me posso demorar senão queima-se. Segue-me, moça e tem cuidado com as cobras e as aranhas, algumas mordem e até te podem matar, por isso, tem cuidado.

Essie enrolou as saias para cima e seguiu Leah por entre as árvores, mantendo-se atenta a tudo o que pudesse parecer-se remotamente com uma cobra. As ruas de Limehouse pareceriam muito pacatas se comparadas com a região selvagem de Victoria. Leah mostrou-lhe o que arderia com facilidade e entre as duas recolheram duas braçadas de mato. Depois de atearem a fogueira, a mulher voltou para casa para acabar de preparar o pequeno-almoço dos seus homens.

Essie ferveu água e preparou um bule de chá, sentindo-se muito orgulhosa de si mesma, e acabara de deitar duas mãos cheias de flocos de aveia em água a ferver quando Raven apareceu. Ela estendeu-lhe uma caneca de chá.

– Não há leite nem açúcar – disse ela, com um suspiro. – Mas está quente e húmido, como diria o meu pai.

– Podemos comprar leite ao velho Tandy. Ele tem duas vacas e algumas galinhas, por isso, se tivermos dinheiro conseguimos viver razoavelmente bem aqui. Seja como for, o chá está bom e já conseguiu dar conta da fogueira. Muito bem.

Essie tentou não se mostrar demasiado satisfeita, mas era a primeira vez que Raven dizia alguma coisa que se aproximava de um elogio.

– Tive ajuda – admitiu ela, com relutância. – Conheci uma mulher junto ao riacho. Leah Halfpenny, foi como me disse que se chamava. Conhece-a?

– Sim. Já falei com ela duas ou três vezes. A pobre mulher parece sempre exausta e não é de admirar. Parece trabalhar

todas as horas que Deus dá ao dia, a cuidar dos homens dela e, pelo que já vi, não me parece que receba grandes agradecimentos por isso.

– O marido devia cuidar melhor dela.

– A vida aqui é difícil para as mulheres. Mas não se preocupe. Eu tenho planos para a enviar a si e à Alice de volta para Inglaterra o mais depressa possível.

Essie olhou para ele, curiosa. Estava constantemente a descobrir novos lados da personalidade de Raven e nem todos eram bons. Mas hoje ele parecia estar em modo conciliador.

– O que tem em mente?

– Eu não quis criar demasiadas esperanças na Alice, no caso de correr mal, mas fiz um acordo com o Falco – disse Raven, baixando a voz. – Guarde isto para si, Essie, porque pode não acontecer, mas eu convenci o Falco a levar-vos as três de volta para Inglaterra quando ele regressar de Melbourne. Eu tenho de permanecer aqui até ter cumprido a minha pena, a não ser que o meu pedido de recurso seja bem-sucedido.

Essie abanou a cabeça.

– Porque não nos disse isso antes? Tem algum prazer em atormentar a Alice?

– Claro que não e não diga uma palavra a este respeito, Essie. Se, por algum motivo, o Falco não puder cumprir o acordo, eu tenho de procurar outro navio, mas as únicas embarcações que voltam para casa são navios com condenados ou os que trazem imigrantes para este lado do mundo. Não gostava de vos confiar à mercê duvidosa deles. O *Santa Gabriella* é alto luxo comparado com esses trambolhos.

– Você é um homem estranho, Raven. Não sei o que hei de pensar de si.

– Pelo menos consigo eu sei sempre com o que conto, Esther Chapman. Você não tem medo de dizer aquilo que pensa.

– Pois não e se calhar é melhor assim.

– Não vai dizer nada? Promete-me?

– Vou manter o silêncio a este respeito até o Falco regressar. Mas como vai saber o que ele está a fazer? Daqui a Geelong são oitenta quilómetros, como você mesmo disse.

– Ele volta quando estiver pronto para viajar de regresso a Inglaterra. Só lhe posso dizer isto. Para já, você e todos os outros terão de se adaptar. Quem sabe? Talvez encontre ouro e volte para casa uma mulher rica.

– Raven – ouviu-se a voz de Alice chamar do alpendre, fazendo com que ambos voltassem a cabeça sobressaltados.

– Cá vamos nós – resmungou Raven. – O que foi agora, Alice?

Ela dirigiu-se a eles com o seu longo cabelo doirado solto por cima dos ombros e o vestido amarrotado, dando-lhe um ar de uma Afrodite andrajosa que surgia das ondas apesar de a expressão de Raven ser mais de impaciência do que de admiração. Alice olhou-o desconfiada.

– Eu sei que não vou ter nenhuma compaixão da sua parte, mas olhe para mim. Estou num tal estado que não sei o que fazer.

Essie encheu uma caneca de chá e estendeu-lha.

– Vai sentir-se melhor depois de ter comido alguma coisa. Eu estou a fazer papas de aveia para todos.

– Estou cheia de fome – disse Sadie, que desceu da cabana como um cachorro ávido. – Também acendeu uma fogueira.

Alice bebeu um pouco de chá e fez uma careta.

– Dava tudo por uma boa noite de sono na minha cama e por uma caneca de chocolate quente ao acordar. Este chá é pútrido.

– Posso beber um bocado? – perguntou Sadie, ansiosa. – Quando é que as papas estão prontas?

– Ainda demora – respondeu Essie, enchendo a sua própria caneca com chá e entregando-a a Sadie. – E precisamos de mais canecas. Acho que estamos a precisar de fazer uma visita à loja do Tandy.

*

Com Alice mais tranquila depois de um pequeno-almoço de papas e chá e de um banho de água morna com uma das suas preciosas barras de sabão, Essie sentiu-se à vontade para levar Sadie a comprar alguns bens necessários. Raven deu-lhe dinheiro e Freddie acompanhou-as. Tiveram de atravessar a pé por entre as tendas e cabanas feitas de casca de árvore dos mineiros. Tratava-se, segundo Raven, de abrigos construídos por exploradores curiosos que viajavam de uma região para a outra na tentativa de encontrarem a sorte. De acordo com Raven, as tendas de casca de árvore podiam ser facilmente desfeitas ou simplesmente deixadas a apodrecer e mais valia evitar alguns dos seus habitantes, no que Essie acreditava facilmente a julgar por algumas das personagens pelas quais passaram a caminho da loja de Tandy.

O sol tinha nascido e estava uma temperatura agradável. Flores primaveris brotavam sob árvores que se enchiam de folhas. Sadie saltitava no caminho, quase não conseguindo conter o seu entusiasmo, e Essie apreciava a sensação provocada pela lama seca debaixo dos seus pés. Depois de meses no mar era um alívio estar em terra seca e, com a promessa de primavera no ar e o conhecimento de que em breve estariam de regresso a casa, ela sentiu-se livre para disfrutar daquela nova experiência. Viver no acampamento não ia ser fácil, mas para uma jovem criada em Limehouse nada era impossível.

– Aqui está ela – anunciou Freddie, apontando para um edifício de madeira à frente deles. Num letreiro pregado por cima da entrada tinha sido escrito em letras pretas dispersas, «Loja de Bens». A montra estava cheia de tachos, panelas, conchas de lata e ferramentas. Freddie apressou-as quando passaram à frente de uma barraca grande à porta da qual mulheres perfumadas vagabundeavam e do interior da qual eram exalados para o ar odores bafientos de álcool e fumo de tabaco. Freddie tirou o chapéu a duas das mulheres mais velhas.

– Bom dia, minhas senhoras.

Tratava-se de um cumprimento inocente, mas que foi recebido com uma chuva de palavrões. A mais velha das duas mulheres cuspiu suco de tabaco para cima dele e quase lhe acertava nos sapatos.

– Acho que elas interpretaram mal – disse Essie, no meio de uma risada. – Julgaram que as estava a gozar, Freddie. Não estão acostumadas a cavalheirismos. Ela olhou para o par de ar desleixado. – Ele não quis ofender.

A resposta delas escapou-lhes uma vez que Freddie apressou Essie e Sadie até à loja de Tandy.

– Estas eram piores do que aquelas que estão à porta dos bordéis de Seven Dials – disse Sadie, com pudor. – Nunca em dias da vida eu tinha ouvido tal linguagem.

– Não lhes ligue – disse Essie, apressadamente. – Vamos comprar o que precisamos e a seguir podemos dedicar-nos a tornar a cabana confortável.

O homem apoiado no balcão com um cachimbo de barro preso entre os dentes olhou para elas com o sobrolho franzido.

– Aqui encontram tudo o que precisam – grunhiu. – Mas só com dinheiro à vista. Não fiamos, por isso não vale a pena pedirem.

– Nem pensaríamos em tal, amigo – afirmou Freddie, num tom calmo.

– Só estou a avisar, companheiro.

Essie moveu-se com destreza. Não gostava do aspeto de Tandy, que podia ter qualquer idade entre os quarenta e os sessenta anos, com uma careca e uma longa barba grisalha envelhecida e uma expressão carrancuda que não era de maneira nenhuma acolhedora. Freddie ignorou a ameaça implícita e pôs-se a inspecionar os barris com carne de porco salgada, melaço e farinha. Das traves pendiam tiras de *bacon* e havia enfiadas de cebolas enroladas em ganchos pregados nos barrotes. O aroma de chá e de café torrado misturava-se com o de cera de abelha, pratos e canecas de alumínio, utensílios de cozinha e ferramentas de jardinagem. Pás, enxadas e outros apetrechos maiores encontravam-se dispostos à volta das

paredes e do lado oposto da grande divisão quadrada havia rolos de crepe indiano, tecido de algodão e fazenda inglesa. Havia tabuleiros com panos, agulhas e tesouras espalhados pelo espaço e agulhas de croché empilhadas junto de bobinas de fita. Num dos cantos estava uma fiadora empoeirada, que parecia implorar a alguém que a levasse para casa e a pusesse a trabalhar e um berço de bebé estava cheio de sementes de milho, enfiadas de cebolas e sementes de batatas. Essie olhou atentamente à sua volta, enquanto calculava quanto podiam gastar e decidia o que lhes fazia mais falta.

Dali a meia hora, cada um deles carregado com embrulhos de compras, saíram da loja, fazendo um grande desvio para não passarem pela taberna e pelo bordel, e voltaram para a barraca. Estavam a meio do caminho quando a saia de Essie ficou presa num espinho e, com os braços atolados de embalagens, ela não conseguiu libertar-se. Os outros seguiam à frente dela e Essie estava prestes a gritar por ajuda quando uma criatura se esgueirou das sombras e rastejou por entre a lama seca até junto dela. Essie susteve a respiração e fitou horrorizada o corpo disforme.

– Quem és tu? – perguntou, nervosa.

– Como é que te chamas, moça? – A cabeça calva não se levantou e uma mão ossuda estendeu-se para lhe agarrar na saia.

Ela estava demasiado assustada para conseguir gritar, mas conseguiu sussurrar o seu nome.

– Essie Chapman.

– Eu não te faço mal, Essie Chapman.

Os dedos deformados moveram-se com destreza para libertá-la e apesar de ela se sentir tentada a fugir, alguma coisa a fez hesitar.

– Obrigada – murmurou. – Como se chama, senhor?

Ele ergueu os olhos e ela percebeu que o seu salvador era um homem idoso, cujo corpo encurvado e as pernas deficientes o faziam parecer monstruoso. As roupas dele

estavam rasgadas e sujas e ele cheirava pior do que rio Tamisa na maré baixa.

– Dizem que eu sou louco – respondeu ele, dando uma gargalhada desprovida de humor.

– Quem é que diz tamanha crueldade?

– Toda a gente. Evitam-me por eu ser aleijado, mas eu não fui sempre assim.

– Como é que isso aconteceu? Teve um acidente?

– O apoio da mina cedeu e caíram-me rochas em cima. Pensavam que eu estava morto, mas sobrevivi.

Essie olhou-o nos olhos e percebeu que ele era cego ou, pelo menos, tinha a visão muito comprometida.

– Lamento imenso – disse ela, docemente. – Não tem ninguém que cuide de si?

– Eu não preciso de ninguém. Mete-te na tua vida – ripostou ele. Subitamente agressivo, arrastou-se dali e desapareceu entre as sombras como um animal selvagem.

– Venha, Essie – gritou Freddie. – O que está a fazer aí atrás?

– Estou a ir – respondeu ela, apressando-se.

– O que é que estava a fazer? – perguntou-lhe Sadie quando Essie os apanhou.

– A minha saia ficou presa num galho partido e um velho esquisito esgueirou-se de entre as árvores e ajudou-me. Soltou o tecido e a seguir desapareceu.

– Está a tremer – disse Freddie, franzindo o sobrolho. – Ele magoou-a, Essie? Se o fez.

– Não, de maneira nenhuma. Assustou-me, mas foi só por ter uma aparência tão monstruosa. Disse-me que tinha ficado magoado numa derrocada de pedras, mas não me disse o nome.

– O Raven há de saber – disse Freddie, fazendo um sorriso encorajador. – Se eu pudesse dava-lhe um abraço, mas quando

chegarmos à cabana eu preparo uma refeição para todos.

Quando regressaram encontraram Alice a receber uma lição de Leah acerca de como se varria o chão. Quando os ouviu aproximarem-se, ela atirou a vassoura ao chão.

– Pronto, eu já fiz a minha parte, senhora Halfpenny. A Sadie pode tomar conta do assunto a partir de agora.

Leah abanou a cabeça.

– Aqui, todos temos de fazer a nossa parte. Os que não fazem veem-se num belo apuro, mas se não quiser não acredite. Se não tiver cuidado, vai ter aranhas venenosas, baratas e todo o género de formigas e bichezas a invadir-lhe a casa. Tem de varrer pelo menos uma vez por dia e manter a casa imaculada.

– É para isso que servem as criadas – respondeu Alice, cansada. – Eu só estava a fazer-lhe a vontade, minha senhora. Agora, obrigada pelos seus conselhos, mas estou certa de que tem coisas para fazer na sua própria barraca.

Essie pousou as embalagens que transportara em cima do piso do alpendre.

– Aquilo foi cruel – protestou, quando Leah abriu caminho por entre elas e correu para a sua casa. – Aquela mulher tem uma vida difícil e só estava a tentar ajudar. Freddie pousou os tachos e frigideiras, as vassouras e as escovas de esfregar o chão numa pilha e limpou as mãos à parte de trás das calças.

– Vai ter de ter melhores modos aqui, Alice. Não pode tratar as pessoas como se fossem suas criadas.

– Era eu que devia estar a fazer isso, minha senhora – murmurou Sadie. – Não lhe compete a si varrer o chão.

– Pois não – declarou Alice, abanando a cabeça. – A ideia foi do Raven, ele é que chamou aquela mulher para me mostrar como devia fazer. Foi humilhante, o que é dizer pouco. E depois, para cúmulo, ele foi fazer seja lá o que for que o mantém ocupado o dia todo.

– Pare de se queixar, Alice – disse Freddie, irritado. – Nós temos de sobreviver neste lugar, por isso ele tem razão. Você

vai ter de dar o seu contributo e quanto mais depressa eu aprender como se trabalha nas minas melhor. E a seguir podemos voltar para casa e começar a pôr as coisas em condições em Starcross Abbey.

Alice fitou-o com uma expressão curiosa.

– Nunca manifestou interesse por aquela propriedade. Porquê agora?

– Tive cinco longos anos para pensar nisso – respondeu Freddie com simplicidade. – Não andei simplesmente a divertir-me a pincelar tinta em telas e a namoriscar com as raparigas da região.

Essie já estava farta das discussões deles e começou a remexer nas compras que tinham feito.

– Eu acho que a Leah tem razão. Nós temos de trabalhar em conjunto ou arruinamo-nos. Eu vou fazer a minha parte e a Sadie também – disse ela, cruzando o olhar rebelde de Alice sem pestanejar. – E você?

– Já percebi que estou em minoria – respondeu Alice com aspereza. – Muito bem, vou fazer aquilo que puder, mas não esperem muito de mim. Toda a vida fui servida e não sei esfregar o chão nem lavar a roupa.

– Nós ensinamos-lhe – disse Essie, que ficou um segundo ou dois à espera de ser posta no lugar por uma aristocrata furiosa. Mas Alice limitou-se a anuir.

– Está bem, concordo, mas não me peçam para cozinhar nada, a não ser que queiram ser envenenados.

*

Essie não sabia se tinha sido a ameaça de uma invasão de aranhas venenosas e outros insetos que tinha forçado Alice a unir-se a eles para manter a cabana limpa e torná-la mais confortável. Mas elas eram iguais, pelo menos em teoria. Alice Crozier, a filha do conde, estava a fazer um esforço, ainda que de vez em quando voltasse aos seus antigos modos.

Freddie juntava-se todas as manhãs a Raven nas escavações e Essie estava a aprender a preparar refeições simples. Ia ter

com Leah para lhe pedir conselhos sobre como fazer pão, deixava a massa a repousar durante a noite e cozia-a no forno de tijolo que Raven tinha construído lá fora. Em contrapartida, ajudava Leah com o seu talhão de legumes e plantou também um, auxiliada por Sadie. Por vezes, quando Leah parecia especialmente cansada, Essie assumia as tarefas e obrigava a amiga a sentar-se à sombra de um eucalipto enquanto ela fazia o trabalho pesado.

Certa tarde Sadie tinha acompanhado Alice até à loja de Tandy e Essie movia-se por entre as fileiras de feijões e cebolas. Leah quase tinha desmaiado enquanto estendia roupa nas cordas e Essie insistira para que ela se fosse deitar. Leah concordou, mas só depois de Essie prometer que acabava o que ela tinha começado. Essie estava a trabalhar arduamente quando uma sombra se estendeu sobre o solo quente. Ergueu os olhos e deu por si a fitar um homem gigantesco.

– Onde é que está a Mã?

Essie levantou-se atabalhoadamente. Ela sabia que Leah tinha três filhos com nomes bíblicos.

– Deve ser o Shem?

Ele sacudiu a cabeça.

– Ná.

– Ham? – Tentou adivinhar uma vez mais.

– Japheth. Sou o bebé da família – disse ele, pegando-lhe na mão e apertando-a, atirando-lhe o braço para baixo e para cima, a boca a desenhar um grande sorriso que revelava uma fila de dentes manchados e partidos.

– Japheth – repetiu Essie, ofegante. – Eu sou a Essie.

– Eu sei quem você é. Vi-a muitas vezes.

– Bom, eu nunca o vi, a não ser talvez ao longe. É um prazer conhecê-lo, Japeth.

– Chamam-me Big Joe porque eu sou assim grande – declarou ele. Soltou-lhe a mão para puxar o chapéu de abas largas para a nuca. – Porque é que está a fazer o trabalho da Mã?

– Ela não se estava a sentir bem, Joe. Eu acho que trabalha demais.

Ele sacudiu a cabeça e o seu cabelo loiro claro caiu-lhe sobre a testa.

– A Mã é forte como um touro. Ela nunca se cansa.

– Aí é que se engana. Para que precisava dela? Posso ajudar?

– Não sei. Você é nova aqui e está com o tipo que é bom com os punhos. Eu já o vi aviar três homens todos de seguida.

Essie viu subitamente Raven a uma nova luz.

– É capaz de ser assim, Joe, mas se houver alguma coisa em que eu possa ajudar a sua Mã, fico satisfeita em fazê-lo. Ela tem sido boa para mim desde que eu aqui cheguei.

– A Mã é assim, ah pois é. Mas não é para ela, é o Beasley, o homem rastejante, como lhe chamam. Ela leva-lhe pão e bolos quando os faz. O Pá construiu-lhe um forno, como o que tínhamos em casa, em Sidney.

– O homem rastejante – ecoou Essie, estremecendo ao recordar o velho calvo e deficiente que lhe tinha desembaraçado a saia de um galho partido. – Ele chama-se Beasley?

– É isso mesmo. Ele foi apanhado numa derrocada de pedras. Deu-lhe cabo da cabeça, como do pobre corpo. A Mã é a única pessoa que cuida dele.

– Não pode fazer isso por ela?

Os olhos dele esbugalharam-se horrorizados e a grande boca escancarou-se, como se ela tivesse dito alguma coisa chocante.

– Eu? Não, menina, isso é trabalho para mulheres. Os meus irmãos iam pensar que me faltava um parafuso se eu fizesse alguma coisa desse género – respondeu. Endireitou o chapéu e virou costas. – Vou procurar a Mã e dizer-lhe que o Beasley está doente e não consegue comer.

Essie correu atrás dele, lançando uma chuva de cascalho com as saias ao mexer-se.

– Não, não faça isso, Joe. Eu levo comida ao Beasley. Sei onde ele se esconde.

– Ele construiu uma barraca entre as árvores.

– Eu sei – disse Essie, abanando a cabeça. – Eu encontro-o. Deixe a sua Mã descansar e deixe o Beasley por minha conta. De qualquer maneira, eu devo-lhe um favor.

A cabana estava vazia e foi fácil para Essie servir-se de um pequeno pão e de um pouco de carne de porco salgada que eles tinham assado na noite anterior. Embrulhou a comida num pano limpo e fez-se ao caminho à procura de Beasley, repetindo o trilho de volta ao local onde achava que se tinham encontrado. O acampamento explodia com barulho e fervilhava de movimento. O ruído das serras e das árvores a caírem ao chão era acompanhado pelo rugido do motor a vapor que alimentava a máquina gigante que esmagava o minério. Essie tinha aprendido algumas coisas acerca daquele processo ao ouvir Freddie e Raven conversarem todas as noites a seguir ao jantar. Eles continuavam a encontrar pequenas pepitas, mas nada que se parecesse com o pedaço grande que fizera a fortuna de Raven. Ainda assim, era lucrativo prosseguirem e eles falavam em seguir viagem até Bendigo. Havia um desassossego entre os mineiros devido ao aumento do custo das licenças de exploração de minas. Os ânimos estavam ao rubro e avizinhavam-se sarilhos. Leah também andava preocupada e tinha advertido Essie para que se mantivesse afastada do acampamento de tendas, mas ela afastou tudo aquilo do pensamento e foi à procura de Beasley. A imagem do pobre homem a morrer de fome na sua cabana era insuportável e ela estava com pressa de chegar até ele antes de Alice e Sadie regressarem da loja do velho Tandy.

Tinha chegado ao aglomerado de árvores altas e esguias quando quase tropeçou nalguma coisa que se movia a uma velocidade estonteante. Deteve-se, petrificada, quando a mortífera cobra castanha ergueu a cabeça, preparando-se para atacar.

# Capítulo Onze

Congelada no lugar e incapaz de mexer um único músculo, Essie olhou os olhos frios da cobra, convencida de que ia morrer. Quando a cobra se preparava para atacar, uma mão estendeu-se e agarrou-a pela cauda. Com uma força surpreendente, Beasley bateu com o réptil como se fosse um chicote e atirou o seu corpo inerte para o meio da vegetação.

– Está bem, menina?

Essie encostou-se ao tronco de um eucalipto, a arfar. O aroma pungente da casca daquela árvore iria recordar-lhe para sempre o momento em que tinha escapado à morte por um triz.

– Eu estou ótima, senhor Beasley – disse, mas até aos seus próprios ouvidos a voz soou-lhe débil e trémula.

O homem caiu ao chão com um gemido profundo e ela correu para junto dele

– O que posso fazer? A que distância fica a sua cabana?

– Dê-me um minuto – disse ele, erguendo-se sobre o cotovelo ossudo, com os olhos subitamente alerta enquanto snifava o ar. – O que tem aí? Cheira-me a carne?

Essie sentou-se ao lado dele e começou a desembrulhar a embalagem de comida, mas ele agarrou num pedaço de porco salgado e trincou-o como se fosse um cão raivoso. Apesar de parecer ter perdido todos os seus dentes, o homem desmanchou o pedaço de carne e conclui a refeição enfiando o pão na boca.

– Estava com fome – disse Essie, levantando-se. – O que posso fazer para ajudá-lo, senhor?

Ele inclinou a cabeça para um dos lados e fez-lhe um esgar desconfiado.

– Nunca ninguém me chamou «senhor». A menina está bem da cabeça?

– Eu chamo-me Esther, mas toda a gente me chama Essie. Como lhe chamam os seus amigos?

– Beasley – respondeu ele, limpando um rasto de saliva do canto da boca. – Não tenho outro nome. Nasci na colónia penal e cresci ao abandono, nunca soube como era ter uma família.

Essie fitou-o, horrorizada com a maneira descontraída com que ele falava do seu passado.

– Mas a sua mãe deve tê-lo amado.

A gargalhada oca dele ecoou de forma arrepiante por entre as árvores, perturbando um bando de coloridos lírios arco-íris. As aves voaram bem alto, a guinchar e a chilrear, como que a queixarem-se da perturbação.

– Não sei. Não me lembro dela.

– E o seu pai? – perguntou Essie, a medo, apesar de adivinhar a resposta.

– Acho que ela não sabia quem era e se sabia manteve-o em segredo. Mas também já não importa. Ela morreu de tuberculose era eu pequeno. Nunca tive ninguém e é assim que eu gosto.

Essie estendeu a mão para tocar na dele, mas ele retirou-a.

– Lamento.

– Pois lamenta, não é? – Ele espreitou-a por baixo das sobrancelhas grisalhas farfalhudas. – O que lhe importa isso?

– Eu nem um cão tratava como as pessoas aqui o têm tratado – respondeu Essie, zangada. – Ou seja, a não ser a Leah. Ela é uma boa mulher e eu sei que ela lhe costuma trazer comida, mas de certeza que há mais pessoas que podiam pelo menos certificar-se de que tem um abrigo decente e o que comer.

Ele arrastou-se sobre a barriga para trás.

– Eu não preciso de caridade. Sei tomar conta de mim.

– Precisa de um banho e de roupas limpas – disse Essie, que o seguiu enquanto ele se esgueirava para a sua pretensa casa e viu pela primeira vez a cabana dele. Era exclusivamente

composta de folhas de cortiça, sobrepostas por cima de estacas de madeira, criando um abrigo semelhante a uma tenda.

Ele rastejou lá para dentro.

– Obrigado pela comida. Agora vá-se embora. Se a veem aqui, atiram-lhe pedras como fazem comigo. Os tontos pensam que eu estou amaldiçoado.

O homem deixou-se cair no chão de terra e deitou a cabeça no ombro.

Essie percebeu que era inútil discutir e afastou-se, mas não tinha qualquer intenção de o abandonar. A história de Beasley tinha-lhe tocado o coração e fizera-a perceber como era afortunada. Com saúde e bons amigos nada era impossível, e queixar-se das privações que tinha sofrido parecia fútil e infantil quando comparado com a vida que aquele pobre homem deficiente era obrigado a tolerar.

*

Ela não comentou a má sorte dele com os outros, mas devia a vida ao homem rastejante e estava decidida a fazer alguma coisa para tornar a existência dele um pouco mais fácil. Havia apenas uma pessoa a quem podia confidenciar o que pensava e essa pessoa era Leah. Programou a sua ida ao riacho para buscar água cedo na manhã seguinte, para coincidir com a de Leah. Estava um dia fresco e límpido de primavera e o aroma dos eucaliptos perfumava o ar, juntamente com o odor a acácia a arder e a café.

– Sente-se melhor hoje, Leah? – perguntou Essie, mergulhando o balde no riacho.

– Um bocadinho, querida, se bem que me canso muito ultimamente.

– Trabalha demais. Os seus rapazes deviam ajudar mais.

– Diga-lhes isso – disse Leah encolhendo os ombros, ao mesmo tempo que puxava o segundo balde da água. – São bons rapazes, mas não sabem cuidar deles. Deus sabe o que aconteceria se eu não estivesse lá para lhes preparar as refeições e lavar-lhes a roupa.

– Era acerca disso que eu queria falar-lhe – disse Essie francamente. Ontem eu fui ter com o Beasley. Sabe que ele me salvou a vida? Matou uma cobra castanha. Partiu-lhe o pescoço com um golpe de pulso. Eu nunca vi nada assim.

– Teve sorte, querida. Uma dentada de um bicho desses é fatal.

– Eu sei e estou-lhe verdadeiramente grata, mas é evidente que ele não está bem. Eu levei-lhe comida, mas ele está muito sujo e tem as roupas em farrapos. Eu quero fazer alguma coisa por ele.

– Ele é um homem orgulhoso, Essie. Eu levo-lhe de comer quando me sobra, mas ele está acostumado a mim. Não aceita caridade.

– Eu sei, mas se calhar se eu lhe desse umas roupas velhas do Raven para ele usar enquanto eu lavo e remendo os trapos velhos dele, talvez ele aceite.

Leah virou costas e começou a dirigir-se à sua cabana.

– Boa sorte, é o que posso desejar.

Essie não disse nada. Estava decidida a ajudar Beasley, apesar de já ter visto caras cinzentas como a dele nos becos escondidos de Limehouse e de ter a sensação de que já não restava muito tempo ao homem rastejante. Levou a água para a cabana e encheu a chaleira. Raven e Freddie estavam acordados e reclamaram por água quente para fazerem a barba, mas ela disse-lhes secamente que teriam de esperar. Raven encolheu os ombros e desceu até ao riacho para se lavar, mas Freddie ficou para trás.

– O que é que se passa, Essie? Está muito calada desde ontem à noite.

– Ontem à tarde quase tropecei numa cobra castanha.

– Tem de ter cuidado. Essas criaturas são extremamente venenosas.

– Eu sei, ela ter-me-ia atacado se não fosse a intervenção do Beasley.

– O homem rastejante?

– Sim, o mesmo homem idoso que me ajudou quando a minha saia se prendeu num galho. Ele matou a cobra, mas não é isso que me preocupa. Ele está doente, Freddie, e precisa desesperadamente de roupas limpas.

Freddie fitou-a, franzindo o sobrolho numa expressão pensativa.

– Imagino que queira que eu lhe dê algumas das minhas.

Ela sorriu.

– De uma maneira geral, é isso. Não quis pedir ao Raven porque achei que ele me ia dizer para me meter na minha vida.

– Atrevo-me a dizer que sim, mas eu não sou o meu irmão. Eu sei o que é não ter nada – disse ele, levando a mão ao bolso e tirando de lá algumas moedas. – Tome. Vá à loja do Tandy e compre o que achar que o Beasley precisa. E, por amor de Deus, mantenha-se atenta a cobras e aranhas.

Ela sorriu e anuiu, comovida com a preocupação dele.

– Eu faço isso, não se preocupe.

– E não pare para falar com ninguém. Os mineiros estão num alvoroço e a procurar confusão. Não se queira meter.

– Obrigada, Freddie. Você é um senhor. Eu tenho cuidado, prometo – disse ela, olhando à volta e vendo Raven voltar apressadamente do riacho. Tinha o cabelo molhado e gotas de água reluziam no seu queixo por barbear. A camisa húmida estava colada ao peito largo e ela deu-se subitamente conta da musculatura bem definida por baixo do tecido fino. Voltou-se rapidamente e entrou apressadamente na cabana.

Alice começava a mexer-se, mas Sadie ainda estava a dormir profundamente, enroscada na sua enxerga. Alice atirou as pernas para fora da cama, bocejou e espreguiçou-se.

– Mais um dia malfadado neste inferno. Tenho as mãos destruídas e apanhei demasiado sol. Nunca mais vou poder mostrar a minha cara na cidade outra vez.

Por vezes era difícil ser paciente com a obsessão egocêntrica de Alice, mas Essie sabia que a vida no

acampamento era difícil para ela e fazia um esforço para ser paciente.

– O bronzeado desaparece com o tempo e quando voltar para a sua vida de luxo as suas mãos já se sararam.

– Parece que vamos ficar presos aqui para sempre – suspirou Alice. – O Falco prometeu que me levava para casa. Ele deu-me a palavra.

– Então tenho a certeza que ele vai aparecer, ou talvez o Raven nos leve de volta para Geelong, quando se consciencializar de que não há nada para encontrar nessas escavações – disse Essie, pegando numa embalagem de aveia. – A propósito, eu tenho um assunto a tratar depois do pequeno-almoço. Fica bem aqui com a Sadie?

– Onde é que vai?

– Tenho uma dívida para pagar. Não se preocupe comigo.

– Preocupa-me que, se lhe acontecer alguma coisa, eu tenha de fazer o seu trabalho e o meu – respondeu Alice, esboçando o que parecia ser um sorriso. Levantou-se e espreguiçou-se. – Os meus amigos em Londres ficariam estupefactos se me pudessem ver agora.

– Estou certa de que eles ficariam impressionados – disse Essie, que pegou na embalagem de flocos de aveia e a levou lá para fora para deitar duas colheres para a grande frigideira escurecida pela fuligem.

Mais tarde nesse mesmo dia, ela deu a desculpa de que ia ao Tandy comprar um pouco de azeite para as lamparinas. Ao início da tarde a loja estava calma, uma vez que as mulheres do acampamento se ocupavam das suas infindáveis tarefas enquanto os homens estavam a trabalhar. Essie teve tempo para ver a prateleira das roupas de trabalho e encontrou uma camisa de flanela e um par de calças largas de lona. Pareciam ser do tamanho adequado e o corte era pouco relevante tendo em conta a deformidade física do destinatário. Essie gastou o resto do dinheiro em pão, queijo e numa garrafa de rum para aliviar as dores do homem rastejante. Pagou a Tandy, perguntando-se se ele alguma vez sorria ou dirigia uma

palavra simpática a alguém, mas era evidente que não estava na hora de ser ela a receber algum instinto social que ele pudesse possuir e saiu da loja quase a sentir pena dele. Viver num tal estado de desalento devia ser uma existência infeliz.

Saiu ao encontro de Beasley, mas ele não se encontrava na sua cabana e, apesar de ela ter chamado por ele, não obteve resposta. Decidiu deixar a comida e a bebida no abrigo, embrulhadas no que parecia ser uma enxerga. Pouco mais podia fazer e se ele tinha ido à procura de comida, isso era bom sinal. Voltou para a cabana, mas a sua sensação de alívio durou pouco. Sadie foi ao seu encontro, com uma expressão ansiosa nas suas feições delicadas.

– A Leah sentiu-se mal outra vez, Essie. O Big Joe passou por cá para a avisar, mas a Essie já tinha saído.

– A sério? – disse Alice, atirando a vassoura para o chão. – Você é a única pessoa que pode ajudar estas criaturas? Como faziam eles antes de ter chegado ao acampamento, Esther?

Ignorando a explosão petulante de Alice, Essie foi a correr até à cabana dos Halfpenny, onde encontrou Leah prostrada na cama.

– Ela acaba de desmaiar outra vez – disse Joe, ansioso. – Foi uma sorte eu ter sido o último a sair para a mina, mas agora tenho de ir ou o Pá prega-me um bofetão que fico a andar de lado uma semana inteira.

– Vá – disse Essie, com firmeza. – Eu tomo conta dela. – Essie falou com mais confiança do que sentia. Era evidente que Leah necessitava de cuidados médicos adequados, pois a sua respiração era entrecortada e o rosto parecia uma máscara descolorada. Essie esperou que Joe se afastasse ao ponto de não conseguir ouvir e ajoelhou-se junto da cama.

– Como é que se sente, Leah?

– Não muito bem, querida. A minha velha máquina parece um cavalo de corrida.

– Há algum médico no acampamento?

– Há o Ebenezer Pardon, mas ele cumpriu pena por matar um paciente. Está em liberdade condicional.

– O que significa isso?

– Ele pode trabalhar e ganhar dinheiro, mas não pode voltar para Inglaterra e, se ele se meter em sarilhos, volta para a colónia penal.

– Onde posso encontrá-lo?

Leah fechou os olhos.

– Pergunte ao Joe. Ele leva-a até ele.

Essie conseguiu apanhar Joe, apesar de ter de passar pelas escavações da entrada da mina onde a gigantesca máquina trituradora produzia um barulho tal que tornava qualquer conversa virtualmente impossível. Através de gestos, ela conseguiu levá-lo até um sítio onde lhe foi possível fazer-se ouvir.

– A sua Mã precisa de um médico e ela disse-me que era capaz de saber onde encontrar um.

Ele sacudiu a cabeça despenteada.

– Não sei, Essie. O Pá não se dá com o Ebenezer Pardon. Diz que ele é um charlatão.

– A sua Mã está muito doente, Joe. Eu sei tratar de feridas e fazer baixar a febre, mas não consigo ajudá-la. Ela precisa de um médico. E se esse homem souber alguma coisa de medicina, ele é a nossa melhor aposta. Leve-me até ele, por favor.

– O que é que se passa? – Shem, o filho mais velho dos Halfpenny caminhou em passos largos na direção do irmão e cravou os olhos nele. – Volta para o trabalho.

– A Mã está doente outra vez – disse Joe, abatido. – A Essie veio pedir ajuda.

Shem debruçou-se sobre Essie, com o sobrolho franzido contra a ponte do seu nariz de falcão.

– Nós sabemos tomar conta dos nossos. Meta-se na sua vida, menina.

– Isso não é nada educado – protestou Joe, zangado. – A Mã é muito amiga da Essie.

– E eu também – respondeu Essie, num tom desafiante. – Ela precisa de um médico, Shem. E, pelo que sei, só há um no acampamento.

– Eu não vou entregar a Mã aos cuidados de um assassino. Ela só precisa de descanso e nós vamos garantir que o tem.

– O que é que se passa? Porque é que vocês os dois pararam de trabalhar? – Ham, o filho do meio caminhou até junto dos irmãos.

Naquele momento, Essie já estava farta dos irmãos Halfpenny. Confrontou-os, de braços abertos.

– Oiçam bem o que eu vou dizer, seus brutos preguiçosos. A vossa mãe está a matar-se a tentar cuidar da família e vocês os três já são bem grandes e bem feios para poderem fazer isso por vocês mesmos.

Fez-se um silêncio gélido e os três rapazes olharam para ela surpreendidos.

– Bem podem ficar envergonhados – prosseguiu Essie. – A vossa mãe é uma mulher doente e ela precisa de cuidados médicos decentes. Eu vou encontrar o Ebenezer Pardon, com a vossa ajuda ou sem ela, mas vocês os três têm de começar a cuidar da vossa mãe ou, quando derem por isso, estão a enterrá-la. Percebem o que eu estou a dizer?

Os três rapazes baixaram a cabeça como crianças malcomportadas. Shem foi o primeiro a recuperar e a anuir.

– É capaz de ter razão. Mas ela é uma mulher teimosa. Não nos deixa ajudá-la.

– Podemos tentar com mais força – disse Joe, a medo. – Eu posso ir buscar a água.

– Ela está mesmo mal? – perguntou Ham, com o lábio inferior a tremer. – Ela não vai morrer, pois não?

– Só um médico vos saberá dizer isso. Estamos a perder tempo, por isso, conhecem esse homem? E se conhecem, onde está ele?

– Vocês os dois voltem para o trabalho – disse Shem, estendendo a mão para pegar na de Essie. – Eu levo a moça até

o Pardon. Ele bem pode ajudar a Mã a ficar boa ou vai-se arrepender – declarou, afastando Essie do ruído da escavadora. Ela teve de correr para conseguir acompanhar a passada acelerada dele.

*

Ebenezer Pardon estava muito embriagado. Tinha a barba por fazer e tresandava a rum e a tabaco bafiento. Shem teve de lhe mergulhar a cabeça debaixo de água para tentar fazer com que ficasse sóbrio, mas acabaram por conseguir fazê-lo compreender a sua missão. Um olhar do rosto decidido de Shem bastou para convencer Ebenezer a fazer uma consulta domiciliária, mas uma vez chegado à tenda ele tentou escapar-se, movendo-se de uma maneira estranha, como um caranguejo. Ela alcançou-o com dois passos largos, agarrou-o pelo colarinho e pela traseira das calças e levou-o a toque de caixa pelo acampamento, para grande divertimento de quem estava a ver. Apenas o soltou quando Ebenezer prometeu fazer o que lhe diziam.

Shem acompanhou-os o caminho todo até casa.

– Muito bem, você aí – rosnou, debruçando-se sobre Ebenezer. – Trate da minha Mã ou vai arrepender-se de ter nascido. Percebido?

Ebenezer anuiu e revirou os olhos como um cachorro assustado.

– Sim, companheiro.

– Eu não vou entrar – disse Shem em voz baixa. – Ela vai perceber que se passa alguma coisa se me vê aqui a esta hora do dia.

Essie deu-lhe uma palmadinha no braço.

– Não se preocupe. O doutor vai-lhe receitar alguma coisa para a ajudar e se vocês todos fizerem uma parte do trabalho dela para a aliviar, ela fica fina.

Shem anuiu em silêncio e partiu na direção das escavações.

Essie foi a primeira a entrar, para preparar Leah para a visita do médico.

– Tem aqui uma pessoa para a ver – disse, calmamente. – O doutor Pardon vai observá-la, Leah.

Ebenezer foi imediatamente para junto de Leah.

– Bom dia, minha senhora. Como se está a sentir?

Leah puxou o cobertor até ao queixo.

– Eu não preciso que você me venha dizer que a minha máquina está velha e cansada.

– Então, minha senhora? Não é médica, por isso, certamente não é capaz de saber o que se passa consigo. Dê-me licença, por favor – disse ele, soltando o tecido dos dedos cerrados dela e começando a examiná-la.

Essie recuou, sem dizer nada, mas tinha o coração a mil à hora. Tinha-se afeiçoado a Leah e aquela pequena mulher destemida não merecia sofrer.

Ao cabo do que pareceu ser uma eternidade, Ebenezer voltou a puxar o lençol para cima e aconchegou Leah na cama.

– Então, minha senhora? Não foi assim tão mau, pois não?

Leah olhou para ele, com os olhos redondos e esbugalhados de medo.

– Eu vou morrer, doutor?

– Vai, minha senhora, mas só daqui a muito tempo, espero eu. O seu coração tem a força do de uma criança de dez anos, mas a senhora está claramente desnutrida e exausta. Tem de comer melhor e deixar de alimentar os seus homens como se fossem perus de Natal. Eles sabem cuidar deles e está mais do que na hora de a senhora começar a olhar por si. Vou dizer isto ao seu marido para que ponha os seus filhos na linha.

– Os meus meninos são bons rapazes – disse Leah, num tom débil.

– Como diria qualquer boa mãe – disse Ebenezer, levantando-se da beira da cama onde se tinha apoiado e pegando no chapéu de feltro que enfiou na cabeça. – Vou preparar-lhe um tónico e entregá-lo ao brutamontes do Shem. Tome uma colher de chá três vezes ao dia e tente melhorar a

sua dieta. Eu vi galinhas ali fora, por isso, um ovo mal cozido e um copo de leite de cabra vão fazer-lhe maravilhas. E distribua as tarefas.

– Obrigada, doutor – respondeu Leah, sonolenta. – Já me sinto melhor.

Ebenezer saiu para o alpendre a respirar fundo.

– Imagino que não tem nada para beber, pois não?

– Posso fazer-lhe um chá – respondeu Essie, fingindo intencionalmente que não estava a percebê-lo. – Senão, a água do riacho é fresca e limpa.

– Obrigado, mas não. Acho que vou declinar a sua amável oferta – disse o médico, descendo do alpendre e tirando-lhe o chapéu. – Tenha um bom dia, menina.

Essie correu atrás dele.

– Aquilo que disse é verdade? Ela está apenas cansada e precisa de descanso e de se alimentar bem?

– Tanto quanto vi, é. Eu já vi estas mulheres desgastarem-se até ao tutano por serem mães e por causa do trabalho pesado. Os maridos delas ou não veem o que estão a fazer ou não querem saber. A vida aqui é dura, especialmente para as mulheres – dito isto, deteve-se subitamente e olhou para ela. – Aceite o meu conselho e saia daqui menina. Vá lá para o sítio de onde veio antes que seja tarde demais.

– Não é assim tão fácil.

Ele abanou a cabeça.

– Nunca é, mas vai acabar como ela se ficar aqui e se ligar a um destes exploradores. Vai envelhecer precocemente.

– Obrigada pelo seu conselho, mas eu não tenciono ficar aqui mais tempo do que o necessário.

Ele estava de partida, mas ela barrou-lhe o caminho.

– Conhece o Beasley? O homem rastejante, como lhe chamam?

– Toda a gente conhece essa malfadada criatura. Ele tem-na importunado?

– Não, claro que não. Na verdade, ele salvou-me a vida ao matar uma cobra com as próprias mãos.

– Os homens acham que ele está amaldiçoado por um espírito maligno. Pobres tolos supersticiosos – disse ele. Lançou-lhe um olhar curioso. – Se me vai pedir para o tratar, esqueça. Não há nada que eu possa fazer e, seja como for, duvido que ele aceitasse a minha intrusão. Agora, por favor saia do meu caminho, jovem. Tenho uma garrafa de rum que precisa de atenção imediata – declarou ele, cambaleando dali, a baloiçar de um lado para o outro como se estivesse no convés de um navio no meio de uma tempestade.

Essie abanou a cabeça. Ficou aliviada por pensar que a doença de Leah não era grave e tinha esperança de que a sua conversa com os irmãos Halfpenny fizesse a diferença. Quanto ao pai deles, ela já o tinha ouvido gritar e praguejar ao voltar para casa à noite e ainda pior quando bebia, e desconfiava que os filhos tinham medo dele em segredo, tal como Leah. A vida no acampamento dos mineiros era realmente dura.

Essie voltou para a cabana onde encontrou Sadie de gatas a esfregar o chão, ao passo que Alice se encontrava no alpendre a debater-se com a escova de madeira, torcendo e retorcendo a roupa no tanque, tentando libertá-la da sujidade. O cheiro a sabão de soda cáustica e a suor erguia-se para o ar, numa nuvem húmida.

– Onde é que andou? – perguntou Alice, limpando o suor da testa com as costas da mão.

– Tive de ir chamar o médico para a Leah. Ela não está nada bem.

– Não é o homem que matou a mulher, não? – perguntou Alice, fitando-a horrorizada.

– Não devia dar importância a intrigas – disse Essie, severamente. – Nós não sabemos a história toda.

– Quer dizer que trouxe esse homem até aqui? Bem que podíamos estar já todos mortos na nossa cama.

– Que disparate. Ele não passa de um bêbedo patético, mas foi bom para a Leah e, mesmo que se tenha enganado a diagnosticá-la, fê-la sentir-se melhor.

– Mantenha-o longe de mim – disse Alice, abandonando a sua tarefa. – Uma parte desta roupa suja é sua, Essie. Ficava-lhe grata se tomasse conta do recado e é uma ordem – disse Alice, severamente, mas com um brilho nos olhos.

Essie sorriu e afastou-a.

– Se ao menos os seus amigos a pudessem ver agora, Lady Alice Crozier. Não iam acreditar nos olhos deles.

Alice secou as mãos no avental.

– Imagino que não. Gostava de os ver na minha posição. Duvido que muitos deles sobrevivessem.

Sadie apareceu vinda de dentro da cabana com um balde cheio de água suja nas mãos. Despejou-o no solo fazendo uma poça na terra.

– Parece que vai chover – disse ela, cheirando o ar. – A sua roupa não vai secar.

– Esperemos que a chuva aguente até a roupa ficar seca – disse Alice, pegando no cesto de verga cheio de roupa molhada, que foi estender nas cordas que Freddie tinha montado para eles.

– Aquilo que disse é verdade – disse Sadie, olhando para ela com um sorriso rasgado no rosto vivaz. – Quem havia de dizer que a Lady Alice iria tornar-se numa de nós?

– Quem mesmo? – concordou Essie, mergulhando as mãos na água que arrefecia rapidamente. – Vou só enxaguar estas. O que temos para fazer para o jantar hoje?

– O Big Joe trouxe dois gambás mortos. Já os tinha esfolado para serem cozinhados. Disse que era para lhe agradecer pelo que está a fazer pela Mã dele.

– Foi simpático da parte dele. Nesse caso, esta noite não comemos guisado dos pobres. Vamos comer bem.

Mais tarde, quando o guisado estava a fervilhar no lume, Essie levou uma tigela cheia a Leah e sentou-se junto dela enquanto ela comia. Mas, quando acabou de comer, Leah fez um gesto para se levantar.

Essie pousou-lhe a mão no ombro.

– O que pensa que está a fazer?

– Já me sinto melhor, Essie. Tenho de acender o lume e começar a preparar o jantar para os meus homens.

– Não tem, não. Vai ficar na cama o resto do dia e deixar que sejam eles a cuidar de si.

– Mas eu não posso.

– Pode, sim. Eu trato do lume e vou apanhar uns legumes ao seu talhão para fazer sopa.

– Eu não lhe posso dar esse trabalho todo, Essie.

– Faria a mesma coisa por mim, tenho a certeza. E depois disso os seus rapazes podem fazer algumas tarefas. Acho que vai verificar que eles estão com mais vontade de ajudar.

Leah descontraiu um pouco, mas remexeu os dedos nervosamente na colcha.

– Eles nunca tiveram de fazer nada.

– Então está mais do que na hora de eles começarem a ajudar – disse Essie, afagando a mão dela. – Tente dormir e pare de se preocupar. Ouviu o que o médico disse, precisa de descanso.

A rapariga deixou Leah na cama e foi acender o lume.

Ao longo dos dias que se seguiram, Essie certificou-se de que Leah repousava, apesar de ser impossível mantê-la confinada à cama. Ela levantava-se tarde, a sua única concessão para levar as coisas com mais calma, mas encontrava menos para fazer, graças a uma súbita explosão de cooperação da parte dos filhos. Leah dizia que era um milagre, mas Essie sabia bem o que se tinha passado e ficava satisfeita por o seu aviso duro ter surtido efeito. Noah Halfpenny

continuava a agir como sempre, passando o dia na mina e a maior parte das noites a beber com os colegas.

Raven e Freddie trabalhavam nas escavações todos os dias e regressavam com pequenas pepitas e com bolsas de papel cheias de pó de ouro que lavavam no riacho.

Raven estava satisfeito com os achados deles, mas Freddie estava desapontado.

– Eu tinha esperança de ficar rico como você, meu irmão – disse ele, certa noite depois do jantar, quando estavam todos sentados no alpendre a apreciar o pôr do Sol. – Por este andar, vou viver da sua caridade para o resto da vida.

– Que disparate – respondeu Raven, recostando-se numa das cadeiras que tinha construído com madeira cortada grosseiramente, e com uma caneca de café na mão. – O que é meu é seu, Freddie. Você sabe disso. Eu deixei dinheiro suficiente no Banco Coutts para nos permitir uma vida confortável num futuro próximo.

– Está tudo muito bem para vocês os dois – replicou Alice, zangada. – E nós? Estamos a servi-los com todos os preceitos, a viver numa barraca do tamanho do telheiro das flores em Starcross e não temos qualquer controlo sobre as nossas vidas. Não me parece que isso seja justo.

– Você é uma das mulheres mais ricas de Inglaterra, Alice. Não precisa de pó de ouro para ser feliz.

– Pois não, mas quero ir para casa, eu e as raparigas – disse Alice, acenando com a mão para incluir Essie e Sadie. – O que ganham elas com isto? A Sadie vai voltar a trabalhar na cozinha e a Essie vai estar ao mando do pai.

– Isso não me parece bem – disse Freddie, pensativo. – Eu caso-me consigo, Essie e afasto-a da vida à beira-rio.

– Adotam-me como vossa filha? – perguntou Sadie, a sorrir. – Eu não me importava de viver num castelo.

– Quem sabe? – Freddie sorveu a última gota de café e levantou-se. – Vou dar uma volta. Também vem, Raven?

– Vou, preciso de esticar as pernas – disse Raven, levantando-se. Os dois irmãos caminharam na direção do centro do acampamento.

– Até adivinho para onde é que eles foram – disse Alice, a suspirar. – Vão emborcar canecas de cerveja com os outros homens e deixam-nos aqui a olhar. Eles levam mesmo o melhor da vida.

– Vou lavar as canecas ao riacho – disse Essie, recolhendo-as e caminhando na direção da água.

O sol descia ao longe na linha do horizonte, deixando manchas roxas e pinceladas de carmim espalhadas ao longo do céu azul e os seus últimos raios reluziam como ouro fundido na superfície enrugada da água.

Essie enxaguou as canecas e estava prestes a voltar para a cabana quando a sua atenção foi captada por alguma coisa que reluzia entre os seixos. Ao princípio, pensou que se tratasse de uma ilusão de ótica, mas quando mergulhou a mão dentro da água fresca, os dedos dela fecharam-se em torno de um pedaço de metal do tamanho de uma noz. No preciso momento em que o arrancava da sua cama no riacho, ela percebeu que a sua sorte tinha mudado e o peso da pepita convenceu-a de que se tratava de ouro. Levantou-se e correu para a cabana, esquecendo-se das canecas com a pressa.

– Alice, Sadie, vejam o que eu encontrei.

Ignorando as picadas dos mosquitos, Alice e Sadie correram para o riacho, levantaram as saias e mergulharam na água, revirando pedras, na esperança de fazerem semelhante descoberta. Mas a escuridão desceu sobre elas e viram-se obrigadas a desistir. Voltaram para a cabana e Essie fez chocolate quente, uma vez que se tinha lembrado finalmente de trazer as canecas de volta. Sentaram-se no alpendre, a beberricar a sua bebida quente com o som das cigarras e o restolhar das criaturas noturnas como ruído de fundo.

O barulho diurno da mina e das escavações tinha cessado, mas havia um fluxo constante de vozes, por vezes mais altas com a ira e ocasionais explosões de gargalhadas. Tiros aleatórios eram disparados, mas elas tinham-se acostumado a

ouvi-los, uma vez que os mineiros disparavam as suas armas para afastar potenciais saqueadores. Numa noite tão bonita era fácil esquecer os perigos que advinham da febre do ouro, mas à medida que a noite as envolvia com o seu manto aveludado de escuridão, o reino animal ganhava protagonismo.

– Vou para a cama – anunciou Alice com um bocejo. – Já tive excitação suficiente para um dia, se bem que o seu achado me deixou a pensar, Essie. Amanhã de manhã vou dar uma palavrinha ao Raven. Quero que ele nos leve de volta a Geelong e se o Falco não estiver lá marcamos viagem de regresso a casa num navio com destino a Inglaterra. O que me dizem as meninas?

# Capítulo Doze

Era a primeira vez que Raven estava de acordo com a prima.

– A Sociedade para os Direitos dos Mineiros está a crescer em número de adesões – disse ele, de sobrolho franzido. – As coisas vão ficar mais feias e eu fico satisfeito se vocês estiverem em Geelong. O Falco deve regressar em breve e ele leva-vos de volta para Inglaterra.

– Sinceramente, eu não percebo porque tivemos de vir para aqui – disse Alice, sacudindo a cabeça. – Foi você que nos sujeitou a isto, Raven. E eu acho que o fez para se divertir.

– Isso não é justo – protestou Freddie. – O que mais podia ele fazer? Para além do mais, a prima viveu uma experiência que vai alimentar as conversas à hora do jantar durante anos. Vai ser convidada para toda a espécie de eventos só para as pessoas a ouvirem falar dos tempos que passou nos campos de ouro. Vai ser uma celebridade, Alice.

– Sim, atrevo-me a dizer que serei – concedeu Alice. – Então e você, Freddie? Porque não vem para casa? O Gilfoyle já deve ter o recurso nas mãos a esta hora. Até é capaz de conseguir o perdão. E isso também se aplica a si, Raven.

O primo sacudiu a cabeça.

– Eu não me atrevo a arriscar outra vez. Faltam-me menos de dois anos para ser um homem livre.

Freddie hesitou.

– Nesse caso, eu também fico cá. Eu safei-me comparativamente consigo, Raven, e a culpa foi minha. Era eu quem devia ter ido para a prisão ou quem devia ter sido exilado e não você.

Essie deixou-os a discutir aquele assunto. Era algo para a família decidir e não tinha nada a ver com ela. Mas ficou surpreendida por a ideia de regressar a casa não ser tão agradável como tinha antecipado. Apesar dos defeitos dele, ela tinha saudades do pai, mas a vida em Limehouse era tão ou mais difícil do que ali em Ballarat.

Entrou na cabana e embrulhou um pedaço de pão, queijo e fatias de carne num pano, com o intuito de os levar para Beasley. Se ele tinha gostado das roupas novas, tinha guardado essa opinião para si mesmo, mas ela tinha-se apercebido de que ele estava a usá-las quando lhe tinha ido levar mais comida.

Essie pôs a sua touca de algodão para se proteger do sol e foi à procura do cesto. Era a sua vez de ir à loja de Tandy comprar ovos, leite e pão. Um padeiro empreendedor, que estava em liberdade condicional, tinha construído um forno e estabelecido o seu negócio. O pão dele não era perfeito, mas sabia melhor do que as papas de farinha e ela levava as últimas fatias do pão da véspera para Beasley. Partiu rumo à cabana dele, com cuidado onde punha os pés. O episódio com a cobra deixara-a ainda mais atenta ao que podia encontrar pelo caminho. Não sabia o nome de metade das criaturas que encontrara naquela terra selvagem, mas já tinha visto toda a espécie de insetos e lagartos. Estava familiarizada com gambás e marsupiais pequenos e também com os agrupamentos de cangurus que já vira a moverem-se a uma velocidade incrível através das vastas planícies, mas eles mantinham-se geralmente afastados do acampamento ruidoso. O que tornava a vida mais desconfortável eram as pragas de moscas e os insetos que picavam criavam mais problemas do que as cobras. Essie sabia que teria saudades quando deixasse a Austrália, mas não sentiria a falta das criaturas que irritavam os homens e os restantes animais.

Chegou ao esconderijo de Beasley em tempo recorde.

– Beasley, está aqui? É a Essie. Trouxe-lhe pão e queijo e umas fatias de carne de borrego – disse, dando-lhe uns segundos para ele acordar caso estivesse a dormir uma sesta.

– Beasley, sou a Essie.

Um movimento no interior da cabana confirmou que ele estava lá e ela levantou a aba de cortiça e espreitou lá para dentro. Aquilo que os seus olhos viram fê-la recuar um passo. Ele estava deitado, todo enroscado, com a cabeça pousada sobre o braço, mas foi o ferimento que tinha na cabeça e o rosto coberto de sangue que a fizeram gritar horrorizada.

– O que aconteceu? – perguntou ela, sorvendo o fôlego. – O que é que lhe fizeram?

– Estavam à procura do meu ouro – disse ele, num coaxar rouco e ela viu que os lábios dele estavam feridos e a sangrar.

Essie tinha trazido água num cantil e levou-lho aos lábios. Ele bebeu avidamente.

– Estou acabado, Essie – declarou ele, no meio de uma respiração entrecortada. Tinha os olhos baços e ensombrados.

– Não está, não – disse ela, afagando-lhe a cabeça calva, tentando não se encolher perante a sensação pegajosa do sangue a sair de um grande corte. Só podia ter sido feito pelo golpe de um machete como os que os mineiros usavam para limpar as escovas. – Eu vou buscar o doutor Pardon.

– Não vale a pena. É tarde demais. Eu vou ter com o meu Criador, menina.

– Não diga isso. Vai sentir-se melhor quando eu o lavar e lhe passar bálsamo nas feridas. Talvez devesse comer alguma coisa.

– Eu estou a morrer, Essie – disse ele e com um enorme esforço moveu os membros presos para chegar a algo que tinha debaixo da barriga. – Isto é teu. Leva-o e volta para Inglaterra, moça. Não fiques aqui – disse ele, mostrando-lhe um pequeno embrulho envolvido com um pedaço de tecido muito sujo.

– O que é? – perguntou Essie, olhando para ele com desconfiança.

– É o que eles procuravam, moça. Quero que fiques com ele. Leva-o e sai desta maldita terra – disse ele e, exausto e a arfar voltou a cair ao chão de terra.

Essie desenrolou o material e quase ficou cega com o brilho da pepita do tamanho de um punho cerrado. – É ouro. Deve valer uma fortuna, Beasley. Eu não posso aceitar isto.

– Sim – sussurrou ele. – É teu. Tu mereces – afirmou ele. Fechou os olhos e ficou subitamente imóvel.

Essie abanou-o, tomada pelo pânico.

– Beasley, diga alguma coisa. Fale comigo – implorou. Debruçou-se sobre ele e beijou-lhe a face que arrefecia rapidamente. Lamento tanto que tenha sofrido assim. Não morra, Beasley – exclamou ela, abraçando o corpo deformado dele e segurando-o.

– Não vale a pena, Essie. Ele já partiu.

O som da voz de Raven fê-la olhar para cima.

– Eles mataram-no por causa do ouro que tinha – disse ela, a soluçar. – Atacaram-no e deixaram-no para morrer como se fosse um animal selvagem.

Ele ajudou-a a levantar-se e abraçou-a, afagando-lhe o cabelo, como se reconfortasse uma criança infeliz.

– É assim que as coisas são aqui – disse ele, calmamente. O campo de ouro é um lugar violento e eu errei em trazê-la para aqui.

Ela afastou-se. A tentação de pousar a cabeça no ombro dele e deixá-lo reconfortá-la era avassaladora, mas para se preservar ela retirou-se e salvaguardou um pouco da dignidade que quase tinha perdido por completo.

– Ele quis que eu ficasse com isto, mas parece-me demais – disse ela, ajoelhando-se e pegando na pepita de ouro, que pousou nas nãos de Raven.

– Sabe que isso vale uma pequena fortuna?

– É por isso que não posso ficar com ele. Ele deve ter alguém algures que precise mais do que eu.

– Ele era um solitário, Essie. Homens como o Beasley vivem sempre sozinhos. Você teve compaixão por ele e ele quis que ficasse com o seu tesouro, por isso, guarde-o. Volte para casa e construa uma vida nova. Era o que ele teria querido.

– Ele morreu por causa desse pedaço de metal – respondeu Essie, a estremecer. – Está manchado.

– Ele ia morrer de uma maneira ou de outra. Sabia que não ia viver muito mais e é óbvio que quis que você fosse a sua herdeira. Quanto ao ouro estar manchado, isso são

superstições disparatadas – disse, devolvendo-lhe a pepita. – Guarde-a e dê-lhe bom uso, como ele teria desejado. Deve-lhe isso, no mínimo. O Falco deve estar a regressar em breve e a Alice está morta por voltar para casa. Volte para Londres, Essie e viva como uma senhora.

– Parece que não tenho escolha, mas como vai ficar aqui sozinho?

– Da mesma maneira que lidei com o que a vida me atirou nos últimos cinco anos – disse ele, com um sorriso seco. – Não é que eu não tenha apreciado o conforto de ter alguém a preparar-me as refeições e a lavar-me a roupa e de ter companhia feminina, mas eu cá me arranjo.

Ela arrumou a pesada pepita por baixo da comida que trazia no cesto, mas o conhecimento de que Beasley tinha morrido com fome e sem amor continuava a persegui-la e trouxe-lhe aos olhos lágrimas novas. Voltou-se para que Raven não visse até que ponto a morte de um estranho a afetara.

– Tenho de ir à loja – disse ela, apressadamente.

– Está doida? Não pode andar por aí com esse pedaço de ouro no cesto – disse-lhe ele, agarrando-a pelos ombros e colocando-a no caminho de volta à cabana. – Esconda-a juntamente com a pepita que encontrou ontem. Não pode confiar em ninguém quando há uma fortuna assim em jogo, nem naqueles que lhe são próximos.

– Está a referir-se a si?

– Podia estar, antes de ter enriquecido. Quero que lucre com esta demanda, Essie. Foi arrastada para isto pela casmurra da minha prima e suportou tudo com valentia e sem se queixar, o mesmo não posso dizer da Alice e do Freddie.

Ela voltou-se para olhá-lo nos olhos. Ele parecia ter estado sempre na vida dela e era difícil acreditar que só o conhecera há alguns meses. Mas o sentimento de que aquilo era o princípio do fim apoderou-se dela como o nevoeiro de Londres. Ela ia voltar para casa e nunca mais ia vê-lo.

– Eu não escolhi vir para aqui, é verdade – disse ela lentamente –, mas não trocava nada do que aconteceu – nem

as viagens no mar, nem as dificuldades que encontrámos no caminho. Diverti-me como nunca e jamais me vou esquecer. – O desejo de chorar era quase insuportável, mas ela enfiou a mão no cesto e pegou na pesada pepita. – Talvez me possa esconder isto. Eu tenho de ir à loja para comprar as coisas de que precisamos ou os outros vão estranhar eu aparecer em casa de mãos a abanar.

– Confia-me o ouro?

– Confiei-lhe a minha vida até aqui. O que é um pedaço de metal dourado a comparar com isso?

Essie afastou-se, sabendo que ele tinha ficado completamente imóvel, a olhar para ela. Sentia a sua presença sempre que ele estava por perto. Era um sexto sentido que tinha desenvolvido mesmo sem se aperceber que estava a acontecer. E agora estava tudo a chegar ao fim. A grande aventura da jovem de Limehouse acabaria em breve e ela tinha de voltar para o rio e para os que lhe eram queridos. Mas a verdade era que as pessoas que ela verdadeiramente amava estavam ali, em Ballarat. Se Sadie era como uma irmã mais nova, Alice era como uma prima mais velha – rabugenta e difícil, mas também bela e charmosa e uma boa companhia quando não estava com os seus humores. Depois havia o Freddie. Ela amava-o, mas não no sentido romântico. Ele era como um segundo irmão. Nunca poderia substituir George no coração dela, mas ela sentia-se próxima de Freddie, mesmo com todos os seus defeitos, ou se calhar por causa deles. E depois havia o Raven – atraente, esperto, imprevisível e forte. Só agora, com a ameaça da separação a aproximar-se cada vez mais, é que ela percebia o quanto ele significava para ela. Mesmo com o recente enriquecimento dela, eles estavam a mundos de diferença e em breve haveria muitos milhares de quilómetros a separá-los. Os passos dela eram custosos e o seu coração pesava ainda mais. Estava enlutada pelo pobre e torturado homem rastejante e pelas esperanças e os sonhos que em breve deixaria para trás na Austrália.

*

Parecia que, uma vez tendo tomado uma decisão, Raven não desistia. Naquela mesma noite, depois do jantar, anunciou que

bem cedo na manhã seguinte partiriam para Geelong. Não havia discussão nem questionamento em relação à sua decisão. Freddie permaneceria no acampamento para se certificar de que os ocupas não tomavam conta da cabana e eles apenas tinham de ensacar os seus escassos pertences para partirem de madrugada.

Essie escapou-se e deixou Alice e Sadie num frenesim de excitação perante a ideia de irem para casa. Sabia que devia sentir o mesmo, mas era-lhe difícil estar entusiasmada por se separar de pessoas de quem gostava tanto e Leah era uma delas. Foi encontrá-la sozinha, sentada na cadeira de baloiço que Joe lhe fizera propositadamente. Não havia sinal nem de Noah nem dos filhos dela, mas isso jogava a favor de Essie.

– Veio despedir-se – disse Leah, calmamente.

Essie sentou-se no degrau, a baloiçar as pernas sobre o rebordo da plataforma de madeira.

– Como é que sabia?

– Nunca foi suposto que ficasse aqui muito tempo, Essie. E com tudo o que se está a passar aqui, talvez seja melhor ir já. Nada voltou a ser como dantes desde o homicídio no Hotel Eureka e dos motins que se seguiram. Sabe Deus como isto irá acabar. O Noah e os rapazes não comeram para irem a uma reunião esta noite e receio que eles sejam envolvidos nos sarilhos.

– Fica bem, Leah? Podia vir connosco.

Leah abanou a cabeça.

– Obrigada, querida, mas o meu lugar é aqui, com a minha família. Não me ia embora mesmo que pudesse, mas você tem de ir, pelo seu próprio bem.

– Não me agrada deixá-la.

– Eu fico bem. Parece que os rapazes perceberam que eu preciso de alguma ajuda de vez em quando. Eles têm sido muito bons desde que eu fiquei doente, especialmente o Joe.

Essie estendeu a mão para pegar na de Leah.

– Merece ser bem tratada, Leah. Eu não sei como me teria dado aqui sem a sua ajuda.

– Foi um prazer, querida. Se eu tivesse sido abençoada com uma filha, queria que fosse igualzinha a si.

Essie engoliu em seco. Desde a morte de Beasley que estava sempre à beira das lágrimas, mas conseguiu sorrir.

– Obrigada. Isso é muito importante para mim.

– E não se preocupe com o homem rastejante. Ele foi para um sítio melhor do que este.

– Já soube do pobre Beasley?

– Todo o acampamento fala disso, Essie. Apanharam os homens que o atacaram. Há uma espécie de justiça grosseira entre os mineiros, nem todos são brutamontes e maus homens.

Essie levantou-se e debruçou-se para beijar a face enrugada de Leah.

– Vou tentar lembrar-me só das coisas boas quando chegar a casa, mas vou ter saudades suas.

– E eu suas – disse Leah, comprimindo os dedos de Essie com um aperto forte. – Agora vá à sua vida senão vai pôr-me a chorar baba e ranho. Tome conta de si, Essie e tenha uma boa vida na Inglaterra.

*

Despedir-se de Freddie no dia seguinte foi igualmente doloroso, se não tiver sido mais. Quando ela partiu dali com todos os seus bens materiais, incluindo as pepitas de ouro, enroladas na sua roupa de cama, o rosto de Essie estava molhado pelas lágrimas. Raven cavalgava na frente, com Alice no seu encalce e Essie e Sadie seguiam à retaguarda. A primavera estava a meio e a temperatura subia a um ritmo constante, mas ainda não era suficiente para tornar a viagem desconfortável. Acamparam durante a noite, tal como tinham feito a caminho de Ballarat e Essie ficou surpreendida ao perceber como o tempo passara depressa em comparação com a viagem de partida. Nessa altura estavam a viajar rumo ao desconhecido, ao passo que agora regressavam àquilo que se

tinha tornado familiar. A perspetiva de passar várias semanas a serem atirados de um lado para outro no confinamento do barco velho de Falco não era excitante, mas pelo menos ela não sofria de náuseas, ao contrário do que acontecia com Alice, que abominava abertamente a viagem. Sadie parecia ter esquecido que também ela tinha sofrido na viagem de ida e estava ansiosa para ver Londres novamente, apesar de admitir que estava nervosa por regressar ao seu antigo estilo de vida.

Estavam no molhe à espera que chegasse a barcaça que os levaria até ao ancoradouro do *Santa Gabriella*. Alice tinha trocado de roupa, vestindo o vestido que Essie lhe tinha feito a bordo e insistira em usar o seu único chapéu de palha.

– Eu não vou embarcar a parecer uma condenada do acampamento dos mineiros.

Não valia a pena discutir, apesar de Essie e Sadie manterem os seus vestidos simples de algodão e as toucas de pano, mas Alice estava rapidamente a transformar-se em Lady Alice e Essie receava que, uma vez a bordo, ela voltasse a assumir os seus modos anteriores.

– Não sei como me vou adaptar na casa grande – sussurrou Sadie. – Sua senhoria vai esquecer-se de como vivíamos no acampamento quando éramos todos iguais, mas os criados em Londres vão querer saber tudo. Eles vão gozar comigo.

Essie apertou a pequena mão de Sadie.

– Eu não me preocupava com isso para já, mas acho que vamos todos ter dificuldades em adaptar-nos de novo. Eu sei que não sou a mesma pessoa que era quando saí de Londres. Estar aqui mudou-me para sempre.

– Não me vai abandonar, pois não, Essie? – Sadie olhou-a com uma expressão ansiosa.

– Nunca. Nós somos irmãs, não somos? Eu não vou permitir que ninguém a intimide.

– Parem lá com as conversas, vocês as duas – disse Alice, irritada. – E não alimente as expectativas da criança, Essie. A vida vai continuar como era antes quando voltarmos a Londres. Vai ser duro para todos nós, até mesmo para mim.

Raven ergueu a mão e berrou para o barqueiro que trazia a embarcação até ao molhe.

– Estou a ver que o próprio Falco veio cumprimentá-la, Alice. Que bom, poupa-me uma viagem adicional. Preciso de falar com ele antes de vocês zarparem.

Alice voltou-se para ele com um grande sorriso.

– Não lhe vou agradecer por tratar da nossa passagem para casa porque nós nunca devíamos ter vindo para aqui, mas vou ter saudades suas, Raven. E assim que eu chegar a Londres vou entrar em contacto com o Gilfoyle para descobrir em que pé está o recurso. Espero ter boas notícias para si dentro em breve.

Raven debruçou-se para lhe depositar um beijo na bochecha.

– Eu espero cumprir a minha pena na totalidade, Alice. É o Freddie que me preocupa. Ele já passou tempo demais exilado por causa de uma tontice da juventude.

– Um erro que está a custar-lhe sete anos da sua vida, primo – disse Alice, protegendo os olhos do sol para olhar para a água reluzente e para a embarcação que se aproximava. – Quem me dera que você e o Freddie pudessem vir connosco.

– Também eu, mas não pode ser e, quem sabe, talvez nós voltemos a encontrar ouro.

Raven voltou-se para Falco, que acabava de subir para o molhe. Abraçaram-se como dois velhos amigos e em breve estavam envolvidos na conversa.

– Porque é que os homens nos tratam como se fôssemos crianças? – perguntou Alice, irritada. – Eu tenho a certeza de que temos tanta inteligência quanto eles e, no entanto, eles não nos deixam participar em assuntos que nos dizem respeito.

– Talvez não seja sobre nenhuma de nós – respondeu Essie, afastando o cabelo dos olhos, enquanto o vento refrescava e sacudia as fitas da touca. – Provavelmente estão a falar de dinheiro.

– O Raven vai pagar a nossa viagem de regresso a casa, quer isso lhe agrade ou não – disse Alice, cravando o olhar nele, mas se ele se apercebeu do seu humor, não lhe deu importância e prosseguiu a sua conversa com Falco. Ela bateu o pé. – Raven, estamos a ficar com frio aqui. Está na hora de subirmos a bordo.

Falco dirigiu-se a elas com um sorriso apologético.

– O meu coração rejubila por vê-la novamente, minha belíssima senhora.

Essie ficou divertida ao ver a expressão de Alice alterar-se. Ela estendeu a mão para Falco, a sorrir e a corar.

– Parece que vamos passar as próximas semanas juntos, capitão.

– É uma honra, minha senhora – disse Falco, fazendo uma vénia sobre a mão dela e levando-a aos lábios.

– Eu sei que posso confiar-lhe as minhas senhoras – disse Raven descontraidamente. Tome bem conta delas, Falco e vemo-nos quando regressar.

– Eu vou protegê-las com a minha vida – disse Falco, assumindo uma pose dramática.

Noutra altura qualquer, Essie teria achado piada às palhaçadas dele, mas tinha o olhar fixado no Raven. Ele olhou-a de soslaio e a seguir voltou-se para abraçar Alice.

– Vejo-a daqui a dois anos, minha querida. Tome conta de Starcross Abbey por mim.

– Eu tomo, não se preocupe – disse Alice, pousando a mão no braço de Falco. – Adeus, Raven.

Essie susteve a respiração, à espera que ele desse por ela. O mínimo que ele podia fazer era desejar-lhe uma viagem em segurança, mas Raven deu meia-volta e percorreu o molhe em passos largos. Não foi a despedida mais feliz e ela sentia o coração tão pesado como as pepitas que transportara desde Ballarat. Era uma mulher rica, mas quando desceu as escadas e foi ajudada pelo barqueiro, ela soube que tinha perdido algo

que talvez nunca mais recuperasse. Ia voltar para casa, mas tinha deixado um pedaço do seu coração na Austrália.

*

Naquela noite, estavam sentados à volta da pequena mesa do salão depois do jantar, que estava melhor do que Essie tinha esperado, quando Falco pegou no seu bandolim e começou a cantar. No passado, Essie achava aquelas manifestações repentinas mais divertidas do que comoventes, mas havia algo de triste e belo na melodia. Apesar de ele cantar na sua língua natal, a emoção na voz de Falco dispensava palavras. Essie ficou profundamente comovida e Sadie sentou-se com os cotovelos em cima da mesa e o queixo acomodado nas mãos, de olhos fechados enquanto se movia ao som da música. Mas Alice bebia o seu café, aparentemente desprovida de emoção e, quando a canção acabou, deu uma palmadinha no ombro de Falco.

– Foi muito bonito, capitão. Agora podíamos ouvir algo um pouco mais animado? Acho que precisamos de um pouco de estímulo.

Falco debruçou-se sobre ela, com o sobrolho franzido.

– Está triste, minha senhora?

Ela abanou a cabeça.

– Nem por isso, mas acabo de deixar os meus primos a lutarem sozinhos. Não sei como eles se vão sair sem eu estar a tomar conta deles.

Essie e Sadie trocaram olhares significativos. Alice tinha-se esforçado muito pouco durante a sua estadia em Ballarat, mas ela tinha tentado lavar a sua própria roupa e ocasionalmente tinha pegado na vassoura para varrer o chão. Para alguém que tinha sido criado numa vida de facilidades e luxo, tratava-se de uma enorme concessão e Essie sentia uma ponta de admiração por ela.

Como se pressentisse as reações divertidas delas, Alice virou-se para as raparigas e franziu a testa.

– Não está na hora de ir para o beliche, Sadie.

Essie levantou-se.

– Acho que também me vou deitar. Foi um dia longo e eu estou cansada.

– Boa noite – disse Sadie timidamente seguindo Essie para fora do salão. Quando já não podiam ser ouvidos, romperam em risinhos. – Acho que o capitão gosta de Lady Alice.

– Vai ser uma viagem interessante – disse Essie, tentando não se rir. – Eu acho que a Alice também gosta dele. Se bem que nunca iria admitir uma tal fraqueza. Ela gosta de ser independente.

– Ela não se pode dar a esse luxo – disse Sadie, comprimindo os lábios e fazendo uma careta. – Não parece justo algumas pessoas terem tanto dinheiro e outras não terem nenhum.

Essie pensou na pepita de ouro pela qual Beasley dera a vida para proteger. Se chegasse a casa inteira, ela iria certificar-se de que o dinheiro que lhe rendesse seria bem usado.

– Venha daí, Sadie. Vamos aconchegar-nos para dormir. Pode ficar com o beliche, mas amanhã é a minha vez.

*

O *Santa Gabriella* tomou a rota do Grande Círculo que era seguida por veleiros, atravessando o Pacífico e circundando o Cabo Horn, para tirar partido dos ventos dominantes. Falco explicou tudo isto com grande pormenor, mas Alice apenas estava interessada em saber quanto tempo duraria a viagem.

As semanas que se seguiram foram calmas e o tempo manteve-se razoavelmente bom. Havia ventos fortes e rajadas, mas o oceano Pacífico estava relativamente calmo. Desenvolveram uma rotina diária que implicava terem imensos cuidados na preservação da higiene pessoal. A água doce era estritamente racionada e lavarem-se na água do mar não era bom para a pele e o cabelo. As roupas ficavam limpas, mas hirtas do sal e arranhavam a pele. Mas tudo era melhor do que permanecer sujo. As experiências de Essie com pulgas e piolhos faziam-na dar graças por simplesmente se manter

limpa. Falco dava o seu melhor para manter os passageiros entretidos, apesar de Essie saber que os esforços dele eram sobretudo dirigidos a Alice, que parecia impávida diante do charme dele, se bem que não era imune a namoriscar com ele quando o humor lho permitia. A tripulação era basicamente a mesma da viagem inicial, à exceção de Hooper, que se tinha casado com a namorada e assentara em Sidney. Sem ele a fazer de intérprete era difícil fazer-se entender, mas Essie estava determinada a aprender tanto italiano quanto conseguisse e quando circundaram o Cabo Horn já era capaz de conversar com recurso a pequenas frases. Falco encorajava-a, mas as suas tentativas para ensinar Alice esbarravam com uma marcada falta de interesse.

Passaram o Natal a bordo e trocaram pequenos presentes entre eles. Alice deu uma barra de sabão perfumado a Essie e outra a Sadie, o que era um grande sacrifício, uma vez que se tratava das últimas que havia do lote que Essie comprara em Gibraltar. Essie fez lenços de mão a partir de pedaços de tecido que tinham sobrado das suas tentativas para fazer vestidos e que Falco tinha guardado num cacifo e aparentemente se tinha esquecido. Ela também fez um para Falco, mas ele decidiu usá-lo como fita na cabeça e cantar-lhes uma canção cómica com ela atada à volta da testa, ao estilo pirata. O presente que ele ofereceu a Alice foi um colar de pérolas, que alegadamente tinha comprado numa das suas viagens pelos Mares do Sul, mas que Essie desconfiava que ele tinha feito um grande esforço para adquirir, já com Lady Alice em mente. Ofereceu a Essie uma pérola simples, em forma de lágrima e deu a Sadie várias barras de gomas com sabor de laranja e mel e recheadas com amêndoas, que lhe disse tratar-se de uma guloseima de eleição em Itália, a que chamavam torrão. Para o jantar dessa noite o cozinheiro preparou um prato de massa com molho picante, polvilhada com queijo parmesão e Falco abriu uma garrafa do seu vinho preferido, que partilharam equitativamente, apesar de o copo de Sadie ter sido completado com água. Ainda assim, a bebida subiu-lhe à cabeça e, quando ela acabou de comer, trepou para o banco e cantou algumas canções de Natal, num belo tom de soprano.

A recordação dos natais passados em casa trouxe lágrimas aos olhos de Essie. George certificava-se sempre de que ela tinha pelo menos um presente para abrir na manhã do dia de Natal. Ela ainda guardava uma boneca de madeira, com braços articulados e a cara pintada, que ele esculpira em segredo. O pai não era especialmente generoso, nem sequer nos aniversários, mas no Natal preparava sempre uma tigela de ponche de rum e convidava a menina Flower, o Josser e o Ben para virem partilhá-lo. Quando estava abonado de dinheiro, o que não era frequente, comprava uma tarte e um prato de enguias para o jantar.

– Ponha-a na cama antes que caia e se magoe – foram as palavras contundentes de Alice que interromperam o devaneio de Essie, que se levantou e estendeu os braços para apanhar Sadie antes que ela caísse no chão.

– Foi encantador, Sadie – disse-lhe ela, abraçando-a. – Foi muito natalício.

Falco bateu palmas.

– Vejo que tenho uma rival. Amanhã cantamos em dueto, *mia cara.*

Sadie dirigiu-lhe um sorriso ébrio e lançou os braços à volta de Essie.

– Feliz Natal, Essie. Amo-a.

– E eu amo-a a si – disse Essie, levando-a para fora do salão e apoiando o seu andar cambaleante.

– Para o próximo Natal compro-lhe um belo presente – disse Sadie, a soluçar. – Uma coisa qualquer grande e bonita.

– Vai ser bom – respondeu Essie, abrindo a porta do camarote e conduzindo a rapariga ao beliche. – Sente-se, querida. Eu descalço-lhe as botas.

– Mas é a sua vez de dormir no beliche, Essie.

– É Natal, Sadie. Pode ficar com ele.

Sadie caiu na cama.

– Onde será que vamos estar nesta altura para o ano que vem?

– Sabe-se lá – disse Essie enquanto desapertava os atacadores das botas de Sadie e a punha confortável.

O som da sua respiração constante confirmou que a rapariga estava a dormir mesmo antes de Essie sair do camarote, mas em vez de regressar ao salão onde podia ouvir Falco a cantar com toda a alma, Essie desafiou o tempo e foi para o convés. Estava frio e o mar e o céu pareciam fundir-se numa só caverna de escuridão. Um vento fresco soprava-lhe no rosto e lançava-lhe o cabelo numa massa de caracóis salgados, mas ela respirou fundo e procurou no firmamento a Estrela do Norte, que Falco lhe dissera que os guiaria até casa. Nuvens pesadas passaram pela frente da lua, obliterando a sua luminosidade, mas havia pedaços de céu onde as estrelas brilhavam como diamantes contra um manto de veludo negro. Ela estava a caminho de casa, mas parte de si ansiava por estar em Ballarat, com o Raven.

– Feliz Natal, Raven – disse ela em voz alta.

Mas as palavras de Sadie ecoavam na sua cabeça. Onde estariam elas no Natal do ano seguinte? O futuro nunca se apresentara tão brilhante e, no entanto, o coração de Essie penava com solidão.

# Capítulo Treze

Essie estava à espera que o *Santa Gabriella* atracasse em Londres, ou que pelo menos ancorasse no estreito de Limehouse, mas Falco parecia ter outras ideias. Ela acordou numa fria manhã de janeiro e encontrou o navio a baloiçar calmamente nas suas amarras e, quando olhou pela vigia viu umas encostas vermelhas na boca do que parecia ser um amplo estuário. Vestiu-se rapidamente e foi à procura dele.

Falco estava no salão a beber café e cumprimentou-a com um amplo sorriso.

– Já está de volta a Inglaterra.

– Mas onde é que nós estamos? Isto não é o Tamisa.

– Pois não, não é.

– Então o que é isto? Porque não estamos em Londres?

– A Lady Alice quis ir a casa primeiro.

– Eu não sei onde ela mora.

Falco encolheu os ombros.

– Nem eu, *mia cara.* Não duvido que ela nos diga em tempo útil.

– Vou já descobrir – declarou Essie, deixando-o para ir bater à porta de Alice. Entrou sem esperar por uma resposta.

Alice abriu os olhos e ficou a olhar para Essie inexpressiva.

– O que é que se passa?

– Para onde nos está a levar? – perguntou-lhe, irritada. – Não lhe parece que me devia ter consultado?

– Vá-se embora, Essie. Não vê que ainda estou meio a dormir? Não vou discutir consigo de camisa de noite.

Essie cruzou os braços sobre o peito e cravou o olhar em Alice.

– Não saio daqui sem que antes me diga onde estamos.

– Ora, está bem – respondeu Alice, sentando-se, bocejando e espreguiçando-se, como se quisesse afirmar-se. – É o

estuário do rio Exe. Desembarcamos aqui e estamos a menos de cinco quilómetros de Daumerle.

– Daumerle? – repetiu Essie, intrigada. – Onde fica?

– É o lar ancestral dos Crozier – respondeu Alice, afastando a colcha para trás. – Preciso de descansar e pôr-me apresentável antes de regressar a Londres. Não posso ser vista com ar de cigana.

– Mas eu quero ir para casa. O meu pai deve pensar que morri.

– Eu não a impeço – disse Alice, descontraída. – Não estamos no fim do mundo, temos ligação por via férrea atualmente, por isso, pode viajar de comboio. Eu pago-lhe o seu bilhete e o da Sadie, mas sugiro que se veja ao espelho antes de tomar alguma decisão precipitada. Se aparece com esse aspeto, o seu pai provavelmente põe-na na rua.

Essie olhou para o seu vestido remendado e manchado e a mão dela viajou imediatamente para ajeitar o cabelo. Estava pegajoso do sal e áspero ao toque.

– Está bem – concedeu ela. – Só por uns dias, se tiver a amabilidade de nos convidar.

– Depois de tudo o que passámos juntas é o mínimo que posso fazer. E eu tenho de ir a Starcross Abbey para me certificar de que os criados continuam a fazer o seu trabalho enquanto o Raven está fora. Eu mantive aquele lugar debaixo de olho ao longo dos últimos cinco anos, por isso eles sabem exatamente o que têm que fazer – disse Alice, olhando para Essie com um sorriso maroto. – E tenho a certeza de que gostava de ver o sítio onde ele nasceu e foi criado. Vocês os dois estiveram muito próximos a dada altura, parece-me.

Essie virou a cara para esconder o rubor.

– Ele mal dava pela minha existência.

– Que disparate. Uma mulher sabe sempre quando um homem está interessado nela e é evidente que ele tinha um fraquinho por si. Eu conheço muito bem o meu primo – declarou Alice e levantou-se. – Se bem que é claro que daí não podia vir nada. Deixe, não pense nele. Agora estamos aqui e

eu mal posso esperar para tomar um banho decente, vestir as minhas roupas e ter todo o conforto de um lar. Você e a Sadie serão minhas convidadas. Garanto que nenhuma de vocês será tratada como criada.

– Obrigada – respondeu Essie. Sem dizer mais nada, saiu do camarote atordoada. Se o Raven lhe tivesse dito que a amava, ela teria ficado em Ballarat o resto da vida, desde que ele ali estivesse, mas ele dera-lhe a entender que não sentia nada por ela e teria de aprender a viver com isso. Agora nunca iria descobrir a verdade, apesar de ser evidente que o conde de Starcross nunca ponderaria casar com uma moça do povo. Alice tinha dito a verdade. Tinha-a magoado, mas era a verdade. Os mundos de ambos tinham-se encontrado por instantes, ou talvez tivessem colidido, mas agora tinha acabado.

Essie voltou para o camarote para acordar Sadie e preparar o desembarque.

Uma hora mais tarde, quando subiam para o molhe, Essie ficou surpreendida por ver uma carruagem à espera delas.

– Eu mandei uma mensagem a avisar – disse Alice, com um ar pretensioso. – Quero chegar a casa o mais depressa possível.

Chamou o cocheiro com um aceno de mão imperial e ele saltou da carruagem para lhe abrir a porta, estendendo-lhe a mão para ajudá-la a entrar para o veículo.

– Obrigada, James. Já vi que a nossa bagagem está cuidadosamente arrumada – disse Alice, subindo para a carruagem, seguida por Essie e Sadie, que pareciam completamente maravilhadas com toda aquela experiência.

Falco ficou a olhar para elas e Essie foi tocada pela expressão desalentada dele.

– Acho que o Falco quer falar consigo – disse ela, dando um toque a Alice, que parecia alheada de tudo o resto que não fosse o seu desejo de regressar ao seu lar ancestral.

– Eu já me despedi dele – declarou Alice, olhando em frente. – Siga, Tully.

A viagem de carruagem até Daumerle demorou cerca de meia hora, mas Essie mal deu pelo passar do tempo enquanto contemplava as árvores que subiam na direção do céu azul. As colinas arredondadas estavam pontilhadas com ovelhas brancas e manadas de vacas, que pastavam na relva abundante. As faixas de rodagem eram assustadoramente íngremes e estreitas na sua passagem pelos campos, ladeados por muros altos cobertos de hera. Mesmo em pleno inverno, havia uma paisagem verdejante que tornava a região de Devonshire luxuriante com a sua vegetação e os amontoados de flocos de neve derretidos deixavam a esperança de que a primavera estava para chegar. Era uma mudança radical em relação aos campos abertos da Austrália, já para não falar dos desfiladeiros sombrios de Limehouse, e Essie estava deslumbrada.

A carruagem deteve-se do lado de fora de um par de portões de ferro forjado e o porteiro saiu da sua guarita para os abrir. À sua frente estendia-se uma avenida ladeada de árvores que conduzia a uma magnífica mansão palaciana.

– Bem-vindas a Daumerle – anunciou Alice, quando a carruagem parou e o cocheiro se apressou a abrir-lhes a porta e a ajudá-las a descer.

As portas duplas abriram-se e um mordomo com ar solene desceu as escadas para cumprimentar a sua patroa, seguido por um outro lacaio e por uma procissão de criados fardados, que se dispuseram nas laterais das escadas, encabeçados por uma mulher vestida de preto com um cinto decorativo em torno da cintura. Era roliça, com as faces rosadas e um sorriso gentil e parecia muito menos intimidante do que a senhora Dent, a governanta de Hill Street. Se os criados ficaram surpreendidos ao ver a patroa e as suas acompanhantes com ar de ciganas, eles foram soberbamente disciplinados a esconder o seu espanto.

– Seja bem-vinda a casa, minha senhora – disse o mordomo curvando-se enquanto a governanta fazia uma vénia.

– Obrigada, Garner – respondeu Alice, com graciosidade. – É bom estar em casa – afirmou e subiu os degraus detendo-se junto da governanta. – Bom dia, senhora Yelland. Como vê,

trago comigo duas amigas. A menina Chapman e a menina Dixon. Certifique-se, por favor, de que lhes são preparados quartos próximos do meu.

– Com certeza, minha senhora – respondeu a senhora Yelland, que recuou, com as mãos elegantemente entrelaçadas à sua frente, enquanto Alice entrava no salão principal, seguida por Essie e Sadie.

Essie olhou à volta, encantada. Se a casa de Hill Street era grandiosa, Daumerle parecia um palácio. Ela conseguia imaginar a rainha de Inglaterra a deslizar por aquela escadaria ampla na qual os antepassados de Lady Alice espreitavam dos seus quadros debruados a talha dourada, congelados no tempo para que toda a gente pudesse vê-los e maravilhar-se com o seu esplendor. O teto alto estava coberto por frescos que exibiam cenas da antiguidade com querubins anafados e figuras femininas diáfanas cativas de heróis musculados. Essie quase tropeçou em si própria quando olhou para cima, encantada com a cor e a beleza das pinturas. Sadie agarrou a mão dela, olhando à volta como se estivesse à espera de ser agarrada e arrastada para a zona de serviço, onde seria posta a trabalhar.

Alice hesitou quando estava prestes a subir as escadas.

– A senhora Yelland vai levar-vos aos vossos quartos – anunciou e abanou a cabeça. – Vocês precisam desesperadamente de roupas novas. Venham ao meu quarto depois de se instalarem e eu peço à Merrifield que escolha algumas peças minhas para as duas.

Alice subiu as escadas com um andar ligeiro.

– Finalmente em casa.

– Venham daí, meninas – disse a senhora Yelland apressadamente. – Eu vou mostrar-vos os vossos quartos e as criadas vão trazer-vos água quente para poderem tomar um banho, se assim desejarem.

– Ah, definitivamente – respondeu Essie, ansiosa. – Nem imagina o quanto eu desejei um banho no tempo que passámos fora.

– Pois não, menina. Duvido que fosse capaz de exercitar tanto a minha imaginação.

– Ela parece uma burguesa a falar – sussurrou Sadie, que subia as escadas atrás de Essie.

– Chiu, ela ouve-te.

A senhora Yelland virou a cabeça e presenteou-as com um amplo sorriso.

– A minha audição é muito apurada, minha jovem. Mas aceito o elogio.

Os quartos delas eram adjacentes e tinham vista para o jardim térreo, no qual, graças ao clima temperado de Devon, as flores da primavera brotavam. Ao longe, viam os vastos relvados que se situavam junto do parque de veados. Sadie ficou na ombreira da porta, a olhar à volta com os olhos esbugalhados e momentaneamente sem palavras.

– Que bonito quarto – comentou Essie, num tom encorajador. – Gosta dele, Sadie?

– É demasiado grandioso para alguém como eu – sussurrou Sadie. – Quantas vamos ser a partilhá-lo?

– Santo Deus, minha filha – disse a senhora Yelland por entre gargalhadas. – Mas que estranha que você é. Este é o seu quarto, menina Dixon e a menina Chapman vai ficar no quarto ao lado, por isso, vai ter companhia no caso de se sentir pouco à-vontade numa casa estranha.

Essie ofereceu-lhe um sorriso grato.

– Obrigada, senhora Yelland. Tenho a certeza de que vamos ficar as duas muito confortáveis. Daumerle é a casa mais bonita que eu alguma vez vi.

A senhora Yelland projetou o peito para a frente e iluminou-se com orgulho.

– É uma casa de grande prestígio e nós esforçamo-nos ao máximo para mantê-la no seu melhor.

A governanta saiu e percorreu o corredor para abrir a porta do quarto de Essie, que era ainda mais impressionante do que

o de Sadie. Tratava-se de um quarto espaçoso, mobilado com cadeiras delicadas e um pequeno sofá estofado com um tecido adamascado às riscas azuis e prateadas, com o sol de inverno a entrar pelas janelas altas. Essie passou os dedos pelo tampo polido do toucador rústico de nogueira. Também ali havia uma zona de banho e um *closet* impressionante – era um quarto digno da realeza.

– Vou mandar acender as lareiras dos vossos quartos – acrescentou rapidamente a senhora Yelland. – Uma criada trará água quente para encher as banheiras.

– Obrigada – afirmou Essie, grata. – Nós viajámos de barco o que pareceu ser uma eternidade e onde um banho de água doce era um luxo.

– Demora um bocadinho a encher as banheiras porque as criadas têm de transportar os jarros desde a cozinha, mas eu vou levar-vos ao quarto de Lady Alice, tal como ela pediu.

*

O almoço foi servido numa pequena sala, com vista para uma varanda de pedra, na qual canteiros de pedra estavam repletos dos primeiros narcisos, que acenavam e baloiçavam com a brisa do mar. Alice estava vestida à moda, com um vestido de seda de xadrez azul e verde, com mangas de pagode e Essie sentiu-se igualmente na moda num dos vestidos compridos de Alice de seda cinza, com franjas pretas. Era um vestido da coleção da estação anterior como Merrifield anunciou com uma fungadela depreciativa, mas para Essie era o cúmulo do luxo. Sadie era demasiado pequena para vestir qualquer roupa de Alice, pelo que Merrifield foi enviada, apesar de contrariada, ao sótão para vasculhar arcas cheias de vestidos usados por Alice quando era muito mais nova. Como resultado disso, Sadie ganhou todo um guarda-roupa novo e, ainda que as roupas tivessem um cheiro forte a cânfora e a lavanda, ela não se queixou. Merrifield levou tudo para a lavandaria, para arejar as roupas. Mas, apesar do odor enjoativo destinado a manter as traças longe, Sadie tinha insistido em vestir um vestido vermelho de lã com um colarinho e punhos brancos de bordado inglês.

James, um dos lacaios, permanecia atrás de Alice com Betsy, umas das criadas mais antigas, ao lado. Essie estava ligeiramente enervada pela presença deles. Porém, uma vez servido o primeiro prato, eles ficaram a olhar em frente, com expressões inabaláveis, como se as suas mentes estivessem noutro lugar.

Alice pegou no garfo e na faca.

– Antes de darmos início à nossa refeição acho que é melhor eu referir que não se come com a faca, Sadie. Isso pode ser aceite em Ballarat, mas não se aplica aqui. Não só por ser considerado mal-educado, mas também porque corremos o risco de cortar a língua.

Sadie corou e baixou a cabeça.

– Talvez nós devêssemos comer na zona dos empregados – sugeriu Essie, a medo.

– Não há necessidade para extremismos e eu acho que iam perceber que o Garner ainda é mais exigente do que eu no que toca a maneiras à mesa. Contudo, se for convidada para jantares de sociedade, vai verificar que há pessoas apostadas em quebrar todas as regras, especialmente quando há vinho a circular.

– Não estou certa de ter percebido bem – disse Essie, franzindo a testa.

– Temos de conhecer as regras de etiqueta e saber também quando é aceitável que as quebremos. A alta sociedade nem sempre é polida, como irá descobrir por si mesma, Essie.

– Duvido que algum dia eu seja convidada para essas festas. Não há alta sociedade em Limehouse.

Perante uma estonteante diversidade de talheres, Essie lançou uma olhadela sub-reptícia a Alice, à espera de perceber os que ela usava primeiro.

– Façam como eu e não será fácil enganarem-se – disse Alice, que olhou para as duas raparigas. – Vocês são minhas convidadas e eu tenho todo o prazer em receber-vos durante o tempo que decidirem ficar. Não é mais uma semana ou duas que vão fazer a diferença. Eu sugiro que envie uma carta ao

seu pai a dar-lhe conhecimento de que está viva e em segurança. Se lhe aparece sem mais nem menos ele ainda morre de ataque do coração, por isso, é melhor avisá-lo antecipadamente.

– O que está a planear? – perguntou Essie, desconfiada. – Porque está preocupada com o que nos acontece?

– Porque passámos vários meses juntas, sofremos as mesmas privações, mas sobretudo porque você é atualmente uma jovem abastada, Essie. A sua vida vai-se transformar em virtude da fortuna que tem e não vai poder retomar de onde ficou. Se voltar para casa cedo de mais, vão tentar apanhar-lhe o seu ouro, ou roubar-lho antes de terem passado vinte e quatro horas sobre a sua chegada a Londres.

Essie confrontou-se com o olhar honesto de Alice e percebeu que o que ela estava a dizer era verdade.

– Não tinha pensado nisso – respondeu lentamente. – Eu ia vender as pepitas e comprar uma casinha perto das docas, mas num bairro melhor. Pensei que podia tomar conta do meu pai e pôr anúncios nos jornais a pedir informações sobre o meu irmão. Se ele os visse era capaz de voltar para casa.

– Eu acho que a Alice tem razão – disse Sadie, empurrando o prato. – Exceto em relação a isto. Lamento, mas não gosto de peixe e nunca vou gostar. Vou vomitar se me obrigar a comê-lo.

– Não se fala de vomitar à mesa – repreendeu-a Alice. Fez sinal a James e a Betsy para levantarem a mesa e depois voltou-se para Essie. – Pense no que acabei de lhe dizer. Precisa de alguém honesto para a aconselhar a investir o seu dinheiro e um comerciante de ouro que lhe pague o melhor preço. Permite-me que a ajude?

Essie anuiu.

– Ficava-lhe grata, mas não percebo porque me quer ajudar.

– Eu afeiçoei-me a vocês as duas e, se quer saber, a última coisa que o Raven me disse foi: «Olhe pela Essie. Ela é inocente e eu odiaria que fosse enganada por causa do ouro

pelo qual o Beasley deu a vida.» Por isso, como vê, o meu primo preocupa-se com o seu bem-estar.

– O que me sugere? – perguntou Essie, com avidez. – Na verdade, não pensei muito no assunto.

– Eu quero passar uns tempos aqui. Tenho um agente imobiliário a quem pago para gerir a propriedade e preciso de me reunir com ele e discutir eventuais problemas que possam ter surgido na minha ausência. Vou visitar Strarcross Abbey e certificar-me de que tudo está bem lá também. E quando estiver descansada e perceber que está tudo a andar normalmente, volto para Londres. Também há o assunto do recurso. Como é óbvio, perdi o contacto com o nosso advogado, por isso não sei como as coisas se estão a processar.

Esquecendo por momentos os seus próprios problemas, Essie debruçou-se para a frente, ansiosa.

– Acha que o Raven e o Freddie serão perdoados?

– Quem sabe? Mas esperemos que sim e, entretanto, se concordar, eu dedico-me a fazer de si uma senhora, Esther Chapman. Com a sua beleza e o seu dinheiro, vai causar um tumulto na sociedade.

– E eu? – sussurrou Sadie, com os olhos a encherem-se de lágrimas. – O que vai ser de mim?

– Vai ficar comigo, claro – respondeu Essie imediatamente. – Eu tomo conta de si.

– É claro que toma, Sadie. Não seja tola.

– Vou voltar a ser criada da copa?

Essie abanou a cabeça.

– Claro que não. Já lhe disse que a vejo como minha irmã mais nova.

– A sério? – Os lábios de Sadie tremeram e as lágrimas escorreram-lhe pelo rosto. – Está mesmo a falar a sério, Essie?

– Tenho a certeza que está – disse Alice, veementemente. – Mas a menina tem mais a aprender do que a Essie, por isso pode começar por retirar os cotovelos de cima da mesa. Como

dizia a minha antiga ama: «nada de articulações cruas à mesa». Terá de aprender boas maneiras e a falar apenas quando lhe dirigem a palavra. Duvido que saiba ler e escrever.

– Isso é que sei – replicou Sadie, olhando Alice com uma expressão desafiadora. – Nós estudávamos as lições no orfanato. Não sou nenhuma ignorante.

– Não sou ignorante – corrigiu Alice, pacientemente.

– Eu sei que não é – acrescentou Sadie apressadamente. – Estava a falar da minha pessoa.

Alice revirou os olhos para o céu.

– Tem o seu trabalho à vista, Essie. Na verdade, acho que vou mandar chamar a senhora Potts, a minha antiga precetora. Ela já está reformada, mas acho que vocês as duas beneficiariam dos seus ensinamentos e de certeza que ela apreciaria o dinheiro extra. Vou mandar-lhe uma nota esta tarde para ver o que ela diz.

Essie e Sadie trocaram olhares desconfiados e não disseram nada, uma vez que o prato seguinte estava a ser servido. Terminaram a refeição em silêncio e sem mais críticas da parte de Alice, que parecia perdida nos seus próprios pensamentos. Levantou-se da mesa e preparava-se para sair da sala quando Betsy voltou a aparecer, enervada e corada.

Fez-lhe uma vénia.

– Desculpe interromper, minha senhora, mas o senhor Gardner mandou-me dizer-lhe que está um homem estrangeiro esquisito a fazer um alarido do lado de fora do portão e a exigir que o deixem entrar.

Alice olhou para ela, pensativa.

– Descreva-mo.

– Eu não o vi, minha senhora. O porteiro mandou mensagem pelo filho. O cavalheiro estrangeiro recusa-se a ir embora sem falar consigo.

Essie correu para a janela, seguida por Sadie. A alameda que seguia até à estrada era longa e reta, mas Essie tê-lo-ia reconhecido em qualquer parte.

– Acho que é o Falco – disse, a rir. – Vem montado no cavalo mais estranho que eu já vi.

– Diga ao porteiro para deixá-lo entrar – disse Alice apressadamente. – Eu creio que conheço esse cavalheiro. Vou recebê-lo na sala de visitas.

Betsy fez outra vénia e saiu do quarto apressada. Essie ouvia os pequenos pés da criada a sapatearem pelo chão de mármore, à medida que ela se apressava para levar a mensagem.

– O que será que ele quer – disse Essie calmamente. – Eu pensei que o *Santa Gabriella* partia na mudança de maré.

Alice encolheu os ombros casualmente, mas Essie foi perspicaz a aperceber-se das rosetas reluzentes de cor que lhe surgiram no rosto pálido e ela parecia ligeiramente ofegante. Há muito que Essie desconfiava que Lady Alice Crozier não era imune aos encantos de Falco e os sentimentos que ele nutria por ela eram óbvios para quem quer que os tivesse visto juntos. Mas tratava-se de uma relação que parecia condenada à partida. A filha do conde de Dawlish e o capitão italiano renegado não eram um casal talhado no céu e um final feliz parecia improvável.

– O rapaz está a dar o recado – disse Sadie, numa excitação. – E estão a abrir os portões. Olhe, Essie, venha aqui ver – disse ela, apontando e agitando o dedo para a vidraça da janela, aos pulos e a rir nervosamente. Onde é que ele arranjou um cavalo como aquele?

Essie correu para a janela, seguida por Alice e a imagem que avistou fê-la rir. Falco não era um cavaleiro experiente, como tinha ficado claro em Itália, quando tinham ido a cavalo até ao mosteiro e o animal que ele tinha escolhido desta feita era uma criatura malhada de costas deformadas que parecia estar a dar as últimas. Essie esperava que o pobre animal caísse a qualquer momento quando ele disparou num trote desenfreado, detendo-se junto dos degraus e quase atirando Falco ao chão.

– Santo Deus, que figura – disse Alice, afastando-se da janela. – Vou falar com ele e mandá-lo embora, mas alguém

tem de fazer alguma coisa por aquele pobre bicho. Sadie, vá a correr dizer ao James que o leve até aos estábulos. O animal devia estar a pastar e eu vou dizer isso mesmo ao Falco, sem meias palavras – disse Alice, saindo do quarto.

– Eu vou consigo – disse Essie, quando Sadie saiu disparada para o corredor. – Quero ver o galante capitão.

Elas chegaram à entrada ao mesmo tempo que Falco. James pegou no chapéu e no abrigo marítimo dele e entregou-os a Betsy.

– Lady Alice vai recebê-lo na sala de visitas, senhor.

– Chamo-me capitão Falco.

– Sim, senhor capitão. Venha por aqui, se fizer o favor.

Essie colocou-se entre eles.

– Mas que surpresa, capitão. Pensei que estava cheio de pressa para deixar as nossas águas.

– Precisávamos de nos abastecer com mantimentos e perdemos a mudança da maré e, infelizmente, tivemos problemas no motor. Por isso, enquanto fazem as reparações, eu achei que gostaria de visitar a casa de Lady Alice.

– Estou a ver. Bem, tenho a certeza de que Lady Alice ficará encantada por vê-lo.

O sorriso de Falco esvaneceu e ele inclinou-se para ela, baixando a voz.

– Acha mesmo que sim?

– Porque não vai com o James e fica a saber?

– Eu vou. Mostre-me o caminho – disse e seguiu James com uma nota do seu velho andar bamboleante, mas Essie não se deixava enganar. Sentia o nervosismo de Falco e conseguia adivinhar o motivo que o fizera percorrer todo aquele caminho.

– O que acha que ele quer? – sussurrou Sadie. – Nós despedimo-nos todos no barco.

– Não sei. Acho que vamos ter de esperar que a Alice nos conte – respondeu Essie, hesitando, sem saber o que fazer a seguir.

– Está uma lareira acesa na saleta – disse Betsy, quando por ali passou apressada com as roupas de rua de Falco nos braços. – Estava mais confortável lá, se me permite.

– Obrigada – respondeu Essie, grata. – Chama-se Betsy, não é?

– É sim, menina. Mas por favor não diga ao James nem à senhora Yelland que fui eu que falei primeiro. Tenho grandes sarilhos se o fizer.

– Não percebo.

– É assim que funciona com os criados, menina. Imaginei que uma jovem como a menina soubesse como funcionam as coisas em casas grandes como esta.

– Estou a aprender – disse Essie, lentamente. – Obrigada, Betsy. Estamos na saleta se a Lady Alice precisar de nós – disse Essie, que estava prestes a partir nessa direção quando James reapareceu.

– A Lady Alice solicita a sua presença na sala de visitas, menina – declarou e deu meia-volta, arrancando a um passo tão rápido que não deixou a Essie e a Sadie outra alternativa senão segui-lo.

Alice recebeu-as com um sorriso rasgado.

– Eu convidei o capitão Falco para jantar connosco esta noite e ele quer conhecer a propriedade, por isso achei que vocês as duas gostariam de se juntar a nós. A Merrifield está a separar algumas roupas quentes para vocês, por isso talvez queiram fazer companhia ao capitão enquanto eu me vou preparar para enfrentar o frio do inverno inglês – anunciou Alice, que saiu da sala sem esperar por uma resposta delas.

Essie fitou os olhos cintilantes de Falco com um olhar firme.

– O seu motor avariou mesmo, capitão? Ou foi uma desculpa para passar mais tempo com a Alice?

– A minha tripulação precisa de descansar – respondeu ele, descontraidamente. – Andamos há muitos meses no mar sem passar quase tempo nenhum em terra.

– Mas eu achei que estava com medo de ser preso se atracasse em Inglaterra.

– Duvido que a polícia desta zona do país alguma vez tenha ouvido fala de Enrico Falco ou do *Santa Gabriella.* Mas o assunto já está resolvido. Eu compensei a pessoa que estava a processar-me.

– O que fez de errado? – perguntou Sadie diretamente.

Essie lançou-lhe um olhar de aviso, mas Falco limitou-se a sorrir.

– Eu era aquilo que vocês, os ingleses, chamam de corsário.

– Você é um pirata?

– Caluda, Sadie – disse Essie rapidamente. – Não se faz esse género de perguntas.

– É a pura verdade – respondeu Falco, assumindo uma pose. Apesar de «pirata» ser uma palavra talvez demasiado dura. Eu estava envolvido em transações de cariz particular, mas o meu navio foi incendiado por um rival quando estava no porto de Brindisi. Em troca, nós tomámos o navio dele e mudámos-lhe o nome para *Santa Gabriella.* Foi aquilo a que vocês, os ingleses, chamam uma troca direta, mas o proprietário não encarou as coisas dessa maneira.

– Mas, se o navio estava em Itália, porque era você procurado em Londres? – Essie ficou ainda mais intrigada com a explicação.

Falco encolheu os ombros.

– O proprietário era inglês, apesar de não ser boa pessoa. Seja como for, tal como eu disse, o assunto já está resolvido.

– A Alice sabe que o senhor é um criminoso? – perguntou Essie.

– Eu não podia permitir que ela pensasse que eu era melhor homem do que na realidade sou. Contei-lhe tudo.

– Vai voltar para a Austrália? – perguntou ela, saudosa.

Ele abanou a cabeça.

– Não sei, *mia cara.* Ainda tenho de decidir o que vou fazer a seguir. Por mim, gostava de deixar o mar e assentar em terra, mas a minha tripulação depende de mim e eu não tenho dinheiro. Quem havia de querer casar-se com um homem como eu?

– Quem, de facto? – disse Alice, que entrou agilmente no quarto, envergando uma capa forrada de pelo com um chapéu ao estilo Cossack a condizer e alguns caracóis loiros a escaparem-se matreiros, como se quisessem desafiar e provocar os seus admiradores. Atrás dela, Merrifield trazia capas e toucas para Essie e Sadie.

– Vamos lá, toda a gente – disse Alice, rapidamente. – Vamos dar uma volta pela propriedade e ganhar apetite para o jantar. Receio que no campo jantemos cedo, Falco, mas comparada com a mistela que o seu cozinheiro serve, vai achar a nossa cozinha inigualável.

*

Nessa noite, exausta por se ter levantado cedo e pela longa caminhada, Essie estava a instalar-se na sua cama luxuriante de penas quando ouviu alguém bater-lhe à porta. Sentou-se num rompante.

– Quem é?

– Sou eu, a Sadie. Posso entrar?

– Claro que pode – respondeu ela e mal as palavras lhe tinham saído dos lábios já Sadie tinha irrompido pelo quarto adentro e saltado para cima da cama.

– O que se passa?

Sadie agarrou-se a ela, a tremer.

– Eu tenho medo de estar naquele quarto grande sozinha. Posso dormir consigo? Eu deito-me no tapete, não me importo.

Essie deu-lhe um abraço e tentou não se rir.

– Mas que tonta, claro que pode. Esta cama é enorme, cabemos cá as duas e ainda sobra espaço, mas se me der pontapés tem de dormir no chão.

– Eu não me importo – respondeu Sadie, humildemente. – E eu acho que não quero ter aulas. Eu não sou uma senhora e nunca vou ser.

– Não se preocupe com isso. Nós damos uma oportunidade justa à menina Potts e se não gostar dela eu digo à Alice que a dispense? Fica satisfeita assim?

A única resposta que ela obteve da parte de Sadie foi um suave ronco. Essie tinha falado com convicção, mas também ela estava preocupada. A sua vida, que em tempos parecera destinada ao trabalho no rio e a um casamento com Ben, tinha sofrido uma reviravolta digna de um cataclismo. Agora ela era uma mulher rica e precisava de aprender a viver em conformidade com essa fortuna recém-adquirida. Mas de que maneira ia isso afetar os que lhe eram próximos e queridos? Era essa a dúvida premente. Demorou bastante até que o sono a resgatasse por fim.

# Capítulo Catorze

Segundo Alice, a sala de aulas estava aparentemente igual a quando ela tinha lições com a menina Potts. Alice passeou-se pela sala, pegando em pequenos objetos e voltando a pousá-los.

– Santo Deus, eu tinha-me esquecido completamente destas coisas – disse ela, a sorrir. – Há anos que não entrava nesta sala – declarou. Voltou-se para a mulher alta e magra que entrara atrás dela: – Teve uma árdua tarefa a tentar enfiar a Matemática e o Latim na minha cabeça, Emmeline.

A menina Potts anuiu com uma expressão grave.

– Vossa senhoria nem sempre foi a mais atenta das alunas.

– É triste, mas é verdade – concordou Alice. Voltou-se para Essie e Sadie, que estavam a dar atenção ao que se passava junto à porta. – Esta é a menina Potts e ela vai ser a vossa percetora ao longo das próximas semanas. Ela vai avaliar se vocês já sabem muitas ou poucas coisas, mas a sua principal tarefa será corrigir a vossa gramática e ensinar-vos etiqueta, boas maneiras e todos os preceitos sociais que lhe pareçam necessários. Acordámos que ela estará cá todas as manhãs entre as nove horas e o meio-dia. Parece-lhe razoável, Essie?

– Sim, Alice.

A reação inicial da jovem quando Alice tinha abordado aquele assunto pela primeira vez tinha sido recusar educadamente, mas com veemência. Contudo, depois de ter pensado bastante no assunto, tivera de admitir que fazia sentido. A sua recente fortuna só a beneficiaria, a ela e aos que lhe eram queridos, se soubesse relacionar-se com pessoas de todas as proveniências. Ela já não era apenas Essie Chapman, a filha do barqueiro, era a abastada menina Esther Chapman, que ainda tinha de decidir como iria gastar o seu dinheiro ou onde iria morar. Mas ela sabia também que muitas seriam as pessoas que tentariam afastá-la da sua riqueza e tinha de seguir um passo à frente delas.

– Vou deixá-la trabalhar, Emmeline – disse Alice, com um sorriso dócil. – Esta manhã vou estar fora, a cavalgar pela

propriedade com o Humphries e creio que o capitão Falco decidiu juntar-se a nós. Encontramo-nos à tarde, Essie, e pensei em irmos de carruagem até Starcross Abbey. Tenho a certeza de que tem curiosidade em conhecer o lar ancestral de Raven – declarou, saindo da sala e fechando a porta atrás de si.

– Então vamos lá, senhoritas. Façam o favor de se sentarem e vamos começar.

A menina Potts tirou a sua touca escura e pendurou-a num gancho, juntamente com a sua capa preta. Essie reparou que o vestido de bombazine dela estava puído nalguns sítios e perguntou-se há quanto tempo andaria a senhora de luto, mas isso era o tipo de coisa que não se podia perguntar. Esperou que a menina Potts se sentasse atrás da grande secretária e a seguir sentou-se ao lado de Sadie.

– Espero que não use a vara muitas vezes se eu fizer erros, menina – disse Sadie em voz baixa, com lágrimas nos olhos. – Eu aprendo um bocado devagar.

A menina Potts entrelaçou as mãos enrugadas, como se fosse rezar.

– Eu nunca recorro aos castigos corporais, Sadie. Já não estão na escola e eu estou aqui para ajudá-las, por isso, que tal se me falassem um pouco de vocês? Vamos começar pela Esther?

Atabalhoadamente ao início, Essie falou à menina Potts da sua casa em Limehouse e de como ela cuidava dos afazeres domésticos e como ajudava o pai no trabalho no rio. À medida que foi adquirindo confiança, contou-lhe do tempo que tinham passado a bordo do *Santa Gabriella* e de como tinham encontrado Freddie a viver no mosteiro em ruínas. Sadie pareceu deixar os nervos de parte e foi acrescentando pedaços que Essie omitia. Havia tanto para relatar e, apesar de Essie ter falado demoradamente da sua estada em Ballarat, ela optou por não mencionar Beasley nem a pepita de ouro que ele lhe tinha deixado. Sadie acrescentou descrições pormenorizadas das adversidades suportadas pelos mineiros, acrescentando descrições vívidas da fauna selvagem e dos perigos com que se defrontavam diariamente graças a estranhas criaturas,

cobras venenosas e insetos que picavam. A menina Potts escutou com avidez, interrompendo de vez em quando para corrigir a gramática, mas para além disso não fez comentários até elas chegarem ao fim. Bateu palmas e pôs-se de pé.

– Foi excelente. Essie, estou a ver que lhe falta apenas um pequeno aperfeiçoamento e a Sadie em breve aprenderá a falar corretamente. Foi extremamente agradável e eu fico na expectativa de as ver às duas amanhã de manhã, às nove horas em ponto.

Essie olhou para ela surpreendida.

– Não é possível que já tenhamos acabado. De certeza que ainda não está na hora.

A menina Potts retirou um relógio de bolso da sua bolsa.

– Este relógio pertenceu ao meu falecido pai, o reverendo Marcus Potts, o vigário desta paróquia. Está sempre rigorosamente certo e diz-me que é precisamente meio-dia – disse ela. Voltou a guardar o relógio na bolsa de veludo e levantou-se. – Foi uma manhã muito interessante e elucidativa. Fico ansiosa pelo dia de amanhã.

– Mas nós não aprendemos nada – disse Essie, franzindo a testa.

– Eu acho que irão concluir que aprenderam bastante – disse a menina Potts, que voltou a vestir a capa e a touca. – Mas se quiserem prosseguir os vossos estudos, sugiro que façam uma visita à biblioteca de Lady Alice. O pai dela era um leitor ávido e encontrarão ali muitos livros maravilhosos. Agora eu preciso mesmo de ir. Tenho recados a tratar na aldeia – afirmou, saindo da sala apressada, deixando um rasto de lavanda e hortelã-pimenta à sua passagem.

Essie abanou a cabeça.

– Eu não sei o que é que aprendi esta manhã a não ser que há uma biblioteca apinhada de livros algures na casa. Vamos explorá-la, Sadie. Falta quase uma hora para o almoço, por isso temos tempo de sobra.

De mãos dadas, à semelhança de duas crianças de escola que se tinham escapado da sala de aulas e iam à procura de

fazer asneiras, andaram de sala em sala, maravilhando-se com tudo o que viam. Essie perdeu a conta à quantidade de quartos de dormir, os quais, sem exceção, estavam mobilados no mais alto luxo e bom gosto. Os tapetes, as cortinas e a roupa de cama eram da melhor qualidade e tinham cores e padrões que Essie mal poderia ter imaginado. Contudo, quando chegaram às divisões do sótão no último piso, encontraram algo substancialmente diferente. Ali ficavam os aposentos dos empregados que, apesar de serem adequados, ofereciam um contraste completo. As instalações espartanas não tinham sido concebidas com o intuito de fazerem com que o pessoal desejasse permanecer na cama ou nos seus aposentos mais tempo do que o estritamente necessário. Sentindo-se uma intrusa, Essie desceu as escadas a correr, com Sadie no seu encalce.

– É muito estranho – afirmou, ofegante. – Na verdade, parecem dois mundos completamente diferentes.

– Eu pensei que sabia que era assim. Já era assim em Hill Street, por isso não me surpreende – disse Sadie, alçando a perna por cima da balaustrada e escorregando pelo corrimão até parar aos pés do mordomo.

Garner não parecia divertido. Inspirou fundo, como se lutasse para se controlar.

– Isso não é uma boa ideia, menina. Talvez esteja mais confortável na sua parte da casa – disse ele, olhando para cima quando Essie descia as escadas. – Estes são os aposentos dos criados, menina. Não é um sítio para moças brincarem.

Essie esticou-se numa pose muito direita.

– Obrigada, Garner. Não volta a acontecer – disse, arrastando Essie. – Venha daí, deve ser quase hora de almoço.

Garner afastou-se e anuiu.

– Sua senhoria e o capitão acabam de regressar do seu passeio a cavalo. O almoço vai ser servido dentro de dez minutos – disse ele, afastando-se em passos largos e dando de ombros, numa manifestação externa de irritação.

– Agora irritámo-lo – disse Essie, pesarosa. – Bom, não há nada a fazer. Vamos ver se conseguimos chegar à sala de jantar sem ofendermos mais criados – disse ela. Pegou na mão de Sadie e seguiu caminho pelos corredores labirínticos, até chegarem à porta verde de tecido que separava as escadas do andar de cima das pessoas que garantiam todas as suas necessidades. Essie sentiu-se subitamente nervosa. A qual dos lados da porta divisória pertencia ela afinal? Remeteu as suas dúvidas para o subconsciente no mesmo momento em que James lhes apareceu à frente.

– Sua senhoria e o capitão estão na sala de jantar, menina.

Essie inclinou a cabeça.

– Obrigada, James. Eu acho que me lembro do caminho. Venha, Sadie.

Essie acelerou o passo naquela que esperava ser a direção certa e Sadie correu atrás dela.

– O que se passa? Porque é que ficou aborrecida com o James? Ele só estava a tentar ajudar.

– Ele é serviçal e nós somos convidadas. É suposto não nos misturarmos. Eu não gosto de o fazer, mas é o esperado – disse Essie entristecida. – Talvez um dia as coisas sejam diferentes, mas por agora temos de fazer o que toda a gente faz – disse ela. Abriu a porta e entrou na sala de jantar, pronta para se desculpar pelo seu atraso, mas Alice e Falco estavam a rir-se de alguma piada partilhada e nem pareceram reparar nelas.

– Você é um maroto, Enrico – disse Alice, abanando-se com a mão. – Diz algumas coisas escandalosas, mas muito divertidas. – Ela voltou-se para Essie com um sorriso radiante. – E como correu a vossa manhã? A menina Potts portou-se à altura?

– Não lhe sei dizer – respondeu Essie, com honestidade. – Ela pareceu satisfeita connosco, mas só eu e a Sadie é que falámos.

– Essa senhora parece ser muito esperta – comentou Falco, erguendo o copo de vinho para fazer um brinde, mas com o

olhar fixado em Lady Alice, que ficou com um rubor bonito no rosto.

Essie ocupou o seu lugar à mesa.

– Sempre vamos a Starcross Abbey esta tarde?

– Claro – respondeu Alice, voltando-se para Falco. – Eu estava a pensar, Enrico…

– Um passatempo perigoso, minha senhora.

– Fora de brincadeiras – prosseguiu Alice, com seriedade. – A última vez que eu visitei a casa do Raven não fiquei completamente segura de que a propriedade esteja a ser gerida devidamente. Fiquei com a sensação de que o mordomo estava a aproveitar-se da ausência dele e passei uma vista de olhos pelas contas da gestão doméstica. Parecia ter-se consumido demasiada comida e vinho na ausência do dono da casa e eu adverti-o de que ele tinha de parar com aquele comportamento ou então teria de procurar trabalho noutro sítio.

– Isso é horrível – exclamou Essie. – É roubar.

– Aproveitar-se da ausência do dono da casa é errado – concordou Falco. – Como posso ajudá-la, minha senhora?

– Eu pensei que talvez gostasse de passar lá algum tempo, Enrico. Ficaria com a casa e a propriedade inteiramente a seu cargo. Estaria a fazer um grande favor ao Raven.

Falco fitou-a e o seu sorriso esvaneceu.

– Mas, minha senhora, eu sou um lobo do mar. O meu navio e a minha tripulação dependem de mim.

– Você disse que o seu navio estava a precisar de uma reparação – disse Alice, num tom sedutor. Esta seria uma boa altura para levar o navio para as docas e dar à sua tripulação uma merecida licença em terra – disse ela, sentando-se direita enquanto James servia uma terrina de sopa de agrião, distribuindo uma pequena dose em cada prato.

– É bem verdade, e a oferta é muito tentadora – disse Falco, esperando que James saísse da sala. – Eu espero que possa confiar na discrição dos seus empregados, minha senhora. Não gostaria que eles ficassem com a ideia errada.

Essie quase se engasgou com a sua sopa. A relação de Alice e Falco parecia ter-se estreitado num curtíssimo espaço de tempo, mas Alice permaneceu impassível.

– Posso confiar e confio – respondeu ela, calmamente. – Mas não respondeu à minha pergunta.

– Eu gastei todo o dinheiro que ganhei na Austrália para pagar as minhas dívidas – disse Falco, com humildade. – Desde garoto que eu ando no mar. Não sei fazer outra coisa.

– O Raven financia a remodelação do *Santa Gabriella* e, em troca, você pode prestar-lhe este serviço impagável, Enrico – insistiu Alice. – Quando vir Starcross Abbey vai ficar enfeitiçado por ela, como acontece com toda a gente. Eu não estou a pedir-lhe que se estabeleça por lá em definitivo, mas não pode ficar aqui. Tal como deduziu, isso poderia dar azo a más-línguas e manchar a minha reputação.

– Eu não posso permitir isso, minha bela senhora.

– Eu não sou a sua senhora, Enrico. Nós somos apenas amigos.

– Assim o espero, minha senhora.

– Nesse caso, está combinado – declarou Alice, anuindo. – Estou certa de que o Raven vai aprovar e eu acho que ele está em dívida para consigo, por ter corrido riscos por ele. Podia ter-se recusado a trazê-lo de volta a casa.

– O que me pagaram compensou quaisquer riscos. O Raven não me deve nada, minha senhora.

– Talvez sim ou talvez não, mas você trouxe-nos de volta para Inglaterra e eu ficar-lhe-ei eternamente grata por isso – declarou Alice, fitando-o com um sorriso persuasivo. – Diga-me que fica mais algum tempo, capitão, nem que seja por mim.

– Muito bem, minha senhora, eu dou-lhe a minha resposta depois de visitar esse lugar – disse Falco, que mergulhou a colher na sopa e a beberricou. – Isto é bom. Eu gosto.

*

Bem agasalhados contra o frio, uma vez que a temperatura tinha caído a pique e nuvens escuras ameaçavam chuva, partiram depois do almoço. A carruagem era luxuosa e escalfetas de cobre cheias de carvão em brasa mantiveram os pés deles quentes durante a viagem até Starcross Abbey. Falco manteve as senhoras entretidas com relatos escandalosos acerca da vida no alto mar, nos quais Essie não acreditava de maneira nenhuma, mas que as mantinham entretidas, uma vez que ele era um grande contador de histórias. Do lado de fora da carruagem o céu começava a escurecer e uma chuva gelada começou a fustigar as janelas. O cocheiro abrandou a marcha dos quatro cavalos até andarem a passo, à medida que percorriam as faixas estreitas e desciam as colinas íngremes, mas eles acabaram por chegar ao seu destino.

Alice olhou pela janela.

– Onde é que estão os criados? – perguntou Alice, enfurecida. – Este sítio parece deserto e não estava ninguém na caserna do porteiro – exclamou. Esperou impacientemente que James abrisse a porta e baixasse os degraus e, por um momento, Essie receou que Alice fosse atirar-se para o chão, mas ela conteve-se e permitiu que James a ajudasse a descer da carruagem, seguida de Sadie e Falco. Essie foi a última a sair do veículo e ficou parada, fitando o edifício robusto feito de granito. Dotada de quatro torres ameadas, Starcross Abbey erguia-se no cimo da colina com vista para o Canal da Mancha. De cada um dos lados estava protegida por bosques e uma passagem de gravilha para carruagens que conduzia à entrada principal, a qual era guardada por dois grandes leões.

Alice dirigiu-se à porta principal e bateu. O eco ressoou pela casa e a única coisa que eles podiam fazer era esperar ao frio cortante.

– Tem de estar alguém em casa – disse Alice, zangada. – O Raven manteve todos os criados ao serviço independentemente dos custos. Eu vou querer saber por que motivo nos estão a deixar à espera.

Essie enrolou a capa à sua volta. Era fácil imaginar Raven e Freddie a crescerem naquele lugar. Parecia um castelo saído de

um livro de contos de fadas e ela estava ansiosa por ver o interior.

– Não estavam à nossa espera, Alice – disse Essie, num tom razoável.

Alice bateu novamente à porta.

– Vou pedir ao James para dar a volta e ir à porta dos criados. Eles vão-me atender…

Calou-se quando a porta se abriu com um gemido das dobradiças não oleadas e uma mulher desleixada olhou para eles com um ar estupidificado.

– O que querem?

Alice passou apressadamente por ela.

– Onde está o Smeaton? E quem é você? – perguntou, olhando para a mulher cuja touca suja tinha descaído sobre um dos olhos e com a blusa mal-ajeitada manchada de rapé.

– Eu sou a Dottie. Quem é você?

Alice encolheu-se e fitou a mulher.

– Você é uma rameira bêbeda e eu sou Lady Alice Crozier. Exijo falar com o Smeaton.

Dottie recuou, fez uma vénia e um gesto que fazia lembrar um animal que está à espera de levar uma tareia.

– Eu cá não sei, minha senhora. Eu só estava a fazer um favor aos de lá de baixo a abrir a porta. Não é trabalho meu.

– Eu não sei o que está aqui a fazer, mas o seu cargo está extinto – afirmou Alice, furiosa.

– Não sei o que isso significa, *madame* – disse Dottie, encolhendo-se visivelmente.

Quase com pena daquela criatura embriagada, Essie interveio.

– A Lady Alice quer dizer que os seus serviços já não são necessários.

– Vá chamar o Smeaton imediatamente – disse Alice num tom imperial. – Não quero saber o que ele está a fazer. Traga-

mo aqui já. Isto é uma vergonha.

Falco posicionou-se ao lado de Alice.

– Quer que eu vá buscar o indivíduo, minha senhora? Ele não vai contrariar Enrico Falco.

– Também não me vai contrariar a mim – respondeu Alice, passando o dedo por um surdo de carvalho trabalhado e fazendo uma careta ao olhar para a ponta da luva.

– Imundo. Este lugar não é limpo há semanas, ou mesmo há meses. Está quase mais frio aqui dentro do que lá fora. Não vou ficar aqui à espera que o Smeaton me apareça com desculpas. Vou à ala dos criados dizer-lhe o que penso.

– Eu acompanho-a – disse Falco com firmeza.

– E eu também – disse Essie, seguindo-os, com Sadie no seu encalce.

– Eles podem-se revoltar – sussurrou Sadie.

– Eu cresci no meio de estivadores e de marinheiros bêbedos – disse Essie, taciturna. – E os garimpeiros também eram bem duros. Acho que entre todos damos conta de uns criados impertinentes.

À medida que iam avançando pela casa, a negligência a que esta havia sido votada tornava-se cada vez mais evidente. Havia teias de aranha a cair dos tetos e o ar estava carregado de pó. Alice conhecia bem a casa e dirigiu-se às escadas traseiras que desciam em espiral até à cave. O frio que se fazia sentir era ainda mais intenso e Essie tapou o nariz com a mão quando as suas narinas foram invadidas por odores nauseabundos.

– Que pivete – resmungou Sadie.

Alice não disse nada e apressou-se. Chegou à cozinha e abriu a porta com tanta força que ela foi embater na parede.

– Mas o que raio se passa aqui? – perguntou ela, enfurecida.

Essie olhou à volta, atarantada. Havia lixo espalhado por toda a parte e o chão tinha uma camada de gordura e sujidade. Havia uma fogueira a arder nas imediações e uma frigideira

enegrecida borbulhava com uma substância misteriosa que ela era incapaz de identificar do que se tratava. O fedor que emanava era capaz de dar a volta ao estômago mais resistente e, por um momento, Essie achou que ia vomitar. Mas Alice não pareceu reparar nisso e rompeu pela cozinha fora, abrindo caminho por entre os montes de restos de legumes em putrefação misturados com palha. Deteve-se na frente de um homem que se encontrava esparramado numa cadeira, de camisa aberta e com o cinto das calças desapertado. Em vez de desmaiar ou de desviar o olhar, Alice arrancou-lhe a garrafa de vinho da mão e lançou-a contra a parede, onde ela se despedaçou e caiu ao chão, formando uma poça de vinho tinto e vidros partidos.

– Você está bêbedo, Smeaton, assim como a rameira que nos abriu a porta.

Smeaton levantou-se a cambalear, com um sorriso idiota.

– É só um copinho ou dois para disfarçar o frio, minha senhora.

– Você está despedido, Smeaton e ela também, seja lá quem for. Não me lembro de a ter visto cá antes.

Smeaton estendeu a mão para abraçar Dottie pelos ombros, recorrendo a ela para se equilibrar, apesar de ela estar pouco menos embigada do que ele.

– Não me pode despedir e a Dottie é a minha mulher, tudo legal e dentro dos conformes.

Alice olhou para uma mulher que tentava passar despercebida no canto da divisão.

– É você, senhora Grimes?

– Sou, minha senhora, e não tenho nada a ver com isto – disse a senhora Grimes, acenando com a mão, numa tentativa fortuita de se distanciar da confusão que estava à sua volta. – Eu sou apenas a cozinheira. Foi o senhor Smeaton que tomou conta da casa desde que a senhora foi para Londres e as coisas foram de mal a pior.

– A culpa não é da mãe – disse uma jovem criada que apareceu ali, vinda da copa apressadamente. – Nós fizemos o

melhor, minha senhora. Mas o Smeaton e a mulher dele tomaram conta e não fazem mais nada senão beber e fazer coisas que deviam fazer no quarto. Nós não concordamos com nada disso, pois não, mãe?

A senhora Grimes sacudiu a cabeça até a touca lhe cair.

– É isso mesmo, Jenifry. Nós fizemos o melhor, minha senhora.

– Cala a matraca, vaca patética – exclamou Smeaton, voltando-se para a mulher, num ataque de fúria. Mas Falco avançou para ele e agarrou-o, torcendo-lhe um braço atrás das costas.

Dottie gritou, encostando-se à parede assustada e Sadie afastou-se da chuva de braços agitados e punhos a voarem pelo ar. Essie assistiu horrorizada à luta de Falco contra Smeaton, mas Falco ganhava em estatura e no facto de estar completamente sóbrio. Smeaton foi rapidamente derrotado e Falco forçou-o a ajoelhar-se em frente a Alice.

– Peça desculpa a sua senhoria – disse Falco, num tom grave. – E é bom que tenha maneiras se não quiser acabar com ossos partidos.

– Você e aquela mulher vão sair desta casa imediatamente – declarou Alice, friamente.

– Mas eu trabalhei aqui durante anos, minha senhora – respondeu Smeaton, num tom abruptamente diferente. Ele acobardou-se diante dela. – Para onde vou e o que vou fazer? Não tarda é de noite.

– Que absurdo – respondeu Alice rapidamente. – Vocês os dois beberam vinho suficiente ao meu primo para vos manter quentes até chegarem a Newton Abbot. Têm dez minutos para fazer as malas e, depois disso, se ainda cá estiverem, serão literalmente atirados à rua. Agora entregue-me as chaves e saia desta casa.

– Mas devem-nos dinheiro – chorou Dottie. – Nós não temos nada.

– Onde está a governanta? – perguntou Alice.

– A senhora Wills foi-se embora na semana passada, minha senhora – disse a senhora Grimes, apontando para Smeaton. – Esse homem fez-lhe a vida num inferno e ela não aguentou mais.

– Para onde foi ela? Ela vive na aldeia?

– Vive, minha senhora.

– Mande mensagem por um rapaz dos estábulos ou pelo jardineiro para ela vir falar comigo imediatamente.

Essie pousou a mão no braço de Alice.

– Vai ficar aqui uns tempos? Não vai conseguir resolver esta confusão toda numa tarde.

– Tem razão – respondeu Alice, franzindo o sobrolho. – Falco, conduza estes dois para fora da propriedade. Eu estarei na sala de visitas quando tiver terminado. A Jenifry mostra-lhe onde fica.

Falco anuiu e empurrou Smeaton com alguma brusquidão para fora da cozinha, com Dottie a correr atrás deles, a implorar por perdão.

Sadie sentou-se num banco de três pernas que havia ali perto.

– Mas que história esta.

– Não há lareira na sala se visitas, minha senhora – arriscou dizer Jenifry, envergonhada. – Não acendemos as lareiras nos aposentos da família desde que começou o inverno

– Porque é que ninguém me disse o que se estava a passar? – perguntou Alice, furiosa.

– Peço desculpa, minha senhora, mas a senhora não estava disponível – respondeu a senhora Grimes, olhando para ela com nervosismo. – Mandou-se recado para Daumerle, mas não obtivemos resposta.

– Eu estive uns meses fora do país – respondeu Alice, enquanto andava às voltas pela sala, entrelaçando as mãos. – Como posso eu ter permitido que isto acontecesse? O que vai o Raven dizer quando descobrir?

– Eu tenho a certeza de que vamos conseguir resolver tudo – disse Essie, olhando à volta, para o estado caótico da cozinha, na esperança de soar mais positiva do que se sentia. – Tenciona ficar algum tempo aqui?

– Credo, não. Eu nem sonhava em passar uma noite neste lugar neste momento. Tenho a certeza de que as camas estão húmidas e sabe Deus o estado em que estarão as roupas. A governanta trata de tudo quando regressar.

– Mas vai cá estar quando isso acontecer?

– Está a ser difícil de propósito, Essie? Não percebe que isto foi um choque terrível para mim? Eu prometi ao Raven que olhava por tudo em Starcross Abbey e falhei-lhe.

Essie virou-se para a senhora Grimes e para Jenifry que estavam ali de pé, desesperadas à espera do que ia acontecer.

– Podem acender-nos uma lareira na sala de visitas ou há alguma sala mais pequena onde estejamos mais confortáveis?

Jenifry fez-lhe uma vénia.

– A sala azul aquece mais depressa, menina. Quer que acenda a lareira lá?

– Parece-me bastante sensato – respondeu Essie, com um sorriso.

– Vou tratar já disso – disse Jenifry, dirigindo-se à lareira onde recolheu um balde de carvão e um molho de graveto e saiu apressadamente da cozinha com uma postura decidida nos seus ombros estreitos.

Essie voltou-se para a senhora Grimes.

– Se a senhora pudesse pôr uma chaleira ao lume, estou certa de que uma caneca de chá ajudava a enfrentar esta situação e, caso o Smeaton não tenha bebido o brande todo, talvez uma gota ajudasse sua senhoria a sentir-se um pouco melhor.

A senhora Grimes anuiu veementemente.

– Claro, menina. Sem aquela mulher aqui a observar tudo o que eu faço e a arranjar-me problemas a mim e à minha

rapariga, posso voltar ao normal. Mas vou precisar de ajuda da aldeia. O Smeaton despediu as criadas todas menos a Jenifry e eu acho que ele meteu os ordenados dos outros criados ao bolso, mas não tenho como prová-lo.

– Eu devia mandá-lo prender – respondeu Alice, furiosa. – Ele não passa de um criminoso. Sabe o que aconteceu ao pessoal de fora?

– Mais ou menos a mesma coisa, minha senhora. Mas não é fácil encontrar trabalho e eu tenho a certeza de que eles ficariam muito satisfeitos em recuperar os seus empregos. Isto, se a senhora os quiser de volta.

– Claro que quero – respondeu Alice, dirigindo-se à porta. – Vou deixá-la no comando para já, Essie. A Sadie pode trazer uma lamparina e acompanhar-me à sala azul. Eu quero fazer uma lista de coisas que lhe vou pedir para fazer.

– O que tem em mente?

Alice hesitou junto à porta.

– Acho que seria útil ficar aqui uns dias, se não se importar, Essie. Tem jeito para organizar uma casa e eu sempre deleguei tudo nos meus criados. A Essie sabe precisamente o que há de fazer. Fica cá a organizar tudo para que o Raven encontre a sua antiga casa como estava quando ele a deixou?

– Fico, mas só se toda a gente entender que tenho a sua autorização para fazer todas as alterações que me pareçam necessárias.

Alice voltou-se para a senhora Grimes.

– A cozinheira é minha testemunha. Eu dou permissão à menina Chapman para ela fazer o que entender que é necessário e se a senhora Wills decidir aceitar o antigo lugar de volta, digo-lhe o mesmo a ela.

– Eu percebo, minha senhora – respondeu a senhora Grimes, fazendo-lhe uma vénia. – Mas, o que faço se o Smeaton voltar?

– Eu vou deixar ordens ao responsável pelos estábulos. Pode chamá-lo se for necessário empregar força física.

– Lamento dizer-lhe isto, minha senhora, mas o Smeaton também não pagou ao pessoal de fora e a maior parte deles tiveram de ir procurar trabalho noutro lado.

– O Raven ia ficar furioso se soubesse o que se estava a passar. Por favor, não me diga mais nada, senhora Grimes. Prometo-lhe que tudo se irá resolver. Venha comigo, Essie, temos de trabalhar em conjunto – disse Alice, disparando-se para fora da cozinha e quase chocando com Falco.

– O que é que se passa? – perguntou ele, ansioso. – Quem a incomodou, minha senhora?

– A sua presença aqui faz ainda mais falta do que eu tinha previsto. Aquele homem criou um caos na casa do meu primo e sabe Deus o que mais pode ter feito. Preciso da sua ajuda para restituir Starcross ao que era antes de o Raven e o Freddie terem partido.

– Então e eu, minha senhora? – perguntou Sadie, agarrando a mão de Essie. – Não me vai mandar para Londres, pois não?

Alice fitou-a, com um olhar vazio.

– Claro que não. Você fica aqui com a Essie – disse e dirigiu a Essie um olhar firme. Eu estou a entregar-lhe muita responsabilidade apesar da sua tenra idade. Estou a cometer um erro ao deixar as coisas ao seu cuidado?

# Capítulo Quinze

Naquela noite nevou. Na manhã seguinte Starcross Abbey estava no meio de um mundo branco e a velha casa estava envolta num silêncio perturbador quando Essie acordou. Tinha partilhado o quarto com Sadie, sobretudo para permanecer quente pois, apesar de Jenifry ter acendido uma lareira, a cama permanecera húmida. Uma luz branca perpassava os cortinados e Essie sacudiu Sadie pelo ombro.

– Acorde, sua dorminhoca, temos muito trabalho pela frente.

Sadie abriu os olhos e bocejou.

– Só mais uns minutos, Essie. Aqui está quentinho e agradável.

Essie destapou-a.

– Levante-se e venha espreitar pela janela. É uma visão digna de ser contemplada.

Sadie saiu da cama a custo, embrulhando-se na colcha e foi até à janela para olhar lá para fora.

– Neve – gritou, excitada. – Não é uma bela vista?

– É, sim – respondeu Essie calmamente. – Mas as estradas são íngremes e estreitas e mesmo que os criados tenham recebido a mensagem ontem à noite, eles não vão conseguir chegar cá.

– Talvez a neve não dure muito tempo – disse Sadie, repousando os cotovelos no peitoril da janela e olhando lá para fora em deleite. – Quem me dera ter alguém com quem atirar bolas de neve.

– Esqueço-me constantemente de que ainda é apenas uma criança – disse Essie, lançando os braços em torno de Sadie e abraçando-a. – Se despacharmos o trabalho, eu vou até lá fora consigo e talvez desafiemos o capitão para uma batalha de bolas de neve.

Sadie desfez-se em gargalhadas.

– Isso era divertido.

– Vou descer – disse Essie, pegando na sua *écharpe*. – Temos de começar cedo.

Sadie abriu a janela e debruçou-se para o lado de fora.

– Eu nunca vi tanto branco, é lindo.

– E frio. Feche a janela, por favor – disse Essie, a rir. – Vamos. Temos muito que fazer hoje e não me parece que vamos ter grande ajuda.

– Espere por mim. Não me quero perder – disse Sadie, fechando a janela. – Vou vestir-me rapidamente e vou consigo.

*

Falco e a senhora Grimes estavam na cozinha que parecia, à primeira vista, impecavelmente limpa e arrumada. Havia uma lareira acesa e uma chaleira fervilhava em cima da grelha do fogão. O cheiro a *bacon* a fritar mascarava os odores horrendos que tinham preenchido a divisão na véspera e a senhora Grimes preparava massa para fazer pão. Ergueu os olhos e sorriu.

– Que tal é acordar para um mundo todo branquinho, menina? Não é muito frequente nestes lados.

– Está frio, mas é muito bonito – disse Essie, aproximando-se do fogo. – A que horas se levantou, capitão?

– Eu não me deitei – respondeu Falco, que manuseava a frigideira com o à-vontade de alguém que estava na cozinha da sua casa. No mar habituamo-nos a estar de vigia a todas as horas e eu queria começar cedo. Quer a Essie acredite, quer não, eu gosto de manter tudo num brinquinho. Não se consegue viver a bordo de um navio se as coisas estiverem numa confusão.

– E eu levanto-me sempre às seis da manhã – acrescentou a senhora Grimes animada. – Foi muito agradável descer e encontrar aqui o capitão em vez do Smeaton e daquela lambisgoia que ele trouxe cá para casa. Nem imaginam o que nós passámos nos últimos meses.

– Pois, suponho que não consigamos imaginar – respondeu Essie, pensativa. – Mas agora as coisas vão ser diferentes. A

Sadie e eu vamos ajudar a pôr tudo em ordem. Nós estamos habituadas a trabalho duro.

– E um bom pequeno-almoço é a maneira de começar bem o dia – disse a senhora Grimes, dando uma amassadela final à massa com os punhos. – Está aqui massa suficiente para fazer dois pães grandes e umas bolinhas que cozem muito rapidamente. E se a rameira do Smeaton não a tiver comido toda, há compota de framboesas feita por mim no armário. Temos, ou melhor, tínhamos, uma horta muito produtiva, mas Deus sabe em que estado estará agora.

Falco olhou por cima do ombro e sorriu abertamente.

– Eu consigo comandar um navio e canto como um rouxinol, mas de jardinagem não percebo nada.

– É melhor concentrar-se naquilo que está a fazer, capitão – disse a senhora Grames, com gravidade. – Ponha este tabuleiro no forno, se fizer o favor. A primeira fornada deve sair em breve, pelo que temos pãezinhos para acompanhar o *bacon*, desde que ele não se queime.

Dali a alguns minutos, Jenifry juntou-se a eles na cozinha, debatendo-se com dois baldes de madeira cheios de água. Sacudiu a neve das botas que caiu sobre os mosaicos, derretendo e formando pequenas poças.

– Espero que a bomba não congele – disse ela, sacudindo flocos de neve do cabelo. – Vamos precisar de imensa água quente.

– Senta-te e toma o pequeno-almoço, rapariga – disse a senhora Grimes, que começava a empratar o *bacon*. – Deve haver ovos no galinheiro, mas alguém vai ter de limpar a neve para lhes chegar.

– Eu vou – respondeu Sadie, avidamente. – Eu sei procurar ovos.

– O que sabe você de galinhas? – perguntou a senhora Grimes, fitando-a surpreendida. – Sendo uma moça da cidade.

– Havia galinhas na primeira casa para onde me mandaram quando saí do orfanato Foundling. Nós, os mais pequenos, tínhamos de aprender a tratar delas e eu costumava ordenhar a

cabra no navio do capitão. O Lorenzo ensinou-me como se fazia.

– O Lorenzo vai conhecer o toque da minha bota quando eu voltar para o navio – disse Falco, pesaroso. – Que grande preguiçoso.

– Ainda assim, a Sadie aprendeu a fazer uma coisa útil – disse Essie, retirando as bolas de pão do forno e colocando-as numa taça de madeira. Pousou o recipiente no meio da mesa. – Há cabras na propriedade, senhora Grimes?

– É capaz de haver algumas na quinta – respondeu a senhora Grimes, pegando na manteiga. – Não que eu me aventure a ir até lá. Não gosto de vacas nem de ovelhas. São umas criaturas malcheirosas. Mas, seja como for, alguém vai ter de ir buscar mantimentos em breve. O Smeaton costumava levar a carroça à quinta várias vezes por semana.

– Isso podia ser um dos seus trabalhos, capitão – disse Essie, sentando-se ao lado de Falco. – Isto é, quando a neve derreter. Aguentamos até lá, senhora Grimes?

– Temos de aguentar, menina. Se bem que as coisas são capazes de se complicar se estas condições persistirem por uma semana ou mais.

*

Uma vez terminada a refeição e depois de tudo arrumado, estava na hora de começar a limpar os detritos deixados por Smeaton. Segundo Jenifry, ele tinha tomado o escritório de Raven para seu uso pessoal e o cheiro bafiento de bebidas alcoólicas e de tabaco ainda persistia na divisão. Havia garrafas de vinho espalhadas pelo chão, a alcatifa tinha manchas feias e havia marcas de cigarros onde os mesmos tinham sido apagados. Tinham-se entornado cinzas do cesto que cobria a lareira e a mobília tinha uma camada espessa de pó a cobri-la. Essie saiu da sala e fechou a porta.

– Deixamos isto para mais tarde. É o espaço privado do Raven, mas ele não está cá, por isso, começamos pela sala de visitas, depois vamos para a sala de jantar e assim sucessivamente.

– Isto foi abandonado há meses, menina – disse Jenifry, entristecida. – Vai demorar a vida toda e mais um dia a limpar estas divisões todas.

– Bom, temos de começar por algum lado – disse Essie, voltando-se para Sadie, que estava de pé atrás dela, agarrada a uma esfregona e a um balde. Estava a ver que a criança ansiava por ir lá para fora e parecia-lhe injusto impedi-la de se divertir na neve que tinha acabado de cair. Iam ter muito tempo para trabalhar. – E que tal se fosse pedir um cesto à senhora Grimes e fosse ao galinheiro apanhar ovos?

– A sério que posso?

– Agasalhe-se bem – disse Essie a sorrir. – Talvez o capitão possa ajudá-la. Não o imagino com uma esfregona ou uma vassoura.

Sadie não precisou que lhe dissessem aquilo duas vezes e saiu disparada na direção da cozinha a chamar por Falco.

– Então somos só nós as duas, menina. É melhor deitarmos mãos ao trabalho.

– A melhor maneira de o fazermos é uma divisão de cada vez. E pode chamar-me Essie. Eu não sou burguesa, sou uma pessoa comum.

– Não me parece, menina. A menina não é como nós, mas isso não é mau – apressou-se Jenifry a acrescentar. – Tenho a certeza de que nos vamos dar muito bem.

– Talvez seja melhor começarmos pela sala de visitas – disse Essie, acenando com o espanador na direção de Jenifry. – Siga na frente, conhece esta casa muito melhor do que eu.

– Se eu não a conhecesse, achava que a menina era da família.

Essie optou por ignorar aquele comentário. Ainda assim, a observação inocente de Jenifry agitou as memórias dos breves momentos com Raven, numa época em que os dois tinham parecido abeirar algo de mais profundo do que uma simples amizade. Endireitou os ombros e afastou aqueles pensamentos da sua mente, seguindo Jenifry pelo labirinto de corredores.

Elas mal tinham começado a esfregar a superfície quando Sadie irrompeu pela sala de visitas adentro, o rosto rosado com a excitação.

– Olhe lá para fora, Essie.

– Eu já vi a neve e estou demasiado ocupada para contemplar as vistas – respondeu Essie impaciente.

Sadie agarrou Essie por um braço e puxou-a até uma das janelas altas.

– Olhe lá para fora e veja por si mesma. Você também, Jenifry.

Essie debruçou-se sobre o peitoril e levou a mão à boca.

– Meu Deus, eu nunca pensei!

Jenifry juntou-se a elas e exalou um longo suspiro.

– Graças a Deus. Eles vieram.

– Quem são, Jenifry? – perguntou Essie, apesar de já saber a resposta àquela pergunta. A longa procissão de homens e mulheres que se arrastavam com neve pelos tornozelos eram os mesmos que Smeaton pusera na rua. O exército de criadas, rapazes de estábulos, cocheiros, capatazes, jardineiros e empregadas de limpeza era liderado por uma mulher de olhar decidido que só podia ser a formidável governanta, a senhora Wills, que vinha acompanhada por um homem vestido de fazenda.

– Graças ao Senhor – sussurrou Jenifry.

– A senhora Wills e o senhor Havers, o administrador. Estamos salvos.

*

Gerir o pessoal de Starcross Abbey, decidiu Essie, era como comandar um exército. Mas felizmente ela tinha Havers para trabalhar com os caseiros e supervisionar os trabalhos na propriedade e a senhora Wills bem podia ter dado ao Duque de Ferro algumas dicas sobre como tirar o máximo proveito do pessoal. Faltava-lhes um mordomo, mas Falco parecia gostar de comandar o pessoal de dentro de casa com o mesmo jeito

descontraído com que geria o *Santa Gabriella.* À hora das refeições sentava-se à cabeceira da mesa no salão dos empregados, com a senhora Wills de um lado e Essie do outro. Contudo, aquela combinação não agradava à senhora Wills, que achava que Essie tinha de comer separada dos criados. Na sua qualidade de alguém que era tida em grande consideração quer pelo conde quer pela sua prima, Lady Alice, a menina Esther Chapman, não pertencia junto dos que habitavam o andar de baixo e devia ser tratada como se fosse um elemento da família. A posição de Sadie era igualmente indefinida e, apesar de não estar ligada a ela por laços de sangue era como se fosse a irmã mais nova de Essie, apesar de Sadie se ver a si mesma como uma das criadas. Essie resolveu aquele dilema ao insistir que todos eles faziam parte da família de Starcross e que trabalhavam todos juntos, pelo que era lógico que também devessem comer juntos.

Ainda assim, à medida que os dias e as semanas passavam, a posição de Essie na casa era cada vez mais a de patroa e Falco passava uma grande parte do seu tempo entre Starcross e Daumerle, mantendo Alice informada dos seus progressos. A senhora Wills dirigia-se a Essie para tomar a maior parte das decisões e era a ela que cabia verificar a contabilidade e escolher as ementas para cada dia. Deu por si a ter mais tempo livre e usava-o para explorar a casa e a propriedade. Passava horas na biblioteca, a estudar a história de Starcross. O edifício medieval original tinha começado por ser uma abadia e, na época da dissolução dos mosteiros tinha escapado por pouco à demolição. O senhor Raven de Dorincourt fora designado primeiro conde de Starcross pelo rei Henrique VIII e era assim que a linhagem tinha começado. Sucessivas gerações tinham prosseguido com a construção da casa e era interessante ver como Starcross tinha mudado ao longo de várias centenas de anos. Havia portas secretas habilmente escondidas como estantes ou painéis de parede e escadas ocultadas usadas pelos criados para não perturbarem a família e os seus convidados.

A neve derreteu e a primavera estava já ao virar da esquina. À medida que o tempo melhorava, Essie explorava o jardim e conversava com os jardineiros, que faziam gosto em partilhar com ela vastos anos de experiência. Havers encarregou o

responsável pelas cocheiras de lhe escolher uma montada adequada e Essie descobriu que a égua castanha que ele tinha escolhido era muito mais fácil de manobrar do que os animais que tinham montado em Itália e na Austrália. Havers levou-a numa excursão pela propriedade e visitaram a quinta doméstica e os terrenos subarrendados. Os dias passavam demasiado depressa e Essie começava a sentir-se tão em casa que sofria de peso na consciência. Tinha escrito ao pai várias vezes, mas não obtivera resposta. Aquilo por si só não lhe desagradava, uma vez que ela sabia que o pai não gostava de escrever e que a única coisa impressa que ele por vezes lia era o jornal. Os livros e a aprendizagem não faziam parte da aprendizagem diária dele e ela preocupava-se com o progenitor e fazia planos de regressar assim que fosse possível.

Alice visitava-os de vez em quando e deixava claro que não tinha intenção de regressar a Londres até estar completamente satisfeita com a reposição da ordem em Daumerle e com a gestão fluida de Starcross. Estava encantada com os progressos que Essie e Falco tinham feito e, no início de abril, decidiu passar uns dias com eles para pôr a conversa em dia com alguns velhos amigos que viviam ali perto. Essie ficou inicialmente preocupada quando Alice anunciou descontraidamente que tinha convidado alguns vizinhos para jantar no dia seguinte, mas uma rápida consulta à senhora Wills confirmou-lhe que a governanta estava habituada àquele género de situação e que a cozinheira ficava satisfeita por poder demonstrar os seus dotes culinários. Essie suspirou de alívio e deixou-as trabalhar na ementa, mas mesmo assim estava nervosa e esperou até ter uns minutos a sós com Alice.

– Eu não me encaixo aqui – disse Essie, quando a porta se fechou atrás da cozinheira, que acabara de entregar um esboço de ementa a Alice. – Nem sou convidada da casa nem empregada. Talvez fosse melhor eu e a Sadie comermos no salão dos empregados esta noite.

Alice fitou-a, espantada.

– O que a leva a dizer isso. Você é uma convidada aqui tanto como todos os meus amigos. Fez mais por Starcross do que

pode imaginar. A casa tinha falta de uma senhora há muito tempo e eu receava que este velho sítio se desmantelasse.

– Isso não é verdade – disse Essie, com uma risada. – Eu só tinha como experiência a organização da casa do meu pai em Limehouse. Não se pode comparar com a gestão de uma casa como esta. O mérito pertence à senhora Wills e à cozinheira.

– Mas que profundo disparate. Você faz isto naturalmente e nem se apercebe. Os criados só são bons quando as patroas que seguram as rédeas também o são. Raven deixou tudo entregue a Smeaton e você viu no que isso deu. A senhora Wills e a cozinheira ficaram impotentes para fazer outra coisa que não fosse obedecer-lhe. Se ele tivesse ficado ao comando por muito mais tempo, receio que tivesse causado danos irreparáveis – disse Alice, baixando a voz e espreitando por cima do ombro como se tivesse medo de que alguém estivesse a ouvi-la.

– Na realidade, eu tenho um pressentimento de que foi ele quem fez a denúncia aos guardas aduaneiros. Sempre desconfiei de que devia ter sido alguém próximo da família a descobrir que o Freddie estava envolvido com os contrabandistas.

– O que ganhava ele com isso?

– É o que eu tenho tentado perceber – afirmou Alice, com um ar grave. Talvez ele tivesse algum ressentimento contra o meu primo, não sei. Mas é certo que ele tirou partido da ausência do Raven.

– Não desconfiou de que havia algo de errado? – perguntou Essie, espantada com a confissão de Alice. Disse que vinha cá com bastante regularidade.

– E vinha mesmo, mas o Smeaton ou era muito esperto ou era ardiloso como uma raposa. Tudo parecia correr sobre rodas e ninguém me dizia nada em contrário. Ele deve ter feito ameaças horríveis para calar a senhora Wills e a cozinheira, caso contrário, elas ter-me-iam dito alguma coisa. Por isso, como vê, Essie, você operou aqui um pequeno milagre e eu estou-lhe eternamente grata por isso e o Raven também ficará quando vier a saber aquilo que fez. Não se preocupe com a sua

posição aqui. Você é uma amiga querida e irá sentar-se à mesa connosco esta noite, com o mesmo direito que eu tenho.

*

Envergando um vestido emprestado por Alice para aquela ocasião, Essie sentou-se junto à lareira, na sala de visitas, à espera da chegada de Sir Robert Lawson, da sua mulher, Priscilla e de Oscar Bankes, irmão mais novo dela.

Alice advertira Essie de que Oscar era um mulherengo e não devia ser levado a sério. Essie não disse nada, mas lembrava-se bem demais dos avanços indesejados de Diggory Tyce e de muitos outros homens do rio que tinham tentado seduzi-la sem sucesso. Falco tinha declarado que desafiaria para um duelo qualquer homem que ousasse aproveitar-se de alguma das suas senhoras, tendo recebido em troca uma repreensão por parte de Alice, que lhe dissera para se meter na vida dele.

Falco afastou-se até junto de uma mesa de apoio para se servir de um pouco de brande e deixou Alice sentada no sofá com um aro de bordar na mão, apesar de Essie saber que aquilo era só para fazer ver, uma vez que Alice não sabia bordar. Contudo, ficava-lhe bem ser vista a desenvolver uma tarefa feminina, apesar de Essie duvidar que os amigos dela se deixassem enganar por aquela encenação. Sadie não esteve presente, pois apesar de ter sido convidada para se juntar a eles ao jantar, tinha implorado para ser dispensada. Essie sabia que seria um enorme sacrifício para a menina de doze anos e não tinha insistido com ela. Alice tinha aceitado a recusa de Sadie com graciosidade ou talvez tivesse sido com alívio. Essie não sabia e não explorou o assunto. Era chegada a hora de ser ela a sofrer dos nervos e voltou-se num sobressalto quando a porta se abriu e James conduziu os convidados para o interior da sala.

Alice levantou-se e o aro de bordar escorregou para cima do tapete, passando despercebido. Ela deslizou pelo soalho e estendeu a mão, num cumprimento.

– Prissy, Rob e Oscar, que prazer vê-los.

Essie foi para junto de Falco e ambos esperaram em silêncio que Alice cumprimentasse os amigos como se tivessem

passado anos separados. A dada altura, Alice virou-se para Essie com um sorriso radiante.

– Venha aqui, minha querida. Deixe-me apresentar-lhe os meus amigos mais antigos.

De repente, a sala parecia ter o dobro do tamanho e a distância entre eles parecia ser um quilómetro e não apenas alguns metros. Aquele era o primeiro teste de Essie na alta sociedade e estava nervosa. Tinha a boca seca e, enquanto atravessava a divisão para ir ao encontro deles, receava que as suas mãos transpirassem. Mas, mesmo que desconfiassem das suas origens mais humildes, os amigos de Alice eram demasiado educados para fazer outra coisa que não fosse serem simpáticos e encantadores. Uma vez terminadas as apresentações e quando estavam todos a beber xerez descontraidamente, Essie sabia que estava a ser escrutinada e que tudo na sua pessoa, desde a sua coroa de caracóis escuros, aos seus olhos esverdeados e figura esbelta estava a ser registado. Ela esperava que Lady Lawson não reconhecesse o seu vestido como sendo um dos que Alice pusera de parte e que Oscar Bankes parasse de a mirar. E foi então que, depois de um momento de silêncio constrangedor, quando a conversa disparou, Falco colocou-se no centro das atenções. O que os seus convidados pensariam de um cavalheiro estrangeiro que gostava de falar de si estava escondido sob uma máscara de boas maneiras, mas Essie desconfiava que eles estavam mortos por descobrir como se teria Lady Alice Crozier envolvido com uma personagem tão exuberante.

Ao cabo de um longo monólogo, Alice cortou a palavra a Falco antes de as histórias dele se tornarem demasiado ousadas. Perguntou pelos filhos dos Lawson, desenrolando uma lista de nomes que deixou Essie intrigada quando tentou imaginar uma criança chamada Beltane, para então perceber que o tema tinha mudado para o bem-estar dos animais dos Lawson. Parecia que tanto Sir Robert como a sua mulher prestavam mais atenção aos seus cães e cavalos do que aos cinco filhos.

Falco parecia aborrecido e foi um alívio quando anunciaram o jantar.

A senhora Grimes tinha-se superado e o próprio Falco tinha escolhido o vinho, tendo passado bastante tempo na adega, a decidir quais os melhores vinhos de reserva e a escolher um vinho adequado a cada prato. O resultado fora cada um deles encontrar-se num estado diferente de embriaguez quando a refeição acabou.

Essie ficou zonza ao fim de um copo de xerez e apenas beberricou do seu copo de vinho, mas os restantes convivas tinham bebido com uma excitação evidente. O volume da conversa aumentava a cada prato servido e a mais tola das piadas parecia absolutamente hilariante, resultando numa chuva de gargalhadas. As senhoras recolheram à sala de visitas para tomar café, deixando os cavalheiros a apreciarem os seus brandes e charutos. Essie estava à espera que Falco começasse a cantar, mas ele estava completamente perdido nas suas histórias de valentia no alto mar quando ela saiu da sala de jantar.

Sir Robert e Oscar estavam embriagados e bem-dispostos quando voltaram a reunir-se com as senhoras e Falco cambaleava ligeiramente, mas continuava a conseguir falar com um tom ligeiramente arrastado. Lady Lawson tentou repreender o marido, mas parecia ter dificuldade em encontrar as palavras certas e ficou reduzida a algumas risadas que terminaram numa ronda de soluços.

– Ar fresco – disse Falco, num tom ousado. – É disso que precisamos. Uma lufada de ar vai curá-la, minha senhora.

– Não, a-a sério – disse Lady Lawson tapando a cara com as mãos. – Eu es-estou bem.

– Grande ideia. Falco – disse Sir Robert, que pegou nas mãos da mulher e a içou. – Venha daí, Prissy. O melhor pé primeiro. O ar fresco da noite vai pô-la boa.

– Já sei, Rob. Vamos pela passagem secreta – disse Oscar, com um sorriso idiota, batendo com o dedo na cana do nariz e piscando o olho.

– De que está a falar? – inquiriu Alice. – Você está bêbedo, Oscar.

– Pois estou – retorquiu ele num tom pateta. – E você está tocada, Alice.

O irmão deu-lhe uma palmada nas costas.

– Você está perdido de bêbedo, homem. Vamos mostrar às senhoras como costumávamos fugir da casa quando o velho conde estava zangado com o Raven e com o Freddie.

– O que se passa aqui? – perguntou Falco, abanando o dedo. – Espero que não vá colocar as minhas damas em perigo.

Alice pôs-se de pé num salto, vacilando um pouco, mas rapidamente ficando sóbria.

– Cale-se, Falco. Você não tem voto nesta matéria – disse ela. Olhou para o rosto de Sir Robert e examinou-o ao pormenor. – Do que está a falar, Robbie?

– Chiu – disse ele, levando o dedo aos lábios. Não deixe que os outros a oiçam. É uma passagem secreta até à praia. Contrabandistas – acrescentou ele, acenando com a cabeça. – Foi assim que os Dorincourt fizeram fortuna.

Alice fitou-o, de sobrolho franzido.

– Mas que enfiada de disparates é que está para aí a dizer, Robbie?

– É verdade – disse ele, fazendo o sinal da cruz. – Juro por Deus.

– Vamos lá então – disse Falco, de olhos cravados nele. – Mostre-nos ou, como a Lady Alice disse, cale-se.

– Não pode falar assim com o meu marido – disse Lady Lawson, levantando-se a cambalear, aparentemente curada dos soluços. – Ele é um magistrado, senhor cavalheiro estrangeiro.

– Eu sou italiano, minha senhora – declarou Falco, com dignidade. – Se há uma passagem secreta, vamos lá ver isso.

Oscar deu uma gargalhada furtiva.

– Sigam-me. Tenho andado ansioso para voltar a fazer isto.

*

A entrada da passagem secreta ficava no escritório de Raven. Apesar do seu estado de embriaguez, Oscar sabia precisamente qual o painel que devia pressionar e uma porta abriu-se naquilo que parecia ser uma parede sólida. Uma baforada de ar bafiento envolveu-os e Essie estremeceu, apreensiva.

– Espere aí, Oscar – disse Sir Robert agarrando o cunhado pela manga do casaco. – Nós não podemos levar as senhoras por aqui. Ainda partem um tornozelo.

Alice abriu caminho e ultrapassou-o.

– Que absurdo, Robbie. Eu não fazia ideia da existência disto. Eu vou com o Oscar. Você pode vir connosco ou ficar aqui, tanto me faz – disse ela, empurrando Sir Robert ao ponto de ele cambalear para trás e por pouco não tropeçar nos pés da mulher. – Agarre a minha mão, Oscar. Não vejo nada.

– Espere por mim, minha senhora – disse Falco, que mergulhou na passagem. A voz dele ecoou pelas paredes estreitas e pelo teto baixo quando ele lhe implorou que tivesse cuidado.

– Ao menos dê-me uma hipótese de ir buscar uma lanterna – exclamou Essie, subitamente sóbria. – Isto é uma loucura.

– Eu também vou – disse Lady Lawson, entrando na passagem. – Dê-me uma vela, Robert.

Com relutância, ele pegou num castiçal.

– Muito bem, Prissy. Eu vou atrás de si – exclamou. Voltou-se para Essie, com um sorriso apologético e disse: – Se eu fosse a si, ficava aqui.

– Eu não perdia isto por nada neste mundo – declarou Essie, que o seguiu pela passagem, segurando as saias por cima dos tornozelos.

A água infiltrava-se na rocha, escorria pelas paredes e formava poças fundas no chão irregular. Mais à frente havia uns degraus ocos que desciam até o que pareciam ser as entranhas da terra. Ninguém falava, mas as respirações pesadas ecoavam na passagem baixa e por vezes ouvia-se um soluço solto, seguido de uma exclamação de irritação de Priscilla.

A qualidade do ar alterou-se subitamente, tornando-se mais fresco, com um toque de sal e Essie vislumbrou um raio de luz lá à frente. Uma baforada de ar fresco aumentou de intensidade e o som das ondas a esmagarem-se de encontro à rocha aumentou de volume à medida que eles percorriam a gruta. A altura do espaço era apenas a suficiente para permitir aos homens caminharem de pé e, por um instante, fez-se silêncio e Oscar uivou como se estivessem num campo de caça.

– Isto é espantoso. Eu quase me tinha esquecido desta passagem secreta, Robbie. O que nós já nos divertimos aqui.

– Isso foi há muito tempo – declarou Sir Robert, num tom afetado. – Desde então, crescemos, Oscar.

– Você talvez tenha, mas o Raven e o Freddie deviam andar a usar este lugar para guardar contrabando – disse Oscar, com um ar matreiro. – É uma pena que eles não tenham partilhado o segredo deles comigo. Bem que o dinheiro me tinha dado jeito.

Alice virou-se para ele, com os olhos reluzentes com a luz do luar.

– Cale-se, Oscar. Você não sabe o que diz.

– Seja justa, Alice – disse Oscar, em jeito de defesa. – Eles foram apanhados em flagrante. Contrabandear ainda é crime.

– O Freddie deixou-se envolver com um gangue da zona – afirmou Alice, fitando-o furiosa. – Alguém avisou os guardas alfandegários e eles foram apanhados em flagrante. E o Raven não teve nada a ver com a questão, apesar de ter assumido as culpas.

– Nós sabemos o que aconteceu, Alice – retorquiu Sir Robert calmamente.

– Eu não posso pactuar com o que eles fizeram. O Raven devia ter deixado o Freddie receber o seu castigo. E acho que ambos se safaram com demasiada facilidade.

– Eu acho que o senhor não sabe o que está a dizer – Falco falou num tom ponderado, mas Essie conhecia-o suficientemente bem para ficar receosa. Uma palavra errada da

parte de Sir Robert podia desencadear uma chuva de agressões.

– O Falco tem razão – apresou-se Essie a dizer. – O senhor não faz ideia do que é ser levado até ao outro lado do mundo.

– Chega, Essie. Esta não é nem a hora nem o lugar para se discutir estes assuntos – disse Alice, que estendeu a mão e a pousou no braço de Essie. Mas a jovem afastou-a.

– Não, deixe-me falar. Eu passei a noite toda a ouvir a vossa conversa fiada e estou admirada consigo, Alice. Nós sabemos como é a vida nos campos de ouro de Ballarat e vimos como o Freddie estava mal no mosteiro em ruínas – declarou Essie, que estava demasiado furiosa para se preocupar se ofendia aquelas pessoas que não sabiam nada, mas pensavam que sabiam tudo. Se acha que ser levado para o exílio não é duro, Sir Robert, então vive noutro mundo.

– Apraz-me que assim seja – respondeu Sir Robert, numa postura rígida. – A menina Chapman devia guardar as suas opiniões para si.

– Essa é a sua resposta para tudo, não é verdade? Os senhores, com as vossas grandes casas e exércitos de criados, não fazem ideia de como o resto de nós vive. Duvido que alguma vez tenha tido fome ao ponto de lhe doer a barriga e mal ter energia para se mexer. Alguma vez esteve na Zona Este e viu as pobres almas a que chamam vagabundos a morrer à porta das lojas, por falta de comida e calor? Alguma vez viu crianças pequenas descalças em pleno inverno, com a pele coberta de escaras e os membros vergados pelo raquitismo?

– Como se atreve a falar connosco dessa maneira? – perguntou Lady Lawson furiosa. – Robert, diga alguma coisa.

Sir Robert voltou costas a Essie.

– Oscar, leve a sua irmã para dentro de casa. Vá também, Alice. Não sei onde desencantou esta rapariga e não faço ideia porque a impôs à nossa presença.

– Peço desculpa – exclamou Essie zangada. – Não fale de mim como se eu não estivesse aqui. É o senhor que não tem maneiras.

– E você é o tipo de pessoa que acaba em tribunal por ter conseguido cair nas graças de uma pessoa abastada bem-intencionada com a intenção de a despojar dos seus bens.

– Robert, já chega – gritou Alice, furiosa. – Como se atreve a insultar a Essie dessa maneira?

– Eu sei defender-me, muito obrigada, Alice – disse Essie, cravando um olhar semicerrado em Sir Robert. – O senhor acha que está tão acima de toda a gente que pode dizer o que lhe apetece.

Falco interveio.

– Aí é que se engana, meu amigo. Ninguém fala assim com uma senhora à minha frente – declarou ele. Ganhou balanço com o braço e derrubou Sir Robert com um único golpe. – Para a próxima, meta-se com alguém do seu tamanho.

Lady Lawson proferiu um gemido débil e caiu desmaiada na areia molhada e Essie olhou o corpo inerte Sir Robert, sem saber o que dizer.

Alice cobriu a boca com as mãos e, por um instante, Essie pensou que ela estava a chorar, mas apercebeu-se de que, afinal, estava a rir-se. Oscar encostou-se à parede da gruta também a rir.

– Você estava a pedi-las, Rob.

– Santo Deus – exclamou Essie, aflita. – Estou a ver uma lanterna a mexer-se na praia. Vem aí alguém.

# Capítulo Dezasseis

Não foi difícil convencer os guardas aduaneiros de que o grupo era simplesmente um bando de ricos e privilegiados que tinha apanhado uma bebedeira que acabara por se descontrolar. Essie percebeu que os guardas estavam habituados àquele tipo de comportamento da parte da burguesia. Eles acreditaram na palavra de Alice, que lhes disse que ela e os seus convidados tinham descido até à praia pelo íngreme caminho da falésia e deixaram a gruta sem investigar mais. O facto de Sir Robert e Lady Lawson terem passado a maior parte do tempo do curto interrogatório inconscientes em nada agravou a situação. E Oscar estava tão decidido a corroborar o relato de Alice dos acontecimentos que Essie se perguntou se ele estaria a esconder alguma coisa. Falco pouco disse e Essie optou por manter-se em silêncio

Sir Robert estava zonzo e mal-humorado quando recuperou os sentidos e Lady Lawson estava chorosa, mas eles conseguiram regressar ao escritório sem sobressaltos e toda a gente se foi deitar à exceção de Oscar e de Falco que optaram por acabar com a garrafa de brande antes de irem dormir.

Na manhã seguinte, o ambiente ao pequeno-almoço era frio e os Lawson partiram assim que terminaram a refeição, levando um Oscar ressacado com eles. Alice e Essie acompanharam-nos à saída, mas as despedidas foram breves.

– Estou preocupada – declarou Alice quando entraram em casa. – O Robert é magistrado e receio que ele apresente queixa contra o Falco.

– Ele não disse nada ao pequeno-almoço – respondeu Essie, olhando-a ansiosa. – Afinal de contas, se ele admitir que sabia da existência do túnel, coloca-se numa situação delicada.

– É verdade, mas eu acho que é melhor a Essie e o Falco regressarem hoje para Londres. Nós já organizámos tudo aqui e eu sei que posso deixar a gestão da propriedade entregue ao Havers e a senhora Wills é totalmente de confiança. Agora que o Smeaton se foi embora deve voltar tudo ao normal, se bem que eu virei cá mais vezes do que dantes.

– Tem razão, Alice – respondeu Essie, com relutância. – É melhor eu ir para casa. Escrevi ao meu pai a dizer que estava em segurança e, por isso, não vai ser um grande choque quando eu aparecer. Tenho também de levar o meu ouro a um negociante.

– Não, não faça isso – disse Alice, sacudindo a cabeça vigorosamente. – Tem de ficar em Hill Street até as coisas assentarem. Sabe onde encontrar o Watkin Gilfoyle, o advogado do Raven. Ele é de total confiança e pode confiar nele para tratar dos seus assuntos. Ele vai certificar-se de que recebe o melhor preço pelo ouro e vai dar-lhe conselhos sobre investimentos. Tem contactos na City e vai garantir que não a enganam.

– Então e o meu pai?

– Vá visitá-lo, claro, mas talvez seja mais sensato não partilhar informações acerca das suas finanças. Pelo que me disse, não me parece que o seu pai seja um homem de negócios e ele pode esperar que lhe entregue parte da sua fortuna. Isso, na minha opinião, seria um enorme erro.

– Tem razão – respondeu Essie, calmamente. – O meu pai havia de esperar que eu não lhe faltasse com a cerveja para o resto da vida.

– O dinheiro é seu, Essie, mas não vai ficar rica por muito tempo se outros se aproveitam dele para satisfazer necessidades egoístas. O Tully leva-a e ao Falco à estação e pode vir buscar-me depois. Eu regresso a Daumerle hoje e volto para Londres quando tiver a certeza de que está tudo a correr sobre rodas.

– Então e o Sir Robert e a mulher dele?

– Não se preocupe com eles. Vou deixá-los arrefecer durante vinte e quatro horas e depois vou até Atherton Hall apresentar as minhas desculpas.

– Acha que ele irá esquecer a noite de ontem?

– O Robert há muito que anda com um dos meus caçadores debaixo de olho. E se eu lho oferecer por um bom preço, ele estará disposto a esquecer praticamente tudo. A Prissy faz o

que o Robbie lhe disser e em breve esquecerá. Ela às vezes pode ser um pouco tonta, mas tem bom coração. Agora é melhor subir e fazer as malas, que eu vou dizer ao Falco para a levar para Londres.

– Então e o *Santa Gabriella*? O Falco de certeza que vai querer voltar para o seu navio.

– Deixe-o comigo – respondeu Alice, num tom convencido. Esta noite estará em Londres, prometo-lhe.

– O seu plano só tem uma falha – disse Essie. – Da última vez que lá estivemos, eu e a Sadie éramos criadas. O Fielding vai-nos expulsar.

– Tem razão, claro. Talvez seja melhor voltar para casa, mas lembre-se do que eu lhe disse e leve o ouro ao Gilfoyle assim que possa. Pode confiar inteiramente nele.

– Tenho a certeza que sim, mas não é justo pedir ao Falco que venha para Londres comigo e o meu pai ficaria com uma ideia errada se eu aparecesse com um capitão estrangeiro a reboque.

Essie imaginou de repente o pai a enrolar as mangas e a ameaçar a vida de Falco se ele não fizesse dela uma mulher honesta.

– Não sei – disse Alice, indecisa. É uma viagem muito longa para fazer sem um acompanhante, sobretudo com aquele pedaço de ouro em sua posse.

– Não me parece que alguém vá desconfiar que eu transporto uma fortuna na minha bagagem e a Sadie vai comigo. Nós já demos a volta ao mundo, acho que consigo chegar a Londres sem um guarda-costas.

– Muito bem, se tem a certeza e atrevendo-me a acreditar que o Falco queira voltar para o seu navio, talvez seja melhor assim. Mas eu mando recado logo que chegue a Hill Street e quero que a Essie e a Sadie vão ter comigo. A sua vida está prestes a mudar e pode dizer adeus a Limehouse.

*

White’s Rents tinha um ar ainda mais assombroso do que Essie recordava. O comboio percorrera o glorioso campo num dia perfeito de primavera, com árvores e arbustos a rebentarem com folhas e os campos cheios de vacas plácidas, ovelhas pontilhadas e cordeiros energéticos, mas em Limehouse o sol nunca parecia conseguir penetrar por entre os armazéns e as manufaturas que ladeavam as ruas estreitas. Por cima dela, nuvens em forma de cauda de égua deslizavam pelo céu azul e provocavam os habitantes com falsas promessas de dias suaves banhados de sol que estavam ainda para chegar, mas ao nível do chão continuava a ser inverno.

Era final da tarde e havia estendais espalhados pela rua, de onde pendiam roupas escuras e flácidas, que apanhavam ainda mais sujidade daquele ar poluído. O cheiro da cervejaria invadiu Essie como um pano húmido. Uma jovem mulher aproximou-se delas, com a atenção focada na criança que trazia agarrada às suas saias e às duas meninas mais velhas que corriam à sua frente. Essie reconheceu-a como sendo Marie, a mulher de Saul Hoskins, mas o seu cumprimento foi recebido com ouvidos de mercador, enquanto a mulher repreendia as gémeas e o bebé começava a gritar. Era evidente na barriga dela que em breve haveria uma adição à família e mais uma boca para alimentar.

Sadie tapou a boca com a mão.

– Que mal cheira aqui, Essie. Quem me dera ter ficado no campo.

Essie sentia o mesmo, mas conseguiu esboçar um sorriso.

– Quando nos habituamos, não é assim tão mau. Seja como for, não vamos ficar aqui muito tempo. Mas não diga nada a ninguém. Parou à frente do número sete e rodou a maçaneta da porta com facilidade, abrindo-a.

– Pai, está aí? Sou eu, a Essie.

Entrou em casa, mas deteve-se quando se defrontou com uma mulher grande, que envergava um robe que mal a cobria e aparentemente pouco mais.

– Quem é você? – perguntou à criatura desleixada com o cabelo pintado de um vermelho muito artificial e escuro nas raízes.

– Não pergunte por mim. Quem raio é você? – perguntou a mulher. – Como se atreve a entrar assim pela minha casa dentro sem bater à porta?

– A sua casa?! – A voz de Essie subiu uma oitava. – Onde está o meu pai?

– Essie?! – Os pés descalços de Jacob embatiam nas tábuas do soalho enquanto ele caminhava. – O que é que estás aqui a fazer? Porque não me avisaste que vinhas?

– Quem é esta, pai? – perguntou Essie, deixando cair a mala pesada na ombreira da porta? O que faz ela na nossa casa?

– Eu vivo aqui, querida – disse a mulher, cujo tom mudou ligeiramente e cujo lábio carnudo se estendeu num sorriso estranho. – Imagino que não te pareça bem, mas é tudo honesto e nos conformes – disse, estendendo a mão esquerda. – É legal, querida. Eu sou a tua nova mãe.

– Devias ter-me avisado que vinhas, moça – resmungou Jacob.

– Casou-se com esta mulher?

– Não posso negar – respondeu Jacob, acenando a cabeça.

– Eu só estive fora uns meses, pai. Como é que isto aconteceu?

– Deixaste-me sozinho. Quando encontraram o barco perdido, eu pensei que tinhas morrido. Tinha de ter alguém para tratar de mim. A Annie ofereceu-se para me fazer o jantar um dia e começou assim – disse ele, enrolando os braços em torno dos ombros carnudos de Annie. – Foi uma sorte para mim ela ter sido despedida por beber um ou dois goles quando estava a trabalhar no bar.

– Deixe-me ver se percebi, casou-se com esta mulher quando pensou que estava de luto pela sua filha?

– E depois? – perguntou Annie, espetando o queixo.

– Tu não estavas morta e deixaste o pobre homem na miséria. Ele estava doente e a precisar do amor e carinho que eu lhe dei.

Sadie puxou a manga de Essie.

– Vamos ficar aqui ou não?

Jacob abriu a boca para responder, mas foi silenciado pelo olhar penetrante da mulher.

– Não há lugar para duas mulheres nesta casa – respondeu Annie, dando-lhe uma cotovelada nas costelas. – Não é verdade, querido?

– Eu pensei que te tinhas ido, Essie – disse Jacob, com um sorriso defensivo. – Tens de compreender a minha situação atual.

Essie dirigiu-se às escadas.

– Percebo perfeitamente, pai. Vou pegar nas minhas coisas e vamos embora.

Com uma agilidade surpreendente para uma mulher tão grande, Annie barrou-lhe o caminho.

– Não vais encontrar nada lá em cima. Eu tive de esvaziar o quarto para meu uso pessoal.

– Não tinha o direito de mexer nas minhas coisas – disse Essie, zangada. – O que fez às minhas roupas?

– Não valiam grande coisa. Mal deram para uma garrafa de Blue Ruin.

– Você vendeu as minhas coisas? – Essie não podia acreditar no que estava a ouvir.

– Que maldade – disse Sadie, dando um encontrão a Annie que a fez perder o equilíbrio. – Você é má.

Annie recuperou o equilíbrio e deu uma bofetada na têmpora de Sadie que a derrubou ao chão.

– Saiam da minha casa – exclamou num guincho. – Jacob, diz à tua rapariga que leve esta malcriada e que se vá embora.

Essie ajudou Sadie a levantar-se.

– Eu não ficava aqui nem que me pagassem – disse, furiosa. – Pai, tire bom proveito desta megera – declarou, caminhando rapidamente até à porta e recolhendo a sua mala. – Venha, Sadie. Vamo-nos embora.

Jacob seguiu-a, ignorando Annie.

– Não te vás embora assim, querida.

– Desculpe, pai, mas está a ver o que se passa.

– Para onde vais?

– Não se preocupe comigo – respondeu Essie e pôs-se em bicos de pés para dar um beijo na bochecha peluda do pai. – Tome conta de si, pai, e não a deixe estragar a vida.

Saiu para a rua seguida por Sadie.

– Eu ouvi isso – gritou Annie. – Vai e não voltes, é o que eu desejo.

– Cala-te, Annie – disse Jacob ao fechar a porta. Mas ela continuava a ouvir a madrasta a reclamar com ele. À medida que se afastavam, o ruído da voz de Annie misturou-se com os barulhos da rua.

– Para onde é que vamos? – perguntou Sadie a chorar. – Vamos ter de dormir na rua?

– Claro que não. Eu tenho dinheiro para pagar uma noite de alojamento. Só temos de encontrar uma estalagem respeitável. Mas primeiro quero ir ver um velho amigo.

Essie estava determinada em encontrar Ben, apesar de não ter a certeza se seria bem-sucedida. A descoberta de que tinha uma madrasta tinha sido um choque.

Nunca tinha imaginado que o pai voltasse a casar e a noiva que ele tinha escolhido era uma escolha duvidosa, mas por agora ela tinha problemas mais urgentes para resolver. Seguiu até Fore Street e para a doca de Duke Shore, onde esperava encontrar Ben, mas não viu sinais do barco de Diggory Tyce. Essie deu-se conta de que estava a ser alvo de olhares curiosos da parte de homens que em tempos a teriam cumprimentado com um sorriso e um aceno de mão e sentiu-se uma estranha no lugar que outrora considerara a sua casa.

– Eu estou assim tão diferente, Sadie? Não percebo porque olham para mim como se eu fosse estrangeira.

Sadie assoou-se a um pedaço de lenço de mão.

– São as vestimentas, Essie. Estamos as duas acostumadas a vestir coisas chiques como a Lady Alice e é isso que os faz ficar a olhar.

– Eu sou a mesma pessoa que sempre fui – disse Essie, apertando a *écharpe* à volta dos ombros quando o vento frio do norte fustigou o rio, agitando a sua superfície e a maré que subia adquiriu os tons de chá do rio Tamisa.

– Onde estará o Ben? Preciso falar com ele.

– É o seu namorado? – perguntou Sadie, com inocência. – Acha que ele teve saudades suas?

– Nós éramos amigos – respondeu Essie com firmeza. – Apenas amigos, apesar de achar que ele queria mais de mim do que eu estava disposta a dar. Quando for mais velha, vai perceber.

– Vem um homem grande na nossa direção. Parece conhecê-la. Essie voltou-se e viu Diggory Tyce a caminhar para elas.

– Se és um fantasma, és dos bons – disse ele detendo-se para olhá-la de alto a baixo. – E não te saíste mal. Bem vejo pelas roupas que vestes.

– É uma longa história – respondeu Essie, casualmente. – Mas como diz, estou bem viva e à procura do Ben.

– Pobre rapaz, partiu-se-lhe o coração quando pensou que te tinhas afogado. Não sei o que ele vai pensar quando te vir vestida como uma ricaça.

– Onde é que ele está? – perguntou Essie, com urgência. – Quero falar com ele.

– Tenho a certeza que queres, mas eu mandei o rapaz rio abaixo e ele demora uma hora ou mais – disse Diggory, caminhando para ela, mas Essie recuou.

– Eu encontro-o. Não precisa de lhe dizer nada.

Ela afastou-se, com Sadie ao seu lado.

– Eu não confio nele – sussurrou Sadie.

– E tem razão. Eu também não. Vamos alugar um quarto em White Hart só por esta noite e amanhã de manhã vou ter com o gestor de Lady Alice. Nós precisamos de uma casa, Sadie e essa será a minha grande prioridade.

Caminharam em silêncio. Tinha sido um longo dia. Essie estava cansada e doíam-lhe as pernas e os braços. A mala de viagem estava pesada, e tinha as pepitas de ouro. Levá-la para um lugar seguro era a sua maior preocupação.

Chegaram ao *pub* sem incidentes e a senhora Steptow, a proprietária, levou-as até um quarto que ficava debaixo do beiral.

– Por norma não alugamos quartos – disse a mulher, olhando para Essie com curiosidade. – Mas o meu marido conhece bem o seu pai. Ou conhecia, antes de se juntar com a Annie Ginger. Ela trabalhava para nós, mas o gostinho pela bebida levou-lhe a melhor e o meu velhote teve de a mandar embora.

– Pois, eu conheci-a hoje – disse Essie, deixando cair a mala em cima da única cama do quarto e deixando uma marca no colchão de estopa.

– Santo Deus, você traz tijolos na mala? – gracejou a senhora Steptow.

– Tenho nela todas as minhas posses, incluindo o ferro de engomar. Nunca consegui usar um vestido amarrotado – disse Essie, tentando soar casual. O que menos queria era despertar a curiosidade da mulher.

A senhora Steptow entregou-lhe uma chave.

– Bem, querida, o que quer que lá tenha está em segurança. Pode trancar a porta e ninguém a incomoda lá em cima. É só uma noite, não é? Para si e para a sua irmãzinha?

Essie anuiu e lançou um olhar de aviso a Sadie.

– Para já é. Poderemos precisar do quarto mais uns dias. Depende do tempo que eu demorar a encontrar um sítio permanente.

– Ela expulsou-a, foi? Parece mesmo coisa da Annie Ginger. Ela não é de partilhar a sorte. Tenho pena do seu pai, a verdade é essa. Grite se precisar de alguma coisa, querida. E é muito bem-vinda a jantar connosco se tiver fome. Eu mando a minha filha com um tabuleiro quando estiver pronto. Não vai querer misturar-se com a escumalha que atendemos no bar, não são companhia digna para jovens moças.

Ela saiu do quarto e fechou a porta atrás de si.

– Quem me dera ser sua irmã, Essie – disse Sadie, que caiu na cama. – Não consigo dar mais um passo hoje.

– Não tem de sair mais hoje, mas se não se importar de ficar sozinha uma horita mais ou menos, eu vou ao cais à procura do Ben. Não quero que ele saiba que eu voltei por outra pessoa. – Essie abriu a mala e tirou de lá a camisa de dormir. – Amanhã vamos estar ocupadas e espero que o senhor Gilfoyle nos arranje um sítio para viver. Não era bom termos uma casa nossa?

Voltou-se e viu Sadie enroscada na cama, a dormir profundamente.

Essie tapou a rapariga com a colcha e arrumou a mala num armário. Saiu do quarto e desceu as escadas das traseiras do edifício para a rua. A luz do dia estava a esvanecer rapidamente e ela apressou o passo. Foi acossada várias vezes por homens bêbedos que lhe ofereciam dinheiro por prazer, mas ela conseguiu escapar-lhes e chegou ao cais de Duke onde encontrou o barco de Tyce já ancorado, mas não havia sinais de Tyce nem de Ben. Dirigiu-se ao escritório do embarcadouro na esperança de encontrar Ben antes de ele ir a casa jantar, mas as portas encontravam-se trancadas e estava invulgarmente silencioso. Essie continuou a andar, procurando Ben a caminho de casa, mas não viu sinais dele. A escuridão envolvia rapidamente a cidade e os candeeiros a gás tremeluziam à superfície do rio, brincando com as ondas como se fossem pirilampos marotos. Essie tinha passado a maior parte da sua vida em Limehouse e estava acostumada a estar às escuras, mas sentiu que estava a ser seguida e apressou-se até às próximas escadas que a levariam à zona relativamente segura de Fore Street. Essie tinha o coração acelerado e

combateu um sentimento de pânico quando se aproximava das escadas. Por fim, incapaz de aguentar mais, parou e virou-se.

– Você – ofegou. – Eu já devia saber. Deixe-me em paz, Diggory Tyce.

Ele lançou-se sobre ela e o seu abraço quase a deixou sem respirar.

– Andaste a brincar ao gato e ao rato comigo durante anos e está na hora de aprenderes uma lição.

– Não sei do que está a falar. Largue-me ou eu grito.

– Ninguém te vai ouvir, por isso grita para aí. Eu gosto quando as mulheres gritam até não poderem mais – disse Diggory, agarrando-a com um braço musculado e rasgando-lhe a blusa com a mão que tinha livre. – Eu esperei muito tempo por isto, Essie Chapman.

Essie abriu a boca para gritar, mas ele tapou-a com os lábios dele e enfiou-lhe a língua na boca até ela pensar que ia sufocar. Ela pontapeou-o, mas ele atirou-a contra a parede de tijolo. O cheiro e o sabor dele enojaram-na e cada movimento dela parecia excitá-lo mais. Ela lutava com toda a sua força, mas não conseguia fazer frente a um homem com aquele tamanho e força. O peso dele a empurrá-la contra a parede dificultou-lhe a respiração e ela estava prestes a perder os sentidos quando ele foi arrancado para longe dela com tal violência que ela caiu ao chão. Na escuridão, ela apenas conseguia decifrar as sombras de dois homens que lutavam ferozmente. Havia punhos a voar e botas a pontapear, acompanhados por grunhidos ruidosos quando os golpes eram certeiros. Essie pôs-se de pé com esforço e uniu a blusa rasgada com uma mão trémula. O seu primeiro instinto foi procurar um lugar seguro, mas o homem que viera em seu auxílio não estava a ter sucesso e ela olhou à volta à procura de alguma arma que pusesse fim àquele conflito desigual. Tyce parecia estar a ganhar, mas Essie estava a baixar-se para apanhar o cabo partido de uma picareta quando ele foi deitado ao chão por um murro que o deixou sem sentidos. Essie recuou e brandiu o pau.

– Essie? Eu ouvi aquele bruto a chamar o teu nome. És mesmo tu?

A arma escorregou-lhe dos dedos flácidos.

– George? – De repente, ela estava envolvida num abraço que a levou de volta à infância e as lágrimas escorreram-lhe pelo rosto. – És mesmo tu. Eu era capaz de te reconhecer em qualquer lado, mesmo depois de tantos anos. Não acredito.

Ele estendeu os braços para olhar para ela.

– Está demasiado escuro para te ver bem, Essie, mas pareces e soas mesmo como a mãe. – Olhou para corpo inerte de Diggory esparramado no chão. – Ele já recupera os sentidos num minuto ou dois. Vamos sair daqui e podes contar-me porque andas a vaguear sozinha nas docas a esta hora da noite.

Sem protestar, Essie deixou-o levá-la pelas escadas até Fore Street. Ela deteve-se debaixo de um candeeiro de rua e olhou para o irmão que não via há tantos anos.

– É um milagre – disse calmamente. – Tu salvaste-me, George. Apareceste vindo do nada.

– Não é bem assim – respondeu ele, a sorrir. – Estou a trabalhar na doca desde que cheguei há dois meses.

– Porque não foste para casa?

– Sabes a resposta a essa pergunta tão bem como eu, mas fiquei por aqui na esperança de te encontrar.

– E vieste em minha defesa.

– Vi o Tyce a agredir uma jovem e não ia ficar parado sem fazer nada. Quando ele disse o teu nome passei-me – disse, pegando nela pelo braço. – Anda, Essie. Não podemos ficar aqui. Onde estás hospedada.

– Tenho um quarto no White Hart – disse Essie, levando a mão à boca. – E deixei a Sadie lá sozinha. Ela vai pensar que eu tive algum acidente.

– Podes dizer que o Tyce é um acidente, acho eu. Eu conheço esse homem há muito. Ele não presta e nunca vai prestar.

– Eu não o encorajei, George.

– Claro que não. Eu nunca pensei semelhante coisa – respondeu George, acelerando passo. – Afinal, quem é a Sadie?

– Oh, George, tenho tantas coisas para te contar, nem sei por onde começar.

– Começa pelo princípio. Sempre achei que era o melhor.

Essie apertou-lhe o braço.

– Não, por uma vez na vida, podes responder-me a algumas perguntas. Onde estiveste este tempo todo e porque não tentaste contactar-me?

– Fui para o mar, Essie. É tão simples quanto isso. Depois daquele desentendimento com o pai, eu fui até à doca e encetei conversa com o marinheiro de um navio que ia para a Nova Zelândia. Ele aceitou-me a bordo e o capitão contratou-me como ajudante.

– Vinhas muitas vezes a Londres.

– De vez em quando, mas não conseguia ir lá a casa. Tinha saudades tuas, claro, mas achava melhor ficar longe. Nunca vou perdoar o velho pela maneira como tratou a mãe, mas tu eras demasiado jovem para te lembrares.

– Sempre esperei que tu voltasses, mas não pensei que fosse assim.

– Havemos de compensar o tempo perdido. Agora eu vou ficar em terra. Amealhei algum dinheiro quando andava em viagens longas e fui poupado sempre que fiquei em terra. Pensei em estabelecer-me nalgum negócio, se bem que ainda não sei qual.

Os dois irmãos pararam em frente ao White Hart e ele pegou nas mãos dela.

– É melhor eu deixar-te descansar. Pareces exausta, rapariga – disse ele, fitando-a de sobrolho franzido. – Ele magoou-te? Se o fez, eu vou lá e acabo com ele.

Ela sacudiu a cabeça.

– Não, George, tu chegaste mesmo a tempo. Nunca fiquei tão contente por ver alguém na minha vida, e agora que sei que és tu, ainda me sinto melhor. Nem acredito que estás mesmo aqui.

– O mesmo digo eu – disse ele, estendendo-a nos braços à sua frente. – Quem havia de dizer que aquela menina magricela havia de se tornar uma mulher lindíssima?

– Eu adorava-te e sofri muito quando tu partiste.

– Havemos de recuperar o tempo perdido, Essie. Entra e vai dormir. Amanhã passamos o dia juntos e podes falar-me mais de ti. Venho ter contigo logo de manhã.

– Tenho tantas coisas para te contar.

Ele sorriu e, de repente, parecia um rapazinho.

– Diz-me uma coisa. Porque estás hospedada aqui se tens casa ao fundo da rua? O velho também te expulsou?

– Não, mas é uma longa história. Eu estive fora vários meses e quando regressei a casa descobri que o pai tinha voltado a casar e ela não é a madrasta que eu desejaria a ninguém.

George anuiu e ofereceu-lhe um sorriso compassivo.

– Imagino o género – disse. Inclinou-se para a beijar no rosto.

– Boa noite, boneca. Sonhos cor-de-rosa…

– Não tenhas medo do papão – disse Essie, terminando a frase pelo irmão com uma risada. – Boa noite, meu querido irmão. Nem imaginas como estou feliz por voltar a ver-te.

*

Essie foi acordada pelo barulho de alguém a bater-lhe à porta do quarto. Sentou-se na cama, ainda tonta de sono.

– Quem é?

– A senhora Steptow, menina. Está um cavalheiro lá em baixo, diz que é seu irmão.

Essie saltou da cama.

– Obrigada, senhora Steptow. Pode ter a amabilidade de lhe pedir que espere? Eu desço já.

– Sim, menina – respondeu a senhora Steptow, que não parecia muito satisfeita. Mas Essie estava demasiado excitada para se importar. Debruçou-se e sacudiu Sadie pelo ombro.

– Acorde. Quero que conheça uma pessoa. Pressinto que vai ser um dia maravilhoso.

# Capítulo Dezassete

George levou-as a um café para tomarem o pequeno-almoço e ouviu em silêncio o relato de Essie das aventuras que ela e Sadie tinham partilhado com Lady Alice e com Raven.

– Os meus tempos no mar parecem muito calmos comparados com o que vocês passaram – disse ele, num tom de admiração. – Nem acredito que a minha irmã mais nova se tornou numa mulher tão decidida e valente.

– Tive sempre a Sadie ao meu lado – insistiu Essie. – Ela agora faz parte da família.

Ele sorriu e anuiu.

– Claro, e é mais do que bem-vinda, jovem Sadie – declarou ele. Mas a sua expressão ensombrou-se. – Mas eu não sei como vou cuidar das duas. Tenho vivido em pensões baratas desde que desembarquei e não ganho o suficiente para alugar uma casa decente num sítio melhor. Limehouse não é o melhor dos lugares.

– Essie içou a sua mala para cima da mesa.

– Eu tenho a solução, George.

– O que tens aí dentro? Parece pesar uma tonelada.

Essie olhou à volta, nervosa, mas àquela hora tão precoce havia poucos clientes e estavam na conversa entre si, entre canecas de café fervilhante, demasiado envolvidos nos seus próprios assuntos para se ocuparem de mais alguém.

– Eu falei-te do pobre Beasley – disse Essie em voz baixa. – Bom, este é o legado dele. O pobre homem entregou-mo antes de morrer, e eu vou levá-lo ao advogado de Lady Alice em Lincoln Inn. Quanto mais depressa lá chegar, melhor.

– Tu estás a dizer aquilo que eu penso?

– Ouro – sussurrou Essie. Uma grande pepita que vale uma fortuna e outra mais pequena que eu encontrei no riacho em Ballarat.

George fitou-a, com uma expressão de descrença no rosto.

– Estás a gozar.

– Não vou mostrar agora, mas em breve as verás, se fores connosco ao solicitador.

George bebeu o que restava do seu café.

– Claro que vou.

*

Witkin Gilfoyle pegou na pepita maior com as duas mãos e assobiou.

– Isto deve valer uma fortuna, menina Chapman. A menina está rica.

George ficou em estado de alerta.

– Eu estou aqui para garantir que a minha irmã não é enganada.

– Posso assegurar-lhe que tal não irá acontecer comigo a tratar da situação – respondeu Gilfoyle com firmeza.

– O meu irmão não quis faltar-lhe ao respeito, senhor – disse Essie, lançando um olhar de advertência a George. – Mas de onde nós vimos é difícil distinguir quem é honesto de quem é capaz de nos roubar a roupa do corpo.

– Precisamente – respondeu Gilfoyle, olhando-os de sobrolho franzido. – De ora em diante, essa será a minha responsabilidade, caso decida contratar-me como seu representante legal.

Sadie balançou entre um pé e o outro.

– O que está ele a dizer, Essie?

Essie fez-lhe sinal com o dedo para se calar.

– Sim, senhor Gilfoyle, eu quero que se encarregue dos meus assuntos e, mais importante do que isso, precisamos de um sítio para morar. Precisamos de encontrar casa o mais depressa possível.

– Estou a ver – disse Gilfoyle, olhando para cada um deles. – Isso inclui-o, senhor?

George voltou-se para Essie, de sobrolho arqueado.

– Quem decide é a minha irmã. Nós passámos muito tempo separados, fruto de circunstâncias que não irei descrever agora, mas ela sabe que eu sempre a amei e que quero cuidar dela o melhor que sei.

– O senhor não trabalha, presumo? – Gilfoyle analisava George como se quisesse memorizar cada traço do rosto dele.

– Desembarquei recentemente de um navio, senhor, e há dois meses que estou a trabalhar nas docas, mas tenho algum dinheiro de parte e tenciono estabelecer-me.

– Com a ajuda da sua irmã, bem entendido.

Essie encolheu-se diante da insinuação de que o irmão podia estar a aproveitar-se dela, mas George respondeu antes de ela ter a oportunidade de o defender.

– Eu acabo de descobrir o golpe de boa sorte da minha irmã e não tenciono ficar nem com um cêntimo do dinheiro dela.

– Folgo em sabê-lo – respondeu Gilfoyle com o esboço de um sorriso. – Parece que estamos ambos a defender os melhores interesses dela, senhor Chapman.

George anuiu.

– Certamente.

– Nesse caso, entendemo-nos – disse Gilfoyle, pegando numa resma de papéis que folheou. – Ah, aqui está ela. Eu tenho uma propriedade para arrendar que parece ir ao encontro dos vossos requisitos atuais. Está completamente mobilada e dentro das suas posses, menina Chapman. Pertence a um cliente meu e foi-me pedido que encontrasse um bom inquilino e parece-me que ficariam ambos bem servidos.

– A sério? – Essie mal conseguia conter a excitação. – Onde fica, senhor Gilfoyle?

– Trata-se de uma casa encantadora, em Curzon Street, junto a Park Lane. Está a uma curta distância de Hyde Park e não é longe da casa de Lady Alice na cidade, em Hill Street. Acho que ficariam muito confortáveis lá.

– A sério? – disse Essie, ávida. – É suficientemente grande para nós todos? Quero dizer, há espaço para o meu irmão, para

além de mim e da Sadie?

Gilfoyle anuiu, a sorrir.

– Creio que achará a casa muito espaçosa, menina Chapman. Presumo que queira manter o pessoal? O atual dono morreu no estrangeiro e deixou tudo a uma sobrinha que tem uma propriedade em Yorkshire e não tem interesse pela vida de Londres.

– Eu não estou certa se terei dinheiro para pagar a empregados, senhor – disse Essie, com dúvida na voz. – Terei dinheiro que chegue para isso?

– O dinheiro é a menor das suas preocupações, menina Chapman. Vou certificar-me de que é mantida a par de todos os seus bens e talvez me autorize a aconselhar-lhe alguns investimentos?

George aclarou a garganta ruidosamente.

– Se me permite a pergunta, senhor, mas como podemos saber que dará os melhores conselhos à Essie? Sem querer ofender, claro.

– Não me ofende, senhor Chapman. Eu percebo o seu dilema e tudo o que posso dizer-lhe é que a Lady Alice Crozier me confiou todos os seus assuntos desde que atingiu a maioridade e herdou uma fortuna. Talvez devesse dar-lhe uma palavrinha antes de tomar alguma decisão?

Essie sacudiu a cabeça.

– Não, senhor. Obrigada, mas eu fico descansada em entregar-lhe tudo. Eu sei o quanto a Lady Alice confia em si e isso é o suficiente para mim.

– Esplêndido. Estou certo de que quererá ver a casa antes de assumir o arrendamento?

Sadie puxou a manga de Essie.

– Podemos? Por favor

– Claro que sim – respondeu Essie. Ia levantar-se, mas hesitou e olhou para Gilfoyle preocupada. – Há apenas um problema, senhor.

– Qual é, menina Chapman? – Gilfoyle debruçou-se e fixou-a com um olhar penetrante. – Em que mais posso ajudá-la?

– Eu não tenho muito dinheiro comigo, senhor – respondeu ela e olhou para George.

– Eu trato de ti – declarou ele, com firmeza. – Já te disse que tenho dinheiro amealhado.

– Não será necessário, senhor – respondeu Gilfoyle, que pegou numa campainha de metal e tocou. – Vou pedir ao meu escriturário que lhe faça um adiantamento de dinheiro para as primeiras impressões, menina Chapman. Acha que cinquenta chega?

– Cinquenta xelins é uma grande ajuda, senhor – respondeu Essie, contendo um suspiro de alívio.

– Cinquenta libras, menina Chapman. Vai ter mais despesas, agora que está a subir na sociedade.

Essie fitou-o pasmada. Cinquenta libras era uma fortuna, ela nunca tinha tido tanto dinheiro na vida.

– Eu não tinha planeado viver como uma burguesa, senhor Gilfoyle.

Ele riu-se.

– Vai descobrir que a burguesia tem uma atitude diferente de nós, comuns mortais, no que toca a dinheiro, menina Chapman. Seja como for, vai precisar de dinheiro para pequenas coisas: luvas, leques, fitas e galões, as pequenas coisas sem as quais as senhoras não vivem.

– O que é um galão? – sussurrou Sadie. – É de comer? É que eu estou cheia de fome e já passou muito tempo desde o pequeno-almoço.

Essie ia responder quando a porta se abriu e o escriturário de Gilfoyle entrou na sala.

– Chamou, senhor?

– A menina Chapman está a pensar ficar com a propriedade de Curzon Street, Phipps. Envie mensagem para lá a avisar os empregados da sua chegada e entregue-lhe cinquenta libras do

cofre – disse. Olhou pela janela. – E peça ao rapaz que procure uma charrete. Parece que vai chover.

*

Eles chegaram a Curzon Street a meio de uma tempestade. O céu estava carregado de nuvens escuras e o ar estava abafado e sulfuroso. A charrete parou na esquina de uma casa gradeada com cinco pisos. Munida de um pórtico imponente e de varandas em ferro forjado, parecia tão grandiosa que Essie se interrogou se se teriam enganado na morada. George abriu a porta, desceu para o passeio e estendeu a mão a Essie para ajudá-la a descer. Sadie saltou do carro sem ajuda.

– Deve haver algum engano – disse Essie, ansiosa. – Esta casa é tão grandiosa como a de Lady Alice.

– É um xelim, amigo – disse o cocheiro, debruçando-se do seu poleiro e estendendo a mão.

– Tem a certeza de que estamos no sítio certo? – perguntou Essie enquanto contava os cêntimos. – Acho que deve haver algum engano.

O cocheiro pegou no dinheiro e enfiou-o no bolso.

– Não é engano, minha senhora. Estamos em Curzon Street. A entrada dos criados é por baixo das escadas – disse. Estalou o chicote e o cavalo seguiu na direção de Park Lane. Essie fitou a elegante fachada e o coração caiu-lhe aos pés.

– Se calhar vamos alugar quartos, George. Esta casa parece demasiado grande e imponente para nós.

George subiu até à porta da frente e bateu com a maçaneta de latão.

– Só há uma maneira de descobrirmos, rapariga. Se vais ser uma dama, é melhor começares a agir como tal – disse ele e estendeu-lhe a mão. – Vem daí, tu és a minha irmãzinha valente. Lembro-me de uma vez quando tinhas cinco anos e viste uma ratazana preta no quintal das traseiras. Pegaste numa vassoura e correste com ela.

Enquanto ele falava, a porta abriu-se e eles deram de caras com um mordomo de expressão austera, vestido de preto. A

memória da ratazana estava vivida na sua mente e Essie endireitou os ombros.

– Viemos ver a propriedade. O senhor Gilfoyle mandou recado.

A expressão pétrea do mordomo relaxou um pouco.

– Estávamos à sua espera, menina Chapman. Entre, por favor – disse, afastando-se para o lado para os deixar passar.

A primeira reação de Essie foi de espanto, rapidamente seguida de desânimo. No extremo oposto do amplo átrio de entrada forrado a azulejo havia uma elegante escadaria que conduzia ao primeiro andar. Era uma mansão demasiado imponente e grande para apenas três pessoas e a sua mente prática advertia-a de que os custos de manutenção deviam ser exorbitantes.

– A casa é toda para arrendar? – perguntou ela, a medo. – Ou nós vamos ficar apenas com alguns quartos?

O sobrolho do mordomo ergueu-se até à linha de implantação capilar.

– É a casa toda, claro, minha senhora.

Essie deteve-se.

– Como se chama, senhor?

– Parkinson, menina.

– Bom, Parkinson, creio que houve um engano. Acho que é melhor irmo-nos embora.

– A menina não gosta da casa? – A boca de Parkinson descaiu nos cantos, por um momento terrível, Essie pensou que ele ia chorar.

– Não, sim, quero dizer, gosto. É linda. Mas é demasiado grandiosa e excessivamente grande. Somos só nós, eu, o meu irmão e a Sadie. Vamos andar aos tombos como umas ervilhas dentro de um tambor.

Parkinson tossiu para dentro da mão ou talvez estivesse a tentar não se rir. Essie não tinha a certeza, mas ele pareceu relaxar.

– Permita-me que lhe mostre a casa, menina Chapman. É verdade que são muitas divisões, mas não estão todas a uso e os criados estão com receio de perder o trabalho se não forem encontrados novos inquilinos em breve. Julgo que ouvi falar de ser vendida.

George avançou.

– Bom, nós não podemos permitir isso, pois não, Essie? Encaminhe-nos, Parkinson. Vamos lá fazer uma visita.

Sadie agarrou a mão de Essie e seguiram Parkinson até às zonas de convívio do primeiro piso. A sala do pequeno-almoço dava para Curzon Street e Parkinson descreveu-a como sendo pequena e mais para o estreito, apesar de parecer muito espaçosa a Essie. Ele foi mais generoso em relação à sala de jantar que parecia a Essie um salão de banquetes e falou com entusiasmo da sala de bilhar e do escritório. A sala de visitas ficava no primeiro andar e era suficiente grande para merecer comentários favoráveis. A biblioteca ficava do outro lado do patamar. Nesse andar havia dois quartos e no segundo e terceiro andares encontravam-se quatro quartos espaçosos. Nas traseiras da casa havia uma suíte. Os aposentos dos criados situavam-se no último andar, mas Parkinson não se voluntariou para os levar pelas escadas estreitas e Essie não se sentiu à-vontade para perguntar. Teria gostado de inspecionar os quartos, assim como teria gostado de ver a cozinha e o salão dos empregados no andar de baixo, mas tinha aprendido em Starcross Abbey que a senhora da casa raramente se apoquentava com tais pormenores.

Parkinson conduziu-os de volta à sala do pequeno-almoço onde, como por magia, tinha aparecido uma bandeja com café e bolinhos.

– Achei que gostariam de tomar algo – declarou Parkinson com firmeza.

– Obrigada, Parkinson – disse Essie, sentando-se ao lado da cafeteira de prata.

– Isto é muito bem-vindo – disse Sadie, sentando-se numa cadeira e estendendo a mão para pegar num bolo. – Desculpem

– disse, em tom de desafio –, mas eu tenho mesmo muita fome.

George sentou-se algo desconfortável na beira do sofá chique.

– Que bela casa você aqui tem, Parkinson.

Parkinson olhou em frente.

– Isso quer dizer que está a contemplar o arrendamento, senhor?

– Quem decide isso é a minha irmã – respondeu George, pegando num bolo e enfiando-o na boca.

– É uma casa muito bonita, mas é grande demais para nós – disse Essie, que entregou uma chávena de café ao irmão e dirigiu-lhe um olhar de aviso.

George parecia entusiasmado com o lugar mas, na opinião dela, aquela mansão não se destinava a pessoas como eles. Parkinson recuou na direção da porta.

– Vou deixar-vos discutir o assunto, menina. Toque a campainha se precisar de mais alguma coisa.

Essie esperou que a porta se fechasse atrás dele.

– O que estás a pensar, George? A casa é esplêndida, mas a renda deve ser mais do que conseguimos pagar e eu nem quero pensar em quanto custará manter uma casa assim. Devíamos procurar um sítio mais pequeno e acolhedor.

George beberricou o seu café.

– A mim parece-me que vais ficar rica quando aquela pepita for vendida. Porque não vives à altura disso? Quem sabe se não vais catrapiscar um marido rico e ficas garantida para a vida?

– George Chapman! Mas que raio de coisa para se dizer – replicou Essie, olhando-o com um misto de divertimento e desalento. – Eu não estou interessada em me casar.

Ele encolheu os ombros.

– Eu pensava que as mulheres só pensavam nisso. O que mais vais fazer?

Sadie enfiou mais um bolo na boca.

– Eu não me quero casar.

– Nem eu – afirmou Essie, com veemência. Pelo menos, não para já. Quero fazer alguma coisa boa com o dinheiro. Talvez possa ajudar os pobres ou aleijados como o Beasley.

– Deus nos acuda – exclamou George, a abanar a cabeça. – Não me digas que vais ser missionária.

– Não há perigo de isso vir a acontecer – disse Essie, a rir. – Eu tenciono gozar a vida, mas não vou esquecer de onde surgiu a minha oportunidade e vou tentar fazer alguma coisa para ajudar os outros.

– Passe-me mais um bolo, Sadie – disse George, pousando a chávena e o pires de novo na bandeja. – Há mais café na cafeteira, Essie?

Ela encheu-lhe a chávena.

– O que é que achas, George? Devo ficar com esta casa? Ou peço ao senhor Gilfoyle que nos encontre um sítio mais modesto?

– Eu acho que deves ficar com ela, Essie. A tua amiga Lady Alice vive aqui perto. Se ela decidir apresentar-te ao seu círculo de amigos, tens de viver como eles.

– Mas não é isso que eu quero – protestou Essie. – Eu não quero viver no corrupio da sociedade. Eu conheci alguns amigos dela em Devonshire e não fiquei bem impressionada. Achei-os presunçosos e fúteis.

– Mas gosta do Raven e do Freddie – disse Sadie, lambendo os cristais de açúcar dos dedos, um a um. – Nós dávamo-nos todos bem em Ballarat.

– Isso era diferente – respondeu apressadamente Essie. – Nós fomos postos juntos em circunstâncias difíceis e tivemos de sobreviver. Para além disso, duvido que volte a ver o Raven ou o Freddie.

George e Sadie trocaram olhares cúmplices.

– Porque é que estão com essas caras?

– Tu deixaste os teus sentimentos claros, querida – disse George, pegando na mão dela e apertando-a. – Estás envolvida com essa família e eu não vejo um fim a isso. Fica com a casa. Mereces uma boa vida depois de tudo o que o pai te fez passar. Vive como uma senhora e diverte-te, para variar.

– Eu gosto deste sítio – disse Sadie, engolindo um pedaço de bolo. – É mais bonito do que Limehouse e cheira melhor.

Essie deu uma risada.

– Isso é verdade, mas eu preciso de falar com o senhor Gilfoyle antes de tomar uma decisão. Então e tu, George? Falaste em começar um negócio. Se estiver relacionado com o rio talvez devamos pensar melhor e procurar uma casa mais perto.

– O futuro é a máquina a vapor, Essie. A vela ainda tem o seu lugar, mas é o vapor que reina. Eu tenho falado com um tipo que tem uma embarcação e está à procura de um sócio.

– Isso significa que vais voltar para o mar? – perguntou Essie, ansiosa.

– Não necessariamente. Gostava de passar uns tempos em terra.

– Quem é essa pessoa? – perguntou Essie, desconfiada. – E como é que o conheceste?

– Ele chama-se Jack Manning e quer comprar um segundo barco a vapor, para expandir o negócio. Já atingiu o sucesso com um navio e é do tipo empreendedor.

– Mas ele quer o teu dinheiro – disse Essie, diretamente. – Tens a certeza de que ele é de confiança?

– Tu és desconfiada, Essie. Mas não te preocupes, a família do Jack tem dinheiro. O pai dele começou o negócio há muitos anos e quando morreu deixou tudo ao seu único filho. O Jack passou uns tempos no mar quando era mais novo e é respeitado.

– E tu tens dinheiro suficiente para investir?

George anuiu e sorriu.

– Eu não te estou a pedir um empréstimo, maninha. Eu poupei o suficiente para financiar este empreendimento. Ia encontrar-me com o Jack quando vi aquele galifão a atacar-te.

– Lamento – disse Essie, com sinceridade. – Isso significa que perdeste a oportunidade?

– Fui encontrar-me com ele no Bunch of Grapes depois de te ter deixado ontem à noite. Ele está tão ávido como eu para fechar o nosso negócio e eu vou encontrar-me com ele às seis horas para concluir o acordo.

– Então já te decidiste – disse Essie, olhando para ele de forma pensativa. – Achas que eu devo ficar com esta casa?

– O que diria a Lady Alice? – perguntou George, sério. – Tu pareces tê-la em grande conta.

Sadie levantou-se num salto.

– Eu sei que ela iria concordar. A Lady Alice obrigou-nos a ter lições de postura e boas maneiras e todo esse género de coisas. E – acrescentou ela num tom matreiro –, não seria uma surpresa para o Raven quando ele voltar para casa um homem livre?

*

Mudaram-se para a casa de Curzon Street no dia seguinte. Essie tinha pensado em fazer uma visita final ao pai, mas sentia que a sua nova mulher iria tornar-se um incómodo se descobrisse que a enteada tinha ganho dinheiro. Pelo menos encontrara George e, apesar de ele ter recusado a sua ajuda financeira, ela estava decidida a ajudá-lo naquilo que pudesse. Eles eram finalmente uma família e ela mal podia esperar para apresentar o seu irmão alto e bem-parecido a Alice, que ainda não tinha regressado de Devonshire. Aquilo que faltava a George em polimento de homem de cidade, ele compensava em charme natural e personalidade. Ela desejava poder apresentá-lo a Raven e a Freddie e, apesar da sua boa sorte, dava consigo por vezes a desejar estar de volta a Ballarat onde

a vida era simples e básica. Esperava que a saúde de Leah tivesse melhorado e que os filhos estivessem a cuidar dela.

As primeiras semanas foram ocupadas a instalar-se na casa nova e a conhecer os empregados. Certa manhã, Essie acordou a perguntar-se como iria preencher o seu dia. A criada tinha acendido a lareira e trouxera-lhe uma caneca de chocolate, regressando alguns minutos mais tarde para encher o lavatório de porcelana com água morna. Essie ficou sem nada mais para fazer senão recostar-se numa montanha de almofadas a beberricar o seu cacau. Suspirou e ficou a olhar para as chamas que devoravam os pedaços de carvão preto brilhante que se encontravam na grelha. O chocolate era doce e rico e quando ela desceu até à sala de jantar sabia que estaria lá uma seleção de comida de fazer crescer água na boca, servida em bandejas de prata. Era tudo tão diferente da sua vida em Limehouse, onde era uma sorte ter uma fatia de pão e molho de carne para o pequeno-almoço e muitas tinham sido as vezes em que ela tinha ido trabalhar esfomeada. Sorriu quando se lembrou daquilo que tinham cozinhado na fogueira em Ballarat. As papas de aveia com grumos eram um luxo e ela tinha ficado grata pela papa cozinhada sobre as brasas, apesar de estar queimada e pastosa.

Ainda assim, a manhã parecia não terminar. Haveria a reunião inevitável com a senhora Jackson, a governanta, uma mulher decente apesar de um pouco rígida. Essie discutiria com ela a ementa do dia e a conversa ficaria por aí. A seguir, tinha o tempo por sua conta para preencher como lhe apetecesse, a não ser que tivesse uma prova na costureira. Essie estava a precisar desesperadamente de um guarda-roupa novo, assim como Sadie. Gilfoyle, que tinha um conhecimento surpreendente daquelas matérias, recomendara-lhe uma jovem viúva que vivia relativamente perto dela e Essie considerava-a uma excelente escolha. Contudo, aquelas distrações ocupavam pouco tempo e o maior problema dela era o que fazer com tanto tempo livre. Essie voltou a colocar a caneca vazia na sua mesa de cabeceira, espreguiçou-se, bocejou e ponderou uma vez mais as suas opções. O tédio era seu inimigo e a sua casa luxuosa começava a parecer uma prisão.

George havia chegado a um acordo com Jack Manning e tinha partido para Wapping ao princípio daquela manhã e regressado ao fim do dia. Mas ele parecia estar feliz e isso era o importante para Essie. Finalmente ele tinha encontrado uma atividade condicente com a sua natureza e o seu temperamento e estava a exercitar as suas capacidades ao máximo. Ela não podia deixar de estar feliz por ele. O irmão havia descoberto a sua vocação e ela tinha de encontrar a dela, que não era ficar na cama.

Hoje, decidira, seria diferente. Sentia um friozinho na barriga, como se alguma coisa excitante estivesse prestes a acontecer e saltou da cama, lavou-se, vestiu-se e desceu até à sala de jantar.

George estava sentado à mesa a terminar um prato de *bacon* e rins *devilled.* Ele levantou-se ligeiramente da cadeira, mas Essie abanou a cabeça.

– Não te levantes, George.

Ele voltou a sentar-se.

– Levantaste-te cedo. Não estava a contar ter companhia.

– Eu tomo o pequeno-almoço todos os dias a esta hora, mas tu andas muito madrugador. Mal consigo ter tempo para falar contigo.

– Esta manhã começo a trabalhar mais tarde. O Manning encontrou um navio em que está interessado e vamos dar-lhe uma vista de olhos.

– Que excitante. Quem me dera poder vê-lo – disse Essie, que se dirigiu ao aparador e se serviu de ovos amanteigados e uma fatia de *bacon*. Ela sorriu e acenou a cabeça para a criada de mesa. – Queria uma cafeteira de café fresco, por favor, Biddy.

– Sim, menina.

– Espero que esteja melhor da sua constipação – acrescentou Essie, a sorrir.

Biddy pegou na cafeteira e fez uma vénia.

– Estou, menina. Obrigada, menina – disse e saiu apressada da sala.

– Devias ser assim tão familiar com a rapariga? – perguntou George, quando Essie se sentou ao lado dele.

– Ela é uma pessoa tal como nós – respondeu Essie calmamente. – E ontem estava com muito mau ar.

– Mesmo assim, eu já vi a cara do Parkinson quando tu conversas com os empregados. Não me parece que seja o comportamento correto.

– Esta é a minha casa, quero dizer, é a nossa casa, George. Eu trato os criados como me parecer bem. Agora fala-me desse novo navio.

George olhou para ela com uma expressão especulatória.

– Tu estás aborrecida, não estás, Essie? E não negues porque é evidente. Não foste criada para seres uma dondoca, por isso, porque não vens até às docas comigo hoje? Eu apresento-te ao Manning e talvez possas ir ver o navio connosco. Afinal de contas, tu deste a volta ao mundo num navio a vapor, por isso sabes do que estamos a falar.

Essie parou o garfo a meio caminho da boca.

– Isso seria muito excitante. Eu nunca pensei que me fosse sentir assim, mas tenho saudades da vida no rio.

– Tens pena de teres feito fortuna, Essie?

Ela olhou para a mesa de mogno envernizado, a porcelana de qualidade e o centro de mesa cheio de flores e frutas.

– Às vezes acho que não mereço isto tudo.

– Acho que precisas de sair e, se tudo correr bem, a tua amiga Alice deve voltar para Londres em breve. Eu sei que tens sentido a falta da companhia dela.

Essie anuiu.

– Pois tenho. Eu sei que tenho a Sadie e ela é uma querida, mas não é o mesmo que ter uma amiga mais próxima da minha idade.

– Será que a Sadie gostava de vir connosco?

– De certeza que sim. Vou dizer à Biddy para acordá-la e para lhe pedir que se despache ou vamos sem ela. Vai ser um belo dia de passeio.

*

Chegaram ao ancoradouro a tempo de George abrir o escritório. Essie e Sadie inspecionaram as instalações, o que não demorou muito, visto tratar-se apenas de duas divisões. O escritório da receção estava decorado com simplicidade e a sala multiusos que ficava nas traseiras tinha uma pequena lareira com uma chaleira escurecida pousada em cima de uma chapa, como se esperasse que alguém acendesse o lume. Havia uma mesa de madeira atolada de copos e pratos sujos, jornais antigos e garrafas de cerveja vazias. As paredes eram forradas a azulejos e estavam cobertas de documentos oficiais relacionados com o trabalho no rio.

– Está frio, aqui – disse Sadie, a estremecer. – Quer que lhe acenda o lume, George?

Ele espetou a cabeça pela porta do escritório.

– Mais tarde, pequena. O navio que nós vamos ver foi puxado para perto e eu acabo de ver o Jack a percorrer o ancoradouro apressadamente. Vais gostar dele, Essie. É um bom tipo. Mas vem ver o nosso prémio.

– Essie e Sadie seguiram-no até ao ancoradouro.

Um vento gelado puxou-lhes as toucas e fustigou-lhes os rostos. Essie olhou para o navio e o coração dela saltou de encontro ao corpete de renda apertado.

Ela agarrou o braço do irmão.

– George, aquele é o navio que estás a pensar comprar?

Ele seguiu o olhar dela.

– É aquele mesmo, mas foi o Jack quem investiu a maior parte do dinheiro, eu só tenho uma pequena percentagem dele, mas é melhor do que nada. Lá vem ele. Vou apresentar-vos.

Essie anuiu distraidamente, mas a sua atenção estava focada na figura familiar que estava no convés, à espera que o barco se aproximasse o suficiente para ele subir a bordo.

# Capítulo Dezoito

– Falco – disseram Essie e Sadie em uníssono.

– Quem diabo é o Falco? – perguntou George, fitando-as como se elas tivessem enlouquecido.

– É o capitão do *Santa Gabriella* – respondeu Essie, com um sorriso. – Não imagino porque terá subido o rio com o seu navio.

– Aqui está alguém que pode explicar tudo – disse George, que se voltou para cumprimentar o homem que caminhava na direção deles. – Jack, venha conhecer a minha irmã. Essie, este é o Jack Manning, o meu sócio.

– Bom dia, menina Chapman – disse Jack, que tirou o chapéu e fez uma vénia.

– Bom dia, senhor – respondeu Essie, que o olhou com curiosidade e gostou do que viu. Ele tinha um sorriso amistoso e feições agradáveis. Não diria que era atraente, mas havia algo nele que não conseguia exatamente definir. Tinha uma estatura um pouco acima da média e uma constituição robusta e dava a ideia de ser de confiança, alguém com quem se podia contar, tal como um carvalho inglês antigo.

– Então e eu? – perguntou Sadie, zangada. – Eu também aqui estou.

– Que vergonha, George – disse Jack, com um tom sério. – Onde estão as suas maneiras, senhor? Não me apresenta a sua encantadora irmã mais nova?

Essie percebeu que o irmão estava meio perdido e interveio rapidamente.

– É Sadie Dixon, senhor Manning. Suponho que podemos dizer que é minha tutelada, apesar de eu a ver mais como minha irmã mais nova.

– Como está, senhor? – Sadie apertou a mão de Jack e agitou-lhe o braço para cima e para baixo, com entusiasmo.

– Como tem passado, Sadie? – Jack presenteou-a com uma vénia e um sorriso. – Estou encantado por conhecê-la.

– Agora que passámos a fase dos cumprimentos, vamos ao negócio que interessa – disse George, impaciente. – É aquela a embarcação que está a pensar comprar, não é? – Apontou para o *Santa Gabriella*.

– Certo. Pelo que sei o proprietário quer vender rapidamente, pelo que talvez consigamos um bom preço.

– O capitão está a dirigir-se a terra naquele barco. É uma coincidência estranha, mas a Essie conhece-o e ao barco.

Essie anuiu.

– É o capitão Falco. Nós fomos até à Austrália no *Santa Gabriella* e regressámos nele. Mas da última vez que vi o Falco ele tencionava ficar em Devonshire com a Lady Alice. Fico surpreendida por vê-lo aqui.

– Olha a Alice – gritou Sadie, apontando para uma figura vestida com elegância que se encontrava no convés.

– Que bom – exclamou Essie, cheia de entusiamo – Tive tantas saudades dos dois. Mal posso esperar para estar com eles outra vez.

– A menina Chapman diz que deu a volta ao mundo naquela banheira? – perguntou Jack, incrédulo.

– Não é uma banheira! – respondeu Essie instantaneamente. – Levou-nos à Austrália através do oceano Pacífico e no regresso circundámos o Cabo Horn. É um belo navio e o Falco é um excelente capitão, mas custa-me a crer que ele esteja a vender o *Santa Gabriella*. Ele adorava o barco.

– Navio – corrigiu George, com firmeza.

– Barco ou navio, a mim tanto me faz. O *Santa Gabriella* pode gemer um pouco e beneficiava de uma pintura, mas levou-nos pelos oceanos fora e trouxe-nos a casa em segurança.

– É tudo o que eu preciso de saber – respondeu Jack, que subiu as escadas e olhou para a pequena embarcação que balançava nas águas agitadas. – O capitão Falco parece-me ser um homem razoável, George. Talvez tenha sido a providência

que o trouxe até nós, especialmente tendo em conta as experiências da sua irmã.

– O que me dizes, Essie? – perguntou George, sério. – O motor alguma vez falhou durante a vossa viagem?

– Nunca, George. As acomodações podiam ser mais confortáveis, mas nós navegámos com tempo bastante mau e a nossa segurança nunca esteve em causa. Eu nunca tive medo no *Santa Gabriella*.

– Nem meu – anunciou Sadie, com orgulho. O capitão Falco manteve-nos em segurança.

– Vais levar-nos a bordo, não vais, George? – perguntou Essie, ansiosa. – Eu quero ver a Alice.

– Sim, se o Jack não se importar.

Jack virou a cabeça e sorriu.

– Claro que não. A sua opinião é importante para mim, menina Chapman.

– Chame-me Essie – disse ela, com firmeza. – Obrigada, Jack.

Ela colocou-se ao lado dele enquanto o barco se dirigia a eles, lutando contra o vento e a maré, até chegar à base dos degraus.

Falco subiu para terra, todo sorridente, e ao chegar ao embarcadouro e envolveu Essie num abraço caloroso.

– Mas que surpresa. Pareceu-me ver o rosto de um anjo e depois vi que era a Essie. Mas você era a última pessoa que eu imaginava ver à minha espera.

– Eu não sabia de nada disto, Falco. Estou tão surpreendida como você.

– Eu não percebo – disse ele, franzindo a testa. – Pensei que vinha conhecer um potencial comprador. Não é você, pois não?

– Claro que não.

Jack aclarou a garganta.

– Bem-vindo a terra, capitão Falco – disse ele, apertando a mão de Falco. – Eu chamo-me Jack Manning e sou o interessado na compra do seu navio, desde que ele satisfaça os meus critérios e cheguemos a um acordo satisfatório, obviamente.

George deu um passo em frente.

– E eu sou o sócio do Jack, capitão. George Chapman.

– Chapman? – Falco voltou-se para Essie com um olhar inquiridor.

– O George é o meu irmão há muito desaparecido – anunciou ela, orgulhosa. – Apareceu sem eu estar à espera e como por milagre eu descobri esta manhã que ele e o sócio estavam interessados em comprar o *Santa Gabriella*. Porque quer vendê-lo?

Falco sacudiu a cabeça.

– Deixemos as perguntas para mais tarde. Está muito frio para estarmos aqui parados. Venham até ao navio. Eu sei que a Alice havia de gostar de a ver. Ela não fala noutra coisa desde que saímos de Exmouth.

– Boa ideia – disse Jack, estendendo a mão a Sadie. – Permita-me que a ajude a descer os degraus, menina Dixon. Estão escorregadios e eu não quero que caia nesta água imunda.

As maçãs do rosto de Sadie que já eram rosadas, intensificaram a cor diante do sorriso encantador dele. Jack cruzou o olhar com Essie e piscou-lhe o olho.

*

Numa manifestação de afeto atípica, Alice lançou os braços à volta de Essie e abraçou-a.

– Minha querida, mas que boa surpresa. Como é que sabia que nós chegávamos hoje?

– Não sabia – respondeu Essie ofegante. – É apenas uma de várias coincidências espantosas – disse. Virou a cara e estendeu a mão. – Quero apresentar-lhe uma pessoa. Este é o meu irmão, George.

George deixou Falco com Jack a conversarem entretidos e fez uma vénia sobre a mão de Alice.

– Senhora, a Essie falou-me tanto de si que sinto que já a conheço.

Alice fitou-o de olhos esbugalhados.

– Credo, então você é o irmão perdido que voltou ao lar.

– Não consigo exprimir-lhe o quão importante é para mim voltar a estar com a Essie. Deixá-la há tantos anos foi a coisa mais difícil que eu fiz em toda a minha vida, mas tenciono compensar o tempo perdido.

– Suponho que o seu entusiamo em nada esteja relacionado com o facto de ela ter sido abençoada pela sorte, estou certa, senhor Chapman?

Essie estremeceu como se Alice tivesse esbofeteado o irmão.

– Não, minha senhora. Eu não sabia do ouro e mesmo que estivesse a par da boa sorte dela, não sou o tipo de homem que vive às custas de uma mulher.

– Espero bem que não. Seja como for, espero vir a conhecê-lo melhor quando voltar para Londres.

– O prazer será meu, minha senhora – respondeu George, num tom galanteador.

– Sim, talvez – respondeu Alice, virando-lhe costas. – Essie, eu já avisei o Fielding e a senhora Dent. Decidi passar uma temporada em Londres consigo, minha querida – disse. Dirigiu um sorriso radiante a Sadie. – E consigo, Sadie, claro. Veja só como está crescida com esse vestido lindo.

Essie olhou para George sentindo a sua dor e disse:

– Vais querer inspecionar o navio, evidentemente. Espero que gostes dele.

– Certamente. Com a sua licença, minha senhora – disse ele, fazendo uma vénia a Alice. Atravessou o convés e foi juntar-se de novo a Jack e a Falco.

– O que disse ele que a incomodou, Lady Alice? – perguntou Sadie, aborrecida. – O irmão da Essie é um homem bom e gentil e a senhora foi má para ele.

– Francamente, Sadie. Esquece-se do seu lugar – respondeu Alice, enrolando a capa à volta da sua figura esguia. – Tenha modos, rapariga.

– A Sadie não fez por mal – disse Essie imediatamente. – A Alice foi brusca com o meu irmão e ele não merecia ser tratado assim.

– Lamento se o ofendi, mas não lhe parece estranho que um homem desaparecido há anos apareça precisamente quando a irmã recebe uma fortuna?

– Pode parecer isso – disse Essie com veemência. – Se ele soubesse da minha boa sorte, mas não sabia. O George ficou embasbacado quando eu lhe mostrei a pepita de ouro. Ele tem dinheiro que poupou quando andou no mar e que investiu no negócio com o Jack. A propósito, agora que se fala nisso. Porque está o Falco a vender o *Santa Gabriella*? Pensei que o barco era a vida dele.

Alice encolheu os ombros e voltou-se.

– Terá de lhe perguntar a ele. Porque fazem os homens seja o que for? Bom, pode ser primavera, mas está um gelo e seu estou a ficar com frio. Vamos esperar lá em baixo até eles concluírem o negócio.

– Tem de vir ver a nossa casa nova, Lady Alice – sugeriu Sadie, timidamente. – Não é grandiosa como a sua, mas é muito simpática.

– Claro que sim – acrescentou Essie, apressadamente. – Espero que nos visite, Alice. O senhor Gilfoyle arranjou-nos uma casa esplêndida em Curzon Street, já com empregados. Tenho a sensação que vivo lá há anos.

– O Gilfoyle é bom homem. Tenciono visitá-lo amanhã. Ele disse alguma coisa em relação ao recurso do Raven?

– Não e eu não tinha porque perguntar.

– Achei que queria saber – respondeu Alice, dirigindo-se à escada.

– Claro que queria, mas não sou da família e duvido que ele partilhasse informações comigo.

Alice espreitou por cima do ombro.

– Santo Deus, você é tão correta, Essie. Deixa-me envergonhada. Tem de vir comigo falar com o Gilfoyle. Passámos por tanta coisa juntas nas nossas viagens que eu já a considero parte da família. Venha daí. Você também, Sadie. O melhor pé à frente, como diria a menina Potts.

Essie e Sadie seguiram Lady Alice pelas escadas abaixo e Falco, Jack e George juntaram-se a elas no refeitório. Bastou-lhe olhar para o rosto do irmão para convencer Essie de que as conversações não estavam a ser conclusivas.

– Bom – Alice olhou para cada um deles. – Já chegaram a acordo?

Falco encolheu os ombros.

– Estes cavalheiros acham o preço demasiado elevado, mas eles não percebem o que o *Santa Gabriella* significa para mim – disse, levando a mão ao peito num gesto em que parecia apertar o coração. – Separar-me dele é como perder um ente querido.

– Vá lá, Falco – disse Jack rapidamente. – Há muito trabalho a fazer antes de o barco estar novamente navegável.

– Acabámos de vir de Exmouth sem incidentes – disse Falco, com uma expressão de cautela. – E o tempo não estava bom.

– Está a pedir muito dinheiro – disse George, abanando a cabeça. – Não pode ser. Eu já comandei banheiras velhas como esta e sei do que estou a falar.

Falco esticou-se até ao máximo da sua estatura.

– O *Santa Gabriella* não é uma banheira velha. Sinto-me insultado, senhor. Se não fosse irmão da Essie eu respondia-lhe.

– Não seja ridículo, Falco – disse Alice irritada. – Comportar-se como uma criança mimada não é maneira de conduzir um negócio.

Jack deu-lhe uma palmadinha no ombro.

– O Falco tem razão, mas o problema é que as nossas finanças são limitadas. Nós gostávamos de fazer negócio consigo, mas eu percebo que não quer prosseguir e respeito essa decisão.

– Eu não posso dar o meu navio de graça – retorquiu Falco, zangado.

– Mas você quer vender, Falco – declarou Alice, com firmeza. – Prometeu-me que ia deixar o mar.

Ele dirigiu-lhe um sorriso encantador.

– Mas está-me no sangue, *mia cara*.

– Volte lá à sua forma de vida antiga ou regresse a Itália e arrisque ser preso. Não quero saber – declarou. Alice pegou na capa que tinha tirado e enrolou-a à volta dos ombros. – Eu, por mim, quero ir já para terra.

– Nesse caso, é melhor apanharmos a balsa – disse George apressadamente. A Essie e a Sadie hão de querer almoçar e eu próprio já estou faminto.

Jack assentiu.

– Boa ideia, George. Contudo, o capitão é capaz de gostar de me acompanhar a uma taberna. Julgo que talvez consigamos falar melhor com uma malga de ponche na mão. Já sinto o cheiro do rum quente e da casca de limão.

– Isso parece-me deveras sensato, senhor – comentou Falco, que pegou no chapéu e o enfiou na cabeça. – Muito civilizado, parece-me a mim.

– Façam como entenderem – declarou Alice, que saiu apressadamente do refeitório. – Venha daí, Essie. Vamos deixar os cavalheiros a resolverem as suas divergências e a embebedarem-se, enquanto nós tratamos das coisas importantes da vida, como sempre.

George levou-as em segurança para terra e procurou-lhes uma charrete. Quando ele ia dar-lhe a mão para ajudá-la a subir para a carruagem, Alice hesitou.

– Peço desculpa se fui um pouco brusca consigo, George. Mas eu estimo muito a Essie e não ia querer que alguém se aproveitasse da bondade dela.

– É precisamente o que eu sinto, minha senhora.

– Creio que iremos passar mais tempo juntos, por isso, pode chamar-me Alice – disse ela e acomodou-se no canto do assento, levando um lenço de mão ao nariz. – Esta carruagem tem um cheiro nojento. O último passageio que aqui viajou não devia tomar banho há um ano ou mais. Apresse-se, Essie, você também, Sadie. Mal posso esperar para chegar a casa.

George ajudou Essie a subir.

– É melhor eu ficar de olho no Jack e no capitão. Uma malga de rum quente pode desencadear uma discussão ou acabar em pancadaria.

Essie apertou-lhe a mão.

– Boa sorte. Creio que talvez precises de alguma. Só não peças ao Falco para cantar. Ele não precisa de grandes pretextos para o fazer.

– Vou ter isso em conta – disse George, içando Sadie para a carruagem. – Vamos lá, pequenina. Tome conta da Essie até eu chegar a casa.

– Homens! – Alice enrolou as saias à sua volta, com receio de que houvesse larvas no chão da charrete. – Eles acham mesmo que são indispensáveis.

Essie recostou-se contra o coxim quando o veículo começou a andar.

– Porque é que tem tão fraca opinião dos homens, Alice? Você gosta do Raven e do Freddie, não gosta?

– Acho que sim. Mas eles são meus primos. Tenho de gostar deles.

– A rainha casou com um primo direito – disse Sadie, muito séria. – O príncipe Alberto é muito atraente e o Raven também. Pelo menos – disse ela, corando. – Eu acho que é.

– Eu não tenciono casar com o meu primo nem com ninguém de momento – declarou Alice, com firmeza. – Dei o meu coração há muito tempo e acabou mal. Não vou voltar a cometer o mesmo erro.

Essie debruçou-se.

– Conte-nos, Alice. O que lhe fez ele?

– Acho que não faz mal admitir, depois de tantos anos. Era um dos nossos ajudantes de capataz – disse Alice, olhando para o ar como que a recuperar a visão do seu amor perdido. – Eu tinha dezasseis anos e ele dezassete. O William era bem-parecido e ousado e fazia-me rir. Encontrávamo-nos no roseiral todas as noites, a seguir ao jantar, quando o calor do sol perdurava por ali e as flores exalavam o aroma do mais caro dos perfumes. Quando ele me beijava, eu pensava que tinha morrido e ido para o céu – disse ela, suspirando, fechando os olhos e projetando os lábios para a frente.

Essie fitou-a, surpreendida. Aquela não era a Lady Alice que ela tão bem conhecia e que amava como a uma irmã. Estava transfigurada numa adolescente perdida de amores.

– Vá, diga-nos – incitou-a Essie calmamente. – O que aconteceu a seguir?

– Fomos descobertos – afirmou Alice, que abriu os olhos, com os lábios a tremer. – Um dos criados andava a espiar-nos. O William foi despedido sem dó nem piedade e eu fui enviada para a casa da minha tia que vivia em Hill Street.

– Tentou encontrar o William? – perguntou Sadie, com inocência. Era o que eu teria feito.

– Isso seria impossível. Primeiro, eu não sabia onde ele morava e os criados que podiam ajudar-me foram ameaçados com despedimento se divulgassem o paradeiro dele.

– Que triste – disse Sadie, de lágrimas nos olhos.

– Foi trágico. Eu tive de passar uma temporada inteira em Londres, a ser apresentada a solteiros elegíveis, mas nenhum deles estava à altura do meu William. Mais tarde, quando fui autorizada a ir a Daumerle, fiquei a saber que ele se tinha casado com uma rapariga da aldeia e que ela esperava o primeiro filho. Nesse instante, soube que o tinha perdido para sempre. Ele traiu-me com outra e eu não lhe podia perdoar a dor que me causou.

– Mas certamente que não odeia os homens todos por causa de um romance fracassado? – disse Essie, lentamente. – Era tão jovem.

– O que é que sabe disso? – replicou Alice. – Já estou arrependida de lhe ter contado.

– O Falco deve tê-la em grande estima. Ele não parece querer ir-se embora e está disposto a vender o navio. Não acha que isso significa alguma coisa?

Alice fitou-a como se ela tivesse dito algo chocante.

– O que está a insinuar? Acha que eu ia querer um homem como ele? O meu pai…

– Era conde – Essie terminou a frase por ela. – Sim, já sabemos, Alice. Mas se o que procura é um homem dedicado a si, acho que podia arranjar pior do que o Falco. E ele canta lindamente – acrescentou ela, na brincadeira. – Acho que ele se saía bem na opereta e hei de lho dizer.

– O que é uma opereta? – perguntou Sadie

Alice olhou pela janela.

– Hill Street, finalmente. Eu desço aqui, Essie. Pode visitar-me amanhã às onze e vamos juntas falar com o Gilfoyle. A minha principal preocupação é o Raven e o Freddie. O Falco pode tomar conta dos negócios dele.

*

George regressou a casa naquela noite um pouco tocado, mas de bom humor.

– Chegámos a acordo, Essie.

– A sério George, isso é maravilhoso – disse Essie, pousando o presente que estava a embrulhar. – Senta-te e conta-me tudo.

George instalou-se numa cadeira junto ao lume e pousou os pés na grelha de latão.

– Nós não conseguíamos comprar já o *Santa Gabriella*, mas o Falco acedeu a continuar como capitão e partilhar os lucros. Assim ele não tem de vender o navio e ficamos todos satisfeitos.

– Mas isso significa que têm de dividir os lucros por três? – perguntou Essie, pensativa. – Não me parece lá grande negócio.

– É melhor que nada e o Falco é um marinheiro experiente. Ele pode fazer-se de tolo às vezes, mas é astuto no que toca a negócios, apesar de ter andado do lado errado da lei, mas isso vai mudar. Ele sabe e prometer reabilitar-se.

– Fico muito feliz por ouvir isso – disse Essie, pegando num pedaço de fita. – Vou só acabar de embrulhar este presente e vou-me deitar.

*

Na manhã seguinte, Essie acompanhou Alice ao escritório de Gilfoyle, em Lincoln's Inn Fields. O sol brilhava lá fora, mas no interior o edifício era sombrio como sempre e o cheiro bafiento a livros antigos e documentos empoeirados apenas era parcialmente disfarçado pelo odor rançoso a velas de sebo que havia no gabinete do escriturário. Uma mesquinhez da parte de Gilfoyle, da qual Essie rapidamente se deu conta. Elas seguiram a figura encurvada do escriturário ao longo de um corredor escuro que levava ao gabinete de Gilfoyle, situado nas traseiras do edifício e ele fê-las entrar, retirando-se apressadamente. Gilfoyle levantou-se, emergindo por trás das pilhas de livros forrados a pele e dos molhos de documentos atados com fita vermelha.

– Bom dia, minha senhora e um bom dia também para si, menina Chapman. Façam o favor de se sentarem.

Alice instalou-se na cadeira mais confortável.

– Vim saber do recurso do Raven – declarou ela, de mãos pousadas no colo. – O que há de novo, Gilfoyle?

Ele abanou a cabeça.

– Acontece que ia mesmo dar-lhe notícias hoje, apesar de não saber se estava a residir em Londres ou em Devonshire.

– Como pode ver, estou aqui.

– É bem verdade. Receio não ter boas notícias. O recurso foi indeferido. O Raven vai ter de cumprir o resto da sentença.

– E o Freddie?

– O mandato de prisão em nome dele ainda vigora. Se ele voltar para Inglaterra vai ser julgado e não posso fazer nada a esse respeito.

– Na sua opinião, qual seria o resultado desse julgamento?

– Seria certamente uma sentença de detenção e possivelmente o exílio.

Alice deu uma gargalhada seca.

– O Freddie está na Austrália neste preciso momento. Parece irónico que, se ele voltar para casa, possa ser de novo enviado para lá como punição por uma trivialidade. Ele não beneficiou propriamente da sua fugaz associação com os contrabandistas.

– É certo, minha senhora, mas é a lei – disse Gilfoyle, pegando num molho de papéis que dispôs no espaço livre. – Eu posso dar uma palavrinha à menina Chapman, minha senhora?

– Suponho que sim, uma vez que o nosso assunto parece estar sanado – declarou Alice, comprimindo os lábios e franzindo a testa. – Mas eu não vou desistir assim tão facilmente.

– Certamente, minha senhora. Eu admiro a sua persistência – disse Gilfoyle, que se voltou para Essie, curvando o seu fino lábio no que parecia ser um sorriso. – Tenho notícias mais alegres para si, menina Chapman. É uma mulher muito rica.

# Capítulo Dezanove

– Não posso crer – exclamou Essie, recostando-se contra os coxins luxuosos de veludo da caleche de Lady Alice. – Eu não fazia ideia de que o ouro valia tanto.

– É uma jovem rica. Já o sabia – disse Alice olhando pelas janelas da sua carruagem enquanto atravessavam os casebres de Clare Market. – Deviam deitar estas barracas abaixo, francamente. Estas pessoas vivem como ratos de esgoto.

– O que ainda torna mais difícil aceitar o facto de a pepita de ouro do pobre Beasley ter rendido uma soma tão avultada de dinheiro. Parece-me errado beneficiar da morte do pobre homem.

– Ele nasceu numa classe de criminosos e a vida dele foi arruinada à partida. O acidente que me contou foi má sorte, mas é evidente que ele quis que a Essie beneficiasse da única coisa boa que lhe aconteceu.

– Sim – respondeu Essie, calmamente. – Eu sei que tem razão.

– E se está a pensar doar largas quantias de dinheiro aos pobres e desprotegidos, já há sítios que tratam disso. Você subiu na vida e tem de ocupar o seu lugar na sociedade – disse. Alice inclinou a cabeça para um dos lados e olhou para Essie com uma expressão pensativa. – Na verdade, eu vou tomar conta de si mais uma vez. Vou apresentá-la às pessoas certas e levá-la aos sítios onde tem de ser vista: galerias de arte, teatros e a ópera. Irá receber convites para bailes e *soirées* e eu estarei ao seu lado para guiá-la.

– Obrigada Alice – respondeu Essie. Quando Alice estava com aquele humor não valia a pena argumentar com ela. Essie tinha aprendido isso há muito tempo. Ficaram em silêncio. Alice era capaz de estar a imaginar eventos sociais reluzentes com Essie no papel de sua protegida, mas esta estava a pensar em algo completamente diferente.

– Vai precisar de uma agenda para anotar todos os seus compromissos – recomendou Alice, quando Essie estava prestes a descer da carruagem à porta da sua casa em Curzon

Street. Vou anotar uma lista de sítios aonde ir e penso que a ópera é um bom começo. Sei que o Falco irá gostar, apesar de me parecer que o seu irmão não teria grande interesse nisso. Envio-lhe mensagem quando tiver organizado alguma coisa.

Essie permitiu ao lacaio que a ajudasse a descer do carro.

– Adeus, Alice.

– *Au revoir*, minha querida. E deixe a tarde de amanhã livre. Tenciono levá-la ao armazém de tecidos. Vai precisar de um novo guarda-roupa.

– Por acaso, encomendei um vestido novo e tenho uma prova esta tarde.

– Mesmo assim vai precisar de conselhos no que toca a moda, Essie. Até amanhã. Siga, Clifton.

O lacaio subiu para o seu lugar ao lado do cocheiro e os cavalos prosseguiram, primeiro a passo lento e depois a trote. Essie suspirou de alívio. Tinha a certeza de que as intenções de Alice eram boas, mas a sua ideia de futuro não coincidia com a visão de Essie. Subiu os degraus e a porta abriu-se como por magia. Parkinson afastou-se e deixou-a entrar.

– Obrigada, Parkinson. O meu irmão está em casa?

– Saiu há cerca de uma hora, menina Chapman.

– E a menina Sadie?

– Creio que está na sala do pequeno-almoço.

– Eu vou sair de seguida. Por favor peça a alguém que me procure uma carruagem – disse Essie que declinou a oferta da criada para lhe ficar com as roupas da rua e correu para a sala do pequeno-almoço.

Sadie estava sentada à mesa a contemplar um exemplar da revista *Englishwoman's Domestic*. Ergueu os olhos e sorriu.

– O Parkinson disse que tinha ido ao advogado com a Lady Alice. O que disse ele?

– Vá lá acima um instante vestir a sua roupa de sair, Sadie. Vamos dar uma volta. Conto-lhe tudo no caminho.

Sadie levantou-se com um salto.

– Porquê tanta pressa?

– Se não fizermos isto agora, se calhar nunca mais o faço. Vai perceber quando eu lhe explicar.

*

A carruagem chocalhava pelas ruas empedradas e deteve-se à frente de um escritório em Wapping.

– Por favor aguarde aqui, senhor condutor – disse ela, descendo com dificuldade. As charretes Hamson não tinham sido concebidas para facilitar a vida a mulheres com vestidos compridos e saiotes de crinolina. – Fique no carro, Sadie. Eu só demoro uns minutos. – Pegou nas saias e pisou poças enlameadas ao percorrer a rua.

Tal como esperara, George estava sentado à secretária.

– O que estás a fazer aqui, Essie? Isto não é lugar para uma senhora vir sem um acompanhante.

– Já te esqueceste de onde nós viemos, George? Esta zona de Londres é mais a minha casa do que Mayfair, e em parte é por isso que aqui estou – disse ela abrindo a bolsa. – Acabo de vir do escritório do Gilfoyle. Isto é para ti – declarou, pousando uma bolsa de pele em cima da secretária com um estampido.

– O que é isto? Não percebo.

– Eu sou uma mulher rica. O Gilfoyle conseguiu-me um bom dinheiro pela pepita de ouro e investiu-o para gerar ainda mais dinheiro. Isto é para ti, para usares como muito bem entenderes.

– Tu não tens de fazer isto, Essie. O dinheiro é teu por direito.

– Tenho sim. A minha consciência não me permite viver como uma duquesa enquanto tu lutas para construir o teu negócio. Agora tenho de ir. Tenho coisas a fazer e uma carruagem à minha espera lá fora.

George tomou o peso à bolsa que tinha na mão.

– Não preciso contar para saber que é demais. Eu abandonei-te quando tu precisavas de mim. Não mereço compartilhar da tua boa sorte.

– Tu fizeste o que tinhas de fazer, mas agora estás aqui e é isso que importa. Eu tenho mesmo de ir, George.

Ele levantou-se.

– Vais voltar para Curzon Street, espero.

Ela sorriu.

– Sim, tenho marcação com a costureira da Lady Alice. Às vezes desejo voltar para Ballarat, onde a vida era muito mais simples.

George arrecadou a bolsa no bolso.

– É melhor levar isto diretamente para o banco. Podes deixar-me a caminho de casa, Essie.

Apesar das tentativas incessantes para apresentá-la à sociedade, Essie sentia-se muitas vezes inquieta. O novo empreendimento de George tomava-lhe a maior parte do tempo e, entre visitas à costureira, aulas de dança, compras e participação em eventos sociais, Essie encontrava-se com pouco que fazer. A primavera dera lugar ao verão e apesar de George parecer conseguir esquecer o pai, Essie não era capaz. Uma vez mais a cólera proliferava nas zonas mais degradadas da cidade e Essie não descansou enquanto não soube que o pai tinha escapado à temida doença.

Numa manhã quente de verão, com Sadie ao seu lado, Essie fez sinal a uma carruagem.

– White's Rents, Limehouse, por favor.

– Tem a certeza de que quer ir visitar o seu pai, Essie? – perguntou Sadie, ansiosa, quando Essie se sentou na charrete ao seu lado. – Ele não foi muito simpático consigo da última vez que o vimos.

– O meu pai é temperamental quando bebe, mas não deixa de ser o meu pai. Quero certificar-me de que ele está bem e eu não confio naquela Annie Ginger. Não acredito que o meu pai

se tenha casado com ela, apesar de ela me ter mostrado o anel. Tanto quanto sei, até podia ser de latão.

– Acha que ele merece ser perdoado? Afinal de contas, ele não tinha como saber que a Essie tinha dinheiro. Nós podíamos ter dormido na rua quando a mulher dele nos expulsou.

– Uma coisa que eu aprendi recentemente é que toda a gente merece uma segunda oportunidade. Se ele estiver como sempre foi, pelo menos deixo de me preocupar com ele. E também há o Ben, o meu namorado quando eramos miúdos. Eu devo-lhe uma explicação por ter partido tão abruptamente.

Sadie abanou a cabeça.

– Não sei, Essie. Eu acho que eles vão ver que está muito mudada. Agora é uma senhora e deixou Limehouse para trás.

– Não é bem assim – respondeu Essie, com tristeza. – Aquele lugar vai fazer sempre parte de mim, por muito dinheiro que eu tenha ou por muito boas maneiras que adquira. Lá no fundo eu serei sempre a rapariga que trabalhou no rio, mas tenho de me despedir da minha infância e certificar-me de que o meu pai está bem – declarou. Inspirou o ar e suspirou. – Este fedor cumprimentava-me todas as manhãs quando eu abria a nossa porta da rua. Talvez um dia alguém faça alguma coisa a este respeito, mas por agora há pessoas que simplesmente têm de viver com ele e morrer por causa da água contaminada e do ar poluído.

– Não pode mudar isso sozinha – retorquiu Sadie, sabiamente. – Podia ter todo o dinheiro do mundo e ainda assim ficava tudo na mesma.

– Essie sorriu.

– Quando é que cresceu tanto, Sadie? Ainda ontem era apenas uma criança e já está a falar como uma mulher mais velha e sábia.

– Faço treze anos em julho, apesar de nunca ter sabido o dia ao certo.

– Nesse caso, temos de celebrar. Pode escolher a data que gostaria que fosse a do seu aniversário e fazemos uma festa,

com bolo e presentes.

– Isso era muito bom – replicou Sadie, que olhou pela janela enquanto a charrete se detinha de repente. – Chegámos. Eu lembro-me deste lugar.

Essie foi a primeira a descer e pagou ao cocheiro. As duas raparigas fizeram-se ao caminho, mergulhando no bairro sombrio de White's Rents. Quando chegou à casa do seu pai, Essie inspirou fundo e bateu à porta. Estava à espera que fosse a criatura insolente com o cabelo cor de fogo a abri-la, mas foi o pai quem acabou por aparecer. Parecia doente. Foi a primeira impressão dela. E tinha perdido peso. Tinha a roupa imunda e a cair-lhe. Ele fitou-a, inexpressivo.

– Quem é você?

– Sou eu, pai, a Essie. Não me reconhece?

Ele abanou a cabeça.

– A Essie fugiu, tal como o irmão. Enganou-se na casa, minha senhora.

Ele estava prestes a fechar-lhe a porta na cara, mas Essie bloqueou-a com o pé.

– Eu sou a Essie, pai. O que é que lhe aconteceu?

A mão dela voou para tapar o nariz quando entrou na sala de estar, que parecia ter sido varrida por um tornado que deixara para trás um rasto de destruição e detritos. A única peça de mobiliário que restava era o sofá, cujo estofo tinha sido rasgado, deixando a crina de cavalo que o enchia espalhada em grandes manadas.

– Quem fez isto, pai?

Sadie tapou o rosto com as mãos.

– Que nojo. Eu nunca vi tamanha confusão.

Jacob cambaleava e Essie levou-o até ao sofá. Sente-se e diga-me quem lhe fez isto? Onde está a mulher que dizia ter casado consigo?

– O marido da Annie veio buscá-la. Um brutamontes, é o que ele é, e deixou a marca dele. Arrastou-a daqui aos gritos e

aos pontapés, mas que vão e não voltem, é o que eu desejo. Ela contraiu dívidas em todo o lado, mas eu não as posso pagar.

– O marido dela que se preocupe com isso – respondeu Essie, enquanto olhava à sua volta. – Não pode ficar aqui, pai. Quando foi a última vez que comeu?

– Não sei, rapariga. A menina Flower trouxe-me sopa, mas não sei quando foi. O Josser comprou uma garrafa de bebida ontem à noite, mas eu não tenho dinheiro e não posso trabalhar desde que perdi o meu barco – disse ele cravando o olhar nela. – A culpa foi tua. Deixaste-o afundar-se.

– Seu velho mau – disse Sadie, zangada. Nós quase nos afogámos nessa noite.

– Quem és tu? – perguntou Jacob. – Eu não te conheço, rapariga. Vai-te embora da minha casa.

Essie pisou móveis partidos e garrafas de cerveja vazias quando atravessou a sala para ir inspecionar a cozinha. Tal como tinha desconfiado, a destruição não se limitava à sala de estar. A mesa estava virada ao contrário e uma das pernas tinha sido arrancada. A loiça estava toda partida assim como a janela, e a porta das traseiras estava pendurada pelas dobradiças, deixando o ar frio encher a divisão, e trazendo com ele os cheiros pútridos do quintal. Os armários estavam vazios e não havia nada para comer. Só lhe restava voltar para a sala de estar.

– Pegue nas suas coisas, pai. Vem comigo – disse ela, com firmeza. – Não pode ficar aqui.

– Esta é a minha casa, Essie. Daqui não saio.

– Você está doente, pai. Precisa de comida decente e de descanso e, acima de tudo, precisa de um banho.

– Não tomo banho desde que era miúdo. Uma lavadela com sabão de soda cáustica era o bastante para a minha mãe e o meu pai e para mim também está bom.

– Fique com ele, Sadie. Eu vou lá acima buscar alguma coisa mais quente para ele vestir.

– Preciso de uma bebida, Essie – gemeu Jacob. – Vai ao *pub* como uma boa filha e traz-me uma caneca de cerveja ou uma garrafa de rum, se já recebeste esta semana.

– Não, pai. Vou buscar o seu casaco e vou levá-lo para a minha casa. Vai gostar de estar lá.

– O quê? Faz o que eu te mando, filha. Não és grande demais para eu te dar umas palmadas. Preciso de uma bebida. Ouviste?

Sadie encolheu-se e escondeu-se atrás de Essie.

– Vou ao *pub* buscar o que ele quer?

Essie anuiu e retirou uma moeda da sua bolsa.

– Está bem, mas despacha-te e não pares a falar com ninguém – recomendou-lhe. Esperou que a porta se fechasse atrás de Sadie e disse: – Ela foi buscar uma garrafa de rum, pai. Sente-se, por favor.

Jacob sentou-se de novo no sofá.

– Eu sou um homem doente, Essie.

– Sim, pai. Mas agora eu estou aqui para cuidar de si. Pode beber um gole de rum quando a Sadie voltar e eu vou levá-lo a dar uma volta de carruagem. Vai ter uma cama quente e uma boa refeição, com o rum todo que quiser, mas só se fizer o que eu mandar.

Jacob cedeu como uma criança obediente, recostou-se e fechou os olhos. Essie exalou um suspiro de alívio. Mas ele voltou à vida quando Sadie chegou com o rum. Essie não conseguiu encontrar uma caneca ou um copo e não havia alternativa senão entregar-lhe a garrafa. Quase de imediato ela percebeu que tinha cometido um erro crasso. Jacob tornou-se agressivo quando ela tentou tirar-lhe a garrafa. Bebeu até cair sem sentidos no sofá.

– O que é que fazemos agora? – perguntou Sadie, ansiosa. – Deixamo-lo aqui?

Essie abanou a cabeça.

– Não posso. Olhe para o estado dele – disse, fitando-o de sobrolho franzido. – Neste momento ele é inofensivo. Vou ver se encontro o Ben ou um dos antigos colegas de trabalho do meu pai que o consiga enfiar numa charrete.

– Não pode levá-lo para Curzon Street – disse Sadie, aflita. – O que vai o Parkinson dizer?

Essie imaginou de repente a expressão chocada de Parkinson e riu-se.

– Odeio pensar nisso, mas não posso deixá-lo aqui. Vou ser o mais rápida que conseguir, prometo – afirmou. Colocou a capa sobre os ombros e pôs o capuz ao sair de casa, dirigindo-se à doca de Duke Shore. Queria encontrar Ben e explicar-lhe a sua nova situação, apesar de as probabilidades de o encontrar serem escassas. Mas havia outros que estariam dispostas a ajudá-la, ela só tinha de os procurar.

A primeira pessoa que encontrou conhecia-a desde a infância, mas ele não a reconheceu e passou por ela a correr, mesmo quando ela o chamou pelo nome. Desesperada, foi ao escritório de Riley, mas ele não estava lá. E foi então que ela deu de caras com a última pessoa que queria ver e que, para seu azar, a reconheceu imediatamente.

– Ora se não é a jovem Essie Chapman, toda ataviada como uma senhora. Deves ter-te saído bem lá na zona Oeste, menina.

A inferência era óbvia, mas ela optou por ignorar o insulto.

– Eu estou à procura do Ben.

– Eu podia dizer-te onde ele vive agora, mas não me parece que a mulher dele gostasse muito de ver a antiga namorada do marido à porta.

– O que está a dizer?

– Eu achei que tinha sido claro, querida. O Ben juntou-se com a Nancy Styles. Acho que ele se deve ter fartado de esperar que tu descesses do teu cavalo e lhe desses aquilo que ele queria. Mas eu continuo disponível, amor. Ele lançou-se para a frente e agarrou Essie pela cintura. A cara dele ficou

junto à dela e o fedor do seu corpo suado e do mau hálito fê-la procurar ar fresco.

– Deixe-a em paz, Tyce. – A voz de George ecoou pelos edifícios das docas.

Tyce girou Essie sobre si mesma e agarrou-a pela garganta com o braço, num gesto sufocante.

– Mexes-te e eu parto-te esse pescocinho lindo. Há muito que espero por alguma satisfação desta provocadora.

A luz do dia desaparecia rapidamente e as sombras tornavam-se mais profundas, mas no meio da sua dor, Essie viu duas figuras atirarem-se a Tyce. Jack lançou-se às pernas dele ao mesmo tempo que George a arrastava até ficar em segurança.

– Estás magoada, Essie?

– Não, eu estou bem, mas como é que vocês sabiam onde eu estava? – perguntou ela, ofegante.

Um espirro de água ruidoso fê-la virar a cabeça e ver Diggory Tyce a cair dentro do Tamisa. Jack dirigiu-se a eles, a sorrir.

– Gostei daquilo. Não conheço aquele tipo, mas reconheço o estilo dele – disse ele, com o sorriso a apagar-se. – O que lhe passou pela cabeça para andar sozinha por estas bandas?

– Vamos lá, Essie. Vamos tirar-te daqui – disse George, enfiando a mão na dobra do braço da irmã. – Eu e o Jack chegámos a Curzon Street quando estavas a sair no coche. Tu andavas preocupada com o velho há dias, por isso, calculei onde tinhas ido e seguimos-te até White's Rents. Não podia permitir que enfrentasses o velho sozinha.

– Como sabias que eu estava aqui?

– Tinhas acabado de sair de casa do pai. A Sadie disse-nos que estavas à procura do Ben. O resto foi fácil – disse ele, olhando para Tyce, que se debatia e gritava a plenos pulmões. – Não me parece que ele saiba nadar.

– Azar – disse Jack, sério. – Eu não me vou atirar ao rio para o ajudar. Talvez as ratazanas conheçam um dos seus e o

salvem.

– Ele é um devasso, mas vocês não podem ficar aí a vê-lo afogar-se – disse Essie, olhando ansiosamente para o homem, que parecia estar a afogar-se pela terceira vez.

– O Riley está perto das gruas. Eu vi-o quando vínhamos em teu auxílio. Ele há de mandar uma barra ou alguma coisa para o velho diabo se agarrar. O Tyce vai viver mais um dia, mas tu tens de te manter afastada deste lugar. Nós mudámos de vida, Essie. Limehouse já não é o nosso lar.

Essie encostou-se ao braço dele.

– Tens razão e também temos de tirar o pai daqui.

– Tu não podes estar a pensar em levá-lo para Curzon Street no estado em que ele está – disse George, acelerando o passo.

– O que mais podemos fazer, George?

– Oiçam, eu não me quero meter – disse Jack, apanhando o passo deles. – Eu não conheço o senhor Chapman, mas já tive experiência com problemas semelhantes. A bebida levou o meu pai numa idade relativamente precoce e é por isso que eu tenho o cuidado de não abusar do álcool. De qualquer maneira, isso não é problema vosso. Eu tenho uma casa grande com vista para o rio e vivo lá sozinho desde que a minha irmã se casou. Podemos levá-lo para lá e contratar uma mulher para cuidar dele nas fases mais difíceis. Não vai ser fácil e não deve ser a Essie a passar por isso.

Essie deteve-se e olhou para Jack como se estivesse a vê-lo pela primeira vez.

– Isso é muito gentil da sua parte, Jack – disse ela, calmamente. – Mas não posso pesar-lhe dessa maneira. Ele é nosso pai e cabe-nos a nós olhar por ele, mas eu ficava-lhe grata se nos pudesse ajudar a metê-lo num carro. Vamos levá-lo para casa.

*

Parkinson claramente não ficou muito agradado e a senhora Jackson conseguiu exprimir a sua reprovação em relação ao convidado sem dizer uma palavra. A sua expressão de lábios

comprimidos e de desdém falava por si e as criadas agiam como se um animal selvagem se tivesse escapado do jardim zoológico para ser fechado num quarto ao lado do de George. Apesar dos apelos da irmã, George recusava-se a ter o que quer que fosse a ver com o pai.

– Desculpa, Essie. Eu sei que não podíamos deixá-lo naquela casa, mas não devias tê-lo trazido para aqui. Ele vai ficar louco quando ficar sóbrio e sabe-se lá o que irá fazer.

– Eu sei, mas o que havia eu de fazer, George? Pedi ao ajudante de lacaio e ao responsável pelas cavalariças que o dispam e façam o que for preciso. Eles são jovens e fortes e não vão tolerar disparates.

– Mas, Essie, nós não podemos mantê-lo aqui prisioneiro. Ele vai ficar louco quando quiser beber e se nós cedermos e o deixamos ter o que quer ele fica ainda pior. Devíamos ter aceitado a oferta do Jack.

– O pai é responsabilidade nossa e não é justo impô-lo ao Jack. Não imagino porque haveria ele de querer ficar a tomar conta dele.

– Eu acho que ele tem segundas intenções – disse George, a sorrir. – Mas que jantar fantástico, Essie. Nós tivemos mesmo sorte com esta casa. Eu era capaz de me habituar a viver como um lorde.

Essie pousou a chávena de café que estava a beber.

– O que queres dizer com segundas intenções.

George estendeu as pernas em frente à lareira, com um suspiro de satisfação.

– O que achas que quis dizer? Tu és uma menina bonita que vale uma fortuna. Que homem no seu juízo perfeito não ia querer ter uma mulher como tu?

– Mulher? – Essie abanou a cabeça. – Que disparate, George. Eu mal conheço o Jack Manning e ele não me conhece de todo.

– Eu já o vi a olhar para ti. Está apanhado, ou eu não me chamo George.

Essie levantou-se da cadeira.

– Tu estás a dizer disparates e eu vou para a cama. Falamos sobre o pai amanhã de manhã e pode ser que ele esteja mais aberto a sugestões quando ficar sóbrio – disse ela e dirigiu-se a porta. – Boa noite, George.

*

Essie dormiu mal. Estava exausta, mas a preocupação em relação ao futuro do seu pai manteve-a acordada até de madrugada. Parecia que tinha acabado de adormecer quando a criada entrou no seu quarto para acender a lareira. Ela voltou com uma caneca de chocolate quente e um jarro de água quente e repetiu a rotina de bater a almofada de Essie para ela ficar mais confortável quando se sentasse. Essie bebeu o chocolate, quase sem apreciar a doce suavidade da bebida, pois os seus pensamentos voltaram para o problema do seu pai. Ela conhecia-o bem demais para saber que ele odiaria Curzon Street. Jacob Chapman nunca se daria bem longe do rio, o que lhe deu uma ideia. Pousou a caneca, balançou as pernas para fora da cama e ia ligar à menina West, a aia que a senhora Jackson lhe tinha atribuído, mas mudou de ideias.

A menina West não era o tipo de pessoa que sorrisse facilmente ou com quem Essie pudesse partilhar uma piada, e ter uma quase estranha a ajudá-la na sua *toilette* era enervante e embaraçoso. Essie lavou-se, vestiu-se e sentou-se junto ao toucador, sorrindo para o seu reflexo no espelho e pegando numa escova de cabelo lacada a prata. Tratava-se de uma pequena rebelião contra o estilo de vida que ela tinha sido forçada a viver, mas era significativa. Escovou o cabelo comprido até ele brilhar como cetim e apanhou-o num coque junto à nuca. A menina West era útil quando se tratava de penteados mais sofisticados, mas Essie estava com pressa. Tinha-se permitido deambular, mas agora estava decidida a tomar conta dos seus assuntos.

A porta do quarto do pai estava destrancada e ela entrou sem bater. Ele ainda estava a dormir, com a boca aberta e um fio de saliva a escorrer-lhe pelo queixo. O quarto fedia a álcool bafiento, suor e necessidade desesperada de tomar banho. Ela abriu as cortinas para trás, deixando a luz do sol inundar o

quarto. A lareira ainda não tinha sido acesa, mas tinha sido dito aos criados que aguardassem instruções dela.

Essie abanou o pai suavemente.

– Pai, acorde. Sou eu, a Essie.

Jacob abriu um olho raiado de sangue.

– Vai-te embora.

Ela sacudiu-o com mais intensidade.

– Não, pai, acorde, por favor.

– O que se passa? – Jacob sentou-se como uma mola e gemeu em voz alta. – Tenho a cabeça a latejar.

Era impossível ser compassiva, mas Essie conseguiu conter-se.

– Eu já peço que lhe tragam uma aspirina. Mas primeiro tenho de falar consigo – disse ela e sentou-se aos pés da cama. – Imagino que não se lembre de nada do que se passou ontem à noite? Ele semicerrou os olhos na direção dela, com dificuldade em focar a imagem.

– Onde é que eu estou? Isto não é a minha casa.

– Pois não, pai. É a minha. Eu agora vivo aqui.

– Deves ter-te juntado com um ricaço, senão como podia uma rapariga como tu acabar numa casa assim? Tu já foste uma boa menina, Esther Chapman.

– Eu não estou dependente de ninguém, pai – disse ela. Tentou explicar-lhe como tinha ficado rica, mas Jacob parecia estar vidrado na ideia de que a filha se tinha vendido a um homem rico e nada iria convencê-lo do contrário. Ela acabou por desistir. – Não interessa o que o pai pensa. Está completamente errado, mas o importante é o que vamos fazer consigo. Está em péssimo estado. Não pode trabalhar e a sua casa está em pantanas.

– Sai da cama, rapariga. Eu vou para casa.

– Acabo de lhe dizer que isso é impossível. Não tem dinheiro e está a dar cabo da saúde com a bebida.

Jason atirou os pés para fora da cama, fazendo uma careta por causa da dor.

– Isso é comigo, não é contigo. Tu fugiste com o meu barco. És uma má filha, Esther.

Ela percebeu que aquela conversa não ia levar a lado nenhum e levantou-se.

– Muito bem, pai. Pode ir para casa, mas primeiro vai tomar um banho e temos de lhe arranjar algumas roupas.

– O que é isto? – perguntou Jacob olhando para a camisa de dormir que a senhora Jackson lhe tinha arranjado e que tinha pertencido a um criado que fugira com um serviço de talheres de prata e nunca mais tinha sido visto. – Como é que eu arranjei esta farpela?

– Não interessa, pai. Volte para a cama e eu mando os criados trazerem-lhe a banheira e água quente. Quando estiver pronto, pode tomar o pequeno-almoço e eu chamo uma carruagem para o levar de volta a Limehouse, se é mesmo isso que quer.

– Claro que quero – respondeu Jacob, irritado. – Eu vou para casa e tu não me podes impedir.

# Capítulo Vinte

Uma vez mais, Essie teve de chamar os serviços do criado musculoso e do cavalariço para convencerem o pai a tomar banho. Os rugidos furiosos de Jacob e o barulho dos salpicos, dos palavrões e dos baques dos dois lados da banheira fizeram eco por toda a casa. Essie estava a meio das escadas quando George apareceu no patamar acima dela. Tinha o cabelo desalinhado e ainda estava de robe

– Mas que raio se passa, Essie?

– O pai está a tomar banho.

– Parece que anda o diabo à solta. Se calhar, devíamos fazer o que ele quer e deixá-lo em Limehouse.

– Vai vestir-te – disse Essie, cansada. – Se precisares de mim, estou na sala de jantar.

– Ouviste o que eu disse?

– Ouvi, George, mas não me interessa. Vou arranjar maneira de ajudar o pai, quer ele goste quer não. – Essie continuou a descer as escadas, mas fez uma pausa quando chegou ao átrio principal. Alguém batia à porta e ela estava curiosa. Esperou que Parkinson fosse abrir, o que ele fez a um ritmo ocioso, recuando um passo quando Falco passou por ele.

– Essie, está linda esta manhã. – Falco atirou o chapéu e as luvas à criada.

– O que faz aqui de manhã tão cedo, capitão? – perguntou Essie, curiosa.

Ele atravessou o chão com grandes passadas e levou a mão dela aos lábios.

– Lady Alice pediu-me que lhe dissesse que estará aqui ao meio-dia. Tenciona levá-la à modista.

– Mas eu tenho imensos vestidos novos – protestou Essie. – Não preciso de mais roupa.

Falco levou a mão ao coração.

– Nunca diga isso, *mia cara*. Uma senhora nunca tem demasiadas coisas bonitas. Deve deixar que Lady Alice a oriente nessas matérias. Ela tem um gosto soberbo. – Hesitou, pondo a cabeça de lado. – O que se passa lá em cima? É como se alguém estivesse a ser assassinado.

Essie suspirou.

– Venha à sala de jantar e eu explico-lhe.

Falco não precisou de ouvir aquilo duas vezes.

– Não tive tempo para tomar o pequeno-almoço.

Na sala de jantar, Essie mandou a criada ir buscar uma cafeteira e fez um gesto a Falco para que se sentasse.

– É o meu pai – disse ela com um suspiro. – O George e eu trouxemo-lo para aqui ontem à noite.

– Não compreendo. – Falco olhou para os pratos de servir em prata que estavam na consola. – Cheira-me a *bacon*?

– Pode comer o que quiser, mas antes preciso do seu conselho. – Essie puxou uma cadeira e sentou-se ao lado dele. – Quando cheguei a Londres, descobri que o meu pai se envolvera com uma mulher horrorosa, que lhe levou tudo o que ele tinha, deixando-o despojado, e ele virou-se para a bebida. Dantes, era um bom barqueiro, respeitado, mas agora está um caco e eu não sei o que fazer dele.

– Gostava de o conhecer, mas primeiro vou aproveitar a sua amável oferta. – Levantou-se e foi ao aparador. – Tenho muita fome.

Essie serviu-se de uma pequena quantidade de ovos amanteigados, em perfeito contraste com Falco, que encheu o prato de comida e dedicou-se a engoli-la como se não comesse há dias. Mal reparou quando George entrou na sala de jantar, seguido da criada com a cafeteira de prata e um jarro de natas.

– Falco. Que surpresa.

George sentou-se à cabeceira da mesa, um privilégio que Essie lhe atribuíra na qualidade de irmão mais velho.

– Estava a contar-lhe do pai – apressou-se Essie a dizer. – Não sei o que vamos fazer, George. Por favor, não me digas para eu mandar o pai de volta para Limehouse, porque a minha consciência não mo permitiria.

George encolheu os ombros.

– Devias ter deixado que o Jack tomasse conta dele. O pai podia ficar sentado o dia inteiro a olhar para o rio. – Dirigiu-se ao aparador e começou a levantar as tampas das travessas de servir.

– Sim, e a beber rum ou gim enquanto preguiça. – Essie virou-se para Falco. – O que faria numa situação destas?

Ele engoliu em seco.

– Este *bacon* é excelente. Quanto ao seu pai, disse que ele era barqueiro?

– Trabalhou a vida inteira no rio. – Essie pousou a mão na manga de Falco. – Está a pensar o mesmo que eu?

– Talvez, mas gostava de o conhecer primeiro.

George voltou à mesa com um prato cheio de caril de peixe.

– O que é isto tudo?

Essie empurrou o seu prato, sem tocar na comida.

– Vou ver se o pai está pronto.

– Manda a criada – protestou George, mergulhando no prato de comida com prazer.

Essie abanou a cabeça.

– Eu nem sonharia com uma coisa dessas. Cabe-me a mim fazer isto.

*

O tapete estava ensopado e os dois homens que tinham estado a debater-se com Jacob para o manter dentro da banheira pingavam água. O próprio Jacob estava envolto num robe e tinha uma toalha enrolada na cabeça. Fulminou Essie com o olhar.

– Foi ideia tua, está claro.

– Sem dúvida que precisava de um banho, pai. Basta olhar para o que ficou na banheira para ver que é verdade. Parece Limehouse Hole, com as suas águas paradas.

O risinho do criado recordou a Essie a tarefa que tinha em mãos. Virou-se para ele, de sobrolho franzido.

– Conseguiu roupas que sirvam ao meu pai?

Ele ficou em sentido, apesar da libré ensopado.

– Sim, menina Chapman. Estas peças pertenceram a Briggs, o cavalariço que foi despedido por se embebedar.

– Quero voltar para Limehouse – disse Jacob, sombriamente. – Não é pedir muito. Fui maltratado e quase me afoguei, por isso, o mínimo que devias fazer era deixares-me ir embora deste bordel.

– Pai, não diga essas coisas. Esta é a minha casa, paga com o meu dinheiro. – Essie olhou ansiosamente e de relance para as criadas, que fitavam um ponto em frente, embora os lábios do cavalariço tremessem.

– Não repita nada disso lá em baixo. Pode ir-se embora e o melhor será despir essa roupa molhada.

Essie virou-se para o pai, de sobrolho franzido.

– Vista-se, pai. Espero por si no patamar.

– Vais levar-me para casa?

– Quero que venha lá a baixo tomar o pequeno-almoço antes de ir seja aonde for – disse Essie com tato. – Há *bacon* e ovos, tanto quanto conseguir comer.

Jacob levantou-se, deixando cair o robe ao chão. Essie saiu à pressa da divisão – não tinha vontade nenhuma de ver o pai nu como veio ao mundo.

*

Falco acabara de comer e bebericava o café quando Essie empurrou o pai para a sala de jantar. George estava recostado na cadeira, a olhar para Jacob com ar crítico.

– Bom, pai. Mal o reconheço.

Jacob esfregou o queixo com a barba acabada de fazer.

– Não pedi para vir aqui ser molestado. – Olhou para as calças e o casaco de *tweed* grosseiro que em tempos pertenceram a um noivo. – E geralmente não uso trajes destes.

Falco mirou-o criticamente.

– Ouvi dizer que é barqueiro, senhor.

– Sente-se, pai, que eu trago-lhe de comer.

Essie conduziu o pai para o lugar em frente de Falco.

– Nasci e fui criado à beira-rio, bom homem.

– Tem experiência de mar?

– Quem é o senhor? Porque me faz essas perguntas?

Essie colocou um parto de *bacon* e ovos à frente do pai.

– Desculpe, pai. Devia tê-los apresentado. Este é o capitão Falco, do *Santa Gabriella*. Foi o navio dele que me levou e à Sadie à volta do mundo, literalmente.

– Foi o senhor que afundou o meu barco? – exigiu saber Jacob, apontando a faca para Falco. – Se foi, tem uma dívida para comigo.

– Cale-se, pai – disse George com impaciência. – O Falco está a tentar ajudá-lo. Tivemos uma conversa quando a Essie subiu as escadas para o ir buscar, e julgamos ter a solução para o seu problema.

– O único problema que eu tenho és tu e a tua irmã. – Jacob falava com a boca cheia, e era difícil de se perceber o que dizia, mas Falco anuiu.

– É um homem independente. Eu respeito isso, e é essa a razão pela qual lhe ofereço um lugar na minha tripulação. – Falco pegou na cafeteira e tornou a encher a caneca. – Acedi a fazer negócio com o seu filho e o sócio dele, mas continuo a ser capitão do *Santa Gabriella* e um dos donos. Preciso de um homem que tenha experiência de rio. O senhor podia ser muito útil.

Essie olhou-o com surpresa.

– Quer isso dizer que vai partir em breve, Falco?

Ele anuiu.

– Um navio ocioso custa dinheiro e o Jack arranjou-nos carga.

– Quando planeia partir?

– Ao mudar da maré.

– Mas o que diz Lady Alice disso?

– Que lhe importa a ela? – disse Falco de modo casual. – Entretive-a durante uns tempos, mas a senhora aborrece-se facilmente.

– Espere um minuto, meu bom homem. – Jacob tirou uma fatia de torrada da grelha e começou a limpar o prato. – Não me deu tempo para pensar, nem me disse nada do seu navio.

– Acabe o pequeno-almoço para irmos até onde tenho o navio atracado. Pode vê-lo e conhecer o resto da tripulação. Ninguém o está a obrigar a fazer nada contra a sua vontade.

– Pense nisso, pai – disse Essie com delicadeza. – Faria aquilo de que mais gosta.

George tornou a sentar-se na cadeira.

– Também eu me sentiria tentado a ir se não tivesse entrado no negócio com o Jack. Podia ser pior, pai.

– Mas não tenho equipamento para levar comigo – protestou Jacob. – Não posso ir para o mar com um fato de *tweed*.

– Há um fornecedor de material para navios perto do escritório, vi-o ontem. – Essie deu-lhe uma palmadinha no braço, a sorrir. – Vou consigo e certifico-me de que vai bem equipado, pai.

Falco abanou um dedo para ela.

– Não se esqueça do seu compromisso com Lady Alice.

– Isto é muito mais importante do que roupas da moda – disse Essie com firmeza. – Mandarei um criado ao seu encontro com a mensagem de que tenho de adiar o encontro.

– Ela não vai gostar disso, Essie.

– Lamento, mas é assim que terá de ser. – Essie virou-se para a sua criada. – Chame-me o Thomas. Tenho uma mensagem para ele levar a Hill Street.

Essie ficou à espera no escritório com Jack enquanto George remava o barco com o pai e Falco até ao *Santa Gabriella*, no atracadouro.

– Pode ser esta a solução – disse Essie, olhando pela janela. O céu azul transformara a água turva num anil de aço e os cais e docas estavam banhados de sol.

Jack fechou o livro de contabilidade que estivera a estudar.

– Vão ausentar-se durante algum tempo… porque não fazemos a pé a pequena distância até minha casa? A governanta estava ocupada e fazer tartes de compota quando saí esta manhã e ela é uma excelente cozinheira.

Essie hesitou.

– Tenho de estar aqui quando o meu pai voltar.

Jack levantou-se, de mão estendida.

– Conseguimos vê-lo da janela da sala da frente. Venha, Essie. Gostava de lhe mostrar a minha casa.

A palavra «casa» deu-lhe um arrepio nas costas. Há muito tempo que não chamava «casa» a um lugar. A de Curzon Street estava bem mobilada e era luxuosa, mas não lhe pertencia e os bens tinham sido escolhidos por outra pessoa; podiam ser elegantes e modernos, mas não eram inteiramente ao seu gosto. Pousou a mão no braço de Jack.

– Obrigada. Gostava muito.

*

Jack não exagerara. Era uma breve caminhada até sua casa, sobranceira ao Upper Pool. Situava-se num amontoado de edifícios que pareciam ter sido atirados para ali ao acaso, e nenhum deles parecia ter seguido um estilo arquitetónico em particular. Havia estruturas de madeira bamboleantes que assentavam em estacas sobre a lama do Tamisa, assim como edifícios mais robustos, de tijolo, forrados de anúncios para os comerciantes que os tinham ocupado a determinada altura. Um

fornecedor de material náutico, um arquiteto naval e um construtor de barcos viviam lado a lado com um fabricante de velas para navios e um agente funerário.

Jack pegou na mão de Essie para a ajudar a subir os degraus íngremes de madeira até à entrada de um dos edifícios com ar mais permanente. Era sem dúvida a casa maior e mais imponente da rua, com janelas de proa e uma varanda no andar de cima, que sem dúvida seria um ótimo miradouro.

– Que casa fascinante – disse Essie sugando o ar, enfeitiçada pela pura estranheza do edifício e pela proximidade ao rio que ela adorava.

– Achei que ia gostar – disse Jack, orgulhoso. – Chamam-lhe a Casa do Capitão Velho, porque foi construída por um marinheiro aposentado que não suportava estar a mais de meros metros da água. Fez fortuna com a importação de madeira do Báltico e passou aqui os últimos anos. – Jack abriu a porta e fê-la entrar.

O aroma rico a comida de forno envolveu-a como um cobertor quente, como se a própria casa lhe desse as boas-vindas. As paredes do átrio, com painéis de carvalho, estavam cobertas de pinturas navais, em todos os seus humores. Havia esboços de todos os tipos de embarcação, desde a humilde barça até aos robustos batéis do Tamisa, com as velas escuras a contrastar com a tela branca e enfunada dos majestosos veleiros mercantes de chá.

Essie podia ter passado o dia todo a admirar a coleção, mas Jack levou-lhe o chapéu e o xaile e pendurou-os num conjunto de ganchos de parede entre casacos, oleados e uma série de chapéus. Era tudo muito informal e acolhedor.

– Deixei o mordomo e as criadas tirarem o dia de folga – disse Jack solenemente.

Essie preparava-se para responder quando se deu conta de que ele a estava a provocar, e o brilhozinho nos seus olhos escuros era irresistível.

– Tenho a certeza de que agradecem a sua generosidade – disse ela, a rir. – Para ser honesta, acho que assim é muito

mais confortável.

– Não gosta de ser servida?

– Em certo sentido, sim, mas também anseio pela liberdade de fazer as coisas sozinha. Faz sentido?

– Perfeitamente. Tenho a certeza de que sentiria o mesmo.

Jack indicou-lhe a sala principal, que tinha um ar confortável e habitado, com um eclético misto de mobiliário. A vista da janela de proa tirou o fôlego a Essie e ela apertou as mãos, deliciada.

– É maravilhoso. Eu podia ficar aqui o dia inteiro a ver os navios.

– É tentador, admito, e compreendo por que razão o capitão do mar quis terminar aqui os seus dias. Sente-se, Essie, e eu direi à senhora Cooper que está aqui. Prefere chá ou café?

– Uma chávena de chá seria ótimo – disse Essie a sorrir. – É uma sala tão acolhedora, Jack. Não admira que adore esta casa velha.

– Pois adoro. Não é para toda a gente e não tem comparação com a sua mansão de Curzon Street, mas serve-me muito bem.

Ele saiu antes que Essie tivesse oportunidade de protestar e ela passeou devagar pela sala, interiorizando todos os pormenores da casa com uma sensação de prazer intenso. O chão estava tapado por um *patchwork* de tapetes orientais e do Médio Oriente, alguns velhos e deslavados, enquanto outros mantinham os tons fortes. A prateleira de madeira da lareira estava apinhada de pequenos objetos que Jack ou o pai deviam ter colecionado nas suas viagens. Um relógio de latão em forma de carruagem estava entre um jarro de porcelana e um elefante esculpido em madeira, com um *howdah* no dorso. Conchas exóticas e minúsculos fragmentos de coral aninhavam-se como recordação de uma viagem marítima a terras longínquas, e havia um telescópio numa mesa, ao lado de uma tabela das marés. O cadeirão junto da lareira tinha o tecido deslavado e pedaços gastos, mas Essie imaginava Jack ali sentado à noite, a beber brande ou uma caneca de cacau, com o lume a crepitar até à chaminé e os pés repousados na

grade de proteção de latão. Afastou-se, zangada consigo mesma por deixar a imaginação à solta. Aquele era o mundo privado de Jack e ela, uma mera visitante.

Foi sentar-se no assento à janela, com uma vista clara para o cais e o tráfego cerrado do rio, incluindo o *Santa Gabriella*. Só esperava que Falco conseguisse convencer o pai a considerar a sua oferta. Enquanto parte da tripulação, ele teria poucas ou nenhumas oportunidades de beber insensatamente e estaria entre os seus.

Entrelaçou os dedos instintivamente, virando-se com um sobressalto ao ouvir a porta abrir. Jack entrou com uma bandeja de chá, seguido de uma mulher baixa, vestida de bombazina preta, com cabelo grisalho ocultado em parte por uma toca branca imaculada. Pousou uma travessa com tartes na mesa, empurrando a tabela das marés para o lado.

– Esta é a senhora Cooper, Essie. É o meu suporte e pilar. Não sei o que faria sem ela e é uma cozinheira maravilhosa, como descobrirá quando experimentar uma das suas tartes de compota de morango.

Essie levantou-se.

– Como está, senhora Cooper? Muito prazer em conhecê-la.

A senhora Cooper baixou a cabeça.

– Igualmente, menina. O senhor Jack não fala de outra coisa desde que a conheceu e, agora que a vejo, percebo porquê.

Essie sentiu o sangue subir-lhe às faces e percebeu que corava como uma menina, o que era ridículo. Jack era amigo de George e ela mal o conhecia.

– Muito prazer em conhecê-la – disse ela apressadamente.

– Obrigada, senhora Cooper. – Jack abriu a porta. – Acho que me cheira a queimado.

– Oh meu Deus, é o empadão de carne e fígado para o jantar.

A senhora Cooper saiu à pressa da sala, e Jack fechou a porta.

– É boa pessoa, um pouco dada a exageros, por vezes. Claro que lhe falei de si. Ela é a minha família desde que eu era pequeno, na verdade, tratava da casa para o meu pai, para mim e para as minhas duas irmãs depois da morte da minha mãe. Todos adoramos a senhora Cooper.

– Irmãs? – Essie olhou-o com, curiosidade. – Já não vivem aqui?

– Credo, não. A Cecelia e a Maggie estão as duas casadas e têm filhos. Vejo-as sempre que posso. – Jack puxou uma cadeira. – Sirvo-a?

– Sim, por favor. – Essie instalou-se no assento à janela. – É evidente que a senhora Cooper gosta muito de si e acho isso adorável. Julgo que nunca me vou habituar a ter os criados a observarem todos os meus movimentos e a acorrerem para me atarem as botas, se é que me entende.

Jack encheu uma chávena de chá e pousou-a no peitoril, onde ela a podia alcançar.

– Por acaso entendo, embora a maior parte das pessoas achasse que seria o cúmulo do luxo. Consigo tentá-la a comer uma tarte de compota?

– Obrigada. – Essie deu uma dentada, dando-se conta de que ele aguardava ansiosamente o seu veredicto. Ela sorriu. – Deliciosa. Nunca experimentei uma melhor. É um homem cheio de sorte, Jack. Tem esta casa antiga, tão interessante, e uma governanta que também é uma amiga. Acho isso maravilhoso.

– Há quem considere a casa arrepiante… assombrada pelo velho capitão, mas, se é um fantasma, é um fantasma simpático.

– Adorava ver o resto – disse Essie com entusiasmo. – Se o capitão amava mesmo esta casa, o fantasma que a assombra deve ser muito feliz.

– É o que eu também acho. Quando estiver preparada, mostro-lhe a casa… isto, se não se importar com o estilo de vida caótico de um solteirão.

– Para dizer a verdade, acho um pouco assustador ter tudo. Acho que era mais feliz na cabana da mina em Ballarat, onde a vida era simples. Lady Alice está a tentar apresentar-me à sociedade, mas não sei se me enquadro.

– Mas dá-se bem com Lady Alice e os seus primos. George falou-me um pouco das suas viagens.

– Sim, gosto muito da Alice. – Essie mudou de assunto. A sua relação com Raven, assim como o tempo passado em Ballarat, pertenciam ao passado e ela estava desesperada por seguir em frente. – Mas já chega de falar de mim, Jack. Gostava muito de ter essa visita guiada antes que os outros regressem do navio.

– Mas é claro. – Subitamente formal, Jack levantou-se. – Espero que não fique desiludida, agora que criei em si expectativas.

O momento de constrangimento passou tão depressa como chegou. Jack mostrou a Essie a pequena sala de jantar e o grande salão, que ele explicou ser pouco usado agora que vivia sozinho. Havia várias outras divisões mais pequenas e depois a cozinha, que ele disse ser o coração da casa. A senhora Cooper estava rosada e envergonhada, pedindo muitas desculpas por não ter tido tempo de varrer o chão e arrumar os utensílios de cozinha. Essie pediu desculpa pela intromissão e elogiou a leveza dos bolos e a compota deliciosa que ela usara para as tartes.

– Caseiros – disse a senhora Cooper com orgulho. – A minha irmã vive em Shoreditch e tem um jardim onde cultiva toda a espécie de fruta e legumes. – Abanou o dedo para Jack. – Já devia saber que não deve entrar de rompante pela minha cozinha, apanhando-me desprevenida. Tenho a certeza de que a menina Esther gostava de ver o resto da casa.

– Espero que não a tenhamos aborrecido muito – disse Essie quando saíram da cozinha e subiram as escadas estreitas até ao primeiro andar.

– De modo nenhum. Causou boa impressão na senhora Cooper. Ela chamou-lhe «Menina Esther», um sinal seguro disso mesmo. Teria sido «Menina Chapman» se não lhe

tivesse agradado. – Abriu uma porta no primeiro andar. – Este é o meu quarto. Fica imediatamente por cima do salão e, como pode ver, tem uma janela de proa idêntica, ainda com melhor vista.

Jack olhou em redor do quarto, empurrando um sapato com a biqueira da bota para debaixo da cama, mas, na opinião de Essie, o quarto tinha um ar encantador de lugar habitado, e foi o que disse. Havia uma pequena divisão, cheia de baús e malas de todo o tipo, e um outro quarto nas traseiras. O segundo andar tinha uma disposição idêntica e a senhora Cooper ocupava todo o terceiro. Por cima, havia dois pequenos sótãos sob o telhado e a janela do quarto maior dava para a varanda. Saíram para a varanda a pedido de Essie, e ficaram lado a lado no pequeno espaço. Ela apercebeu-se de imediato do calor que irradiava do corpo dele e de um cheiro masculino que era estranhamente excitante.

– É encantador estar tão acima do mundo – disse ela suavemente. – Sinto-me como um pássaro.

– É por isso que adoro estar aqui em cima. Às vezes subo aqui à noite para contemplar o rio e as luzes a piscar e as estrelas no céu. – Virou-se, olhando-a com uma expressão inquiridora. – Está a tremer, contudo o Sol está no seu zénite.

– Deve ter passado uma alma por mim – disse ela a sorrir. Mas era um arrepio de expectativa que lhe dava um formigueiro na espinha; não tinha frio nenhum.

– Talvez seja melhor entrarmos. Muito sol pode ser tão mau como a sensação de uma rajada gelada no inverno.

Essie tinha relutância em ir-se embora, mas via um barquinho a abandonar o *Santa Gabriella*.

– Tem razão, mas eu podia passar aqui o dia inteiro.

Jack riu-se e levou-a para a relativa frescura do sótão.

– É uma mulher que segue o meu próprio coração, Essie.

Ela lançou-lhe um olhar de relance e viu que ele estava sério.

– Parece que sim, Jack.

Ficaram ali durante um longo momento, a centímetros de distância um do outro, mas ligados de uma maneira que Essie não compreendia bem. Conhecera Jack Manning há pouco tempo e, no entanto, sentia que o conhecia desde sempre. Uma súbita lufada de ar perfumado com o aroma de um bom charuto entrou no quarto.

– Acho que deve ter uma visita, Jack.

A expressão séria dele fundiu-se num sorriso caloroso.

– É apenas o capitão Oakes. É o seu modo de lhe dar as boas-vindas a esta casa, Essie.

– Obrigada, capitão. Quero que saiba que adoro a sua casa. Sinto que deve ter sido muito feliz aqui.

O aroma a tabaco dissipou-se, deixando o ar quedo e estagnado.

– Acho que o capitão gosta de si, Essie – disse Jack a sorrir. – É um velho cavalheiro benigno, mas sabe-se que, quando não gosta de alguém, anda apressadamente pela casa a bater as portas como sinal do seu desagrado.

Essie olhou para o sótão deserto, meio à espera de ver uma aparição a brilhar na sombra, mas só havia umas quantas teias de aranha.

– Não tenho medo, o que me surpreende.

– É melhor voltarmos ao escritório, senão o George chega lá antes de nós. – Jack estendeu a mão.

– Sim, claro. Quase me esqueci da razão da nossa visita de hoje.

Essie ignorou o gesto. Temia as consequências se o deixasse levá-la uma vez mais pela mão. As suas emoções eram uma espiral descontrolada e perigosa. Talvez fosse influência da velha casa romântica, mas corria o perigo de comprometer o seu bom nome por estar sozinha com um homem solteiro. George não aprovaria aquilo, nem Alice.

– Tem razão – apressou-se a dizer. – Temos de ir já, mas se o meu pai recusar a oferta de Falco, não sei o que farei.

# Capítulo Vinte e Um

Alice encontrava-se na sala de estar em Curzon Street, sentada no sofá a ferver de raiva, que nem tentava esconder.

– Esta manhã deve ter pensado que uma ida a Wapping era mais importante do que o nosso compromisso, Essie.

– Lamento, mas de facto era.

– Então o melhor é ir-me embora agora, antes que diga alguma coisa de que me venha a arrepender.

Alice pôs-se em pé, rigidamente ereta.

– Espere, por favor. – Essie despiu o casaco e entregou-o à criada, que, como sempre, aguardava a uma distância. – Foi uma emergência. Por favor, sente-se que eu vou mandar buscar café, ou algo mais forte, se preferir.

– É tarde demais. De facto, já passa do meio-dia e da hora de almoço. – Alice hesitou, mas depois, para ceder um pouco, sentou-se de novo. – Vá lá, explique o que aconteceu.

– Fui ver o meu pai e encontrei-o em péssimo estado – A explicação de Essie foi interrompida por Falco, que irrompeu pela sala.

– Salvei a situação – disse ele modestamente. – Vi que a sua querida Essie estava a ter problemas com o pai e solucionei a situação. Umas semanas no mar e será um homem novo.

Alice olhou de um para o outro.

– Não sei qual dos dois me enlouquece mais. Eis-me aqui a tentar apresentar a Essie à sociedade, e estão os dois a dificultar-me a vida.

– *Mia cara*. – Falco caiu sobre um joelho à frente dela. – Sou o seu eterno e humilde criado, mas não sou um cãozinho de colo. Sou marinheiro e, como tal, tenho de a deixar, com grande pena minha.

Alice fitou-o, desanimada.

– O que me diz, Falco?

– O *Santa Gabriella* segue com a maré e eu vou ao seu comando.

– Mas eu combinei jantares e aceitei um convite para um baile. Preciso de companhia e contava consigo.

– Tenho a certeza de que haverá cavalheiros a fazer fila por esse privilégio, *mia cara*. – Falco virou-se para Essie, com um sorriso rasgado. – O seu pai vai ficar em boas mãos. Certificar-me-ei de que paga com um trabalho esforçado e poucas oportunidades terá para se entregar à bebida.

Essie foi a correr abraçá-lo.

– Obrigada, Falco. Estou-lhe verdadeiramente grata, mas sentiremos a sua falta.

– E eu sentirei a falta das minhas lindas senhoras. Mas hei de tornar a vê-las em breve. – Soprou-lhes um beijo ao abandonar a sala.

– Bem! – disse Alice fitando a porta fechada. – Não acredito que me abandone assim.

– Lamento.

Essie compreendia que Falco desejasse fugir das rígidas limitações da sociedade, mas também sentia empatia por Alice, que parecia genuinamente chocada com a súbita partida.

– Deixe-o ir. – Alice pôs-se em pé, sacudindo rugas imaginárias das saias de seda. – Os homens são completamente falíveis e indignos de confiança. Vamos almoçar ao Brown's e depois fazemos uma visita à modista.

Essie abanou a cabeça.

– O almoço é boa ideia, Alice, mas eu não preciso de mais vestidos.

– Precisa, sim, minha querida. Hoje vamos a uma *soirée* em casa de Sir Henry Bearwood. A minha criada escolheu um vestido para si, mas ser vista a usar os vestidos que eu já não uso não é bom nem para si nem para mim.

– Mas Sir Henry tentou violá-la, Alice.

– Violação é uma palavra tão feia. O Henry é um homem apaixonado e eu teria tratado perfeitamente dele, mas o Raven quis armar-se em herói. Foi pura sorte nenhum dos dois ter morrido nessa noite. Seja como for, o Henry veio visitar-me mal soube que eu estava na cidade. Pediu-me imensa desculpa e eu acredito que seja agora um homem diferente, se bem que a Essie vai poder julgar por si mesma.

– Ele sabe que eu era criada. Vai lembrar-se de mim.

– Tudo isso é agora passado, Essie. Sir Henry recuperou do ferimento, tal como o Raven, portanto já esqueceu tudo. Em qualquer dos casos, nós vamos e pronto. – Alice olhou-a de cima a baixo, de sobrolho franzido. – A minha criada vai assegurar-se de que se veste adequadamente. De certeza encontrará alguma coisa que lhe fique bem.

– Eu gostava mesmo de ficar em casa, porque tenho coisas a fazer.

– Que disparate. Não permitirei que fique aqui sozinha. É minha companheira, Essie, e aprenderá a comportar-se como tal. É uma pena que o Falco tenha decidido deixar-me aqui especada, uma vez que devia acompanhar-nos esta noite. – Alice mirou-a com curiosidade. – Como se está a dar o seu irmão, Essie? É um sujeito bem-parecido, embora lhe falte polidez.

– O George? Foi a casa mudar de roupa e imagino que depois regresse a Wapping com o Falco e o Jack.

– Jack Manning? – Alice bateu na face com a ponta do dedo. – Lembro-me dele. É outro espécimen de bom ar. Será que têm roupa de cerimónia? Dois belos acompanhantes são melhor do que um.

– Oh, não me parece que gostassem de vir – disse Essie muito depressa.

– Porque não? Só têm de ficar atrás de nós com ar agradável. Não é preciso que conversem com os outros convidados, e sinceramente até seria melhor que ficassem calados. Vou mandar um mensageiro com o convite. Poucos

são os que me resistem quando uso os meus poderes de persuasão.

*

A casa apalaçada de Sir Henry em Piccadilly encontrava-se iluminada por tantas velas que o calor na entrada ampla era tão intenso como lá fora. Essie esperara que houvesse meia dúzia de convidados e, com isso em mente, conseguiu persuadir George a acompanhá-las. Jack incentivara-o, a rir e dizendo-lhe que seria a experiência de uma vida, o que enervou ligeiramente Essie. Sentia-se invulgarmente nervosa por se encontrar numa grande festa com a elite do momento, mas Jack deu-lhe uma palmadinha na mão enluvada, pousada no seu braço, e fez-lhe um sorriso de incentivo.

– Anime-se Essie – disse ele baixinho. – Eles não mordem e, se morderem, eu mordo também.

Essie engoliu uma risadinha.

– Não sei como pode estar tão calmo.

Jack movimentava-se pela festa com um aceno de mão casual.

– Estas pessoas podem ter dinheiro e berço, mas se lhes tirarmos os títulos e os adornos, são exatamente como o resto de nós, comuns mortais.

– Creio que não iriam gostar de ser comparados a varredores de rua e rameiras, mas percebo o que quer dizer. – Essie deteve-se atrás de Alice e George, perguntando-se porque teriam parado e depois viu o próprio Sir Henry abrir caminho por entre os convidados ali reunidos. Pegou na mão de Alice e levou-a aos lábios.

– Como está encantadora esta noite, minha querida.

Alice inclinou graciosamente a cabeça.

– Posso apresentar-lhe o meu sócio, George Chapman?

Empurrou George, que reagiu como um autómato, inclinando a cabeça numa pequena vénia e dando um aperto de mão a Sir Henry.

– Como está, Chapman?

O olhar de Sir Henry foi para além dele e pousou em Essie.

– E aqui estão a menina Esther Chapman e o senhor Jack Manning. Meus bons amigos – disse Alice com firmeza.

– Muito prazer em conhecê-los. – Sir Henry fez um sorriso vago e afastou-se. – Venha Alice, quero apresentar-lhe umas pessoas. – Deu uma palmada nas costas de George. – Tenho a certeza de que a pode dispensar um momento, senhor. – Ofereceu-lhe o braço e, para grande espanto de Essie, Alice aceitou-o com um sorriso, abandonando George.

– Eu sabia que não devia ter vindo – disse ele entre dentes, zangado. – O que faço agora?

– Mistura-te – apressou-se Essie a dizer. – Faremos o que nos parecer que os outros fazem, só que não conhecemos ninguém, portanto teremos de falar entre nós.

Jack pegou-lhe na mão.

– Excelente plano, Essie. Vamos aproveitar a hospitalidade de Sir Henry ao mesmo tempo que ficamos de olho em sua senhoria. Aquele homem é um assassino de senhoras como nunca vi.

– Julguei que tinhas dito que o Raven lhe deu um tiro – disse George em voz baixa enquanto furavam a multidão, seguindo o movimento geral dos outros convidados.

– Não sei ao certo o que aconteceu. – Essie agarrava a mão de Jack com força. Mas, fosse o que fosse, parece que Sir Henry não ficou ressentido.

Levados pelo movimento geral em direção ao salão de baile, como destroços num mar de senhoras cheias de joias na companhia de cavalheiros elegantes, transpuseram as portas duplas ladeadas por dois criados de libré. Tinham sido dispostas mesas e cadeiras a intervalos regulares, algumas delas já ocupadas, e o ar era denso com o aroma de perfume caro, pomada capilar e flores de estufa. O champanhe fluía e o volume das conversas aumentava, competindo com a orquestra e com uma senhora muito avantajada, vestida de cetim verde-maçã, que os entreteve com trechos de óperas numa espantosa

coloratura soprano que fez tilintar os pingentes de cristal dos candelabros, como se fossem sinos de prata.

– Acho que não fui feita para esta vida.

George bebeu uma taça de champanhe de um gole.

– Viemos apoiar a Alice – apressou-se Essie a dizer. – Mas acho que ela não precisa de nós. Parece estar a sair-se muito bem sozinha.

Jack bebericou o champanhe.

– Eu preferia um copo de cerveja ou um dedo de brande, mas tenho de dar o braço a torcer, Sir Henry é um anfitrião muito generoso.

– Ouvi alguém dizer que o jantar vai ser servido em breve – acrescentou Essie, sufocando um bocejo. – Pergunto-me quanto tempo durará isto.

– Não me digas que está entediada. – George esticou as pernas, quase caindo em cima de um criado que equilibrava uma bandeja de champanhe numa mão. – Desculpe, meu caro. Olhe, deixe-me tirar-lhe dois copos para lhe reduzir a carga. – Piscou o olho ao criado e agarrou em dois copos cheios até cima.

– Sinceramente, George. – Essie franziu o sobrolho para ele, sendo-lhe quase impossível manter cara séria. – Comporta-te.

Ele olhou em volta pelo salão, onde matronas respeitáveis namoriscavam abertamente com cavalheiros livres, enquanto os esposos jogavam às cartas apostando valores aparentemente enormes.

– Parece que somos os únicos observantes do decoro – disse ele, a sorrir.

– Talvez eu devesse tentar a sorte com uma dessas beldades entediadas e negligenciadas pelos maridos.

– Não te atrevas – disse Essie com severidade.

– É uma sorte para si que os duelos se tenham tornado ilegais, George – acrescentou alegremente Jack. – Sabe Deus como será mais tarde.

Essie levou a mão à testa.

– Tenho a certeza de que aquela cantora tem uma voz maravilhosa, mas estou a ficar com dores de cabeça.

– Estou morto que sirvam o jantar. – George engoliu o champanhe com uma careta. – Sabem, eu realmente não gosto muito disto. Tal como o Jack, preferia um copo de cerveja.

Essie suspirou. Ia ser uma longa noite.

*

O jantar fora servido e nem George encontrava defeitos na comida. A orquestra fizera uma merecida pausa e a cantora de ópera fez a sua derradeira vénia. Os jogadores pareciam demasiado concentrados nas cartas para saírem da mesa para outra coisa que não por necessidades urgentes. Haviam arredado e encostado alguma mobília ao fundo para se fazer uma pista de baile e a orquestra tornou a reunir-se e começou a tocar uma valsa. Sir Henry levou Alice para dançar e os dois moviam-se em perfeita harmonia. Essie ficou sobressaltada, mas não espantada, com a mudança de Alice. Sir Henry tinha um encanto dissoluto e a sua reputação de mulherengo era um desafio para qualquer mulher. Com a sua bela aparência morena e a atitude de vida despreocupada, lembrava a Essie um tigre: belo, mas perigoso. Tinha medo que Alice pudesse imaginar que o pudesse arrastar para si, de modo semelhante ao que fizera com Falco, e sem dúvida com tantos outros.

– Dá-me esta dança, Essie?

Ela ergueu os olhos sobressaltada e viu Jack de pé à sua frente, de mão estendida. Num momento de pânico, quase recusou, mas depois lembrou-se das breves instruções que a menina Potts lhe dera e a Sadie quando as ensinava a comportarem-se como senhoras. Essie pôs-se em pé e deixou que ele a conduzisse até à pista.

Felizmente era uma valsa e os passos vieram-lhe à memória enquanto seguia a orientação de Jack. Podia ter sido efeito do champanhe e da luz das velas tremeluzente, mas Essie sentia que os seus pés nem tocavam no chão quando rodavam pelo chão envernizado. Quando a música parou, não se separaram

logo e o seu olhar cruzou-se com o de Jack, persistente, e foi-lhe impossível desviar o seu. Estavam isolados numa ilha de luz dourada e tudo em seu redor esvaecera e era agora apenas brumas.

– Oh meu Deus! Aí está, Essie. – A voz de Alice estilhaçou aquele momento, como se fosse um copo partido. – Tenho andado à sua procura.

– Estávamos a dançar – disse Essie debilmente.

– Bem vejo. – O olhar de Alice passou de um para outro, e ela tinha uma expressão carregada. – Podem ir para casa, se quiserem. Tenciono ficar mais um pouco.

– Mas precisa de mim como sua acompanhante.

– Sou perfeitamente capaz de cuidar de mim, Essie. Tenciono bater o Henry nas cartas e não preciso de distrações. Mandei chamar a minha carruagem para que a leve a casa. Agora vá, por favor. Não preciso mais de si esta noite, ou será que devo dizer esta manhã. Há meses que não me divertia tanto numa noite.

Alice afastou-se, deslizante, para se ir juntar a Sir Henry e aos seus amigos, a uma das mesas de jogo, e Essie deu-se conta de que tinham sido dispensados.

– Não se preocupe com Lady Alice. – Jack fez uma festa na mão de Essie. – Tenho a sensação de que ela está à altura de qualquer homem.

– Não sei porque quis que eu viesse.

George oscilava.

– Aquela mulher usa as pessoas, Essie. Atira-te para o lado quando já não precisar da tua companhia.

– É a bebida a falar – disse Essie, irritada. Estás picado por ela preferir a companhia de Sir Henry. Pelo menos, pôs a sua carruagem ao nosso dispor e eu, pela parte que me toca, estou pronta para ir para casa.

*

Na manhã seguinte, Essie foi acordada por Sadie, que irrompeu pelo seu quarto.

– Essie, acorde.

– Que horas são?

– Oito e meia.

– Só chegámos a casa à uma. Acho que vou dormir mais um pouco. Vá-se embora, Sadie, seja uma linda menina.

– Não, não está a perceber. Lady Alice mandou uma mensagem urgente para que a Essie vá a Hill Street. A carruagem está à espera.

Essie sentou-se na cama, subitamente desperta.

– O que dizia a mensagem? Quem a trouxe?

– Um dos criados. Diz que houve um incêndio em Starcross Abbey e Lady Alice quer vê-la imediatamente.

Todos os pensamentos relacionados com o sono desapareceram da cabeça de Essie, que saltou da cama.

– Ajude-me a vestir-me, Sadie.

Essie esperara chegar a Hill Street e encontrar Alice a andar de um lado para o outro, mas sua senhoria estava sentada na cama, a beber uma chávena de café. Essie tinha o estômago a roncar e a boca seca. Não parara para tomar o pequeno-almoço e agora arrependia-se da sua reação impulsiva para obedecer à ordem de Alice.

– Disseram-me que me queria ver com urgência – disse ela, irritada. – Não parece incomodada com as notícias do incêndio. Foi muito mau?

– Claro que estou incomodada. – Alice pousou a chávena no pires. – E foi por isso que a mandei chamar.

– O que posso fazer?

– Quero que vá imediatamente a Devonshire. Sabe Deus como estarão os criados a lidar com a situação, tendo apenas a governanta para os organizar.

– Não vejo como posso ajudar, Alice. Não tenho autoridade para tomar decisões em Starcross.

– Achei que o Falco podia lá ficar a gerir as coisas até ao regresso do Raven da Austrália, mas eu devia saber que o capitão me deixaria ficar mal.

– O Falco há de ser sempre marinheiro de coração e não tinha motivo para ficar em Starcross.

– Disse que faria qualquer coisa por mim, o que é manifestamente mentira – disse Alice, fazendo beicinho. – Abandonou-me quando eu precisei dele.

– Mas Starcross Abbey não é responsabilidade dele, nem minha.

Alice pôs a cabeça de lado, lançando um olhar examinador a Essie.

– Fiquei com a impressão de que gostava bastante do meu primo. Durante todo aquele tempo em Ballarat tive a sensação de que se passava alguma coisa entre vocês. Enganei-me?

– Mesmo que fosse verdade, não posso tomar decisões em nome dele.

– Estou farta desta conversa. Pagarei para que viaje em primeira classe no comboio de hoje. Pode levar o George e a Sadie, se assim o desejar, mas preciso de conhecer a verdadeira extensão dos danos, para depois decidir as ações que tomarei na ausência do meu primo.

Essie estava prestes a recusar, mas foi inundada por memórias do seu tempo em Ballarat com Raven e Freddie. Se não fosse Raven, nunca teria viajado até ao outro lado do mundo e encontrado a fortuna. Em tempos, imaginou que estava apaixonada por ele, mas agora não tinha tanta certeza. Fossem quais fossem os seus sentimentos por ele, eram amigos e ela podia fazer aquilo por ele.

– Muito bem, Alice. Vou a Starcross Abbey ver o que se pode fazer.

*

George resmungou, mas acedeu a acompanhar Essie a Devonshire, e Sadie estava ansiosa por voltar a Starcross Abbey. Viajaram de comboio e apanharam uma charrete na estação.

– Vejo fumo – disse Sadie, empolgada, espreitando da janela da carruagem quando se aproximavam de Starcross Abbey.

– Decerto não poderá estar ainda a arder.

Essie inclinou-se para a frente quando o veículo fez uma curva apertada na estrada e transpôs os portões abertos. Levou a mão à boca e reprimiu um grito de desânimo. Havia montes fumegantes de entulho espalhados pela estrada de acesso das carruagens e o telhado da ala oriental desaparecera. As vigas expostas erguiam-se para o céu estival como dedos enegrecidos.

George avaliou a devastação, abandando a cabeça.

– Deve ter sido um grande incêndio. Pergunto-me como terá deflagrado.

– É o que espero vir a descobrir. – Essie esperou com impaciência que a carruagem parasse.

George abriu a porta e ajudou-a a sair.

– É tão triste – disse ela, erguendo o olhar para o que restava da casa, com lágrimas nos olhos.

– Parece ter-se consumido a si própria nas chamas. – George ajudou Sadie a descer da carruagem e pegou nas malas. – Bata à porta, linda menina. Tenho as mãos ocupadas.

Sadie obedeceu sem hesitar e, passado um momento, a porta foi aberta por uma chorosa senhora Grimes. Abriu os braços para o pescoço de Essie numa invulgar manifestação de emoção.

– Estou tão contente por ter vindo, menina. Estou aflita sem saber o que fazer, é essa a verdade. A senhora Wills está fora, de visita ao irmão doente, e o senhor Havers está em Plymouth, devido a questões da propriedade.

– Tenho muita pena, senhora Grimes. – Essie libertou-se do aperto da cozinheira. – Vamos entrar. Lady Alice pediu-me

para avaliar os danos.

– Toda a ala oriental desapareceu, foi completamente queimada da noite para o dia. Mas houve uma repentina tempestade, como se o nosso bom Deus tivesse aberto os céus para salvar Starcross Abbey da obra do diabo. Se bem que nós sabemos o nome do demónio que fez isto.

Essie transpôs a entrada, seguida de Sadie e, por fim, George com a bagagem. O cheiro a madeira chamuscada formava uma nuvem que cobria todo o átrio com uma camada grossa de fuligem. A senhora Grimes conduziu-os até onde em tempos fora a sala de bilhar. Abriu a porta e foram envolvidos por uma rajada de fumo e pó. Essie pestanejou ao ver aquela devastação total. As paredes exteriores estavam de pé, mas faltavam os pisos superiores, assim como o telhado. Aberta ao céu, nada restava na ala oriental a não ser entulho fumegante.

– Feche a porta, senhora Grimes. Já vi que chegue.

Essie recuou até à parte do edifício que não tinha sido tocada pelas chamas.

– Venha para a cozinha, menina. É a única divisão arrumada nesta casa.

A senhora Grimes saiu, e eles seguiram-na.

– Teremos de ficar uma ou duas noites – disse Essie, preocupada. – Dois quartos bastam. Não vos quero dar trabalho desnecessário.

– Só tenho a Jenifry e a Beattie para me ajudarem. Como a maior parte das divisões estão fechadas, não temos precisado de muita ajuda na casa, mas cá nos arranjaremos, menina. Nunca deixei sua senhoria ficar mal, nem hei de deixar.

A cozinha parecia ter escapado às chamas, aparte o cheiro nauseante a fuligem, tudo estava exatamente na mesma como da última vez que Essie esteve lá.

– Jenifry, ponha a chaleira ao lume e faça-nos um bule de chá. Onde está aquela pateta?

– A Beattie está no pátio a tirar água do poço, senhora. – Jenifry fez um sorriso tímido para Essie.

– Que bom tornar a vê-la, menina. Precisamos de alguém que nos diga o que fazer. – Olhou para George e baixou a cabeça. – Peço desculpa por ser tão direta, senhor.

– Não se preocupe connosco – apressou-se Essie a dizer. – Este é o meu irmão, George Chapman, e claro que já conhece a Sadie. Lady Alice pediu-nos que viéssemos ver os danos pessoalmente. Estamos aqui para ajudar.

– Sente-se, por favor. – A senhora Grimes puxou uma cadeira e afundou-se nela. – Desculpe, mas isto perturbou-me bastante. Já sou muito velha para lidar com coisas destas.

George puxou uma cadeira para Essie e outra para si, e Sadie sentou-se num banco.

– O que queria dizer quando disse conhecer o nome de quem fez isto, senhora Grimes? – perguntou Essie com delicadeza. – Foi fogo posto?

– Foi o Smeaton, menina. Deve ter-se escondido na sala. Esperou e, quando estávamos todos a dormir, deitou fogo à casa.

– Como pode garantir isso? – George mirou-a com desconfiança. – Por certo não ficou por aqui a ver as chamas consumirem a casa.

– Aí é que se engana, senhor. O Smeaton estava bêbedo. Tinha tirado um barril de brande da adega e bebeu um bocado antes de entornar o resto por cima da mobília e deitar fogo a tudo. O problema foi que aquele palerma pegou também fogo e foi a correr para o estábulo a gritar pelas alminhas. Foi assim que fomos alertados e que saímos todos antes de sermos queimados vivos.

– Que terrível. Não acredito que fizesse uma coisa dessas. – Essie fitava-a, incrédula. – Onde está ele agora?

– A polícia prendeu-o e levou-o. Não quero saber o que é feito dele. Espero que sofra os tormentos do inferno pelo que fez, especialmente depois do que disse quando achou que ia ter com o Criador. Confessou os pecados, na esperança de ser absolvido. Deus pode ser generoso a esse ponto, mas eu nunca

serei. – A senhora Grimes tapou a cara com o avental encardido e começou a chorar.

Essie olhou para Jenifry, à procura de esclarecimento.

– O que disse ele?

– O Smeaton disse ao polícia que tinha contrabandeado há anos o brande que encontraram na adega nessa noite. Eu era uma criadita pequena na altura, mas a senhora falou-me disso.

– É verdade. – A senhora Grimes anuiu com vigor.

– O menino Frederick ficou com as culpas, e sofreu pelo seu ato de bravura.

– Isso não faz sentido – disse George com impaciência. – Ele devia estar implicado de alguma forma.

– O menino Frederick era um bocado para o endiabrado, senhor. Gostava de partilhar um jarro de cerveja com os rapazes daqui, no bar. Sucede que ele estava a vir para casa pela praia uma noite quando os viu a tentarem trazer para terra o barco, mas as águas estavam bravas. Entrou no mar para os ajudar.

– Os guardas estavam à espera no escuro – acrescentou Jenifry, animada. – O Smeaton confessou que fazia parte do gangue e que bateu no menino Frederick para o deixar sem sentidos no esforço por dar à costa.

– Foi isso que ele nos contou. – A senhora Grimes saiu da cadeira e estendeu o braço para o jarro do leite. – O Smeaton convenceu os guardas de que tinha sido ele a ir em auxílio do barco naquela atrapalhação e que o menino Frederick estava lá com o gangue.

– Mas por certo que Frederick negou a acusação. – Essie olhava de uma para outra. – Porque é que ninguém o defendeu?

– Ninguém nos perguntou nada. O Smeaton falou por todos nós e o menino Frederick tinha sido visto muitas vezes a beber com os rapazes Pascoe e com Jan Hawkes. Foram todos presos e mandados a julgamento, mas o menino Frederick ficou muito mal depois da pancada na cabeça.

Todos pensámos que tinha ficado ferido quando o barco bateu nas rochas, até o Smeaton nos contar a verdade.

Essie aceitou a chávena de chá de Jenifry, mas continuava perplexa. Havia naquela história elementos que não faziam sentido.

– Onde estava o senhor Raven quanto tudo isso aconteceu?

A senhora Grimes comprimiu os lábios.

– Estava com a senhora por quem estava apaixonado. Foi na noite que tentaram fugir os dois. Foi um grande escândalo na altura.

– Estava noivo, para casar? – Essie fitou-a, incrédula.

Raven nunca referira a existência de uma noiva, mas, agora que pensava nisso, quase nunca dizia nada que se referisse ao seu passado.

– Era segredo. – A senhora Grimes deitou uma boa dose de leite por cima do chá. Voltou a pousar o jarro na mesa com um baque. – O pai da jovem tinha outros planos para ela. Queria que ela casasse com um duque viúvo que tinha uma enorme propriedade para norte. Foi por isso que o menino Frederick estava fora tão tarde naquela terrível tempestade. Tinha ido avisar o senhor Raven de que o pai da jovem tinha descoberto os seus planos de fuga.

– Continuo sem perceber como é que o Raven se envolveu no contrabando – disse Essie, de sobrolho franzido.

– Não se envolveu, menina. Todos o sabíamos, mas Lorde Crozier veio cá a casa num acesso de mau feitio como nunca se viu, e o menino Frederick foi avisar o irmão.

Essie fitou-a, incrédula.

– Era a filha do Lorde Crozier? Não, não podia ser!

# Capítulo Vinte e Dois

A senhora Grimes pousou a chávena de chá com um suspiro.

– Era um casal muito romântico, mas duvido que conhecesse a senhora em questão.

Sadie escutava de olhos arregalados.

– Então não podia ser Lady Alice.

Essie estava sem palavras. Nunca houvera nada minimamente romântico na maneira como Alice tratava o primo e ele nunca demonstrara preferência pela sua companhia.

– Certamente que não – disse a senhora Grimes com firmeza. – A jovem senhora em questão era Lady Cordelia, irmã de Lady Alice.

– Era? – Essie recobrou o fôlego. – Não sabia que Lady Alice tinha uma irmã. O que lhe aconteceu, senhora Grimes?

– Lorde Crozier apanhou-os e obrigou a filha a voltar a casa. Ninguém sabe se foi um acidente ou se ela se atirou ao mar, mas o seu corpo foi trazido para as areias de Red Rock no dia seguinte – disse Jenifry em voz baixa. – Lembro-me bem do choque.

A senhora Grimes anuiu com sinceridade.

– Não se fala muito disso por aqui, menina. As pessoas acham que foi esta perda que matou o velho senhor. Morreu de ataque cardíaco passados uns dias e Lorde Raven entregou-se ao magistério, ficando com as culpas de um crime que julgava ter sido cometido pelo seu irmão. Não que o soubéssemos na altura.

A mão de Essie tremia quando ela pegou na chávena e a levou aos lábios. Bebeu um gole, dando a si mesma tempo para pensar.

– Como era Lady Cordelia?

– Muito bonita e uma excelente rapariga, menina. – A senhora Grimes pôs a cabeça de lado, estudando o rosto de Essie com olhar crítico. – Um pouco como a menina, em

vários sentidos, mas o oposto de Lady Alice, que sempre foi muito frontal, embora eu não dissesse isso à frente dela.

George bebeu o resto do chá, pôs-se em pé e espreguiçou-se.

– Parece-me que o melhor é esquecer o passado. Temos de lidar com os problemas que temos em mão.

– Acho esta história muito triste. – Sadie limpou as lágrimas das faces. – Pobre Raven.

– Sim – disse Essie devagar. – É um caso trágico. Mas a confissão do Smeaton significa que o Freddie e o Raven podem provar a sua inocência. Raven cumpriu mais de cinco anos de uma sentença de sete por um crime que não cometeu e o Freddie está em exílio, embora não tenha feito nada de mal.

– Isso é bem verdade, menina. – Jenifry virou-se para a mãe. – Quem diria que o Smeaton era um homem tão mau? Nunca gostei dele, mas como é possível ficar a ver outra pessoa levar com as culpas dos seus atos maldosos? – A senhora Grimes abanou a cabeça. – Com algumas pessoas, nunca se sabe.

– Ficou muito queimado? – perguntou Essie, ansiosa. – Porque ele é a única pessoa que pode limpar o nome da família.

– Não sei dizer, menina. Fez um grande estardalhaço, lá isso fez.

– Ainda há cavalos nos estábulos, senhora Grimes?

– Ainda, menina. O cavalariço e o ajudante ficaram, mas o Whiddon, o condutor da carruagem arranjaram trabalho em Daumerle, ao verem que não havia necessidade dos seus serviços aqui, pelo menos até ao regresso do patrão.

– O que vais fazer, Essie? – perguntou George, ansioso.

– Vou dar uma palavra ao agente da polícia que prendeu o Smeaton. – disse Essie levantando-se. – Precisamos do testemunho do Smeaton, se queremos limpar o nome do Raven e também do Freddie.

– E a casa, menina? – A senhora Grimes seguiu Essie até à porta. – O que fazemos?

– O melhor é fecharem a ala oriental e pedir ajuda adicional para as limpezas – disse Essie, pegando na capa e nas luvas. – Vou aos estábulos.

George travou-a agarrando-lhe a mão.

– Espera um minuto, Essie. Sabes conduzir um barco no rio, mas não sabes montar a cavalo.

Ela libertou a mão.

– Ficarias espantado com o que eu consigo fazer – disse ela com um sorriso sardónico. – Acontece que sou uma ótima amazona.

*

O agente da vila estava sentado atrás de uma secretária na esquadra de polícia, que consistia numa divisão com uma cela nos fundos. Ouviu atentamente Essie explicar a sua missão, e George reforçava a sua história com mais entusiasmo do que precisão.

– Entenda que eu tenho de falar com o Smeaton para o persuadir a repetir o que ele disse à frente do magistrado ou de um advogado – concluiu Essie. – Ele está aqui?

– Sofreu queimaduras graves, menina. Levei-o diretamente para o hospital.

– Então tenho de lá ir imediatamente.

O agente da autoridade abanou a cabeça.

– Duvido que o médico o deixe vê-lo neste momento.

– Mas não o vai deixar sair em liberdade?

– Ele continua sob detenção, menina. Se o Smeaton recuperar, irá para a prisão, mas eu não teria muita esperança nisso.

Essie virou-se para George.

– Temos de mandar chamar o Gilfoyle. Ele saberá o que fazer.

– Achas que ele vai deixar tudo para ir até Devonshire?

– Conheço uma pessoa que o levaria a fazer qualquer coisa. – Essie virou-se para o polícia com um sorriso de gratidão. – Obrigada pela ajuda, senhor guarda. Presumo que queira tomar nota da confissão do Smeaton, não é assim?

Ele deu uma palmadinha no bolso.

– Como sempre, menina. Tudo tem de ficar por escrito e para ser usado como prova em tribunal.

– É muito eficiente. Adeus e, mais uma vez, obrigada. Vou para Londres e espero regressar com o meu advogado. Provarei de uma vez por todas que o Lorde Starcross e o senhor Frederick Dorincourt são ambos inocentes.

O polícia pôs-se em pé.

– Ámen, menina.

*

Era o início da tarde quando Essie e Sadie regressaram a Londres. George mostrara relutância em permitir que elas viajassem sozinhas, mas Essie insistiu que ele fazia falta em Starcross e prometeu que voltaria no dia seguinte, com ou sem Gilfoyle. Tinha dúvidas se os seus poderes persuasivos conseguiriam levá-lo a fazer a viagem tão em cima da hora, mas era literalmente uma questão de vida ou de morte. Apanharam uma carruagem em Hill Street e foram informadas por Fielding, em tom de censura, que sua senhoria aceitara um convite para almoçar com Sir Henry.

Essie arrastou Sadie pelas escadas abaixo e fez parar uma carruagem que ia a passar.

– Bearwood House, Piccadilly, por favor, senhor condutor. – Puxou Sadie para dentro e entrou a seguir a ela. – Que aborrecimento, mas o tempo é curto e eu preciso de um depoimento assinado de Smeaton. Se ele morrer sem deixar alguma coisa por escrito, a lei reconhece que tudo isto terá sido em vão e Raven e Freddie terão o estigma de criminosos para o resto da vida.

Sadie recostou-se no assento de couro gasto.

– É como estar numa história da senhora Radcliffe. Sinto-me uma heroína.

– Oxalá me sentisse assim – lamentou-se Essie. – Tenho medo que a Alice se recuse a ajudar. Sabe-se lá o que vai acontecer, agora que se associou a Sir Henry. Não gosto desse homem, nem confio nele.

Entrelaçou os dedos tentando que as mãos não lhe tremessem quando a carruagem se pôs em movimento no tráfego, a um ritmo lamentavelmente lento, mas não estavam longe de Piccadilly e Essie saltou do veículo mal ele parou. Atirou uma moeda ao condutor e subiu os degraus a correr, para ir bater na aldraba.

O criado olhou-a com desconfiança, mas Essie manteve-se firme, recusando-se a ser enrolada com desculpas.

– Eu sei que Lady Alice Crozier está aqui. Insisto em vê-la e não me vou embora até o fazer.

– Tenha a bondade de esperar aqui, menina, vou indagar nesse sentido.

O criado estava prestes a fechar a porta, mas Essie foi mais rápida que ele. Entrou no vestíbulo, seguida de Sadie.

– Se for necessário, esperamos o dia todo. Diga por favor a Lady Alice que é um assunto da máxima urgência.

– Estou consigo, Essie – sussurrou Sadie. – Não deixaremos que nos mandem embora.

– Não, de facto não – disse Essie com mais certeza do que sentia, mas, para seu alívio, o criado voltou depressa.

– Lady Alice vai vê-la agora. Siga-me, por favor.

A sala de estar ficava no primeiro andar e tinha janelas altas com vista para o Green Park. Alice estava decorosamente sentada no sofá com Sir Henry ao seu lado, que não parecia nada agradado.

– Diga o que deseja, menina Chapman – disse ele abruptamente.

– Gostaria de dar uma palavra a Lady Alice, em privado, por favor.

As sobrancelhas escuras de Sir Henry juntaram-se num franzido.

– Esta casa é minha. Não aceito bem que uma criada me dê ordens.

Essie levantou-se, esticando-se ao máximo.

– Foi um pedido cortês, senhor. E eu não sou uma criada.

– E não é mesmo, Henry – disse Alice, irritada. – Saia e deixe-nos a sós. Não demorará muito.

Sir Henry hesitou por um instante, depois encolheu os ombros.

– Como queira, minha cara. – Saiu da sala, deixando que a porta se fechasse sozinha, como que para sublinhar o seu desagrado.

– Não lhe preste atenção – disse Alice a sorrir. – Gosta de achar que é dono de tudo, mas não tardará a aprender. – Recostou-se nos almofadões de seda. – Agora sentem-se, as duas, e a Essie tem de me falar de Starcross. Em que estado se encontra?

– Muito mau. Toda a ala oriental ficou completamente queimada. – Essie continuava de pé ao lado de Sadie, instalada num cadeirão à beira da lareira. – O resto da casa continua intacta, embora esteja tudo coberto de fuligem.

– Estou a ver. Bem, dêmos graças pelas coisas boas. Autorizo quaisquer obras que considere necessárias, mas apenas para que fique segura, compreende.

– Deixei o George a organizar as limpezas e a assegurar-se de que tudo é feito ordeiramente, mas não quer ver os danos com os seus olhos?

– A casa não é minha, Essie. Tenho a certeza de que qualquer obra de restauro pode esperar até o Raven ser um homem livre.

– E é por isso que aqui estamos – disse Essie, ávida. Parece que o mordomo, o Smeaton, foi o causador do fogo e sofreu graves queimaduras. Creio que deve ter temido pela sua alma eterna, porque fez uma confissão que absolverá o Raven e o Freddie.

– A sério? – Alice inclinou-se para a frente, dando a Essie toda a sua atenção. – O que disse ele?

– Que era ele quem estava envolvido com os contrabandistas e que o Freddie ia apenas a passar e o ajudou a arrastar o barco para a areia, quando viu que corria o risco de se virar.

Alice olhou-a, incrédula.

– Mas isso não faz sentido. Porque não contou o Freddie ao juiz o que aconteceu realmente?

– O Smeaton deixou-o sem sentidos e parece que quando o Freddie recuperou do golpe, tinha perdido a memória do sucedido. Talvez o Raven tivesse julgado que o irmão era culpado, é impossível saber, mas o Smeaton está num estado muito grave. Se ele morrer, a verdade nunca será conhecida.

– Eu estava em Paris quando tudo aconteceu – disse Alice devagar. – Perder a minha irmã e o meu pai num tão curto período de tempo foi um choque terrível. Tudo estava terminado quando regressei a casa. O Freddie tinha fugido do país e o Raven ia a caminho da Austrália.

– Deve ter sido horrível para si.

– Foi, mas sobrevivi. Se eu tivesse sabido a verdade, podia ter feito alguma coisa, mas agora é tarde demais.

– Não, não é. Ainda faltam dois anos para o Raven ser um homem livre e o Freddie nunca conseguirá regressar a casa, a menos que o Smeaton faça uma confissão. É por isso que estou aqui hoje, Alice. O senhor Gilfoyle saberá o que fazer, mas duvido que ele me receba.

– Não há advogados em Devonshire? Tenho a certeza de que haverá um oficial de justiça entre as minhas relações, embora não me ocorra um nome de momento.

– Tenho a certeza que sim, mas o Smeaton está gravemente ferido e pode morrer. Não podemos adiar. Quer limpar o nome da família, não quer?

– Claro que quero. – Alice levantou-se da cadeira e puxou o fio de uma sineta. – O Henry não vai gostar da mudança de planos, mas eu vou com a Essie visitar os escritórios de Gilfoyle.

– E eu também. – Sadie levantou-se de um salto. – Não me deixem aqui.

– Venha, se quiser – disse Alice, impaciente. – Vou mandar chamar a minha carruagem.

*

Confrontado pela determinada Lady Alice Crozier, Gilfoyle acabou por ceder e concordar que iria a Starcross depois de reunir com o seu último cliente e de ir a casa fazer a mala. Prometeu encontrar-se com Essie e Sadie na plataforma da estação às seis da tarde. Alice agradeceu-lhe com graciosidade e Essie suspirou de alívio.

– O Henry vai ficar rabugento durante pelo menos uma hora. – Alice acenou para atrair a atenção do seu condutor, que esperava na outra ponta da praça.

– Ia levar-me a tomar chá no Gunter's e detesta ver os seus planos alterados, seja por que motivo for.

– Porque está de novo com ele, Alice? Conhece a reputação dele.

– Claro que sim, tontinha. É isso que o torna tão excitante. Debaixo de tudo isso, não passa de um menino mimado, e muito rico, já agora. Se eu aceitar o pedido dele, e sim, já me pediu em casamento mais do que uma vez, serei uma das mulheres mais ricas de Inglaterra, e a vida nunca mais será entediante.

– O que diria o Raven do casamento?

– Minha cara, isso não me interessa. Adoro o meu primo, mas ele não tem qualquer controlo sobre a minha vida. Quero o melhor para ele e para o Freddie, mas uma pequena parte de

mim não lhe perdoa o que aconteceu à minha irmã. Ela era jovem e influenciável e, se eu tivesse estado em casa, teria tentado dissuadi-la de fugir para se casar.

– Mas ele queria casar com ela.

– Ele sabia que o meu pai nunca consentiria esse casamento. Pode ser que na realeza os primos se casem entre si, mas o meu pai opunha-se firmemente a tal. Dizia tratar-se de incesto, se me perdoa a expressão, dizia que gerava néscios e enfraquecia e linhagem. Não sei se tinha razão, mas era essa a sua firme convicção, e o Raven sabia disso. Devia ter-se ido embora e deixado a Cordelia casar com o homem que o meu pai escolhera para ela. O duque tê-la-ia tratado bem e ainda estaria viva.

– Lamento – disse Essie com sinceridade. – Não queria transtorná-la.

Sadie puxou-lhe a manga.

– Vem aí a carruagem. Vamos voltar para Bearwood House, Essie?

– Creio que não. – Essie avistou uma carruagem que acabara de deixar um homem à porta de um dos escritórios. Levantou a mão para a deter. – Quero ver o Jack. Preciso de lhe dizer que vamos estar ausentes durante mais tempo do que eu esperava.

Alice estava prestes a subir para a carruagem, mas hesitou.

– Parece estar a aproximar-se muito desse homem, Essie. Podia arranjar melhor.

– Que graça… estava a pensar exatamente o mesmo de si. – Essie teve a satisfação de deixar Alice sem palavras. – Wapping High Street, por favor, senhor condutor.

*

Jack estava sentado à secretária quando Essie e Sadie entraram no escritório. Ele levantou-se e recebeu-as com um sorriso caloroso.

– Que agradável surpresa, Essie. Julguei que estivesse em Devonshire.

– Tivemos de vir a Londres para resolver assuntos urgentes, mas regressamos esta noite.

– Eu oferecia-lhe uma chávena de chá, mas, como poderá adivinhar pela minha indumentária, estive a bordo a tarde inteira a tratar do desalfandegamento com o imediato. O capitão Kitchen adoeceu, por isso ando à procura de outro mestre que assuma o comando. – Jack atravessou a divisão para apanhar o atiçador e remexer as brasas quase apagadas. – Infelizmente, levaria muito tempo até que a água fervesse na chaleira.

– Não faz mal – assegurou-lhe Essie. – Vamos a caminho de Curzon Street e depois partimos para Waterloo Bridge Station, para irmos ao encontro de Gilfoyle às seis horas. É ele a razão da nossa vinda a Londres.

Jack olhou para o relógio de face branca na parede, por cima da lareira.

– São só três horas. De qualquer modo, hoje fecho cedo, portanto porque não vem a minha casa, para me contar tudo com uma chávena de chá quente?

– E tarte de compota? – perguntou Essie a sorrir.

Jack anuiu.

– Mas é claro, ou talvez uma fatia de bolo. A senhora Cooper andou à volta do forno hoje.

– Acha que o velho capitão do mar vai fumar o seu charuto hoje, quando eu lá estiver? – perguntou Sadie, empolgada. – A Essie contou-me tudo sobre a sua casa.

– Tenho a certeza de que ele lhe fará o obséquio, Sadie.

Jack abriu e porta e acompanhou-as para o cais e, quando chegaram à casa do velho capitão, Essie tinha-lhe feito um breve relato do sucedido em Starcross Abbey. A senhora Cooper saiu apressadamente da cozinha para saudar Essie como se ela fosse uma velha amiga, e abraçou calorosamente Sadie.

Minha querida, está com ar de quem precisa de um copo da minha limonada caseira. Venha à cozinha e pode ajudar-me a

decorar o bolo que acabei de fazer.

Sadie olhou de relance para Essie, que deu o seu consentimento.

– Claro, mas lembre-se de trazer uma fatia para mim. A senhora Cooper é uma excelente cozinheira.

A senhora Cooper guiou Sadie até à cozinha e Jack fez Essie entrar na sala principal.

– Tem aí uma amiga para a vida – disse ele com uma risadinha. – A senhora Cooper adora apaparicar as pessoas. Infelizmente, desistiu de mim, mas vai estragar a Sadie com todo o prazer.

Essie foi diretamente para o assento à janela, onde se instalou.

– Podia passar aqui o dia todo, só a olhar para o rio – disse ela com um suspiro. – Mas há tanto para fazer em Starcross e, o que é mais importante, temos de fazer com que o Smeaton assine um documento que prove de uma vez por todas que o Raven e o Freddie não estiveram envolvidos no gangue dos contrabandistas.

– Assumiu muitas responsabilidades – disse Jack, com um ar sério. – Devia ser Lady Alice a resolver os assuntos da sua família.

– Evidentemente não conhece bem sua senhoria. A Alice faz o que quer e eu creio que Sir Henry encontrou o seu par perfeito. São completamente incompatíveis e tenho a certeza de que haverá muitas explosões, mas, de uma estranha forma, creio que se darão muito bem.

Jack abriu a porta para deixar entrar a senhora Cooper, que trazia uma bandeja com chá, seguida de Sadie com uma travessa de tartes de morango e um bolo de chocolate decorado com framboesas.

– Obrigada, senhora Cooper – disse Essie a sorrir. – É muito amável.

– De todo, menina. É tão bom ter companhia. Espero que a menina e a Sadie venham muitas vezes.

– Virei – disse Sadie, engolindo um pouco da bebida doce. – Venho vê-la todos os dias se me ensinar a fazer este maravilhoso bolo de chocolate. – Cheirou o ar. – Não sinto o fumo de charuto. Acha que o velho capitão virá hoje?

– Tenho a certeza de que ele sabe que está aqui, Sadie – disse a senhora Cooper, anuindo. – Mas está um pouco reservado. O capitão era solteiro e não tinha filhos, de modo que não está habituado à presença de donzelas como a Sadie.

– Sou muito bem-comportada. – Sadie olhou para Essie, em busca de confirmação. – Sou, não sou, Essie?

– Sem dúvida que sim. – Essie aceitou a chávena de chá oferecida por Jack, que lhe piscou o olho. Ela sorriu-lhe. – Obrigada, Jack. É maravilhoso, mas não nos devemos deixar ficar demasiado confortáveis. Temos de apanhar o comboio às seis horas.

*

Às dez para as seis, Essie e Sadie aguardavam na plataforma da estação de Waterloo Bridge. Tinham ido a Curzon Street, mas fora necessariamente uma visita breve, uma vez que se tinham demorado em casa do velho capitão, com Jack e a senhora Cooper. Sadie desabrochara sob a benéfica influência da governanta e tivera relutância em partir.

Essie olhou para o relógio da estação.

– Espero que o senhor Gilfoyle não tenha mudado de ideias – disse ela ansiosamente. – Se ele não aparecer, cai tudo por terra.

Sadie bateu com os pés.

– Estou cansada, Essie. Oxalá pudéssemos ter ficado em casa do velho capitão. Adorei estar lá e a senhora Cooper é tão simpática. Se eu tivesse uma avó, gostava que fosse exatamente como a senhora Cooper.

– Sim, é uma senhora simpática e uma ótima cozinheira. O Jack tem muita sorte. – Essie pôs-se em bicos dos pés. Julgou reconhecer um homem que abria caminho pela multidão. – Ali está o Gilfoyle. Graças a Deus! Começava a achar que ele não viria.

Acenou-lhe, e ele correspondeu. Essie abriu a porta da carruagem e estava prestes a entrar quando viu outra pessoa dirigir-se apressadamente a si.

– Sadie, veja quem se vem despedir de nós. É o Jack.

Sadie virou-se e deu um gritinho de prazer. Foi a correr ter com ele e voltou arrastando-o pela mão. Gilfoyle chegou junto delas no preciso instante em que o guarda soprava o apito. Atirou a pasta para dentro da carruagem e ofereceu a mão a Essie.

– O senhor primeiro, senhor Gilfoyle – apressou-se Essie a dizer. Virou-se para Jack. – Foi muito amável em ter vindo, mas, como vê, agora temos de partir.

Jack pousou os embrulhos e a pequena mala que trazia e içou Sadie até à carruagem.

– Não podia deixá-la fazer isto sozinha, Essie. Também vou.

Demasiado surpreendida para responder, Essie sentou-se. Ouviu Jack colocar a bagagem na grelha e o comboio começou a afastar-se devagar da estação, com uma grande baforada de vapor.

– Não compreendo. Achei que tinha assuntos a tratar.

– Há coisas mais importantes, Essie. – Jack sentou-se ao lado de Sadie, de modo que estava de frente para Essie e Gilfoyle. – Tirei uns dias de folga, os primeiros em três anos, por isso acho que são bem merecidos.

Gilfoyle aclarou a garganta.

– Não nos conhecemos, senhor. O meu nome é Gilfoyle. Sou o advogado da menina Chapman.

– Desculpe – apressou-se Essie a dizer. – Devia ter-vos apresentado. Senhor Gilfoyle, este é Jack Manning, sócio do meu irmão.

– E amigo chegado, dir-se-ia. – Gilfoyle recostou-se no assento, entrelaçou as mãos no regaço e inclinou a cabeça para olhar pela janela.

Essie encontrou o olhar divertido de Jack com um sorriso sardónico.

– O que o fez decidir juntar-se a nós? Não terá grande conforto em Starcross Abbey.

– Achei que poderia ajudar de alguma forma. Sou muito útil no que toca a trabalhar com um martelo, ou até com uma esfregona.

– Vai ser divertido – disse Sadie, empolgada. – Seremos como uma família a sério.

Gilfoyle pigarreou.

– Trata-se de um assunto sério, menina Chapman. Estou a fazer isto como favor a Lady Alice, mas, aconteça o que acontecer a esse homem, o Smeaton, pretendo regressar a Londres amanhã à tarde.

– Sim, senhor Gilfoyle – apressou-se a dizer Essie. Compreendo perfeitamente.

*

Era meia-noite quando chegaram a Starcross Abbey. Sadie tinha adormecido durante a desconfortável viagem no único veículo disponível, uma velha carroça rural. O agricultor tinha estado a carregar vasilhames de leite na carrinha do guarda quando Essie desceu do comboio e concordou resmungando que as levava a Starcross. Implicava desviar-se uns quilómetros do seu caminho, mas a generosa gorjeta de Jack fechou o negócio. Essie tinha frio, estava cansada e dorida de ir sentada encurvada no assento de madeira, enquanto o veículo guinava e fazia solavancos ao longo das estradas rurais.

A casa estava envolta num estranho silêncio ao luar, e a gravilha estalava debaixo dos pés dela ao caminhar até à porta da frente e bater. Por um momento, temeu que todos já tivessem ido para a cama, mas depois ouviu passos e a porta abriu-se. George segurava uma lanterna.

– Começava a pensar que tinhas ficado esta noite em Londres. O que te atrasou tanto?

– As respostas ficam para depois, George. O senhor Gilfoyle teve a amabilidade de nos acompanhar. A senhora Grimes preparou-lhe um quarto?

Gilfoyle seguiu-a até ao átrio e George abanou a cabeça.

– É muito amável ter vindo tão em cima da hora, senhor. Eu mostro-lhe o caminho. – Olhou por cima do ombro quando Jack entrou, com as malas.

– O que faz aqui, Jack? Este problema não é seu.

– Achei que podia ser prestável – respondeu Jack alegremente. – E admito que também estava curioso.

Sadie passou por ele.

– Tenho fome – disse ela fungando. – E estou cansada.

– Venha comigo. – Essie levou-a pela mão. – Vamos ver o que encontramos na cozinha. Talvez o senhor Gilfoyle queira beber alguma coisa?

– Boa ideia, Essie.

George foi em direção ao átrio, para depois seguir para o estúdio de Raven.

– Sei onde há uma garrafa de conhaque. Acompanham-me numa bebida antes de dormir, cavalheiros?

Essie ficou a ver Gilfoyle e Jack a irem atrás de George como se ele fosse o flautista mágico.

– Tenho a certeza de que um cacau quente sabia bem, Sadie. O que me diz?

Sadie bocejou e esfregou os olhos.

– Um cacau é boa ideia. Posso levá-lo para a cama? Acho que não consigo ficar acordada muito mais tempo.

– Mas é claro – concordou Essie, e deu-lhe um abraço. – Amanhã vai ser um dia muito atarefado.

Sadie olhou para o grande relógio de pé.

– Já é amanhã, Essie.

– Pois é. – Essie pegou numa vela e seguiu à frente até à cozinha.

– Temos de dormir, porque muito depende do que acontecer ao Smeaton. Se ele não estiver bem, ou se não quiser testemunhar, todos os nossos esforços para libertar o Raven e o Freddie terão sido em vão.

# Capítulo Vinte e Três

Essie e Gilfoyle chegaram à enfermaria de manhã, tendo sido conduzidos pelo cavalariço principal a partir de Starcross Abbey na carroça da governanta de Dorincourt, que não era o veículo mais confortável. Estava uma bela manhã, de céu azul limpo e sol quente, o que compensou qualquer desconforto durante a viagem relativamente curta. Gilfoyle fez perguntas na receção e foram conduzidos para uma sala de espera, onde aguardaram em silêncio. Essie apertava e libertava as mãos e olhava para as paredes cinzentas nuas. Não era o lugar mais alegre do mundo e os assentos rijos não convidavam a longas estadas. O cheiro a carbólico envolveu-a no momento em que entrou no hospital e convenceu-se de que o odor lhe ficaria no cabelo e na roupa durante muito tempo.

– Pergunto-me a que se deverá este atraso – disse em voz baixa. – Por certo, não terá muitas visitas.

Gilfoyle olhou para o relógio de bolso que trazia no colete e examinou-o, de sobrolho carregado.

– Tenho de partir antes do meio-dia. Vamos esperar que o sujeito não dê o último suspiro antes de eu ter oportunidade de anotar o seu depoimento.

Essie mergulhou no silêncio. Nada podia dizer para compensar a noite desconfortável que Gilfoyle tivera. Queixou-se de que a cama estava húmida e de que tudo no quarto estava sujo de fuligem e fumo. As papas de aveia que lhe serviram nessa manhã estavam tépidas e gomosas e o café estava esquentado. Infelizmente, a senhora Grimes tinha uma forte dor de cabeça e ficou na cama, deixando tudo nas mãos de Jenifry e Beattie. Essie tentara ajudar, assim como Sadie, mas o caos resultante na cozinha fizera com que a primeira leva de papas de aveia se queimasse e a segunda saísse um pouco melhor. Jack comera sem se queixar, mas George não descera para o pequeno-almoço, tento bebido demasiado brande antes de se retirar para o quarto, e agora sofria as consequências.

Quando Gilfoyle estava a ficar ainda mais agitado, a porta abriu-se e um sargento da polícia entrou.

– Exijo ver agora o doente, senhor agente.

– Pode fazê-lo, claro, mas receio que o vá encontrar em silêncio. – O sargento estava de pé à porta, uma figura que não vacilava. – Infelizmente, o prisioneiro, ou talvez lhe deva chamar o doente, faleceu há meia hora.

Essie fitou-o, desanimada.

– Oh, não. Isso é terrível.

O sargento dirigiu-lhe um olhar enigmático.

– Não tinha hipóteses de sobreviver, menina. É essa a opinião do médico.

– Então, foi um desperdício do meu tempo – disse Gilfoyle, zangado. – Não ganhamos nada em ficar aqui.

– Peço desculpa, senhor – disse o sargento com altivez –, mas o Smeaton fez uma confissão no leito de morte, que é admissível em tribunal em certas circunstâncias. O agente de serviço na porta de noite anotou-a e o Smeaton assinou o documento.

O sargento entregou um pedaço de papel a Gilfoyle.

– Será o meu relatório.

Gilfoyle examinou o conteúdo.

– Creio que terá de servir.

– Acredita que chega para provar a inocência do Raven e do Freddie, senhor Gilfoyle? – perguntou Essie, ansiosa.

– Isto, juntamente com os depoimentos que reuni dos criados a que o Smeaton fez a sua primeira confissão, deve bastar para convencer o juiz, mas estas coisas nunca são garantidas. – Gilfoyle enfiou a folha de papel na pasta e levantou-se. – Temos de acreditar no melhor desfecho, menina Chapman. Vou apanhar o primeiro comboio para Londres e iniciar logo o processo. Obrigado, sargento.

Essie saiu da sala, seguindo Gilfoyle. Estava desiludida, mas agarrava-se à esperança de que um juiz considerasse a admissão de culpa de Smeaton suficiente para exonerar Raven e Freddie.

Regressaram a Starcross Abbey, onde Gilfoyle pegou na pasta, se despediu e saiu para a estação, prometendo tratar do caso Dorincourt com caráter de urgência. Saíra há menos de meia hora quando Sadie irrompeu pela cozinha, onde Essie ajudava Jenifry a preparar o almoço.

– Não vai acreditar nisto, mas está uma carruagem parada lá fora com um brasão na porta.

Essie limpou as mãos ao avental.

– Vá a correr dizer ao George e ao Jack que temos visitas. Estão na ala oriental a ajudar a reparar a parede interior danificada.

Essie atravessou apressadamente a casa para ir abrir a porta da frente, espantando-se ao ver Sir Henry a ajudar Alice a sair da carruagem. Ela foi cumprimentá-los.

– Que prazer inesperado. O que faz aqui, Alice?

– Viemos inspecionar os danos – disse Alice, beijando-a na face.

As narinas abauladas de Sir Henry estremeceram.

– Ainda cheira a fuligem, e os danos provocados pelo fumo são quase tão maus como os do fogo. Chamou os peritos, Esther?

– Podemos tratar disso depois, Henry. – Alice transpôs a entrada, virando-se para Essie de sobrancelhas arqueadas. – Onde estão as criadas? – Estendeu os braços, à espera de que alguém lhe pegasse na capa.

Essie pegou na peça e explicou a situação dos criados, acrescentando que a senhora Grimes estava adoentada.

– A Jenifry e a Beattie estão a preparar o almoço, porque a senhora Grimes está deitada com dores de cabeça.

– Não admira que se sinta doente. O cheiro aqui é terrível. – Alice estremeceu com dramatismo. – Tinha razão, Henry. A casa não é habitável neste estado, mas quero ver a ala oriental. Leve-nos, Essie. – Alice tornou a pegar na capa e envolveu os ombros com ela.

– Até no verão esta casa é como uma caverna gelada. Não vamos ficar e não vos queremos deixar-vos aqui sozinhas.

– O George está aqui comigo – disse Essie por cima do ombro. – E a Sadie, claro, e o Jack veio ajudar-nos a arranjar as coisas.

Abriu a porta para a ala oriental e Henry entrou nas ruínas. Olhou em redor, abanando a cabeça.

– Precisa de um mestre de obras para arranjar aquela parede e a tornar segura. – Acenou com a cabeça para Jack, que ajudava os homens das redondezas a pregarem tábuas à parede danificada. – Estão a perder tempo. Esta parte da casa terá de ser demolida. Na verdade, este velho sítio devia ter sido deitado por terra há anos.

Jack avançou, limpando as mãos sujas a um avental de couro emprestado.

– Mesmo que tenha razão, Sir Henry, esta é a casa de alguém, e estas paredes antigas têm muitos anos de história.

– Não tem o direito de falar comigo nesse tom – disse Sir Henry, zangado. – Os criados devem saber o seu lugar.

– Jack é um bom amigo – apressou-se Essie a dizer. – Veio de Londres para ajudar a salvar Starcross.

– Se quer a minha opinião, é um caso perdido. – Sir Henry fulminou Jack, que se manteve firme.

Essie percebeu que esta iminente uma discussão.

– Penso que devemos deixar que continuem com o bom trabalho – sugeriu com tato. – Alice, porque não leva Sir Henry para a sala de estar enquanto eu peço à Jenifry que nos traga alguma coisa?

– Vamos, Henry – disse Alice, num tom imperioso. – Deixe-os com os seus trabalhos. Bem vejo que há pouco aqui possamos fazer, por isso sugiro que pegue nas suas coisas e se prepare para nos acompanhar a Daumerle, Essie.

– Deitem abaixo – disse Sir Henry entre dentes, enquanto a seguia até casa. – É a única coisa a fazer.

– Fique aqui – murmurou Essie a Jack. – Eu trato deles. – Virou-se para Sadie. – Por favor, pode pedir à Jenifry que traga uma bandeja de chá para a sala de estar?

– Não quero ir para Daumerle, Essie – disse Sadie com um tom de urgência. – Provavelmente, Lady Alice vai mandar-me de volta para a sala de aula. Quero ficar aqui.

Essie deu-lhe uma palmadinha na face.

– Não se preocupe, boneca. Não vamos para Daumerle, mas tentarei convencer a Alice a levar Sir Henry antes que ele incomode mais pessoas.

Sadie anuiu e foi a correr para a cozinha.

– Não se sente tentada a passar algum tempo luxuoso com Lady Alice e o seu cisne? – Os lábios de Jack curvaram-se num sorriso malicioso. – Pense só no que está a perder.

– É precisamente isso que tenho em mente. Um pouco da companhia de Sir Henry faz muita coisa.

– Portanto, escolhe uma casa queimada, em detrimento do luxo e da companhia da nobreza?

– Pare de me provocar, Jack. Sabe muito bem a resposta. Agora vou ter de ir dar as notícias à Alice.

– Mando os homens para casa, Essie?

– Tenho a certeza de que o Raven quereria que fizéssemos todos os possíveis para salvar Starcross – disse ela com firmeza. – Mantenha-os a trabalhar enquanto quiserem. Eu pago a conta e o Raven pode reembolsar-me quando voltar para casa.

Essie deixou-o a passar a mensagem e apressou-se até à sala de estar, onde encontrou Alice a andar de um lado para o outro enquanto Sir Henry tentava em vão acender o lume.

– Sinceramente, Essie. Isto é horrível. – Alice deteve-se, tremendo dramaticamente. – Não pode ficar aqui. O fumo vai entrar-lhe nos pulmões e a humidade vai fazê-la ter arrepios.

– Estou muito grata pela sua preocupação – disse Essie com delicadeza. – Mas é precisamente isso que tenciono fazer. Pelo

menos, ficamos até segunda-feira e faremos o que pudermos para que a casa fique habitável antes de voltarmos a Londres. O Jack e o George têm negócios a tratar, senão ficaríamos mais tempo.

Alice olhou-a com ar duvidoso.

– Se tem a certeza, mas eu preferia que não ficasse aqui nestas circunstâncias. Seja como for, uma das razões da minha vinda aqui hoje foi saber se o Gilfoyle conseguiu um depoimento assinado.

– Chegámos tarde demais. O Smeaton acabou por morrer, mas fez uma confissão completa, que foi anotada pelo polícia de serviço à beira da sua cama. Gilfoyle levou-a para Londres, e tem esperança de que baste para provar que nem o Freddie nem o Raven tiveram nada que ver com os contrabandistas.

Os lábios de Alice tremeram e ela limpou uma lágrima.

– Tenho um cisco no olho. É o pó desta maldita casa.

– Está na hora de irmos embora – disse Sir Henry com firmeza. – Já cumpriu aqui o seu dever. Espero por si na carruagem enquanto se despede. – Saiu da sala a passo largo e a porta rangeu nas dobradiças ao fechar.

– Não parece estar bem – disse Essie com curiosidade. Era evidente que Alice não parecia a mesma. – Passa-se alguma coisa?

– Pelo contrário. A minha vida deu uma reviravolta para melhor, embora ainda há pouco tempo eu não pudesse imaginar que diria uma coisa destas.

– O que mudou? Não compreendo.

– Sir Henry pediu-me em casamento e eu aceitei.

– Mas achei que ele lhe desagradava imensamente, Alice.

– O Henry é um desafio a que não consigo resistir. Somos feitos do mesmo material, só que precisei de algum tempo para ver isso.

– Tem a certeza? Parece tão repentino.

– Um relâmpago, minha querida. Atingiu-me tão repentinamente que me tirou o fôlego. Vamos casar na capela de Daumerle na segunda-feira. O Henry conseguiu uma licença especial.

– Não sei o que dizer. – Essie fitou-a, estonteada com aquele anúncio.

– Quero que me deseje felicidades e, mesmo que não venha agora connosco, espero que possa ir ao casamento.

Essie abraçou-a.

– Claro que vou. Todos lhe iremos desejar felicidades, mas não comprei nada adequado a usar num casamento.

– Serão os únicos convidados. O Henry zangou-se com a família há anos e, com exceção do Raven e do Freddie, não quero envolver nenhum dos meus parentes. Eles iriam por certo censurar a minha decisão e trazer uma nuvem para pairar sobre a cerimónia. Mandarei a minha carruagem buscá-la. Por favor, diga que vem.

– Não perdia a cerimónia por nada do mundo – disse Essie do coração.

*

A capela de Daumerle estava decorada com flores da estufa da propriedade. O aroma dos lírios misturava-se com o perfume das rosas do jardim e ardia incenso. Essie sentou-se entre Jack e Sadie. Eram os únicos membros da congregação e Sir Henry estava sozinho à frente do altar. A um sinal do vigário, levantaram-se e o organista começou a tocar. Essie virou a cabeça para ver Alice, uma visão de seda branca com renda, percorrendo a nave de braço dado com George. Como não tinha nenhum parente que a entregasse, pedira a George no último minuto.

Os olhos de Essie encheram-se de lágrimas enquanto via o irmão levar Alice ao altar e, quando a parte dele no ritual terminou, foi sentar-se ao lado de Sadie, que limpava os olhos com o lenço.

Essie sentiu os dedos de Jack fecharem-se delicadamente na sua mão, e apertou-os num gesto reconfortante enquanto ela o

olhava de relance, respondendo à sua expressão empática com um sorriso. Só ele parecia compreender a sua preocupação com a futura felicidade de Alice. Quando o vigário prosseguiu, Essie deu por si a pensar em Raven e em Freddie e a desejar que ali estivessem para desejar felicidades a Alice.

*

– Declaro-vos marido e mulher. – A voz do vigário ergueu-se quando ele proferiu as últimas palavras da cerimónia.

Terminadas as formalidades, os convidados do casamento abandonaram a igreja e foram recebidos por uma tempestade de aplausos, tanto dos criados de fora como dos internos. As pétalas de rosa foram espalhadas à frente do casal feliz e atiraram-se mãos-cheias de arroz. O pequeno grupo caminhou devagar até casa, e Sir Henry parou ao fundo dos degraus para atirar um punhado de moedas às crianças.

Uma refeição fria foi disposta na sala de jantar, após o que Sir Henry se levantou e pediu um brinde à sua esposa.

– Agora, minha querida, tenho mesmo de lhe pedir que mude de roupa, para a sua indumentária de viagem. Temos de partir dentro de uma hora, para apanharmos a maré.

– Vão fazer a lua de mel no mar? – Essie lançou um olhar inquiridor a Alice.

– Fiquei agora a saber – disse ela, encolhendo os ombros. – Podia ter-me consultado, Henry.

– Era para ser surpresa. O meu iate está ancorado no estuário de Exe, pronto para nos levar para a minha plantação na Jamaica.

– Fez a sua fortuna com o açúcar – disse Essie, recordando o que lhe dissera certa vez Alice.

– Sim, açúcar. – Sir Henry mirou-a com um sorriso cínico. – E nunca usei escravos. Seja qual for a sua opinião de mim, menina Esther Chapman, pago um salário decente aos meus empregados, que também têm aposentos de graça. Sou mercador, mas não me envergonho de ter feito o meu dinheiro de forma honesta e sem causar sofrimento aos outros.

– Bem dito, senhor. – Jack ergueu o copo para Sir Henry. – Também somos negociantes. Neste momento, eu e o George temos apenas dois navios, mas espero que em breve acrescentemos mais um à nossa pequena frota. Talvez um dia, numa ocasião mais oportuna, possamos falar de negócios.

– Talvez sim, senhor Manning. Sou um grande apoiante do empreendedorismo, particularmente entre jovens, como nós. – Virou-se para Alice, suavizando a expressão. – Minha querida, tenho de a apressar, se queremos apanhar a maré.

Alice levantou-se.

– Essie, pode vir comigo? Com a sua ajuda, fico pronta mais depressa.

Essie levantou-se, obediente, e seguiu-a para fora da sala. Só falaram quando chegaram à privacidade dos aposentos de Alice.

– Chamo a sua criada? – perguntou Essie.

– Não, obrigada. Como pode ser, tenho as malas feitas e só tenho de mudar de roupa, para a de viagem. Talvez me possa ajudar. Queria falar consigo em privado.

Essie começou a desabotoar os botõezinhos do vestido de noiva de Alice.

– O que me queria dizer?

– Pode parecer que estou a abandonar o Raven e o Freddie, mas o Gilfoyle tratará do aspeto legal. Só quero ter a certeza de que a Essie ficará de olho nas coisas. O Henry apanhou-me de surpresa quando anunciou a nossa viagem de lua de mel; achei que talvez fôssemos à Itália ou à Suíça, mas não fazia ideia que faríamos uma longa viagem marítima. Parece que iremos estar fora durante meses.

– Podia recusar.

– Não, eu quero ir. Parece idílico, mas quero ter a certeza de que dará o seu melhor em meu nome.

Essie ajudou Alice a despir o vestido de noiva e a tirar o elegante vestido de seda pela cabeça.

– O que me pede, Alice? Conheço-a muito bem, e sei que não é só a viagem ocasional a Lincoln's Inn que espera de mim.

Alice virou-se, de modo a ficarem cara a cara.

– Quero que me prometa que, se o tribunal decidir a favor do Raven, lhe levará pessoalmente a notícia.

– Quer que eu vá à Austrália? Mas porquê, Alice? Uma carta não bastaria?

– Não conhece o Raven tão bem como eu. Podia dizer-lhe que ele se sente em casa nas minas de ouro e que temo que ele decida ficar na Austrália. Mas tem obrigações para com os seus locatários e no que toca à manutenção da própria Starcross Abbey.

– Tem a certeza, Alice?

– Nunca quis herdar o título nem a propriedade. Acho que ficou de coração partido quando a Cordelia morreu. O meu também ficou, mas eu sabia que tinha de continuar a viver. Talvez o consiga convencer a assumir as suas responsabilidades. Tentará, ao menos?

– Claro que sim, se é isso que realmente quer. Mas duvido que ele me dê ouvidos.

Alice agarrou na mão de Essie entre as suas.

– Quase o fez esquecer a Cordelia. Eu vi a ternura dos seus sentimentos por si, mas o Raven tem uma qualidade obstinada e parece não ser capaz de deixar o passado ficar para trás. Se alguém o consegue convencer a voltar a casa é a Essie.

– Prometo fazer o que estiver ao meu alcance. – Essie recuou para admirar o bonito conjunto de Alice. – Está encantadora. Sir Henry é um homem com muita sorte.

– Pois é, e vou recordar-lhe isso todos os dias. – Alice virou-se para se mirar no espelho alto. – Tenho um ar esplêndido. Este tom de verde combina com os meus olhos.

– É um pavão vaidoso – disse Essie a rir. – Mas espero que seja muito feliz com Sir Henry.

– Seja o que for que pensa dele, é mesmo um querido quando se ultrapassa aquela arrogância de rapaz. Acho que nos vamos dar muito bem juntos. – Alice virou-se para olhar Essie de frente com um sorriso radioso. – A primeira coisa que vou fazer quando o Henry e eu regressarmos da lua de mel vai ser vir vê-la, Essie. Não me esqueça.

Essie abraçou-a.

– Como se isso fosse possível.

A festa terminou quando eles saíram acenando aos recém-casados. Alice deixara a sua carruagem à disposição deles e a viagem até casa foi serena, mas depois do luxo de Daumerle, Starcross Abbey parecia ainda mais miserável e desconfortável do que antes. Nessa noite, depois de jantar, Essie, Jack e George aninharam-se em redor do lume na sala de estar. Sadie optara por ficar na cozinha com a senhora Grimes e Jenifry, que estavam ansiosas por saber dos pormenores do casamento em
Daumerle.

Não foi preciso muito para perceber que todos tinham feito os possíveis para repor alguma ordem em Starcross Abbey, e que de pouco servia continuarem ali. Seria necessária a autorização de Raven e consideráveis fundos para reparar os danos causados pelo fogo, mas, tal como disse George, tinham supervisionado as obras na parte da casa que não tinha sido afetada pelo fogo e estava segura para ser habitada, pelo menos a curto prazo. Essie sabia que teria pena de partir, mas estava desejosa de regressar a Londres.

– A primeira coisa que vou fazer quando regressar é ir fazer uma visita a Gilfoyle. Quero assegurar-me de que está a fazer todos os possíveis para fazer chegar o caso contra Raven e Freddie a bom porto.

– Não achas que já fizeste o bastante? – disse George sombriamente. – Não é um problema nosso, Essie.

– Prometi à Alice que acompanhava o caso até ao fim, e é o que farei.

Jack olhou-a, pensativo.

– Aplaudo a sua lealdade, mas não lhe tomará todo o tempo. Porque não vem todos os dias ao escritório? Podia ser uma ajuda tremenda.

– O que poderia eu fazer? Não sei nada de navegação.

– Segundo julgo saber, foi criada no rio. Deve conhecer as águas como qualquer barqueiro e podia tratar de questões do dia-a-dia tão bem como qualquer um de nós.

– Concordo com o Jack – acrescentou George com ar sério. – Sabes bem que morrerias de tédio se não tivesses nada para fazer a não ser passar o tempo às compras e em mexericos com as amigas da alta sociedade da Alice.

– Isso é a última coisa que farei com o meu tempo. – Essie olhava de um para o outro. – Estiveram a congeminar juntos?

– Não! – disseram Jack e George em uníssono.

– Parece-me que querem que eu abandone a causa Dorincourt.

George abanou a cabeça.

– Não, Essie, claro que não. Quero que faças o que te fizer feliz, mas podíamos trabalhar juntos para fazer do negócio um sucesso.

– Vou pensar nisso. – Essie suprimiu um bocejo. – Agora vou-me deitar. Se temos de partir de manhã bem cedo, preciso de uma boa noite de sono.

# Capítulo Vinte e Quatro

No dia seguinte ao do regresso a Londres, a primeira tarefa de Essie foi visitar o escritório de Gilfoyle. Ele garantiu-lhe que estava a fazer tudo ao seu alcance para levar o caso a um juiz e ela teve de se contentar com isso, embora tenha insistido em ser mantida ao corrente de todas as voltas e reviravoltas do caso, e ele concordou. Voltou a casa e viu-se sozinha, sem contar com os criados. George partira bem cedo para Wapping, levando Sadie consigo, uma vez que ela gostava mesmo muito da senhora Cooper e estava desejosa de tornar a vê-la.

Essie sentou-se sozinha na grande mesa da sala de jantar a comer a refeição do meio-dia, embora mal tenha provado os pratos que lhe punham à frente. Outrora, não há muito tempo, teria achado que tinha morrido e ido para o céu ao ver aquelas iguarias de camarões, borrego e limão. Nos tempos em que vivia de pão e banha, e muitas vezes apenas de pão duro empurrado com chá aguado, não podia imaginar que havia pessoas que comiam assim todos os dias. Agora que a comida abundava e lhe aparecia na mesa sem que levantasse um dedo perdera o apetite.

– É tudo, minha senhora?

Essie ergueu os olhos e sorriu para a criada.

– Sim, é tudo, obrigada, Rose. Pode levantar a mesa mas primeiro pode ir buscar o meu chapéu e o xaile? Vou sair.

*

Essie chegou ao escritório e encontrou Jack e George envolvidos numa conversa. Olharam para ela na expectativa.

– Que bela surpresa – disse Jack a sorrir.

– Será que não podias olhar pelas coisas durante uma ou duas horas, Essie? – George estendeu a mão para o casaco, que atirara descuidadamente para as costas de uma cadeira. – Temos assuntos a tratar em Limehouse, mas seremos o mais breves possível.

– Eu não disse que sim – protestou Essie.

George beijou-a na face.

– Mas dirás. És uma boa irmã, assim como uma boa amiga. Sei que darás uma ajuda.

– Só desta vez – disse ela, fingindo-se carrancuda.

Jack fez um sorriso radioso para ela.

– Obrigado, Essie. Tem de ir visitar a senhora Cooper antes de regressar a casa. Ela tem perguntado por si.

– Irei, e posso aproveitar para ir buscar a Sadie nessa altura.

– Vamos, meu velho.

George abriu a porta e segurou-a, deixando que uma lufada de ar fresco remexesse os papéis em cima da secretária e despenteasse o cabelo de Essie.

– Desculpe – disse Jack ao sair, apressado. – É tudo muito simples. Se lhe fizerem perguntas a que não saiba responder, diga-lhes que regressem mais tarde.

– Não se preocupe, Jack.

– Pode ser que goste do desafio – disse ele suavemente. – A oferta de um emprego aqui continua de pé, se quiser pensar nisso.

*

Jack tinha razão. Essie gostou de trabalhar no escritório e aceitou prontamente a oferta de um emprego permanente. Cada dia era uma experiência nova e emocionante, reviu velhos conhecidos e fez novos amigos entre os homens que trabalhavam no rio e em terra. Os mercadores ficavam encantados por ver uma jovem que compreendia o seu desejo de ter um serviço rápido no que tocava a transportar bens no rio, assim como para o continente. O barco de Jack viajava regularmente até França, Bélgica e Holanda, levando carga de todo o tipo. O conhecimento que Essie adquirira a ajudar o pai no rio era precioso e ela gostava de aprender mais e de ouvir e receber conselhos, o que a tornou ainda mais popular. Jack e George estavam encantados com os seus progressos e, numa questão de meses, Essie quase duplicara o negócio.

Sadie acompanhava Essie ao escritório todos os dias e era uma aluna ávida. Observava e aprendia e, em breve, tinha

noção de como as coisas se processavam, tanto que Jack lhe pagava um salário. Quando Essie não precisava dela, passava o tempo a ajudar a senhora Cooper na cozinha, na casa do velho capitão. Sadie adorava cozinhar e Essie era tratada como convidada de honra quando tinha tempo de fazer uma visita.

Sentada no assento à janela, Essie era servida por Sadie, que lhe oferecia os resultados das suas lições de culinária – biscoitos amanteigados e estaladiços, bolo que se derretia na língua ou doce de sementes e especiarias – todos igualmente deliciosos. George passava por lá muitas vezes com a desculpa de que ia dar um recado a Essie, mas toda a gente sabia que ele era muito guloso, e Jack aparecia inesperadamente, sentando-se ao lado de Essie, e insistia para que a senhora Cooper se lhes juntasse para uma pausa bem merecida e uma chávena de chá forte e doce.

Essie adorava aquelas festas improvisadas na sala forrada a carvalho, com o lume a rugir pela chaminé e a chuva a bater nas janelas. Às vezes, o leve odor a fumo de tabaco passeava pela sala e todos sorriam a anuíam, sabendo que o velho capitão estava feliz por os ver ali. Essie detestava admiti-lo, mas sentia-se muito mais confortável e à vontade na casa do velho capitão do que na sua luxuosa mansão em Curzon Street e, quase impercetivelmente, a sua relação com Jack ia-se aprofundando a cada dia que passava. Partilhavam o mesmo desejo de fazer prosperar o negócio e um sentido de humor idêntico, que suavizava até as situações mais frustrantes.

A vida era boa e preenchia-a, mas Essie nunca deixava que Gilfoyle se tornasse complacente e ia regularmente ao seu escritório, exigindo ser atualizada quanto aos progressos do recurso. Por fim, quando ela pensava que o caso nunca seria levado a tribunal, Gilfoyle mandou o seu mensageiro informá-la de que a audiência estava marcada para meados de novembro. Essie ficou encantada, mas apreensiva. Se a confissão de Smeaton, no seu leito de morte, fosse descartada, não havia possibilidade de perdão.

Alice e Sir Henry tinham regressado recentemente da Jamaica, mas quando Essie visitou Bearwood House, foi

encontrar a amiga deitada no sofá da sala de estar, com ar pálido e distraído.

– Tenho boas notícias para si, Alice.

– A sério? – Alice virou a cabeça.

– Está doente? – perguntou Essie, nervosa.

Alice indicou-lhe que se sentasse.

– Tenho estas crises de náusea todos os dias. O médico diz que é normal para uma mulher no meu estado delicado.

– Está de esperanças, Alice?

– Prefiro a palavra francesa *enceinte*. É muito mais gentil. – Alice estendeu o braço para pegar num copo de água e bebeu um gole. – Não sei como Sua Majestade passou por esta provação oito vezes.

– Mas por certo deseja ter filhos. – Essie tirou o copo da mão de Alice e pousou-o na mesa. – Sir Henry está contente?

– Ah, ele! Sim, claro, está deliciado com a ideia de ter um filho e herdeiro. Pode ser o primeiro, mas definitivamente será o último. Não vou perder a minha figura nem sofrer a agonia do parto todos os anos, independentemente do que ele diga.

– Acho que vai mudar de ideias quando segurar o bebé nos braços. – Essie inclinou-se e deu um beijo a Alice na testa. – Pode sentir-se mal, mas está linda. A sua pele tem um brilho maravilhoso e tem o cabelo como seda.

Alice sentou-se.

– A sério? Achei que parecia uma velha bruxa.

– Porque não se veste e vem ao Gunter's comigo? Tenho a certeza de que consegue comer uma bola de gelado ou uma fatia de bolo.

– Talvez consiga – disse Alice, duvidando. – Tem a certeza de que tenho bom ar?

– Nunca esteve melhor. Toco o sino para chamar a criada?

– Sim, faça isso. – Alice pôs a cabeça de lado. – Quando chegou disse que tinha novidades para mim. De que se trata?

– A audiência em tribunal é na próxima semana, Alice. Se correr de feição, o Raven e o Freddie serão homens livres. Vai estar presente?

– Não, creio que não, mas a Essie estará, decerto.

– Mas é claro.

– E não se esqueceu da sua promessa de levar as novidades ao Raven pessoalmente? Ele tem de voltar a casa o mais depressa possível e tratar das coisas em Starcross. Não é uma responsabilidade minha.

Essie estendeu o braço para o sino.

– Cumpro sempre as minhas promessas.

*

Essie foi ao tribunal acompanhada por George, e Sadie foi deixada à frente do escritório, com Jack à mão se precisasse dele.

Enjoada de tão nervosa, Essie sentou-se na galeria do público, agarrada à mão do irmão. O tempo que durou a sessão é algo que ela não saberia dizer e o jargão jurídico era por vezes inescrutável, mas o juiz acabou por proferir as palavras tão ansiadas: INOCENTE. Essie estava demasiado espantada para poder reagir, mas George proferiu um sonoro «Iupi» e foi imediatamente ameaçado de expulsão por um oficial de rosto severo. Deixaram a galeria e saíram do edifício do tribunal.

Uma vez na rua, Essie ergueu o rosto para o pálido sol de novembro, fechou os olhos e suspirou de alívio.

– São homens livres, George. Acabou.

– Ainda não. O Raven e o Freddie têm de ser informados.

– E prometi à Alice que levaria as notícias pessoalmente – disse Essie, pensativa. – Tenho de ir imediatamente à Austrália, George.

– Decerto poderás enviar uma carta. – Fitou-a, abanando a cabeça. – Isso é ridículo. Que seja Lady Alice a viajar até ao outro lado do mundo, se é o que ela deseja.

Essie sorriu.

– Não me parece que a Alice vá viajar durante algum tempo está de esperanças.

George deixou escapar um assobio entre os dentes.

– Bem, eu nunca pensei! Não imagino a Alice a ser mãe, a limpar narizes e a fazer curativos em cortes e nódoas negras.

– Ela terá um exército de amas para fazer isso. Mas pode surpreender-nos a todos e tornar-se uma mãe dotada. Sabe-se lá.

George chamou uma carruagem.

– Wapping High Street, por favor.

Ajudou Essie a entrar no veículo e subiu depois dela.

– Vais mesmo à Austrália, Essie?

– Parece que sim, George.

*

Aconteceu tudo tão depressa que Essie teve pouco tempo para reconsiderar a sua posição. Num momento, estavam na sala do tribunal, no momento seguinte ela supervisionava a preparação de uma mala e de outros itens pequenos de bagagem. A única coisa que faltava fazer era dar a notícia a Jack. Essie esperou até estarem sozinhos no escritório, com exceção de Sadie, que estava absorta num documento de desalfandegamento.

Essie pigarreou, nervosa. Sabia que ele iria desafiar aquela decisão, mas isso fez vir ao de cima a sua personalidade obstinada. Mesmo que o seu plano fosse uma palermice, fizera uma promessa e estava determinada a levá-la até ao fim.

– Jack, tenho estado a pensar.

Ele ergueu o olhar do gráfico que analisava.

– Passa-se alguma coisa, Essie?

– Não, nada. – Inspirou fundo. – O *Santa Gabriella* está atracado em Upper Reach e eu quero fretá-lo para que me leve à Austrália. – Olhou-o nos olhos com um sorriso persuasivo. – Tenho meios para isso. Dei a minha palavra à Alice em como levava a novidade ao Raven e ao Freddie pessoalmente.

– Mas isso é ridículo, Essie. É decerto desnecessário, e uma perda de tempo e de dinheiro.

– A Sadie é perfeitamente capaz de ajudar no escritório: conhece a maior parte dos nossos clientes e compreende o que fazemos. Além disso, o *Santa Gabriella* é um navio veloz e eu tenciono ficar apenas o tempo necessário para convencer o Raven a vir para casa.

– Mas precisamos de si aqui, Essie – disse Jack, de sobrolho franzido. – É uma mulher de negócios nata e eu conto consigo.

– Terá a Sadie para lhe fazer recados e levar mensagens e eu não me ausentarei por mais de uns meses. Mal dará pela minha falta.

Sadie estava sentada atrás da secretária, a ouvir em silêncio, mas pôs-se em pé de um salto a bater as mãos.

– Eu consigo, Jack. Se me deixar ficar consigo e com a senhora Cooper na casa do velho capitão, serei útil. Já tenho treze anos, sou praticamente uma mulher, e sou muito capaz; é o que diz a senhora Cooper.

– Claro que é. – Essie soprou-lhe um beijo. – Tenho total fé em si, Sadie.

Sadie abriu a boca para responder, mas tornou a fechá-la quando a sua atenção foi desviada para a pessoa que acabava de entrar de rompante no escritório. O seu rosto iluminou-se com um sorriso de prazer.

– Capitão Falco.

– Como correu a viagem à Crimeia, capitão?

A expressão sombria de Jack derreteu num sorriso e ele saudou Falco com um aperto de mão.

– Fez bom tempo.

– Correu o melhor que se podia esperar. – Sério por uma vez na vida, Falco abanou a cabeça. – Não gosto de levar jovens a enfrentar os horrores do campo de batalha. Espero que a guerra termine em breve.

– Ámen – disse Jack, anuindo. – Mas pode reconfortar-se sabendo que o exército agora tem tropas que cheguem. Foi uma única viagem.

– Trouxe muitos feridos de volta. Instalámo-los em Portsmouth, segundo instruções, mas eu não queria passar outra vez por aquilo.

Essie via que Falco estava genuinamente incomodado e pousou uma mão no ombro dele, para o reconfortar.

– Bem-vindo a casa. É bom vê-lo são e salvo, capitão. O meu pai portou-se bem?

– Sim, e nem uma gota de álcool lhe passou pelos lábios desde que deixámos o porto. Vai vê-lo em breve.

– Estou tão aliviada. E tenho boas notícias. O Raven e o Freddie foram exonerados de qualquer crime – disse Essie com avidez. – São agora homens livres, Falco. Quero fretar o seu navio para que me leve à Austrália para lhes dizer isso mesmo pessoalmente.

Falco pegou-lhe na mão e levou-a aos lábios.

– De bom grado *mia cara*. Quando partimos?

– Quanto antes. – Essie virou-se para Jack, mas a sua expressão tensa e o silêncio de pedra falaram mais do que mil palavras. – Tenho de fazer isto, Jack. Compreende, não compreende?

– Julguei que era feliz aqui, Essie. Tudo isto não lhe basta? Ou tem em mente tornar-se condessa?

– Isso é indigno de si – disse Essie rispidamente. – Conhece-me melhor do que isso.

– Conheço? Não vejo nenhuma razão para que atravesse o mundo numa viagem, a não ser que esteja desesperada por voltar a ver o seu amigo.

– Não posso falar consigo se estiver com essa disposição – disse Essie, zangada.

Jack agarrou no chapéu que estava na fileira de ganchos.

– Tenho negócios a tratar.

– Isso – disse Essie, atirando as mãos ao ar. – Vá-se embora. Não pare para discutir os assuntos.

A única resposta que obteve foi o bater da porta.

– Ele voltará no tempo certo – disse Falco delicadamente. – Ele pensa muito em si, Essie.

– E é mútuo, mas eu não lhe pertenço, Falco. Sou uma mulher independente e posso fazer o que quiser. O Raven e o Freddie são meus amigos e tenciono trazê-los de volta a casa.

– Eu ia consigo, Essie. – Sadie acorreu para junto dela e abraçou-a. – Mas é melhor eu ficar aqui. Não preste atenção ao Jack, ele tem ciúmes, só isso.

Essie enterrou o rosto nos caracóis dourados de Sadie, apertando-a contra si.

– Tem de cuidar dele por mim, e do George também.

– Assim farei. – Sadie afastou-se e depois virou-se.

– Ficarei responsável e vou certificar-me de que se comportam enquanto estiver ausente.

– Espero estar a agir bem, Falco – disse Essie em voz baixinha.

Falco fez um sorriso de simpatia.

– Vamos trazê-los para casa, *mia cara*. Já vi sofrimento para uma vida inteira, por isso vai ser bom ver velhos amigos. – Pigarreou ruidosamente. – Como está Lady Alice? Gostava de a ver enquanto estou em terra.

Essie hesitou, sem saber bem como lhe dar a notícia do casamento de Alice. Suspeitava há muito que Falco nutria sentimentos profundos por sua senhoria, e agora tinha a certeza.

– Receio que seja difícil para si, capitão. A Alice casou com Sir Henry Bearwood em junho.

Os olhos de Falco escureceram e ele desviou-os.

– Desejo-lhe felicidades.

– Estão bem um para o outro, Falco. – Essie pousou a mão no braço dele. – A Alice está bastante satisfeita e, dentro de uns meses, será mãe.

– Tenho o navio pronto a zarpar dentro de dois dias. – O sorriso de Falco não lhe chegava aos olhos, mas o seu tom era animado como sempre. – Vai ficar contente com o seu pai, Essie. Está à espera no cais e quer vê-la.

Essie agarrou no xaile e envolveu os ombros com ele, seguindo depois Falco para a frescura cinzenta de um dia outonal. O rio estava com um humor benevolente, dirigindo-se, sinuoso e sedoso, ao mar. Essie olhou em redor à procura do pai, mas mal reconheceu o homem muito direito e robusto com roupa de marinheiro que esperava ao cimo das escadas. Virou-se para a olhar e ela correu para ele.

– Pai. Bem-vindo a casa.

As suas feições desgastadas enrugaram-se num sorriso e deu-lhe uma palmadinha no ombro.

– Estou contente por te ver, rapariga. Pareces uma senhora.

– E o pai está com bom ar. – Essie hesitou. – Estou bem e feliz.

– Não é graças a mim. A tua mãe dava voltas na campa se soubesse como te tratei e ao George. Não te culparia se me odiasses.

– Não o odeio, e o George também não?

– Onde está o meu rapaz?

– Vai vê-lo esta noite ao jantar, pai. Junta-se a nós, certo?

– Não me lembro de grande coisa do tempo em que era escravo da bebida, mas agora sou um homem diferente.

Jacob lançou um olhar cauteloso a Falco, que estava atrás de Essie.

– Janto contigo, Essie. Se o capitão não se importar.

– Toda a gente tem dois dias de licença em terra, depois partimos para a Austrália. – Falco piscou o olho a Essie. – É

melhor explicar ao seu pai, Essie. Tenho assuntos a discutir com o Jack. – Dirigiu-se ao escritório e entrou.

Essie estava prestes a sugerir que o pai a acompanhasse a Curzon Street quando viu o irmão dirigir-se a eles. Acenou para lhe chamar a atenção e chamou-o.

– Vem aí o George, pai. Agora é uma boa altura para fazer as pazes com ele. É um bom homem e tenho a certeza de que está mais do que disposto a apertar-lhe a mão.

*

Nessa noite, ao jantar, Essie viu que o pai se sentia pouco à vontade e desconfortável. O encontro entre George e o pai correra razoavelmente bem, tendo em conta o que aconteceu no passado, mas era evidente a Essie que as velhas feridas levariam tempo a sarar. Durante a refeição, George esforçou-se ao máximo por manter a conversa, mas Jacob parecia não encontrar as palavras, especialmente na presença do mordomo e da criada. Brincou com a comida e deixou cair o garfo no chão, seguido do guardanapo. Deu uma turra a Parkinson quando foram os dois apanhar o garfo e o guardanapo e entornou água quando estendeu a mão para o sal. Jacob estava claramente envergonhado por ser desastrado e murmurou um pedido de desculpas a Parkinson, que limpou tudo. Quando serviram a sobremesa, Jacob enfiou o sorvete de limão na boca como se fosse a sua última refeição na terra e, quando tinha o palato limpo, levantou-se.

– Agora tenho de ir, Essie. Obrigado pela comida, mas não estou acostumado a uma vida tão elevada.

Essie pôs-se em pé de um salto.

– Não vá, pai. Pedi à governanta que lhe preparasse um quarto para que possa ficar aqui. Porque não vem à sala de estar para tomarmos café? Tenho a certeza de que o pai e o George têm muito que falar.

Jacob lançou um olhar ao filho, baixando as sobrancelhas fartas.

– Acho que é demasiado tarde. Conheço os meus defeitos, George. Não espero perdão, filho.

George levantou-se da mesa.

– Continuamos a ser família, pai. Vai demorar tempo, mas não há razão para pensar que não nos podemos dar razoavelmente bem. Aprendi uma coisa ou outra desde que saí de casa.

– Não passa cá a noite? – perguntou Essie, ansiosa.

– É muito amável da tua parte, mas não me sinto à vontade aqui. Isto não é para gente como eu. Vou a pé até à doca e vou para o navio.

– Não vai, não – disse George com firmeza. – Vamos de carruagem e levo-o no nosso barco.

– Vou chamar o transporte. – Essie ergueu a mão para tocar o sino, mas George abanou a cabeça.

– Não chames o cocheiro a esta hora. Eu e o pai fazemos uma parte do caminho a pé e fumamos um cigarro juntos. Apanhamos uma carruagem para o resto da viagem, por isso não esperes por mim acordada, Essie. Posso demorar. – Deu uma palmada nas costas do pai. – Venha, patrão. Vamos.

Saíram juntos e, de repente, a elegante sala de jantar parecia uma prisão. Essie afundou-se na cadeira a contemplar as armadilhas da riqueza, que de súbito lhe parecia destituída de valor. Compreendia porque o pai se sentia deslocado, mas o seu desconforto fê-la dar-se conta de quanto ela própria tinha mudado. Já não era a rapariga de Limehouse que trabalhava no rio para ganhar umas moedas, mas também não era inteiramente feliz como senhora de uma mansão de Curzon Street. Essie Chapman ainda tinha de encontrar o seu lugar no mundo. Talvez ainda o viesse a encontrar na Austrália, ou talvez ali em casa? Não conseguia esquecer a reação adversa de Jack quando lhe falou das suas intenções de viajar. A atitude dele magoou-a e deixou-a confusa em relação aos seus próprios sentimentos.

*

Dois dias depois, fizeram-se as despedidas e as lágrimas correram soltas. Ao último minuto, Alice mandou uma

mensagem desejando-lhe *Bon voyage*, e chegou a hora de embarcar no *Santa Gabriella*.

Sadie lançou os braços à volta de Essie e teve de ser arrancada pela senhora Cooper, que tinha ido desejar boa viagem a Essie e um rápido regresso a casa.

– Eu tomo bem conta da Sadie – disse a senhora Cooper com um sorriso feliz. – O velho capitão aprova e também ficará de olho na rapariga.

– Tal como eu – acrescentou apressadamente Jack.

– E eu! Portanto, não te preocupes com nada, Essie. – George abraçou-a, numa rara mostra de amor fraternal.

– Vou ter saudades de todos.

Essie olhou de relance para Jack, que até então mostrara reserva. Dissera todas as coisas certas na véspera da viagem, mas ela sabia que não passavam de palavras e sentia a frustração dele. Se era raiva ou outra coisa mais profunda, não tinha como o saber, se bem que se ele lhe tivesse implorado que ficasse, talvez tivesse reconsiderado a sua decisão. Hesitou, na esperança de que ele se soltasse para lhe desejar boa viagem, mas ele ficou de lábios cerrados enquanto a seguia pelos degraus e a entregou ao navio.

– Tem a certeza de que é isto que quer? – perguntou de mau humor.

Havia um tom de desespero na sua voz e sustentou o olhar dela com uma intensidade que a impedia de desviá-lo. Os dedos dele fecharam-se sobre os dela e abraçou-a como se não suportasse a separação. Essie sentiu-se tentada a mudar de ideias – queria ceder e abraçá-lo – mas era tarde demais. Não podia recuar agora.

– Tenho os documentos oficiais na minha mala, Jack. Vou assegurar-me de que o Raven e o Freddie ficam com eles e depois regresso, com ou sem eles.

– Vejo que nada que eu possa dizer a fará mudar de ideias. – Levou a mão dela aos lábios e deu-lhe um leve beijo, tão suave como a asa de uma borboleta.

– Boa viagem, Essie. Volte para casa, para mim.

Ela sentou-se de repente quando o barco partiu. O ruído dos remos e uma série de apitos, acompanhados pelo som de um guindaste em ação, afogaram as derradeiras palavras de despedida de Jack. Levantou a mão e depois deixou-a cair ao lado do corpo.

Essie sentiu um nó na garganta e foi comprimida pelas lágrimas ao virar-se, fixando resolutamente a atenção no *Santa Gabriella*, que seria a sua casa durante os próximos dois meses, mais ou menos, dependendo do vento e do tempo. Falco e o pai já estavam a bordo, mas, por um instante, ela sentiu um impulso quase irresistível de dizer ao barqueiro que voltasse para trás. Olhou por cima do ombro e viu Jack na beira do cais e, atrás dele, estavam George, Sadie e a senhora Cooper, que alternava o gesto de limpar os olhos com o de lhe acenar freneticamente.

Deixar as pessoas que mais amava no mundo era difícil, mas Essie devia muito a Raven, e fizera uma promessa que tinha de cumprir. Não havia volta a dar.

# Capítulo Vinte e Cinco

Tinham deixado Londres na segunda semana de novembro e chegaram a Corio Bay em meados de janeiro, tendo feito um bom tempo, que lhes permitira alguma paragens e irem buscar água e alimentos pelo caminho. Quando chegaram a Geelong as memórias da primeira viagem assaltaram-na, mas desta vez Essie sabia exatamente aonde ia.

Alugaram cavalos para ganharem velocidade e mulas de carga para lhes transportarem os bens essenciais para acamparem. Falco optou por acompanhá-la e parecia natural levar Jacob, que era um bom homem numa rixa. Essie não tinha ilusões quanto aos perigos a que podiam estar sujeitos, de gangues de pilhagem a criminosos fugidos. Estavam em pleno verão, mas as noites eram frias e Jacob fez enormes fogueiras com madeira do bosque todas as noites, quando paravam para acampar. Desta vez, estavam bem equipados e preparados para qualquer coisa com que o tempo, os animais selvagens, os insetos ou homens desesperados os pudessem atacar. A viagem através do que agora era um país conhecido foi uma boa variante dos longos dias passados no mar. Sem companhia feminina, Essie estava entregue a si própria e escrevia um diário, cheio de descrições das paisagens que via e de pormenores da vida quotidiana a bordo. Fizera-se útil, ajudando nas tarefas e a tratar de escaldões, golpes e feridas e outras maleitas que atingiam a tripulação, mas estava contente por estar em terra e empolgada com a ideia de tornar a ver Raven e Freddie.

O primeiro sinal de habitação era o familiar aroma a eucalipto e fumo de madeira. Depois, quando alcançaram o cume da elevação, o campo estendia-se diante dos seus olhos. Cabanas, barracas de madeira e tendas alongavam-se a perder de vista. Estavam a meio da tarde e os homens trabalhavam na extração. O solo debaixo dos seus pés era sacudido pelo motor a vapor que dava força ao enorme esmagador de pedra.

– Nunca na vida vi nada assim. – Jacob empurrou o boné para trás na cabeça.

– O desejo de ouro – disse Falco, anuindo. – Consome os homens e devora-lhes a alma.

– Esqueçam. Conseguimos. – Essie incitou o cavalo cansado com um toque suave do tacão no flanco do animal. – Quero encontrar o Raven e o Freddie.

Passou a cavalo pela loja do Tandy e pela loja de bebidas alcoólicas enquanto se dirigia para o extremo do acampamento.

Desmontou à porta da cabana de Raven e prendeu as rédeas a uma árvore mirrada, indo depois investigar. Não estava ninguém em casa, o que não era de surpreender, mas depois avistou Leah, que carregava baldes de água do ribeiro pela colina acima, escorregando na lama na sua pressa para ir cumprimentar a amiga.

Leah deixou cair os baldes e lançou os braços à roda de Essie.

– Achei que estava a ver coisas. É você, Essie. – Segurou-a à altura dos braços e olhava-a com os seus olhos de pestanas louras. – Deixe-me olhar para si. Olhe só, que fina! Parece uma senhora e aqui estou eu de vestido de algodão.

Essie beijou a face enrugada de Leah.

– Que bom vê-la. Como tem andado? Espero que aqueles seus filhos cuidem de si.

– Cuidam, sim. Os rapazes têm sido muito bons desde que os pôs na ordem. Especialmente o meu bebé, o Joe. É um bom rapaz.

Essie tentou imaginar o Big Joe como bebé, mas falhou miseravelmente. Era definitivamente o mais simpático dos três filhos de Leah e adorava a mãe.

– Sim – disse ela a sorrir. – O Joe é um dos melhores. Agora vamos lá levar esta água para a cabana e conversar como deve ser. – Dobrou-se e pegou num dos pesados baldes.

Leah não discutiu.

– Pode sentar-se um bocadinho, querida. Bebemos uma chávena de chá e pode contar-me porque voltou. – Fez uma

pausa, olhando Essie com o sobrolho franzido e uma expressão confusa. – O Beasley tornou-a rica, para quê voltar a este buraco do inferno?

– Tenho boas notícias para o Raven e o Freddie. Sabe onde posso encontrá-los?

– Não, minha querida. O Freddie pode estar em qualquer lado. É uma sorte ter chegado quando chegou, porque ouvi dizer que o Raven está com planos de se mudar e está em Bendigo, mas sem dúvida que ele lhe conta quando voltar ao acampamento. – Leah olhou para o céu. – Está a ficar tarde e hão de estar todos a arrumar as coisas para a noite.

– Tem razão, claro. Vou dizer ao meu pai e ao Falco que demoro um bocado.

– Traga-os também. – Leah espreitou para a crescente obscuridade. – Então, aquele é o seu pai, é? Gostava de o conhecer.

Essie aproximara-se do pai durante a longa viagem marítima e queria deixar as coisas claras.

– É um homem diferente desde que deixou de beber. Percorremos um longo caminho hoje e tenho a certeza de que ficariam os dois muito gratos por uma bebida quente.

– A água deve estar a ferver. Paro sempre para uma chávena de chá antes do regresso dos meus homens da extração. É o meu momento de calma, quando me sento a ver o pôr do Sol.

– Volto em dois segundos.

Essie apressou-se para onde Falco e Jacob tiravam a sela aos cavalos. Falco olhou por cima do ombro.

– Encontrou uma velha amiga, Essie.

– Sim, de facto, e ela convidou-os aos dois para uma chávena de chá. Gostava que conhecessem a Leah, é uma mulher maravilhosa.

– Tudo a seu tempo, *mia cara*. Primeiro temos de tratar dos animais, depois juntamo-nos a vocês.

Essie voltou atrás e dobrou-se para se sentar no banco ao lado da cadeira de baloiço de Leah. Quase se esquecera de como era viver no acampamento. A realidade era chocante, especialmente quando comparada com o luxo da casa de Curzon Street, sem falar nas esplêndidas mansões de Alice e Sir Henry. A casa minúscula de White's Rents era um palácio comparado com a casa de uma assoalhada onde vivia a família Halfpenny. A total falta de conforto e de privacidade era algo que ela quase esquecera, mas agora voltava à sua mente e era ainda mais chocante.

Essie bebeu o chá da chávena minúscula que Leah lhe passou.

– Os seus rapazes tiveram alguma sorte na mina?

– Alguma – disse Leah com ar grave. – Mas não o bastante para se aposentarem. Creio que as hipóteses de encontrarem pepitas como a que o Beasley lhe deixou são muito poucas. Talvez se nos mudássemos para Bendigo ou para outro lugar tivéssemos sorte, mas o Noah está a ficar velho para uma vida tão dura. Está tomado pelo reumático e mal consegue sair da cama.

– Lamento ouvir isso, Leah. Merece melhor.

– Temos três belos filhos que tomarão conta de nós na velhice – disse Leah com uma risadinha. – Pelo menos, é o que lhes estou sempre a dizer.

– O Joe tomará conta de vocês.

– Não me queixo. – Leah levantou-se. – O seu pai e o outro homem dirigem-se para aqui. Vou acrescentar água ao bule. – Olhou por cima do ombro com um sorriso irónico. – Temos de ser sovinas com o chá. O velho Tandy pede o que quer pelos artigos, aquele velhaco.

Essie levantou-se quando Falco subia as escadas, seguido pelo pai de Essie e esta fez as apresentações necessárias. Leah tinha a graciosidade de qualquer anfitriã da alta sociedade e o seu evidente orgulho na casa, por mais humilde que fosse, comoveu o coração de Essie e obrigou-a a engolir as lágrimas.

Falco foi encantador como sempre e Jacob sentiu-se logo à vontade e deu-se lindamente com Leah assim que a conheceu. Instalou-se com a chávena de chá, a contar incidentes da viagem que fizeram rir Leah, embora se risse à custa dele. Essie ficou espantada e contente por constatar que o pai desenvolvera o sentido de humor e tinha genuíno talento como contador de histórias. Mas em breve reparou que o céu escurecia e ouviu o som de botas dos homens que voltavam das minas e da extração.

– É melhor deixarmos a Leah fazer o jantar para a família – disse Essie com tato. – E temos de fazer uma fogueira para também cozinharmos alguma coisa para nós.

Falco beijou a mão de Leah.

– Prazer em conhecê-la, *signora*.

– E a si, senhor. – Leah soltava risadinhas como uma menina da escola. – E que belas maneiras ele tem, sem dúvida – disse ela num aparte a Essie quando Falco saltou do banco. – Que cavalheiro, apesar de ser estrangeiro.

Jacob fez uma vénia dobrando-se ao meio.

– Reconhecemos uma senhora quando vemos uma, senhora Halfpenny.

– Obrigada, senhor Chapman – disse Leah. – Talvez tenham tempo de conhecer o Noah e os nossos filhos. É sempre bom conhecer alguém que vem da pátria.

– Seria um prazer. – Jacob fez uma vénia – Talvez amanhã, mas hoje tenho de ver o que faço para comer. Tenho tanta fome que podia comer um cavalo. – Seguiu Falco, e as suas figuras fundiam-se no escuro.

– Planeia ficar muito tempo? – perguntou Leah, ansiosa.

Essie abanou a cabeça.

– Não, infelizmente não. Vim dar as boas notícias ao Raven e espero que ele e Freddie voltem a Inglaterra comigo.

– Então, terei de aproveitar ao máximo a visita. – Leah deu-lhe um breve abraço. – Agora é melhor ir ver o jantar, senão vão protestar.

Essie voltou à cabana de Raven, chegando ao mesmo tempo que Freddie que a abraçou calorosamente.

– Essie, por um momento julguei que estava a sonhar, mas é real e está aqui. Não acredito.

Ela soltou-se do abraço.

– O capitão Falco também cá está. – Estendeu a mão para o pai. – E este é o meu pai, Jacob Chapman. Pai, gostava que conhecesse o Freddie, ou deverei dizer, o honorável Frederick Dorincourt?

Freddie sorriu e apertou a mão a Jacob.

– Freddie está muito bem. – Virou-se para Falco, a quem deu uma palmada nas costas. – E é bom vê-lo de novo, capitão. Mas porque está aqui, Essie? Já ficou sem dinheiro?

– Não, nada disso – disse ela a sorrir. – Tive saudades suas, Freddie.

Ele deitou a cabeça para trás e riu-se.

– Não viajou meio mundo para me dizer isso.

– Não, claro que não, mas preciso de ver o Raven. A Leah falou em ele ter-se mudado para Bendigo.

– É verdade. Partiu há cerca de uma semana para pedir uma licença para abrir uma mina em Bendigo. – Freddie segurava-a à distância dos braços. – Deixe lá o Raven… é maravilhoso tornar a vê-la, Essie. A vida aqui nunca mais foi a mesma depois da sua partida.

– O Raven vai estar fora muito tempo?

– Não sei dizer – disse Freddie, de sobrolho franzido. – Deve ser uma coisa muito importante, para a trazer até aqui. De que se trata?

Ela olhou-o, pensativa.

– Gostava mesmo de vos contar aos dois, mas não o posso deixar na expectativa. As boas notícias são que é um homem livre.

Freddie agarrou as mãos dela nas suas.

– O recurso correu bem?

– Sim, porque tínhamos novas provas, mas infelizmente a sua liberdade tem um preço. Starcross Abbey ficou muito danificada com um fogo ateado pelo Smeaton.

– O Smeaton? – Freddie fitou-a com surpresa. – Não compreendo porque faria uma coisa dessas. Sempre tratámos bem os nossos criados.

– Foi despedido por ter deixado tudo ao abandono. Deve ter sido a sua forma de vingança, mas foi apanhado pelas chamas e ficou gravemente ferido.

– Meu Deus! Devia ser preso por fogo posto.

– Foi preso, mas morreu em consequência das queimaduras, Freddie. Deve ter temido pela sua alma eterna porque, no seu leito de morte, confessou tudo. É uma longa história, mas significa que vocês os dois são homens livres e eu vim buscar-vos, para vos levar para casa. – Enfiou a mão no braço dele. – O Falco e o meu pai estão a tratar do jantar, por isso vamos lá e eu conto-lhe como foi.

*

A reação de Freddie foi exatamente como ela imaginara que seria. Ficou chocado e espantado, e depois deliciado com a ideia de poder voltar a casa sem uma mancha no seu caráter.

Comeram a refeição preparada por Falco e Jacob, beberam uma garrafa de vinho que Falco pusera secretamente na sela, embora Jacob optasse por chá.

– Lady Alice vai ficar contente por tornar a vê-lo, Freddie – disse Essie sinceramente. – Foi ela quem insistiu para que eu lhes contasse pessoalmente.

– Não posso crer que ela se tenha casado com o velho Bearwood. – Freddie bebeu o conteúdo da caneca e estendeu-a para ser servido de mais. – Mas se ela está feliz, quem sou eu para dizer seja o que for?

– É isso mesmo – disse Essie com firmeza. – É um assunto dela e parece contente com a sorte. Mas e você, Freddie? Vai regressar a Starcross?

Ele franziu o sobrolho, pensativo.

– Isso é uma coisa que tenho de discutir com o Raven. Afinal de contas, ele é o herdeiro do título e da propriedade. Eu sou apensas o irmão mais novo.

– Ele irá reconstruir Starcross?

– Eu reconstruiria, sem dúvida, mas não sei o que Raven quererá fazer. Nunca se interessou especialmente pela propriedade. Na verdade, acho que ele a considerava, de certa maneira, um fardo, e não queria saber do título para nada. Nunca o usou, tanto quanto me lembro.

– Mas Starcross Abbey é linda, ou era, antes do incêndio. Tinha esperança de que o Raven tivesse dinheiro suficiente para restaurar a sua antiga glória.

– O meu irmão fará o seu dever, mas só aqui entre nós os quatro, nunca o vi mais feliz do que aqui na Austrália. Seria de pensar que os anos como prisioneiro o tivessem afetado, mas acho que, de uma estranha forma, ele gostou da experiência.

– O que fará agora, Essie? – perguntou Falco. – Parece que o Raven pode estar fora durante dias ou até semanas.

Essie olhou para cada um deles à vez. As chamas tremeluzentes da fogueira salientava as feições de todos e a escuridão envolvia o pequeno grupo com os seus braços de veludo. Cada um deles tinha um lugar especial no coração dela e sentia-se próxima de todos.

– Vou a Bendigo pela manhã – disse ela, depois de um momento de reflexão. – O Raven tem de saber que é um homem livre e cabe-lhe a ele decidir se volta a Inglaterra connosco. – Virou-se para Freddie. – O que fará você?

Freddie espreguiçou-se e sorriu.

– Precisa mesmo de perguntar? Vou para casa.

*

Ao raiar da aurora no dia seguinte, Essie preparava-se para selar o cavalo e partir para Bendigo quando ouviu o som de cascos aproximando-se. Apesar do chapéu de aba larga que lhe

obscurecia a maior parte do rosto, ela soube quem era ainda antes de o cavalo parar, e foi a correr ao seu encontro.

– Meu Deus, Essie. – Raven desmontou e agarrou-a pelos ombros, olhando-a como se não conseguisse acreditar nos próprios olhos. – O que está aqui a fazer?

– Ia agora mesmo partir à sua procura – disse ela sem fôlego. – Como está, Raven?

– Nunca estive melhor. – Inclinou-se e beijou-a na face. – Não preciso de perguntar como está, porque a vejo desabrochar. Ser rica fica-lhe bem. – Soltou-a abruptamente. – Tenho de tratar do meu cavalo e depois pode contar-me o que faz em Ballarat.

– Vou fazer lume e pôr a chaleira a aquecer. Pusemos papas de aveia na caixa de feno ontem à noite, por isso devem estar prontas a comer, se tiver fome.

– A morrer de fome – disse Raven a sorrir. – Sempre prática, Essie. Que bom tornar a vê-la. – Deu uma palmadinha no pescoço do cavalo e levou-o ao ribeiro.

– Ouvi a voz do Raven?

Essie virou-se e viu Falco especado.

– Sim, está a cuidar do cavalo e depois junta-se a nós para tomar o pequeno-almoço. Acorda o Freddie e o meu pai?

– Com todo o gosto. Tenho de admitir que fico aliviado com o regresso dele. Ainda estou dorido da sela depois da nossa viagem para aqui e não estava propriamente ansioso por outra.

Falco desapareceu na cabana, deixando Essie a fazer chá e a tirar as papas de aveia da caixa de feno. Essie foi ter com Raven, que dera água ao cavalo e lhe oferecia agora um punhado de palha.

Ele lançou-lhe um olhar curioso.

– Bem, vai contar-me porque está aqui? Decerto não gastou toda a sua fortuna e voltou na esperança de encontrar mais ouro?

– Não, claro que não. Vim contar-lhe que é um homem livre. O seu nome está limpo e pode voltar a casa.

Ele continuou a sua tarefa sem uma pausa.

– Julguei que o recurso tinha ido contra nós.

– E foi, mas o verdadeiro vilão era o seu mordomo, o Smeaton.

Ele fez uma pausa e virou-se para ela.

– O que tem ele a ver com isto?

As palavras saíram aos tropeções dos lábios de Essie, que lhe contou a série de acontecimentos ocorridos na ausência dele.

– Está a ver – concluiu ela –, acabou, Raven. Foi exonerado e o Freddie também. Pode voltar para casa.

Ele endireitou-se e olhou-a nos olhos.

– Estou-lhe muito grato e à Alice por tudo o que fizeram, mas pretendo ficar na Austrália.

Ela olhou-o, por um instante sem palavras.

– O que disse?

– Eu sei que deve ser uma surpresa, mas eu pertenço aqui.

– Não, Raven. É preciso em Starcross Abbey. Não ouviu o que eu disse? Toda a ala oriental ficou queimada.

– Vá para a cabana, já vou ter consigo dentro de um minuto. Depois falamos.

Levou o cavalo para o abrigo das árvores, deixando Essie voltar à cabana.

Falco fazia chá e Freddie saiu da cabana, com sabonete a pingar da cara acabada de barbear. Parou na expectativa. Jacob estava sentado com uma bota calçada e a outra na mão. Todos pareciam expectantes.

– Então? – disse Falco em voz alta. – Parece já saber das novidades. O que disse?

– Vai ficar na Austrália. O Raven não quer ir para casa. – Essie olhou para Freddie à procura de ajuda. – Por favor, fale com ele.

– Eu tinha a sensação de que ele ia fazer uma coisa deste género. Vou dar-lhe uma palavra, mas conheço o meu irmão quando decide uma coisa, não há nada que lhe possa dizer que o faça mudar de ideias. – Desceu as escadas e foi ter com Raven.

– Bom, e esta? – Jacob abanou a cabeça. – Não que eu o censure. Eu próprio não me importava de ficara qui.

Essie olhou-o, espantada.

– A sério, pai? Gostava de trabalhar nas minas?

– Gostava – disse Jacob simplesmente. – Gostava, sim.

Essie estava prestes a seguir Freddie, mas Falco pousou a mão no braço dela.

– Deixe-os, *mia cara*. Deixe-os resolverem as coisas entre eles. São assuntos de família.

Ela queria falar com Raven a sós, mas acabou por ter de esperar que Freddie, Jacob e Falco tivessem ido para a extração. Raven servira-se do resto das papas de aveia e estava sentado à mesa. Essie puxou um banco e sentou-se à frente dele.

– Porque não quer ir para casa, Raven? O que digo à Alice?

– Diga-lhe a verdade. Que eu decidi ficar na Austrália. Comprei uma licença para extrair em Bendigo e comprei um pedaço de terra onde tenciono construir uma casa.

– Mas é o conde de Starcross. Decerto não pode desistir disso! E a sua responsabilidade para com os locatários e os criados?

– Os títulos não me dizem nada. – Raven deixou cair a colher na tigela vazia. – Pensei muito e decidi entregar tudo ao Freddie. Ele sempre gostou de Starcross muito mais do que eu, e há de se instalar lá. Será tão bom patrão e senhorio como qualquer outro e eu vou assegurar-me de que tenha dinheiro que baste para reconstruir a ala oriental. Um dia, quando ele

estiver preparado para isso, há de casar e encher aquela velha casa de herdeiros.

– Mas o Raven pode casar e ter filhos seus.

Olhou-a com olhar firme.

– Só houve uma mulher para mim, e está morta.

Essie desviou o olhar, incapaz de suportar o sofrimento nos olhos dele.

– Eu sei, e lamento.

– Peço desculpa se a levei a pensar que poderia haver alguma coisa entre nós, mas é tão parecida com ela que fiquei sem fôlego. – Fez uma pausa, olhando para o horizonte como se tivesse uma visão do seu amor perdido. – Durante algum tempo, achei que a podia amar como a amei a ela, mas depois apercebi-me de que teria sido um cruel engano. Só nos traria sofrimento e infelicidade.

A tentação de negar os sentimentos que nutrira por ele era quase grande demais, mas a honestidade dele merecia uma resposta honesta, e ela anuiu.

– Posso ter pensado que estava apaixonada por si no início, Raven. É um homem muito atraente e acho difícil acreditar que nunca se casará, mas terá sempre um lugar especial no meu coração.

Ele estendeu a mão por cima da mesa e agarrou na dela.

– Teria sido muito fácil convencer-me de que fomos feitos um para o outro, mas isso teria sido injusto. A memória de Cordelia está gravada na minha alma e haveria sempre de se meter entre nós.

Essie olhou para as mãos dele, bronzeadas e gastas pelo trabalho, ali presas nas dela, que agora eram brancas e suaves como as de uma senhora.

– Espero que não seja essa a razão por que fica na Austrália – disse ela devagar. – Eu não iria querer isso na minha consciência.

Ele abanou a cabeça.

– Não bom, talvez um pouco, mas gosto genuinamente deste país selvagem. Quero traçar aqui o meu caminho com mérito. Para mim, a minha herança sempre foi um fardo, porque eu sabia que nada tinha feito para merecer tanta riqueza e privilégio, para além de nascer dos pais certos. Compreende isso?

– Acho que sim. Eu nasci na pobreza e tive um golpe de sorte que não mereci, mas tenciono usá-lo bem.

Os olhos dele brilharam e os lábios curvaram-se num sorriso.

– Como fará isso? Espero que não esteja a pensar em investir numa mina de ouro.

– Tem medo da competição, Raven?

– Tenho, se for minha rival nos negócios, creio que vou ficar muito preocupado.

– Descanse, porque tenciono comprar ações do *Santa Gabriella*. Já estou envolvida num negócio com o meu irmão e o sócio dele, Jack Manning. Esta viagem convenceu-me de que o vapor irá tomar o lugar da vela. Talvez nos concentremos no comércio com a Austrália e a Nova Zelândia. Creio que estes jovens países são o futuro.

Ele levou a mão dela aos lábios.

– Também eu.

– Vou ter pena de me despedir de si, Raven.

– Vai dar-se bem em Londres, Essie. É aí que pertence. – Olhou-a com um sorriso irónico. – Tenho a sensação de que terá alguém à sua espera.

Ela desviou o olhar.

– Não sei. Talvez.

– Seja lá quem for, é um tolo se a deixar escapar por entre os dedos. – Raven levantou-se. – Tenho trabalho a fazer, por isso, perdoe-me se a abandono, mas vemo-nos à noite.

– Sim, claro, e tenho de dizer à Leah que parto novamente em breve.

– Não se preocupe com a família Halfpenny. – Raven agarrou o chapéu. – Tenho ideia de os levar comigo quando for para Bendigo. O Noah é um mineiro experiente e os filhos também. Preciso de homens assim.

– A Leah é boa mulher, mas trabalha demais e temo pela sua saúde.

– Vou precisar de uma governanta, e de uma ou duas criadas. Vou assegurar-me de que a Leah fica bem.

– E ela tomará conta de si, e assim não tenho remorsos em ir para casa. – Essie levantou-se. – O Falco vai ficar aliviado por saber que regressamos a Londres e o Freddie também. Mas tenho a sensação de que o meu pai gostaria de experimentar a extração.

– Disse-me ontem à noite que gostaria de tentar a sorte na mina. Importa-se que ele fique?

– Se é isso que ele quer, não vou ser um obstáculo e, se não correr bem, será sempre bem-vindo em minha casa.

*

Quando Essie lhes contou dos seus planos de partir no dia seguinte, Freddie e Falco mostraram-se ansiosos, mas, tal como Raven dissera, Jacob gostava de ficar com ele e mudar-se para Bendigo.

– Vou fazer a minha fortuna, Essie, querida – disse ele, ofegante. – Depois, regresso a Londres um homem rico. Vou mostrar ao Diggory Tyce e ao Gaffer Wiggins do que sou feito. O Riley vai sorrir quando aparecer no *pub* com o bolso cheio de moedas.

– Vou ter saudades suas, pai – disse Essie com um suspiro. – Para dizer a verdade, nunca pensei dizer isto, mas conhecemo-nos melhor desde que saímos de Londres.

– Vi os erros que cometi, querida. Já não sou o mesmo homem que era em White's Rents. É uma pena não poder compensar a tua mãe, mas ela está num lugar melhor.

Essie beijou-lhe a face barbuda.

– Espero que sim, pai. E isso lembra-me de que tenho de dizer à Leah que partimos em breve. Ela foi como uma mãe para mim e quero que saiba que terá um futuro assegurado. O Raven disse que lhe posso contar os seus planos.

– É um bom homem, Essie. Podias ficar com um homem muito pior, mesmo que não vás ficar com o título dele e com tudo o que o acompanha.

Ela abanou a cabeça.

– O meu futuro é em Londres, pai. Vou para casa.

# Capítulo Vinte e Seis

Dois meses mais tarde, o *Santa Gabriella* ancorou no Upper Reach do rio Tamisa e Essie desembarcou numa manhã húmida de março, com o vento a puxar-lhe a touca e a fustigar-lhe as saias. Ela estava tão feliz por estar de volta a casa que conseguia ignorar o tom cinzento do céu e as suas nuvens pesadas e densas que ameaçavam lançar chuva sobre o Tamisa. Mal se apercebeu do fedor pútrido da lama do rio e do odor fétido do fumo das máquinas a gás e das fábricas, bem como do guinchar incomodativo das gaivotas que pairavam por cima da sua cabeça, como um coro a dar-lhe as boas-vindas a casa. Os assobios dos barcos a vapor e o tamborilar permanente dos cascos de cavalos nas pedras da calçada combinavam-se com os gritos dos estivadores e os pregões dos vendedores de rua. Algumas pessoas podiam considerar os ruídos e os cheiros da cidade pouco simpáticos, mas para Essie eram intensamente familiares e ela estava feliz por voltar ao lugar que mais amava no mundo.

– Essie! – Um grito de deleite fê-la voltar-se e ver Sadie a correr em sua direção. A seguir, estava envolvida num abraço que ameaçava derrubar a ambas no pavimento do cais.

– Tenham cuidado – exclamou Jack, que tinha surgido por trás de Sadie e cujo braço estendido as impediu de caírem à água agitada e de cor de café. – Bem-vinda a casa, Essie. A sua falta foi profundamente sentida.

Freddie subiu os degraus dois a dois, seguido mais lentamente por Falco e por um marinheiro carregado com as bagagens deles.

– É maravilhoso estar de volta a Londres – disse Essie, entre o riso e as lágrimas. – Tive muitas saudades de todos vós.

– Ainda não nos conhecemos, senhor – disse Freddie, estendendo a mão. – Freddie Dorincourt.

– Desculpem – disse imediatamente Essie. Esqueci-me das minhas maneiras. Freddie, este é o Jack Manning, sócio do meu irmão e meu também, espero.

– Ah sou? – Jack olhou-a com uma expressão especulativa. – É a primeira vez que oiço isso, Essie. Apesar de me soar bem.

– Sim – disse ela, tomando o braço estendido dele. – Tive meses para pensar nisso, Jack. Eu tenho dinheiro e quero investi-lo com sensatez. É claro que temos de falar com o George, mas eu acho que sei tanto acerca da gestão de uma empresa como qualquer um de vocês.

Ele afagou-lhe a mão enluvada que ela lhe pousou na manga.

– Eu tenho uma proposta completamente diferente para lhe fazer, mas acho que devemos falar disso com calma quando estivermos a sós.

Essie sentiu o sangue acorrer-lhe às faces e baixou os olhos, subitamente tímida. Tinha o coração a bater contra a caixa torácica como um pássaro aprisionado que tenta fugir, mas o tom da voz dele e a expressão no seu olhar reservava uma promessa de futuro que a deixava sem fôlego. Ou talvez estivesse a imaginar coisas. Retirou a mão bruscamente e virou-se para Sadie, que lhe puxava a manga.

– Tem de ir à casa do velho capitão, Essie. Tem de ver o meu quarto. Tenho cortinados novos e uma colcha a condizer, é tão bonito. A senhora Cooper vai ficar feliz quando a vir e tenho a certeza de que o velho capitão vai ficar encantado que tenha finalmente voltado para casa.

Essie recuperou o suficiente para sorrir e abanar a cabeça.

– Tudo a seu tempo, boneca. Primeiro temos de ir a Curzon Street e a seguir talvez nos possamos encontrar todos algures para jantar. O que me diz, Jack? – Ela olhou-o de soslaio e foi recompensada com um sorriso.

– Têm de vir todos a minha casa. A senhora Cooper leva a mal se forem a outro lado.

– Não podemos dar-lhe tanto trabalho – apressou-se Essie a dizer.

– Que disparate. A Sadie vai à frente avisá-la para esperar visitas e vocês serão todos muito bem-vindos – declarou Jack,

que incluiu Freddie e Falco no gesto que fez com a mão.

– O Freddie fica comigo enquanto estiver em Londres – disse Essie, com firmeza. – Mas parece-me injusto importunar a senhora Cooper com convidados inesperados e com tão pouco tempo para se preparar.

– Ela não se importa – disse Sadie, recuando. – Vou já dizer-lhe e vou ajudá-la. Estou a ficar boa na cozinha. Oh, diga que sim, Essie. Eu quero saber tudo da sua viagem. Viu a Leah e o Big Joe? Eu quero saber tudo. Prometa-me que vem, por favor – disse ela e correu na direção da casa do velho capitão sem esperar pela resposta.

– Parece que está tudo combinado – disse Essie, meio zonza. – Mas primeiro precisamos de uma carruagem para nos levar a Curzon Street.

– Vou procurar uma – ofereceu-se Freddie. – É maravilhoso ser-se livre para se fazer o que se quiser, sem medo de ser preso. Nem imaginam como sabe bem estar de volta a casa.

– Temos de falar de negócios, Jack. Vou até ao escritório e espero-o lá – disse Falco, tirando o chapéu a Essie e afastando-se de seguida na companhia de Freddie.

– Eu estava a falar a sério, Jack – disse Essie, apanhando o passo dele. – Quero estar mais envolvida no negócio e posso ajudar financeiramente. Gostava de ser sócia de pleno direito.

– Eu acho a ideia excelente.

Ela deteve-se e fitou-o, surpreendida.

– A sério? Eu achei que iria recusar, por eu ser mulher e não é suposto nós envolvermo-nos em negócios.

– Eu penso que ter uma mulher a bordo é decididamente uma vantagem e tenho por si o maior respeito, Essie.

Ela olhou-o nos olhos e percebeu que estava a ser sincero. Mas isso constituía motivo de preocupação. Talvez ele apenas a visse como uma fonte de investimento e valorizasse acima de tudo a sua capacidade para os negócios. O ar fresco de março parecia de repente uma rajada de vento polar, adornado com granizo e o céu pareceu-lhe escurecer, apesar de o sol

estar a abrir caminho por entre uma parede de nuvens. Amargamente desiludida e chocada com a sua própria reação, ela anuiu.

– Olhe, o Freddie encontrou uma carruagem. É melhor eu despachar-me, mas falamos mais tarde.

*

A casa de Curzon Street parecia ainda maior e mais opulenta do que antes. Parkinson continuava insondável e profissional como sempre, mas a senhora Jackson olhou Freddie com desconfiança, apesar de a sua atitude ter mudado subtilmente quando Essie lho apresentou fazendo menção do seu título. Aparentemente alheado, Freddie estava encantado com tudo o que via, mas Essie sentia-se ainda mais desconfortável e deslocada do que antes. Os meses que passara a bordo do navio tinham-na convencido de que uma vida de ócio forçado não era para ela e, estranhamente, havia apenas uma pessoa a quem podia confidenciá-lo. Alice fora sua empregadora e tornara-se sua amiga e mentora. As duas tinham partilhado a experiência de viver num acampamento de mineiros e ambas amavam os irmãos Dorincourt, cada uma delas à sua maneira. Essie decidiu que visitaria Bearwood House assim que lhe fosse possível.

*

Na manhã seguinte levantou-se cedo surpreendendo os empregados. A senhora Jackson pediu-lhe imensas desculpas quando Essie percebeu que o pequeno-almoço ainda não tinha sido servido, mas a sua expressão contida denunciou-a e era evidente que estava muito transtornada.

– Basta um chá e uma torrada – disse Essie, calmamente. – Eu não preciso de um grande pequeno-almoço, senhora Jackson. Guarde-o para o senhor Dorincourt, estou certa de que ele fará bom proveito dele.

– Sim, minha senhora – respondeu a senhora Jackson, com uma vénia. Estava prestes a sair da sala quando Essie a chamou de novo.

– Vou sair logo que acabe de comer.

– Quer que mande chamar uma carruagem, minha senhora?

– Não, eu vou a pé.

– Nesse caso, quer que alguém a acompanhe?

– Não, obrigada. Eu sei tomar conta de mim, senhora Jackson. Só preciso da minha roupa de sair, só isso.

Apesar da manifesta reprovação dos seus empregados, Essie partiu rumo a Picadilly num passo acelerado. A sua receção em Bearwood House foi contida, à semelhança do que tinha sucedido com os seus próprios empregados. O mordomo parecia ligeiramente indignado por ela ter chegado sozinha e a pé, mas ela insistiu que precisava de falar com Lady Alice e recusou-se a ir-se embora sem que eles tivessem anunciado a sua chegada. Essie aproximou-se da elegante lareira de mármore Carrara, onde uma chama alimentada por carvão subia pela chaminé e esperou, impaciente. O mordomo regressou dali a alguns minutos, com uma expressão impenetrável, tão rígido com o desagrado que Essie teve vontade de se rir.

– Sua senhoria está nos seus aposentos privados, menina. Faça o favor de me acompanhar.

Ele dirigiu-se à imponente escadaria, ladeada por dois candelabros que representavam figuras humanas em bronze e em tamanho real. O reluzir tremulante das velas criava a ilusão de que as estátuas das duas belas jovens se moviam muito ligeiramente, como que saídas de um sonho. Essie passou por elas apressada.

Alice ainda estava na cama, recostada numa pilha de almofadas, com uma chávena de chocolate quente pousada no seu ventre protuberante.

– Essie, fico tão feliz de a ver.

Essie atravessou a divisão e sentou-se na beira da cama. Debruçou-se para beijar a face de Alice.

– Está com um ar reluzente.

Alice pousou a chávena e o pires na mesa de cabeceira.

– Quando me dizem isso, as pessoas querem dizer que eu estou gorda e inchada.

– Que absurdo. Está lindíssima. Quando nasce o bebé?

– A qualquer momento. Na verdade, acho que ele tem estado à espera que você trouxesse o Raven e o Freddie para casa. Onde estão eles? Não, deixe-me adivinhar, ainda estão os dois deitados a dormir profundamente.

– O Freddie está, mas o Raven optou por ficar na Austrália.

– Não! – Os olhos de Alice esbugalharam-se. Porquê? Ele é um homem livre e é rico. Devia ter vindo para assumir as suas responsabilidades. É mesmo dele fazer-se difícil.

– Ele passou tudo para o nome do Freddie – disse Essie, delicadamente. – E deu-lhe o dinheiro necessário para reconstruir Starcross Abbey.

Alice fez uma careta.

– Suponho que é melhor do que nada, mas estou muito zangada com o Raven. Depois de tudo o que nós passámos para lhe obter o perdão, ele decide viver como um condenado para sempre.

– Não me parece que seja esse o caso, Alice. Ele comprou uma licença para explorar uma mina em Bendigo e planeia construir lá uma casa.

– Eu pensei que vocês talvez se entendessem, Essie. Mas parece que me enganei, como em tantas outras coisas, incluindo a primeira impressão que tive do Bearwood. De qualquer modo, há um homem muito melhor para si que tem esperado pacientemente pelo seu regresso.

Essie fitou-a surpreendida.

– Do quem é que está a falar?

– Você está cega, Essie? De certeza que já se apercebeu que o Jack Manning está perdidamente apaixonado por si. Foi evidente desde sempre, mas você estava demasiado envolvida com o meu primo para ver.

– São só negócios – disse Essie, atordoada. – Eu vou lá esta manhã para discutir a possibilidade de me tornar sócia de pleno direito.

Alice fez-lhe uma festa no ombro.

– Siga o seu coração e não a sua cabeça. Eu fi-lo e devo dizer-lhe que está a correr muitíssimo bem. O Bearwood é muito melhor marido do que eu podia ter esperado. Admito perfeitamente que o julguei mal no passado, mas ganhei juízo.

– Estou baralhada – disse Essie, franzindo a testa. – Nós jantámos ontem na casa dele… isto é, nós todos… e foi muito animado. O Jack foi um excelente anfitrião, mas foi só isso. Nós somos sócios, Alice, acho que está enganada.

– E fica feliz por deixar as coisas assim?

Essie levantou-se.

– Eu não sei exatamente aquilo que sinto, mas você tem muito em que pensar, por isso, não se preocupe comigo – disse ela. Inclinou-se sobre a cama e beijou Alice na testa. – Agora tenho de ir. Mas amanhã faço-lhe uma visita, se puder ser.

– Sim, faça, por favor. Eu estou honestamente farta de passar tanto tempo deitada e mal posso esperar para recuperar a minha figura e vestir roupas decentes. Tenho a certeza de que vou amar o meu filho, mas o quarto de bebé está pronto e a ama-de-leite e a ama-seca estão preparadas e à espera.

Essie dirigiu-se à porta.

– Vai ser uma mãe maravilhosa, Alice.

– Espere – exclamou Alice. Abafando um gemido, agarrou-se à barriga e o seu rosto contorceu-se com a dor. – Essie, vá buscar o Bearwood. E a parteira. Acho que o bebé está a nascer.

*

Essie queria ficar até o bebé de Alice nascer, mas Sir Henry estava junto da sua mulher e de repente a casa encheu-se de enfermeiras, parteiras e médicos. Não havia nada que Essie pudesse fazer, a não ser conseguir a promessa de que alguém a avisaria quando o bebé tivesse nascido.

Uma carruagem levou Essie até Wapping e, quando chegou ao escritório, ela encontrou Jack sozinho. Depois da sua conversa com Alice, Essie ficou de repente envergonhada e pouco à-vontade. Só lhe restava ter a esperança de que ele atribuísse o seu rubor ao vento frio que soprava de este.

– Bom dia, Jack.

Ele levantou-se num salto, contornou a secretária apressadamente e puxou-lhe uma cadeira.

– Bom dia, Essie. Não se quer sentar?

Ela hesitou, mas permaneceu de pé enquanto descalçava as luvas.

– Onde estão os outros? Pensei que a Sadie e o George estivessem aqui.

– Eu queria falar consigo a sós. Eles chegarão mais tarde.

Ela fixou o olhar no botão de cima do colete dele, incapaz de olhá-lo nos olhos. As palavras de Alice tinham-na atormentado o caminho todo, desde Picadilly, e tinham desencadeado uma torrente de emoções tão intensas que ameaçavam sufocá-la.

– Suponho que a transação devesse ser feita na presença de um advogado – disse ela, rigidamente.

– Não é assim que eu quero que as coisas se passem, Essie – disse ele, pousando-lhe a mão no ombro e erguendo-lhe o queixo com um dedo delicado, de maneira a obrigá-la a cruzar o olhar com ele.

– A noite passada o Freddie disse-me que o irmão dele optou por permanecer na Austrália e que quer fazer vida lá.

– É verdade – respondeu Essie, ofegante. Tinha o coração acelerado e os joelhos ameaçavam ceder debaixo dela, mas manteve a cabeça erguida. – Foi essa a decisão dele e nada tem a ver comigo, Jack.

– Eu receei que não voltasse. Pensei que estava apaixonada pelo Raven e ele por si.

Ela abanou a cabeça.

– Pode dizer que o destino nos juntou, mas eu não pertenço ao mundo deles. É aqui que eu quero estar.

– Será que podia encontrar um espacinho no seu coração para alguém que a amou desde o primeiro momento em que a viu, Essie?

Eles estavam tão próximos que ela sentia a respiração dele contra a sua face e a expressão no olhar dele parecia uma carícia quente.

– Talvez – murmurou ela, fazendo uma tentativa débil para o afastar, e falhando quando a boca dele resgatou a dela num beijo. – Possivelmente – acrescentou, atordoada.

Ele beijou-a novamente e, desta feita, ela não ofereceu resistência.

– Amo-a, Essie – disse ele suavemente. – Quero que seja minha parceira na vida como no negócio. Pensei que a tinha perdido e não quero passar por isso outra vez. Casa comigo?

Tudo o que lhe tinha ocorrido no passado foi apagado por uma simples palavra:

– Sim.

– Não posso oferecer-lhe um castelo nem um título, sou apenas um homem comum.

Ela pousou-lhe um dedo nos lábios.

– Não diga isso, Jack. Você é a razão que me trouxe de volta a casa.

– Não imagina como desejei ouvi-la dizer isso – declarou ele. Estava prestes a beijá-la, quando a porta se abriu de rompante e Sadie entrou a correr, seguida por George, Freddie e Falco.

– Ela disse que sim? – George tirou a boina e atirou-a ao ar. – Parabéns, meu velho. A minha irmã é uma mulher sensata.

– Que romântico – sussurrou Sadie, agarrando o peito. – Eu quero ser dama de honor.

– Claro que sim – disse Essie, a sorrir. – E amanhã mandamos fazer, especialmente para si, um par de botas

vermelhas da melhor pele que o dinheiro pode comprar.

– Não se esqueceu – disse Sadie, batendo palmas.

– Claro que não. Você é a minha irmãzinha.

– Pois sou, e temos de dar a boa nova à senhora Cooper – disse Sadie, pegando na mão de Essie. – Ela sabia que você ia dizer que sim. Disse-mo ontem à noite, quando eu estava a ajudá-la a levantar a mesa. O capitão vai ficar deleitado. Eu tenho a certeza de que ele também estava lá. Temos de lhe ir dizer.

– Não podemos deixar o escritório fechado – disse Essie, rindo-se da ansiedade de Sadie.

– Permitam-me que fique por aqui – disse Falco, que atirou o chapéu para um suporte que havia na parede e envolveu Essie num abraço caloroso. – Eu amo-a como a uma filha, Esther. Desejo-lhe toda a felicidade do mundo, *mia cara*.

– Obrigada, Falco. Isso significa muito para mim – respondeu Essie, que estendeu a mão a Jack. – Vamos?

– Acho que temos de ir – replicou Jack, que acenou a Falco. – Obrigado. Festejamos mais tarde com o melhor champanhe.

– E eu farei uma serenata à futura noiva – retorquiu Falco, sentando-se atrás da secretária. – Mas não gostava de passar o dia aqui sentado. O convés não se mexe debaixo dos meus pés.

Freddie aproveitou para beijar Essie na face.

– Eu não podia estar mais satisfeito, Essie. O meu irmão não merecia uma mulher como você.

– A minha irmã é uma mulher muito especial – afirmou George, sério. – É uma pena o nosso velho não estar aqui para partilhar as boas novas. Ele vai aprovar, eu sei.

Sadie abriu a porta e segurou-a para eles passarem.

– Venham. Há um resto de bolo de chocolate na cozinha. Talvez a senhora Cooper nos sirva uma fatia.

Jack estendeu o braço.

– Estou a ver que não vamos ter descanso até anunciarmos a boa nova, meu amor.

– Eu estou tão feliz que quero contar ao mundo inteiro – disse Essie, que se colocou em bicos de pés para beijá-lo nos lábios.

– Já chega disso – disse George a rir. – Vamos festejar.

De braço dado, Essie e Jack percorreram a curta distância que os separava da casa do velho capitão. A senhora Cooper chorou de alegria quando soube a notícia e insistiu em abrir a garrafa de vinho da Madeira que estavam a guardar para o Natal.

– Devíamos ter bolo da Madeira, mas só temos de chocolate – disse ela, num tom culposo.

– Acho que ficamos bem assim, senhora Cooper – disse Jack, irradiando felicidade na direção de toda a gente enquanto ia distribuindo os copos. – Façamos um brinde à minha bela noiva. Sou o homem mais feliz do mundo inteiro.

Sadie fungou o ar.

– Cheira-me a fumo de tabaco. O capitão concorda consigo, Jack.

Depois de feitos os brindes e de apenas restarem algumas migalhas do bolo, estavam prestes a sair de casa quando Falco chegou, a abanar uma folha de um dispendioso papel de carta no ar.

– Chegou uma mensagem de Bearwood House. Sir Henry e Lady Alice têm orgulho em anunciar o nascimento da filha de ambos, Esther Cordelia Bearwood. Mãe e bebé encontram-se bem – acrescentou ele, a sorrir. – O mensageiro pediu-me que lhe dissesse isso, Essie.

– Foi rápido para um primeiro filho – disse a senhora Cooper, acenando a cabeça. – A minha irmã esteve em trabalho de parto dois dias para ter a Maudie dela.

Essie bateu palmas.

– Eu estava cega, Jack, mas agora estou a ver com clareza pela primeira vez. Amo-o verdadeiramente, do fundo do meu

coração – disse ela, fitando os olhos dele, em cujas profundezas viu o seu reflexo.

Era uma jornada mágica, aquela em que estava prestes a embarcar e, o que quer que viesse a acontecer, eles iriam partilhar a dois.

# Table of Contents


Ficha Técnica

Capítulo Um

Capítulo Dois

Capítulo Três

Capítulo Quatro

Capítulo Cinco

Capítulo Seis

Capítulo Sete

Capítulo Oito

Capítulo Nove

Capítulo Dez

Capítulo Onze

Capítulo Doze

Capítulo Treze

Capítulo Catorze

Capítulo Quinze

Capítulo Dezasseis

Capítulo Dezassete

Capítulo Dezoito

Capítulo Dezanove

Capítulo Vinte

Capítulo Vinte e Um

Capítulo Vinte e Dois

Capítulo Vinte e Três

Capítulo Vinte e Quatro

Capítulo Vinte e Cinco

## Capítulo Vinte e Seis